



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RAÍSSA REGINA BRUGIATO RODRIGUES

**A REVISTA CATOLICISMO E SUAS MATRIZES DE
PENSAMENTO CRISTÃO CONSERVADOR (1951-2018)**

Londrina
2024

RAÍSSA REGINA BRUGIATO RODRIGUES

**A REVISTA CATOLICISMO E SUAS MATRIZES DE
PENSAMENTO CRISTÃO CONSERVADOR (1951-2018)**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Rodrigues, Raíssa Regina Brugiato.

A revista Catolicismo e suas matrizes de pensamento cristão conservador (1951-2018) / Raíssa Regina Brugiato Rodrigues. - Londrina, 2024.
302 f.

Orientador: Fábio Lanza.

Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Matrizes de pensamento - Tese. 2. Pensamento conservador no Brasil - Tese. 3. Revista Catolicismo - Tese. 4. Anticomunismo católico - Tese. I. Lanza, Fábio . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 316

RAÍSSA REGINA BRUGIATO RODRIGUES

**A REVISTA CATOLICISMO E SUAS MATRIZES DE
PENSAMENTO CRISTÃO CONSERVADOR (1951-2018)**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Lanza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Maria José de Rezende
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Gizele Zanotto
Universidade de Passo Fundo - UPF

Profa. Dr. Luiz Ernesto Guimarães
Universidade do Estado de Minas Gerais -
Unidade Barbacena

Prof. Dr. José Wilson Assis Neves Junior
Universidade Estadual de Campinas

Londrina, 23 de setembro 2024

Para Aparecido e Selma, minha família, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao corpo docente da Universidade Estadual de Londrina e a todos os professores que participaram da minha jornada, cuja contribuição foi fundamental para os caminhos que trilhei, sobretudo na escolha pela carreira acadêmica e no investimento nos estudos. Destaco, em especial, o apoio do professor Fabio Lanza, cuja presença, diálogos e orientações foram elementares nesse processo, desde a graduação até a presente etapa.

Aos colegas do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades (LERR/UEL), por toda a ajuda, pelas conversas, debates e contribuições ao longo dessa jornada, desde 2015.

Aos meus pais, Aparecido e Selma Rodrigues, que são meu alicerce, expresso minha imensa gratidão por todo o suporte emocional e por todo incentivo.

Por fim, agradeço a Manoel e Kauana pelo companheirismo, amizade, presença e afeto.

Aqueles que pensam que os regimes comunistas da Europa Central são obra exclusiva de criminosos, deixam na sombra uma verdade fundamental: os regimes criminosos não foram feitos por criminosos, mas por entusiastas convencidos de ter descoberto o único caminho para o paraíso.

Milan Kundera – A insustentável leveza do ser

RODRIGUES, Raíssa Regina Brugiato. **A revista Catolicismo e suas matrizes de pensamento cristão conservador (1951-2018)**. 302p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

A presente pesquisa busca refletir, a partir das publicações da Revista Catolicismo, sobre a existência de matrizes de pensamento cristão que dialogam com o pensamento conservador no Brasil em diferentes momentos da história brasileira. Essas matrizes expressam interpretações de política, legislações, “perigo comunista”, atuação de grupos sociais divergentes e tudo o que é associado à modernidade, a ótica dos grupos sociais envolvidos com as publicações da revista. Para tanto, parte da noção mannheiniiana de estilos de pensamento, que se desenvolvem historicamente a partir de fatores sociais, culturais e políticos e geram correntes de pensamento com as quais grupos sociais dialogam e estabelecem ou não disputas de ordem política, social e religiosa, de acordo com suas visões particulares de mundo. As publicações da Revista Catolicismo são pensadas aqui como fontes da realidade empírica observável e, a despeito das mudanças nos grupos envolvidos em seus processos editoriais no decorrer do tempo, estando ativa desde a década de 1950, suas atividades atravessaram diversos momentos da história política e social brasileira, sobretudo em relação aos debates sobre o comunismo no Brasil. Por meio da pesquisa com fontes documentais, adaptando contribuições da Análise do Discurso, da elaboração de categorias de análise, em diálogo com a perspectiva mannheimiana sobre o pensamento conservador e da abordagem de Norbert Elias sobre processos históricos e configurações, foi possível identificar que os discursos veiculados pelos grupos sociais nas páginas da revista associam elementos da cosmovisão do “ser cristão” ao anticomunismo, bem como a ações de grupos políticos atuantes em cada período diferente. Dessa forma, consolidou-se um tipo de pensamento conservador, composto por visões de mundo particulares que estão associadas aos grupos sociais envolvidos nos processos editoriais da revista. Emanam correntes de pensamento desses grupos que, enquanto configurações sociais, estabeleceram diálogos, sejam de convergências ou divergências, com outros indivíduos, figuras políticas e configurações sociais em diferentes momentos. Além ser um meio de comunicação que contribuiu para a difusão de elementos relativos ao anticomunismo no Brasil, foi possível refletir, a partir das publicações dessa fonte documental, sobre a composição de matrizes de pensamento cristão conservador, considerando os grupos por elas responsáveis, a passagem de tempo e os diálogos e interpretações apresentados em relação à conjuntura social e política mais ampla. Para isso, a pesquisa desenvolveu uma análise argumentativa que aborda, em uma janela temporal de aproximadamente 73 anos em publicações na revista, as correntes de pensamento e as visões de mundo manifestadas pelos grupos sociais em diferentes momentos de efervescência dos debates sobre o anticomunismo no Brasil que, sob os enfoques manifestados nas páginas da revista, adquirem um caráter cristão conservador. A pesquisa buscou refletir sobre as matrizes de pensamento a partir dessas nuances considerando, nas manifestações realizadas por meio da Catolicismo, o pensamento conservador e os conceitos e visões de mundo desenvolvidos por esses grupos, enquanto um processo histórico no qual há diferentes indivíduos atuando em suas fases, que, não necessariamente, tem um desenvolvimento linear, podendo, então, resgatar ou acrescentar novos elementos a essas matrizes.

Palavras-chave: Matrizes de pensamento. Pensamento conservador no Brasil. Revista Catolicismo. Anticomunismo católico. Pensamento Conservador Cristão.

RODRIGUES, Raíssa Regina Brugiato. **The Magazine *Catolicismo* and its Conservative Christian Thought Matrices (1951-2018)**. 2024. 302p. Thesis (Doctorate in Sociology) – State University of Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

This research seeks to reflect, through the publications of *Revista Catolicismo*, on the existence of Christian thought matrices that engage in dialogue with conservative thought in Brazil at different moments in the country's history. These matrices express interpretations of politics, legislation, the "communist threat," the actions of divergent social groups, and everything associated with modernity, from the perspective of the social groups involved with the magazine's publications. To this end, it draws on Mannheim's notion of styles of thought, which develop historically from social, cultural, and political factors, giving rise to currents of thought with which social groups interact and establish, or not, disputes of a political, social, and religious nature according to their particular worldviews. The publications of *Revista Catolicismo* are considered here as sources of observable empirical reality. Despite the changes in the groups involved in its editorial processes over time—having been active since the 1950s—its activities have spanned various moments in Brazilian political and social history, particularly in relation to debates about communism in Brazil. Through research with documentary sources, adapting contributions from Discourse Analysis, developing categories of analysis, engaging in dialogue with Mannheimian perspectives on conservative thought, and drawing on Norbert Elias's approach to historical processes and configurations, it was possible to identify that the discourses conveyed by social groups in the magazine's pages associate elements of the worldview of "being Christian" with anti-communism, as well as with the actions of political groups active in each distinct period. In this way, a type of conservative thought was consolidated, composed of particular worldviews associated with the social groups involved in the magazine's editorial processes. Currents of thought emanated from these groups, which, as social configurations, established dialogues—whether convergent or divergent—with other individuals, political figures, and social configurations at different moments. Beyond being a medium that contributed to the dissemination of elements related to anti-communism in Brazil, it was possible, through the publications of this documentary source, to reflect on the composition of matrices of conservative Christian thought, considering the groups responsible for them, the passage of time, and the dialogues and interpretations presented in relation to the broader social and political context. To this end, the research developed an argumentative analysis addressing, over a time span of approximately 73 years of the magazine's publications, the currents of thought and worldviews expressed by social groups during different moments of fervent debate about anti-communism in Brazil, which, through the perspectives articulated in the magazine's pages, take on a conservative Christian character. The research sought to reflect on the matrices of thought based on these nuances, considering, in the manifestations carried out through *Catolicismo*, the conservative thought and the concepts and worldviews developed by these groups as a historical process in which different individuals act in their phases, which do not necessarily follow a linear development, thereby being able to recover or add new elements to these matrices.

Key-words: Thought matrices. Conservative thought in Brazil. *Revista Catolicismo*. Catholic anti-communism. Christian conservative thought.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Bolsonaro aponta para placa com foto do general Emílio Garrastazu Médici, presidente da ditadura entre 1969 e 1974: "Eu era feliz e sabia"145
- Figura 2** – Bolsonaro, enquanto deputado, posa para foto com faixa em defesa do golpe militar de 64.....146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
Arena	Aliança Renovadora Nacional
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CIA	Central Intelligence Agency
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPCO	Instituto Plínio Corrêa de Oliveira
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LEC	Liga Eleitoral Católica
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MST	Movimento dos Trabalhadores sem Terra
PnadC	Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua
PNDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SNI	Serviço Nacional de Inteligência
UEL	Universidade Estadual de Londrina
TFP	Tradição Família e Propriedade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 FUNDAMENTOS BASILARES DA PESQUISA	20
1.1 Apresentação da proposta: noções preliminares.....	21
1.2 Objeto, objetivos e hipóteses	31
1.3 Delimitação do problema de pesquisa	35
1.4 Introdução ao campo de pesquisa.....	37
1.4.1 Campo e procedimentos de pesquisa: relações entre anticomunismo, política e grupos religiosos no Brasil.....	38
1.4.2 O pensamento conservador e os intelectuais associados a revistas e folhetins católicos como a Permanência e Catolicismo.....	39
1.4.3 Teses e Dissertações sobre discursos católico-cristãos e seus diálogos com o anticomunismo.....	41
1.5 Contribuições do campo de pesquisa.....	42
2 ALICERCES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	57
2.1 Critérios teóricos que orientaram a pesquisa.....	57
2.2 Critérios metodológicos da pesquisa.....	82
3 A CONJUNTURA POLÍTICA BRASILEIRA E AS RELIGIÕES DE MATRIZ CRISTÃ: LASTROS HISTÓRICOS E INTERFACES	94
3.1 Rupturas e continuidades: os diferentes Períodos Político-Sociais no Brasil e a concentração de poder político	96
3.2 Interfaces entre elementos religiosos e estado brasileiro: clivagens e convergências.....	110
4 SEGMENTOS SOCIAIS E O PENSAMENTO CONSERVADOR: CLIVAGENS E CONVERGÊNCIAS ENTRE GRUPOS CRISTÃOS E POLÍTICOS NO ESTADO BRASILEIRO	124
4.1 A revista Catolicismo.....	124
4.2 Permanências na contemporaneidade: um olhar sobre a Catolicismo e sobre	

	outros dados da realidade social.....	142
5	MATRIZES DE PENSAMENTO CRISTÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DA CATOLICISMO: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E SUAS PARTICULARIDADES.....	151
5.1	Primeira matriz de pensamento: o perigo do comunismo internacional, os deveres cristãos e a legitimidade das desigualdades sociais.....	152
5.2	Segunda matriz de pensamento - Reforma agrária, católicos progressistas e anticomunismo no Brasil: a tática do medo.....	179
5.3	Terceira matriz de pensamento: o avanço comunista à nível mundial, a efervescência dos movimentos católicos progressistas no Brasil e os novos temas em uma conjuntura diferente.....	207
6	MATRIZES DE PENSAMENTO CONTEMPORÂNEAS – UM FIO CONDUTOR ANTICOMUNISTA.....	226
6.1	As publicações da revista na virada dos anos 2000: meio século da revista Catolicismo e a gestão de Luís Inácio Lula da Silva.....	229
6.2	A passagem do segundo governo Lula ao primeiro governo Dilma Rousseff: Quarta matriz de pensamento – dos Direitos Humanos às questões emergentes do período.....	243
6.3	O processo eleitoral de 2018 e o movimento de representação de uma figura pública como aliada na luta contra o comunismo.....	259
6.4	A preservação e a constância das matrizes de pensamento conservador ao longo do tempo: relações com a realidade político-social brasileira.....	264
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	271
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	279

INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objetivo desenvolver uma análise que, partindo da perspectiva do desenvolvimento histórico de diferentes tipos de processos de pensamento conservador no Brasil, reflete sobre a existência de matrizes de pensamento associadas aos grupos civis envolvidos com as publicações da Revista Catolicismo, ativa há mais de 70 anos no Brasil.

Fundada em 1951, em seus anos iniciais, reuniu nomes como Plínio Correa de Oliveira e o Bispo D. Geraldo de Proença Sigaud, que, posteriormente, fundaram a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, organização que reuniu católicos leigos e conservadores em defesa da manutenção das relações entre sociedade e Igreja, do casamento indissolúvel e do direito à propriedade privada, questões por eles consideradas como sagradas.

O pensamento de Plínio Correa de Oliveira, desde a criação da revista, foi um elemento central na linha editorial. Desde seu início, as publicações refletem suas oposições, por exemplo, a temas como o comunismo, ao progressismo em outros grupos católicos e a diversos elementos associados à modernidade. Pelos processos editoriais da revista, passaram diversos outros intelectuais alinhados com essas ideias e, ainda que seja possível identificar manutenções de alguns temas e noções, com o passar dos anos, houve mudanças em sua linha editorial.

No decorrer das décadas, estiveram associados diversos grupos sociais aos processos editoriais da revista, que também refletiram transformações relativas à conjuntura mais ampla, social, política e também da conjuntura religiosa/católica brasileiro.

Ainda hoje, a Catolicismo é mantida ativa. Esse elemento possibilita adicionar a dimensão do tempo às publicações não somente do período corrente, mas também de outrora. Isso viabiliza pensar as manifestações contidas nas páginas da revista pela perspectiva de um processo, para refletir nas diferentes nuances manifestadas nas páginas da Catolicismo, que incluem mudanças, manutenções e elaborações por parte dos grupos que estiveram ou estão atuantes nela.

Considerando que há diferentes grupos envolvidos com os processos editoriais da Catolicismo durante as décadas de publicações que foram analisadas, é importante observar que não se considerou, aqui, a existência de um desenvolvimento necessariamente “evolutivo” com relação às publicações. Ainda que a análise

realizada por esta pesquisa tenha sido temporal, avançando no decorrer das décadas de publicações, esse movimento foi realizado tendo em conta que as argumentações desenvolvidas pelos grupos sociais não são necessariamente lineares, podendo tanto apresentar mudanças, novidades e novos tópicos, como manter as linhas argumentativas ou, ainda, resgatar preocupações e acontecimentos de forma não diacrônica, atribuindo-lhes novas roupagens que dialogam com elementos da conjuntura dos períodos.

Para empreender a análise a seguir quanto às manifestações produzidas por esses grupos sociais, que foram veiculadas nas páginas da revista, a pesquisa mobilizou elementos da análise com fontes documentais a partir das ponderações de autores como Tim May, da elaboração de categorias de análise com base nas contribuições de autores como André Cellard e Maria Laura Publisi Barbosa Franco (considerando o âmbito da análise qualitativa) e, também, adaptando contribuições da análise do discurso, dialogando com Eni Orlandi e Rosalind Gill.

Dessas considerações, foram elaboradas as matrizes de pensamento cristão apresentadas pela pesquisa, que mesclam elementos relativos às visões de mundo de seus autores e da conjuntura social e política mais ampla. Nesse sentido, as manifestações veiculadas nas publicações da *Catolicismo* abrem um leque relativo às interpretações desenvolvidas pelos autores, que, a partir de seus estilos de pensamento embasados em elementos do cristianismo e em um marcante componente anticomunista, apresentam aos seus leitores as suas interpretações de acontecimentos históricos, culturais e políticos ao longo desses mais de 70 anos de atividades, relacionando, analisando e explicando-os de forma imbricada com aspectos de ordem religiosa, que buscam preservar diferentes elementos.

Assim, têm-se, na composição das matrizes de pensamento, aspectos ligados à elaboração de uma identidade cristã e política, de moral anticomunista, que foi se “atualizando” ao longo do tempo e buscou construir e reivindicar para si um estatuto de legitimidade perante a sociedade civil.

Compreende-se, ainda, que essas matrizes têm, em sua base, correntes de pensamento associadas às interpretações religiosas do mundo em geral e do âmbito político, das quais os grupos envolvidos com o processo editorial da revista são portadores. Apesar das mudanças conjunturais e de indivíduos, com o passar das

décadas, há diálogos entre eles e esses estilos de pensamento¹, que impactam a forma como as publicações são elaboradas, tendo, no anticomunismo e em elementos do pensamento de Plínio Correa de Oliveira, um fio condutor.

A presente pesquisa busca contribuir teórica e conceitualmente para o campo de estudos sobre o pensamento conservador no Brasil, suas manifestações a partir de determinados grupos religiosos e seus desdobramentos nos âmbitos social, político e cultural. Para tanto, propõe-se à análise das elaborações contidas nas páginas da Revista Catolicismo, considerando as mudanças dos grupos envolvidos com sua edição e as mudanças conjunturais, com foco nas manifestações apresentadas e, assim, nas interpretações, manutenções e mudanças.

De forma ampla, é importante destacar que esta pesquisa parte da noção da existência, permanência e reprodução de processos de pensamento conservador que se desenvolvem historicamente no Brasil. Esses fenômenos apresentam diferentes fases e envolvem grupos sociais, que, em diversos períodos da história, manifestam-se em defesa de seus ideais sobre os mais diversos assuntos, como a política, a cultura, a religião, entre outros.

Entre esses assuntos, estão aqueles relacionados com a Catolicismo, considerados, aqui, conforme as elaborações de Norbet Elias, como configurações sociais que agem em interação e com relação a outras configurações. Nesse decurso, entende-se que eles desenvolvem e acrescentam elementos de si próprios às supracitadas correntes de pensamento, relacionadas ao processo desenvolvido pelos grupos que veiculam suas manifestações na Catolicismo, influenciando as visões de mundo de seus adeptos e estando associadas ao clima mental das diferentes épocas.

Nas fases desse processo, os diferentes grupos podem convergir para essas correntes de pensamento e seus elementos, ou divergir delas, dando-lhes continuidade, suplantando-as ou modificando-as. Com base nessas considerações, os grupos associados com a Catolicismo, na janela temporal considerada, são aqui observados como configurações sociais que desenvolveram suas próprias correntes de pensamento, que são pensadas a partir dos discursos veiculados na revista (as elaborações, conceitos e noções sobre as mudanças conjunturais) e, partindo disso, foi possível chegar na formulação das matrizes de pensamento.

Tendo em vista o percurso histórico considerado, a pesquisa se propôs

¹ Conceito elaborado por Karl Mannheim.

identificar as matrizes de pensamento cristão conservador associadas às manifestações intencionalmente veiculadas nas edições da revista. O intuito é refletir em como os discursos e manifestações, no decorrer das décadas, integraram elementos de ordem religiosa, política e social e contribuíram para a manutenção e difusão de estilos de pensamento conservador.

Esta tese, estrutura-se em seis capítulos. No primeiro capítulo, “Fundamentos basilares da pesquisa: Objeto e elementos fundantes”, apresenta-se, primeiramente, o aprofundamento da proposta da tese, como a delimitação do problema, o foco, o objeto, o objetivo e as hipóteses desenvolvidas pela pesquisa. Em sequência, são apresentados os resultados obtidos em um levantamento do estado da arte sobre o pensamento conservador no Brasil em suas interfaces com diferentes grupos religiosos.

Ainda no primeiro capítulo, são evidenciadas pesquisas que tratam de indivíduos e grupos civis religiosos, cujas publicações, atuações e manifestações são marcadas por recursos retóricos conscientes e intencionais no sentido da vigia e do combate ao comunismo no Brasil. Por fim, apresentam-se algumas considerações sobre as contribuições do campo de estudos para a presente pesquisa.

No segundo capítulo, exploram-se as principais correntes teórico-metodológicas mobilizadas para o desenvolvimento da pesquisa e como foram utilizadas na análise e na interpretação das fontes documentais. Nessa esteira, apresentam-se formas, elementos, contribuições e diálogos que se buscou estabelecer com as teorias de Norbert Elias e Karl Mannheim, bem como as considerações metodológicas de Tim May, André Cellard, Maria Laura Publisi Barbosa Franco, Rosalind Gill e Eni Orlandi, essenciais para viabilizar o desenvolvimento da pesquisa segundo a proposta.

No mesmo capítulo, também são abordados os desafios teóricos e metodológicos que emergiram no decorrer da pesquisa, os caminhos percorridos, os eixos temáticos que orientaram o levantamento de questões históricas importantes para o trabalho e, de forma sistematizada, as hipóteses norteadoras e as categorias de análise elaboradas *a priori* e *a posteriori*, conforme as demandas da análise com as fontes documentais, para guiar a análise argumentativa.

No terceiro capítulo, “A Conjuntura Política Brasileira e Religiões de Matriz Cristã: lastros históricos e interfaces”, é apresentado um levantamento histórico com base em produções de autores nacionais e internacionais das áreas das Ciências

Sociais e da História, com o intuito de apontar elementos históricos das conjunturas vistas na pesquisa. O objetivo, com isso, é o aprofundamento nos lastros históricos sobre os processos de concentração de poder político em pequenos grupos, da recorrência de intervenções militares na cena política brasileira e da difusão de um imaginário anticomunista no país, com os quais os grupos civis poderiam dialogar, discordar, combater ou, ainda, contribuir para sua continuidade.

Dessa forma, buscou-se compreender os elementos históricos que dialogam com o referencial teórico mobilizado, de modo a estabelecer conexões com as teorias de Elias em relação aos processos de média duração e de composição de figurações de indivíduos, bem como com os estudos de Karl Mannheim sobre o pensamento conservador, as correntes de pensamento conservadoras e as visões de mundo atreladas ao destino dos grupos sociais.

Nesse capítulo, também são tecidas considerações históricas acerca da existência, atuação e relações desenvolvidas por diferentes setores da Igreja Católica, em análise, sobre como alguns deles resistem às mudanças sociais e convergem em suas manifestações para regimes políticos seculares. Inicia-se, também, a exploração da literatura que trata das possíveis relações e interfaces entre setores da Igreja, grupos cristãos, política estatal e grupos civis religiosos.

No quarto capítulo, “Segmentos sociais e o pensamento conservador: clivagens e convergências entre grupos cristãos e políticos no Estado brasileiro”, elabora-se uma análise dos grupos civis católicos e cristãos, os quais podem ser vistos como representações da existência de correntes de pensamento cristão conservador no país. Ainda no mesmo capítulo, explora-se como esses grupos interagem com configurações e correntes de pensamento mais amplas, relacionadas também à conjuntura política brasileira.

Além disso, busca-se a caracterização da Revista *Catolicismo*, além de citar outros grupos portadores de correntes de pensamento conservador, como é o caso da Revista *Permanência* (também atuante desde a década de 1960), incluindo a descrição dos elementos históricos relativos às conjunturas nas quais atuaram, com o intuito de aprofundar a compreensão desses grupos enquanto configurações de indivíduos, uma vez localizadas sócio-histórica e politicamente.

No capítulo 5, “Matrizes de pensamento cristão nas primeiras décadas da *Catolicismo*: Convergências, Divergências e suas Particularidades”, são apresentados os resultados da pesquisa, com foco na análise das fontes documentais das primeiras

décadas de publicações da *Catolicismo*. Para tanto, examina-se como se desenvolveram as três matrizes de pensamento cristão conservador da revista, com ênfase nos diferentes pontos de preocupação, autores e momentos históricos. Tal análise possibilitou o contato com as visões de mundo intencionalmente difundidas pela revista no decorrer do tempo, as quais se correlacionam com a emergência de acontecimentos políticos e a efervescência de debates sobre o anticomunismo no Brasil em esfera pública.

No sexto e último capítulo, “Matrizes de pensamento contemporâneas – um fio condutor anticomunista”, abordam-se as matrizes de pensamento cristão conservador à luz das publicações realizadas pelos grupos envolvidos com a *Catolicismo* nas décadas de 2000 e 2010. Apresentam-se, ainda, a quarta matriz identificada e a atualização dos debates dentro dessa nova conjuntura, que marca o encerramento do primeiro cinquentenário da revista. Além disso, exploram-se as manifestações emergentes em um contexto em que os debates sobre o anticomunismo ressurgem com força, na década de 2010.

1. FUNDAMENTOS BASILARES DA PESQUISA

Inicialmente, vale ressaltar que a presente pesquisa dialoga com a noção da existência, permanência e reprodução de processos de pensamento conservador no Brasil, que se desenvolvem ao longo da história política e social do país e acarretam manifestações que extrapolam a esfera política estatal, desencadeando diálogos com grupos sociais civis, também envolvidos na difusão de formas de pensamento que bebem na fonte desses processos históricos e das correntes de pensamento que deles derivam.

Entende-se que, atrelados aos processos históricos, econômicos, culturais e sociais de concentração de poder político em pequenos grupos sociais, esses processos de pensamento conservador se desenvolvem em meio a outros de caráter político e social, que fundam um terreno fértil para sua reprodução e também para a atuação de outros grupos sociais, como aqueles que são declaradamente cristãos; dialogam com essas formas de pensamento e atuam de forma convergente na sua manutenção, adicionando a elas elementos de si no decorrer do tempo e tendo a religião como um dos componentes presentes em suas leituras da realidade social e da situação sócio-política do país.

Com o respaldo de historiadores e sociólogos que estudaram a formação política, cultural e histórica do Brasil enquanto algo que oportunizou a perpetuação de composições de poder político conservadoras e suas formas de pensamento correspondentes, a proposta desta pesquisa é: a partir da ideia de processos históricos de pensamento conservador no Brasil e da existência de correntes de pensamento a eles associadas, refletir sobre as manifestações veiculadas por meio da Revista Catolicismo, considerando os grupos envolvidos nesses processos editoriais enquanto configurações sociais que estabelecem diálogos com correntes de pensamento derivadas desses processos de pensamento conservador mais amplos e com a conjuntura histórica, acarretando, então, suas próprias correntes de pensamento e grades de leitura da realidade social.

Compreende-se que, mediante esse diálogo, desenvolvem-se, ao longo do tempo, matrizes de pensamento cristãs associadas aos grupos que atuaram na Revista Catolicismo, as quais são pensadas segundo um eixo que envolve questões políticas e se encontra em interação com elementos cristãos das visões de mundo desses grupos, tendo como uma de suas bases o combate ao comunismo e

manifestações que estabelecem diálogos com outras configurações políticas, atuantes ao nível governamental.

Com base nessas questões, o Capítulo 1 tem o objetivo de trazer considerações sobre a presente tese, no que se refere a alguns direcionamentos teórico-metodológicos da pesquisa, explorando, ainda, o campo de estudos do pensamento conservador no Brasil e suas interfaces com grupos cristãos produtores de conteúdo. Dessa forma, dividido em quatro subtópicos, busca-se, primeiramente, a sistematização de questões atinentes a essas orientações gerais e à introdução de considerações relacionadas à Revista, cujas publicações foram analisadas, e aos grupos com elas relacionados.

Com isso, delimitam-se o problema de pesquisa, seu objeto, objetivo e hipóteses, sendo feitas considerações a respeito das produções relativas ao campo de estudos do pensamento conservador no Brasil e seus diálogos a partir de grupos declaradamente cristãos, tendo como um de seus focos pesquisas relacionadas aos grupos abordados.

1.1 Apresentação da proposta: Noções Preliminares

Em um primeiro momento, com a leitura prévia das publicações feitas por meio da *Catolicismo*, foi possível constatar um tipo de “construção” discursiva de uma “identidade cristã” (na qual seus autores associam elementos relativos ao dever de combater o comunismo, com outros de ordem religiosa e, ainda, contribuições e convergências de diferentes lideranças políticas para esse processo). Esse aspecto foi observado nas publicações desde o período de criação da Revista *Catolicismo* (década de 1950), passando pela ditadura militar (na qual houve grande efervescência de debates sobre o anticomunismo) e, mesmo após o período de redemocratização do Brasil, tais noções foram mantidas.

A associação entre esses elementos foi identificada também em publicações de períodos posteriores (como a década de 2010), com atualizações das temáticas, à luz da conjuntura dos diferentes períodos históricos. Considerando a manutenção desse tema como um assunto em destaque, ainda que em outras épocas e com grupos diferentes, a pesquisa buscou abordar e desenvolver suas propostas a partir das produções e manifestações desses grupos de orientação cristã, que constam nas páginas da Revista *Catolicismo*.

Considera-se, então, que, uma vez que as publicações feitas pela

Catolicismo são mantidas ativas há mais de 70 anos, houve mais de uma configuração de indivíduos presentes e envolvidos com a difusão de suas formas de pensamento e interpretação por meio das páginas da revista.

A Catolicismo, nesse sentido, é pensada como um meio difusor de *matrizes de pensamento*, associadas aos grupos envolvidos com as suas publicações. Em um primeiro momento, a revista era publicada em um formato impresso que se assemelhava a um jornal, mas, com o tempo, foi passando por mudanças, chegando ao formato de uma revista impressa na década de 1980. Na atualidade, o grupo envolvido com a Catolicismo recorre a outros meios de comunicação em massa, como a Internet, para divulgar na revista os seus textos, manifestações e comunicações, que são atravessados por elementos históricos, sociais e políticos relativos aos períodos de sua atuação e aos elementos desses grupos, como seus estilos de pensamento.

Esses conteúdos são mobilizados para as interpretações e análises segundo o *corpus* teórico-metodológico selecionado, junto de considerações sobre a conjuntura histórica, política e social mais ampla, na qual seus autores estão inseridos. Cabe reforçar que a revista Catolicismo disponibiliza um acervo *on-line*² de suas publicações desde o primeiro ano, meio pelo qual a pesquisa teve acesso aos conteúdos analisados.

Para desenvolver a pesquisa, foram pensados, a princípio, dois recortes temporais que consideraram períodos de efervescência de debates anticomunistas no Brasil: o decorrer da Ditadura Militar e o processo eleitoral de 2018.

Contudo, com o início da análise das fontes documentais e da pesquisa bibliográfica, foi possível apreender significativa movimentação do grupo criador da Catolicismo antes mesmo de sua fundação.

Considerando a “processualidade” histórica como elemento fundamental, evidenciou-se a necessidade de ampliar esse recorte temporal de análise das publicações, de forma a abordar também o início, visando apreender as manifestações com relação não só à conjuntura mais ampla e às correntes de pensamento que dela emanam, mas também para refletir sobre o grupo fundador da revista enquanto uma configuração social que contribuiu para elaborar todo um conjunto de noções, que futuramente seguiriam aparecendo nas publicações dos

² Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/Desculpe.html>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

grupos vindouros.

Considera-se viável, por meio das manifestações contidas nas publicações (tidas como fontes documentais), refletir sobre as formulações dos autores em seus diálogos com esses processos e com as correntes de pensamento com as quais conscientemente mantiveram convergências, ou das quais apresentaram divergências, e apreender tanto os conceitos elaborados e apresentados por eles como fundamentos basilares de suas considerações, quanto as matrizes de pensamento desses períodos históricos.

Dessa forma, o primeiro período, selecionado intencionalmente, engloba as publicações realizadas entre 1951 e 1985 considerando as mudanças sociais e políticas marcantes desses períodos, a efervescência do anticomunismo e a consolidação de todo um corpo de visões de mundo com as quais, posteriormente, outras configurações sociais envolvidas com a edição da Revista Catolicismo viriam a dialogar.

É importante destacar que uma das premissas que orientaram esta pesquisa considera a presença de diferentes elementos relacionados às gestões e/ou interferências de grupos na política brasileira, em cada período selecionado para a pesquisa. Essa questão adquire relevância, pois os autores declaram, desde a fundação da revista, seu compromisso em “libertar” a Cristandade do jugo do anticristo comunista e restaurar o reino de Cristo, o que implicaria desdobramentos relativos à política estatal e governamental e suas figuras políticas.

Há interpretações e manifestações veiculadas nas páginas da revista que estabelecem relações entre o combate ao comunismo nos mais diversos âmbitos da vida pública e da vida privada e a referida restauração do reino de Cristo, opondo os dois. Dessa forma, essas manifestações dos grupos vão apresentando aos seus leitores reflexões, que, partindo de interpretações embasadas em questões religiosas, chegam ao âmbito político enquanto um componente relevante na luta contra o comunismo e sua expansão.

Além desse fator, refletir sobre a história política brasileira também é importante para pensar a existência de processos de pensamento conservador no Brasil e seus lastros históricos, com os quais os indivíduos podem ou não buscar manter diálogos e relações, seguindo os interesses e objetivos de seus grupos sociais.

A década de 1950, na qual a revista foi fundada, foi marcada pelo segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), que retornou ao poder por meio de eleições

democráticas. Pode-se dizer que foi um período no qual ocorreram crises políticas e tensões sociais.³

A Ditadura Militar, também é considerada como um recorte histórico relevante, dado o seu “devir”, que, conforme observa Ridenti (2014), em seus diversos momentos, combinou o uso da força e tentativas de legitimação. Para se manter ao longo do tempo, investiu em uma base de legitimidade, que envolve, então, outros grupos da sociedade civil mais ampla, uma vez que “negociar e conceder implicam o reconhecimento do outro, levando em conta a oposição, que assim precisa ser entendida em seu encadeamento com a situação” (RIDENTI, 2014, p.01).

Com relação ao recorte das eleições de 2018 e à relativa polarização que novamente ocorreu nesse período entre os candidatos que concorreram no segundo turno, emergiu novamente a demanda de se pensar, considerando o alcance da análise documental, a elaboração da “rejeição” ao Partido dos Trabalhadores e aos candidatos a ele associados pelas páginas da revista.

Dessa forma, foram selecionados alguns anos de publicações que tiveram como “norte” processos eleitorais ocorridos a partir da década de 2000, com o objetivo de refletir sobre essa polarização (presente nas páginas da revista): o ano de 2001, que marca o primeiro cinquentenário da revista; os anos de 2002 e 2003, que englobam o processo eleitoral que resultou no primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva e seu primeiro ano de governo, passando para 2010 e 2011, processo eleitoral e primeiro mandato de Dilma Roussef. Após isso, passou-se para os anos de 2015 e 2016, em que ocorreu o golpe que depôs Roussef⁴ e, por fim, 2018, período eleitoral que culminou com o primeiro mandato de Jair Messias Bolsonaro.

Além disso, foi realizada, ainda, a leitura de uma sessão específica das edições de janeiro de 2012, 2013 e 2014, reservada pelos autores para reflexões sobre os ocorridos no ano anterior, sob a luz da interpretação dos autores. Esse movimento demonstrou-se relevante no decorrer da análise documental, por demandas relacionadas ao governo de Roussef.

A década de 2010 é considerada um período perpassado também por mudanças políticas, como o citado golpe em Dilma Roussef (maio-agosto de 2016) e,

³ Esse assunto é abordado em maior profundidade no capítulo 4.

⁴ De acordo com Mancebo (2018), o *impeachment* de 2016 representa uma ruptura democrática, uma vez que os eventos de 31 de agosto de 2016 se desenrolaram sem provas cabais e materiais contra a então presidente Roussef.

posteriormente, a vitória de um candidato a presidente que deu uma “nova” orientação política ao país e, mesmo após 2018, permaneceu fazendo discursos e referências ao anticomunismo,⁵ bem como evocando memórias das gestões militares de 1964-1985.⁶

Tal período foi selecionado considerando-se que, no processo eleitoral que se desenvolveu, houve novamente a emergência de discursos públicos que mesclaram elementos de religiões cristãs, da cena política e de uma “moral” anticomunista, referenciando potenciais implicações relativas aos resultados das eleições presidenciais nesse processo. Essa movimentação também foi identificada nas publicações da *Catolicismo*, ainda que o grupo responsável por elaborar as referidas manifestações já não seja mais composto pelos mesmos membros das décadas anteriores.

Partindo da noção da existência de diálogos múltiplos entre elementos de ordem objetiva (conjunturas históricas e político-sociais em voga na década de 1950, no período ditatorial (1960), posterior abertura política (1984) e nas publicações mais atuais das décadas de 2000 e 2010) e as relações e leituras de mundo elaboradas pelos grupos envolvidos com as publicações da revista, pretende-se explorar, na realidade empírica observável, a existência e a persistência de correntes de pensamento conservadoras derivadas desses grupos/configurações de indivíduos, seus elementos e elaborações e a possibilidade de formular matrizes de pensamento relacionadas com as décadas de manifestações realizadas por meio das páginas da *Catolicismo*, considerando as mudanças conjunturais e de indivíduos com o processo editorial da revista.

Refletindo sobre a conjuntura histórica brasileira, em que se desenrolam,

⁵ Um exemplo seria seu discurso de abertura nos debates da 74^a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), na sede da organização, em Nova York, nos Estados Unidos: “Apresento aos senhores um novo Brasil, que ressurgiu depois de estar à beira do socialismo. Um Brasil que está sendo reconstruído a partir dos anseios e dos ideais de seu povo. No meu governo, o Brasil vem trabalhando para reconquistar a confiança do mundo, diminuindo o desemprego, a violência e o risco para os negócios [...] Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições”. A transcrição completa desse discurso está disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

⁶ De acordo com o *site* BBC NEWS, em memorando enviado à ONU em 2019 pelo governo brasileiro, observa-se “que “não houve golpe de Estado” em 31 de março de 1964 e que os 21 anos de governos militares foram necessários “para afastar a crescente ameaça de uma tomada comunista do Brasil e garantir a preservação das instituições nacionais, no contexto da Guerra Fria”. O governo afirma que “os anos 1960-70 foram um período de intensa mobilização de organizações terroristas de esquerda no Brasil e em toda a América Latina” e que a derrubada do então presidente João Goulart contou com o apoio da “maioria da população”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47818978>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

entre outros aspectos, os processos de pensamento conservador, a pesquisa considera que estes últimos apresentam diferentes fases nas quais atuam os grupos sociais, sendo um movimento de mão dupla, no qual ambos se retroalimentam. Esses grupos podem ser políticos, civis, religiosos, entre outros, que, no diálogo com os processos mais amplos, podem agir e empreender estratégias e ações no sentido de continuá-los ou até modificá-los, segundo seus desígnios, grades de leitura da realidade social e objetivos.

A dimensão política, nesse sentido, é tida como algo importante para o tema estudado, uma vez que os grupos sobre os quais se propõe a reflexão não estão isolados nem atuam em um vácuo social, mas apresentam seus posicionamentos de forma que buscam, inclusive, influir sobre elementos de ordem política. Além desse fator, na história política brasileira, já atuaram em âmbito estatal/presidencial, segmentos cujas ações impactaram diretamente, inclusive, nas liberdades individuais e de expressão, como os grupos militares na década de 1960, cujas formas de pensamento encontram ecos em períodos posteriores.

A presente pesquisa parte da noção da existência de um de processo de pensamento conservador que deriva da história política do país e que, ainda que não tenha necessariamente um desenvolvimento linear, coeso e sempre na mesma direção, possibilitou situações como a concentração de poder político em parcelas restritas da sociedade e o desenvolvimento de políticas e formas de pensamento ligadas aos seus desígnios. Nessa esteira, encontram-se grupos atuantes no âmbito político-partidário e estatal, que, assim como os grupos envolvidos com as publicações da *Catolicismo*, estão inseridos em diferentes fases de desenvolvimento desse processo de pensamento conservador.

Dele derivam correntes de pensamento que se espraiam pela sociedade mais ampla, na qual estão outros atores sociais, como os grupos civis religiosos que, em meio às suas próprias grades de leitura da realidade, podem (ou não) estabelecer seus diálogos, pensando em aproximações, distanciamentos, convergências e divergências com essas correntes de pensamento.

Os grupos sociais, relacionados aos processos editoriais da *Revista Catolicismo*, são, aqui, entendidos como civis religiosos e, em cada período histórico, podem vir a estabelecer esses diálogos, constituindo suas visões de mundo⁷ a partir

⁷ O conceito foi elaborado por Karl Mannheim, e a forma como se propõe mobilizá-lo e articulá-lo para a pesquisa é apresentada no Capítulo 2.

de suas grades de leitura da realidade, associando aspectos de ordem religiosa, como as noções do que é “ser cristão”, a outros de aspecto político, como o dever de combater o comunismo enquanto um inimigo que é percebido e declarado como o oposto da sociedade Cristã.

No decorrer da pesquisa, buscou-se abordar que tais elementos fazem parte de um “quadro” que compõe matrizes de pensamento conservadoras cristãs associadas a esses grupos ligados à Catolicismo. Apresentam em suas produções conteúdos que atribuem sentidos entrelaçados, partindo de sua cosmovisão particular, de cunho religioso, com a conjuntura política social e historicamente localizada, com lideranças políticas e com o combate ao comunismo/socialismo.

Tendo em vista que as matrizes de pensamento derivam dos grupos civis religiosos, eles próprios são portadores da “capacidade” de dar continuidade a elas e de atuar para impulsioná-las. Por essa razão, suas produções são consideradas por um viés de investigação em fontes documentais, segundo as contribuições da análise do discurso.⁸

Uma vez que esta pesquisa parte da ideia de que os processos de pensamento conservador abordados se desenvolvem de modo interligado com os elementos objetivos de cada período histórico e de forma entrelaçada com grupos sociais atuantes, compreende-se que há um movimento dialético de interação entre eles, no que se refere à elaboração das visões de mundo, abarcando os elementos da conjuntura sócio-histórica, política e cultural.

Em contato com esses fatores objetivos, com o processo supracitado e com as correntes de pensamento dele derivadas, tem-se que, no cotidiano e em suas vivências, interações e experiências, os grupos sociais e seus indivíduos seguem elaborando suas próprias visões de mundo, cujas marcas, apreendidas pela pesquisa a partir do que eles decidem registrar/demonstrar/comunicar em suas produções documentais, possibilitam caracterizar as matrizes de pensamento cristãs associadas às décadas de publicações veiculadas por meio da Revista Catolicismo.

Buscou-se desenvolver essa noção e refletir sobre a composição das matrizes de pensamento, tendo como foco as manifestações desses grupos civis autodenominados cristãos, cujas correntes de pensamento conservador e visões de mundo, em seu caso particular, estabelecem diálogos e interfaces entre elementos

⁸ A metodologia proposta para a pesquisa é abordada em maior profundidade no Capítulo 2.

religiosos e acontecimentos políticos, conforme suas demandas e interesses.

É importante destacar que a presente pesquisa não considera todas as matrizes de pensamento cristão como anticomunistas⁹, pois há grande diversidade de correntes de pensamento associadas à pluralidade de grupos cristãos no Brasil, que não são anticomunistas e podem apresentar elementos progressistas. Contudo, no caso particular dos grupos associados com a Revista *Catolicismo*, cujas manifestações são colocadas em foco na presente pesquisa, o tema do combate ao comunismo assume importância mister, como um tema transversal apresentado à luz das interpretações religiosas desses grupos, que atravessa as elaborações e discursos veiculados por décadas nas páginas da revista, mesmo com as mudanças conjunturais e de indivíduos que passam por esses processos editoriais.

Tendo em vista os períodos históricos selecionados intencionalmente, abordou-se também que, iniciada na década de 1970, a chamada abertura política lenta, gradual e segura constituiu um “terreno fértil” ou convergente para a perpetuação das formas de pensamento associadas aos primeiros grupos atuantes na *Catolicismo*.

Conforme observa Rezende (1996), a abertura política foi iniciada com impasses internos ao bloco militar e tem seu desenvolvimento, ritmo e ocorrências influenciados e delimitados por setores que compõem esse bloco e seus interesses e que não se retiraram da cena política nacional, mesmo após o processo de abertura.¹⁰

Nesse sentido, vale citar, enquanto dados da realidade, os documentos disponibilizados pelo governo norte-americano, como relatórios da Agência de Inteligência Norte-Americana (CIA), que podem ser acessados pelo *site* do Departamento de Estado e que revelam que tanto a cúpula militar quanto o então presidente Geisel¹¹ tinham consciência dos assassinatos e das violências cometidos

⁹ Também se tem em vista que nem todo pensamento conservador é de matriz cristã.

¹⁰ O processo de abertura política foi iniciado no governo de Ernesto Geisel (1974-1979) e continuou mesmo com o término da Ditadura Militar (REZENDE, 1996, p.131).

¹¹ Essa informação se soma ao Relatório Estadual da Comissão da Verdade (Paraná) de 2014, no qual se afirma que, na operação Condor, que foi um pacto entre países como Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, entre outros, para a troca de informações de inteligência entre os estados membros, sobre a localização de indivíduos considerados subversivos, utilizando métodos de tortura, execução em nome de uma ação para salvar a civilização ocidental e cristã do comunismo ateu, a prática da tortura virou uma política de Estado para a desarticulação de organizações sociais [...] (2014, p. 04), e as fases do aprendizado, do curso para encarregados dos casos e agentes, eram supervisionadas pelo tenente-coronel João Baptista Figueiredo (2014, p. 06). O relatório completo pode ser consultado no link: <<https://www.memoriaedireitoshumanos.ufsc.br/files/original/3ac3d48df8def7c921b626681126f52.pdf>> Acesso em: 12 de julho de 2021.

contra opositores da Ditadura Militar.

Esses elementos ajudam a compor uma conjuntura propícia para a continuidade do processo de concentração de poder político em pequenos grupos e das correntes de pensamento a eles associadas, bem como impacta nos diálogos estabelecidos pelos grupos civis religiosos, que reagem às mudanças estruturais e sociais.

Ao explorar a noção de que as matrizes de pensamento cristãs estabelecem interfaces e diálogos com elementos políticos objetivos e com essas correntes de pensamento, busca-se identificar fatores que possibilitam pensá-las por intermédio das publicações feitas por meio do órgão difusor que foi selecionado para esta pesquisa, refletindo sobre as elaborações divulgadas pelos grupos envolvidos com seus processos editoriais. A partir das manifestações intencionalmente divulgadas desses grupos, foi possível perceber elementos em comum entre suas publicações das primeiras décadas, passando pela Ditadura Militar e, posteriormente, chegando às décadas mais atuais.

Por essa razão, compreende-se que essas matrizes têm suas fases de desenvolvimento desde o início das atividades da revista, passando por 1980 (processo de redemocratização) e seguindo nas décadas mais atuais, fornecendo elementos que pretendem orientar os seus grupos sociais em relação, por exemplo, a questões de cunho político, como é o caso das eleições ocorridas no ano de 2018.

A análise aqui desenvolvida também delineou a possibilidade de se pensar os elementos citados enquanto componentes de um contexto histórico e político-social que produziu um processo próprio, associado aos grupos responsáveis pela Catolicismo, convergente para a reprodução e/ou a preservação de modos de governar ou de formas de pensamento relacionadas às sucessivas intervenções de grupos militares e à concentração de poder na cena política brasileira, estabelecendo relações entre os discursos que associam religião, política, moral anticomunista e identidade cristã.

Contudo, é essencial destacar que a adesão e os diálogos apresentados pela Catolicismo com os governos de cada período histórico não foi necessariamente algo absoluto. Os grupos envolvidos com a Catolicismo e seus indivíduos já tinham suas próprias atuações e grades de leitura da realidade social antes de se iniciarem as atividades da Revista, e são essas grades de leitura, impressas nas páginas da Catolicismo, que possibilitaram pensar as convergências com as correntes de

pensamento derivadas de grupos políticos no poder, com base em pontos de convergência entre ambos, como é o caso do combate ao comunismo.

Com base nessas considerações, foram elaboradas as matrizes de pensamento, tendo uma espécie de fio condutor entre os âmbitos religioso e político, da vida pública e da vida privada, no anticomunismo. Para tanto, a pesquisa apreendeu a ideia de um Brasil religioso em que se apresenta uma associação entre o anticomunismo, uma noção particular de democracia, e, por fim, uma identidade composta por elementos religiosos, centrada no “ser católico” e nas implicações, responsabilidades políticas e princípios a ele associadas.

Com base nessas considerações, de um processo histórico de pensamento conservador associado à manutenção de poder em pequenos grupos no Brasil, de cujas fases históricas derivam correntes de pensamento que se espraiam para outros âmbitos, além do estritamente político, chegando aos grupos civis que dialogam ou não com elas, convergindo ou ainda apoiando interferências militares contínuas nos processos políticos e sociais conforme seus próprios desígnios e interesses, a pesquisa se empenhou em abordar a composição das matrizes de pensamento cristãs conservadoras que permeiam a atuação e os discursos desses grupos e movimentos civis religiosos.¹²

Dessa forma, o objeto desta pesquisa visa contemplar estudos do pensamento conservador no Brasil e suas manifestações, constituídos histórica, social e politicamente, e seus possíveis desdobramentos a partir de grupos civis que apresentam, na atualidade (pós-década de 2000), discursos com elementos comuns àqueles de outrora, nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980.

Assim, pretende-se refletir nas manifestações presentes nas páginas da Catolicismo, enquanto reações conservadoras em desenvolvimento constante, que apresentam suas próprias grades de leitura da realidade social, seus conceitos, compreensões e explicações sobre elementos da realidade sócio-histórica e cultural, estabelecendo trocas e diálogos com elementos da conjuntura política mais ampla em diferentes períodos históricos. Considera-se, para tal, as correntes de pensamento derivadas das gestões de grupos políticos e aquelas formuladas no interior dos grupos sociais relacionados com a Catolicismo, pensando os pontos de convergências e divergências apresentados pelos próprios autores.

¹² Os conceitos de correntes de pensamento e de matrizes de pensamento são abordados com maior profundidade no Capítulo 2, no subtópico “Critérios teóricos que orientam a pesquisa”.

Há, então, pontos de encontro ou “desencontros” entre essas correntes de pensamento e as visões de mundo desses grupos civis religiosos, que resultam em diálogos e interpretações, desdobrando-se em matrizes de pensamento conservador que mantêm, com o passar do tempo, elementos relativos ao anticomunismo, ao “ser cristão” e noções particulares de uma democracia.

O objeto de pesquisa é composto, então, pelas manifestações e produções dos grupos civis envolvidos, ao longo do tempo, com os processos editoriais da *Catolicismo*, elaborando e registrando consciente e propositalmente suas reflexões e visões de mundo nas páginas da revista, abordando questões políticas e de liberdades individuais. Eles são compreendidos como portadores das matrizes cristãs de pensamento conservador, tendo em vista as interfaces entre suas visões de mundo, que incluem sua cosmovisão “do ser cristão”, e seus diálogos com elementos políticos e sociais. Com isso, a pesquisa se propõe a pensar a hipótese da formação, composição e existência dessas matrizes, bem como refletir sobre as suas características e a sua permanência ao longo tempo, considerando mudanças sociais e políticas.

Nos dois subtópicos a seguir, são aprofundadas reflexões sobre o objeto, as hipóteses e a definição do problema da presente pesquisa.

1.2 Objeto, objetivos e hipóteses

Considerando os atores sociais que dialogam e se manifestam de forma interligada a religiões de matrizes cristãs, engendrando movimentações e estratégias a partir de um diálogo múltiplo e multifacetado com a conjuntura sócio-política e cultural, considerando as fontes documentais produzidas por eles nas décadas de 1950 a 1980 e, posteriormente, no recorte temporal que aborda publicações entre 2000 e 2018, tem-se **o objeto da presente pesquisa**: as manifestações e construções de grupos civis religiosos, produzidas e apresentadas por meio das páginas da *Catolicismo* em diferentes momentos históricos, considerando os discursos e suas nuances em temas relativos à política brasileira.

É importante reforçar que, ao se trabalhar com as publicações da *Catolicismo*, parte-se da consideração de que as reflexões e conceituações propostas são relativas e sintomáticas dos grupos civis religiosos a ela relacionados. Os elementos são pensados com a finalidade de contribuir para o campo de estudos sobre o pensamento conservador no Brasil e os diferentes âmbitos e formas que esse

pensamento pode assumir nas construções e elaborações de grupos que com ele dialogam e estabelecem interfaces com aspectos religiosos por meio da leitura das suas produções e das particularidades por eles apresentadas acerca da realidade social, que configuram modos de disseminação e reprodução.

Propõem-se a leitura e a interpretação por um desenho teórico-metodológico específico, buscando contribuir com a elaboração de conceitos que configuram uma possibilidade de interpretação de elementos da realidade empírica observável, cuja presença se prolonga no decorrer da história brasileira.

Para isso, buscou-se também refletir sobre o desenvolvimento de um processo de pensamento conservador associado à conjuntura política brasileira, cujas fases se desenrolam com o passar das décadas e envolvem a atuação de grupos sociais que a ele adicionam elementos e particularidades, derivando correntes de pensamento com as quais, então, outros grupos sociais civis dialogam.

É a partir desses elementos que se empreende o **objetivo de elaboração de matrizes de pensamento cristãs conservadoras, que se desenvolvem com o passar do tempo e estão associadas aos grupos sociais religiosos envolvidos com os processos editoriais da Revista Catolicismo**. Com esse objetivo, também se propôs refletir sobre a composição de matrizes de pensamento que têm, nesses grupos sociais, os seus portadores.

Para desenvolver as matrizes de pensamento, a pesquisa buscou refletir, a partir da leitura das fontes documentais, sobre elementos persistentes no tempo, considerando as associações entre noções religiosas cristãs, a cena política brasileira e o anticomunismo enquanto um dever que é associado por esses grupos à identidade “cristã”.

Dessa forma, pretende-se abordar e desenvolver interpretações que explorem possíveis associações, presentes nas páginas da Revista, entre o anticomunismo que causou grande movimentação no decorrer do período ditatorial, sendo fortemente evocado novamente na década de 2010, orientações derivadas de princípios religiosos e as referências expressas pela Revista a respeito de grupos políticos atuantes em nível estatal enquanto aliados ou “inimigos” nessa empreitada contra o comunismo no Brasil.

Com isso, propõe-se pensar epistemologicamente aparatos teórico-metodológicos de reflexão sobre os elementos e as manifestações que apresentam características, em certa medida, opressoras, explorando a possibilidade de que as

correntes de pensamento desenvolvidas no decorrer das atividades da Revista apresentem convergências para outros grupos políticos e algumas de suas medidas, sendo essas correntes de pensamento como invólucros que legitimam ações violentas quando orientadas para o fim de “proteção” com relação ao “inimigo” projetado no comunismo.

Nesse sentido, são relevantes as considerações de Motta (2000) sobre esse combate ter apresentado “grandes ondas” ao longo da história, as quais caracterizaram a repressão política em diferentes momentos da história do país. O autor destaca os anos de 1935 a 1937 (período do “Estado Novo” de Getúlio Vargas), de 1946 a 1948 (período de redemocratização brasileira após a 2ª. Guerra Mundial) e o “grande surto” de 1961 a 1964 (período pré-golpe militar).

Nessa “empreitada”, não se engajaram somente setores políticos, mas também grupos da sociedade civil, como aqueles envolvidos com a Catolicismo e que, mesmo com o fim do último período apontado pelo autor, seguiram com suas atividades, expressando-se sobre a importância de se vigiar e combater o comunismo. Esse fator ventilou a possibilidade de se pensar, inclusive, um processo de pensamento conservador que se associa com o grupo chamado “Sociedade Brasileira da Tradição, Família e Propriedade”, cujas manifestações são realizadas em grande medida por meio das páginas da Catolicismo.

Para alcançar esses objetivos e trabalhar com o objeto desta pesquisa, foram elaboradas **perguntas** a seguir.

- É possível pensar, a partir das manifestações desses grupos civis, a existência de matrizes cristãs conservadoras?
- Essas matrizes relacionam quais elementos de ordem política e religiosa em cada período?
- Esses elementos estabelecem associações com os grupos políticos atuantes no poder estatal?
- Quais são os elementos convergentes e divergentes entre os discursos apresentados nas páginas da Revista entre os diferentes períodos?
- As matrizes de pensamento associam posicionamentos, lutas e identidades religiosas às ações de grupos políticos?

É importante salientar que, ao se fazer o uso da palavra “autoritário”, a presente pesquisa não se refere a um regime político específico e não pretende

debater os processos e operações mentais por trás daquilo que é considerado autoritário. O termo é aqui utilizado na forma de um adjetivo, que se refere à característica de um tipo de autoridade que se utiliza de meios impositivos e que pode desenvolver medidas até mesmo de caráter violento, conforme os seus desígnios e objetivos.

Por exemplo, ao falar de como, na Ditadura instaurada em 1964, o regime se empenhava na busca de um consenso sobre os valores que deveriam nortear todos os grupos, Rezende (2013) destaca que houve uma intensa busca por legitimidade que se debatia na procura por meios de obediência, adesão e aceitabilidade para as formas de ação, crenças e valores propaladas pelos grupos militares (envolvidos com o golpe) e, ao pressupor uma identificação total entre os anseios da população geral e os do regime, aquilo que estava fora desse limite deveria ser repellido ou eliminado, o que acarretou na repressão de grupos sociais que se negavam a se identificar com esse “consenso”.

Com bases nessas considerações, as **hipóteses prévias** que responderiam a essas perguntas, já no processo de construção do projeto da pesquisa, apresentado à seleção de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, foram elaboradas da seguinte forma:

- 1) Aponta-se a existência de um processo de pensamento conservador que se desenvolve historicamente em diálogo com grupos sociais e de forma interligada com elementos relativos à conjuntura político-social e cultural de cada período histórico, que, portanto, compõem suas fases de desenvolvimento.
- 2) Nesse processo, configuram-se correntes de pensamento conservadoras e, mediante um diálogo com grupos civis religiosos (Revista Catolicismo), derivam matrizes de pensamento cristãs conservadoras presentes em diferentes períodos históricos, assim como discursos que relacionam o anticomunismo e componentes do cristianismo a ações de grupos políticos, visando intervenções que abarcam o nível estatal e, por extensão, a vida privada.
- 3) Considerando a composição dessas matrizes de pensamento, os conteúdos veiculados pelo grupo civil selecionado podem apresentar convergências para certos aspectos associados a grupos políticos. Esses aspectos podem convergir para meios violentos, baseados em um imaginário de ameaça

comunista que emergiu fortemente na esfera pública nos períodos citados e se faz presente no decorrer das manifestações elencadas nas páginas da Revista.

Com o desenvolvimento da análise, foi possível chegar a uma **quarta possibilidade**: a existência e o desenvolvimento histórico de um processo de pensamento conservador que está associado com os próprios grupos envolvidos com o Catolicismo, carregando, então, suas próprias visões de mundo, conceitos e objetivos, que dialogam com a conjuntura política mais ampla, vendo e apresentando-a pelo prisma de suas interpretações particulares de cunho religioso, conforme seus interesses, em sua busca da preservação de uma “sociedade cristã”, que tem o combate ao comunismo como um elemento chave.

1.3 Delimitação do problema de pesquisa

Com base nas pesquisas realizadas na área e nas contribuições esperadas com esta pesquisa para o campo de estudos sobre as manifestações do pensamento conservador no Brasil e seus diálogos com grupos religiosos, buscou-se desenvolver uma proposta de leitura da realidade social brasileira que explorasse as relações construídas por grupos civis entre elementos religiosos, enquanto construtores de suas percepções da realidade social e de suas formas de representar/apresentar elementos referentes à cena política brasileira, com relação a temas como o comunismo, visto como uma ameaça, e à presença e atuação de grupos políticos engajados em seu combate. Esse processo foi pensado segundo os grupos civis religiosos selecionados para a realização desta pesquisa, no que se refere às suas manifestações elencadas consciente e propositalmente nas páginas da revista.

Com isso, explora-se a percepção dos elementos religiosos enquanto, também, componentes das visões de mundo¹³ derivadas desses grupos no modo como pensam a realidade social e política, explanadas por meio de elaborações e manifestações contidas em suas publicações e produções. A presente pesquisa se propõe a refletir sobre esse processo, entrelaçado às elaborações que são apresentadas por esses grupos sobre questões que abrangem o âmbito político e chegam ao debate sobre o comunismo e suas “consequências”, conforme construídas discursivamente pelos grupos religiosos.

Conforme Ianko (2015), nas primeiras décadas de publicações pela revista,

¹³ O conceito de visões de mundo aqui mobilizado diz respeito às elaborações de Karl Mannheim.

havia diversos grupos católicos e não católicos engajados em expressar abertamente sua luta contra o comunismo, bem como “denunciar a infiltração comunista nos setores do catolicismo vinculados e simpatizantes da guinada social, em voga naqueles tempos” (IANKO, p.20, 2015). Entre esses, estavam os membros que atuaram na fundação da Revista Catolicismo e, depois, da TFP, que compuseram figurações de indivíduos engajados nessa “causa” e que, posteriormente, teriam desdobramentos em outros grupos sociais, que viriam também a se manifestar por meio das páginas da revista nas décadas seguintes, mantendo, apesar das mudanças e novas nuances, o fio condutor do anticomunismo, rememorando também as falas de Plínio Correia de Oliveira¹⁴ e buscando lhe atribuir atualidade.¹⁵

Ainda que as manifestações desses grupos (na Revista Catolicismo) sejam uma amostra da realidade social e direcionem seus dizeres para seu próprio público (como círculos de intelectuais católicos), suas elaborações são representativas da realidade social, das “leituras” feitas por esses grupos e, por meio deles, é possível aprofundar reflexões sobre o anticomunismo e o pensamento conservador (em seu desenvolvimento no Brasil por grupos sociais civis), pois, conforme Ianko (2015), as manifestações de grupos civis religiosos, como aquelas veiculadas nas páginas da Revista Catolicismo, compõem uma faceta que contribuiu para a construção e para o estabelecimento do imaginário anticomunista no contexto político-cultural do Brasil.

Dessa forma, propõe-se refletir sobre possíveis interfaces identificadas entre as manifestações do pensamento conservador desses grupos civis religiosos e seus desdobramentos em posteriores grupos envolvidos com os processos editoriais da revista, para desenvolver uma interpretação que explore a forma como, nas

¹⁴ Por exemplo, na edição nº 886 de 2024, a capa da revista apresenta ao leitor uma foto de Oliveira junto da manchete: “Plínio Correa de Oliveira: Farol que continua orientando o bom combate contrarrevolucionário” (CATOLICISMO. Capa. In: Revista Catolicismo, nº886, 2024. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0886/P01.html>>). Para maiores informações, sugerimos a leitura da matéria “Universalidade e atualidade da missão de Plínio Corrêa de Oliveira” de Juan Miguel Montes, disponível da página 27 até a 40 dessa edição.

¹⁵ A título de exemplo: “Plínio Corrêa de Oliveira não está mais entre nós desde o dia 3 de outubro de 1995. Mas, perguntamos, poderiam seus discípulos abandonar a escola de militância contrarrevolucionária por ele criada e por ele elevada a uma indiscutível repercussão mundial? Poderiam seus discípulos apagar aquela chama de fé e coragem que desde o território brasileiro iluminou o planeta? Certamente não! Principalmente se considerarmos que, desde o seu falecimento, a Revolução intensificou muito a sua ofensiva para demolir a Igreja e a civilização por Ela inspirada. Pensemos apenas no que se faz contra a família natural — essa família que Engels, cofundador com Marx do comunismo, afirmava ser o maior obstáculo para impor a nova sociedade comunista. Hoje a defesa da família é o campo de batalha mais acirrado da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução” (MONTES, J. M. Universalidade e atualidade da missão de Plínio Corrêa de Oliveira: Após o falecimento do Prof. Plínio, sua luta continua. In: Revista Catolicismo, nº886, 2024, p.36. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0886/P01.html>>)

publicações, esses grupos religiosos, em diferentes décadas, expressam intencionalmente visões de mundo acerca dos rumos políticos do país, delineadas conforme os períodos selecionados, mas mantendo elementos em comum com outrora.

Para tal, foram elaboradas questões a seguir.

- Qual a relação entre os discursos religiosos difundidos, a projeção de movimentos conservadores e as reações contra mudanças políticas e sociais expressas nas páginas da *Catolicismo*?
- Essas manifestações apresentam elementos suficientes, preservados no decorrer das décadas, ainda que com novas condições histórico-políticas e adaptadas à conjuntura da contemporaneidade, de modo que possibilitem refletir sobre a composição de matrizes de pensamento derivadas e perpetuadas por esses grupos?

1.4 Introdução ao Campo de Pesquisa

Em leituras e levantamentos realizados a respeito do tema¹⁶, foi possível verificar as produções que abordam, analisam e exploram manifestações de formas de pensamento conservador a partir de alguns dos grupos civis cristãos atuantes na conjuntura política e histórica brasileira, enquanto produtores e organizadores de revistas, conteúdos e folhetins.

Essas pesquisas concentram-se principalmente nas décadas de 1910 a 1950 e, ainda que localizadas pesquisas relativas às décadas posteriores, foi possível identificar a ausência de produções que refletem sobre composição e a elaboração conceitual de matrizes de pensamento cristãs conservadoras e do processo de pensamento conservador desenvolvido ao longo das décadas nas páginas da *Revista Catolicismo*.

O levantamento bibliográfico realizado possibilitou o aprofundamento nos estudos e na leitura das produções bibliográficas da área de estudos relativos ao pensamento conservador no Brasil e suas manifestações a partir de grupos civis religiosos envolvidos com a publicação e difusão de conteúdos e revistas de orientação cristã. Também possibilitou o contato com teses e dissertações que, em

¹⁶ No Google Acadêmico, Scielo e no Catálogo e no Banco e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

sua maioria, foram produzidas para programas de pós-graduação em história ou história social.

As pesquisas são apresentadas em subtópicos, organizados seguindo uma lógica temática e por área de pesquisa, marcadores que guiaram e orientaram a busca pelas referidas obras.

1.4.1 Campo e procedimentos de pesquisa: relações entre anticomunismo, política e grupos religiosos no Brasil

No decorrer da pesquisa, destacaram-se produções que abordam temas relativos a política, anticomunismo, Igreja Católica e/ou grupos civis ou personalidades de orientação declaradamente cristã (CORDEIRO, 2008; IANKO, 2010; IANKO, 2015; GROppo, 2007; PEREIRA, 2010), com base em estudos de diversos periódicos, com seus próprios procedimentos de pesquisa. Há aqueles que abordam a Revista Catolicismo (IANKO, 2010; IANKO, 2015; MEDEIROS, 2004¹⁷) e outros, como é o caso da Revista e/ou o Grupo Permanência (BARCELLOS, 2013; NIERO, 2017; SOUZA, 2012; SOUZA, 2019).

A dissertação apresentada por Groppo (2007) ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo tem como foco as bases do anticomunismo católico brasileiro na década de 1930 e como fonte principal a revista *A Ordem*,¹⁸ considerada um dos principais veículos de divulgação do pensamento conservador, compondo parte da gênese do anticomunismo católico no Brasil. Para a autora, a revista subsidiou a construção, reelaboração e dinamização de estereótipos e arquétipos sobre os inimigos da Igreja, entre os quais o comunismo (GROppo, 2007, p.05). Por essa razão, é uma das produções que compõem o escopo de leitura da presente pesquisa, que busca contemplar o estudo de matrizes cristãs conservadoras em décadas posteriores e que se estendem para a contemporaneidade.

A produção de Groppo (2007) busca as origens do anticomunismo católico no Brasil no contexto histórico de seu surgimento, nas matrizes do pensamento conservador, na posição da Igreja Católica e na atmosfera relacionada à política na

¹⁷ A referida dissertação se liga ao campo de estudos de linguística e analisa os discursos presentes nas revistas *Catolicismo* e *Caros Amigos* sobre o Fórum Social Mundial.

¹⁸ De acordo com Groppo (2007), a revista foi fundada em 1921 e apresentou um marco na aglutinação de uma elite intelectual católica laica, a partir de Jackson de Figueiredo e do Centro Dom Vital.

década de 1930, uma vez que, posteriormente, há mudanças nas diretrizes ideológicas de parte dos articulistas da revista.

Nesse sentido, tem-se também a dissertação de Pereira (2010), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, que estuda o anticomunismo católico no Brasil entre 1935 e 1937, contemplando o eixo temático religião e política articulados com o estudo das produções dos periódicos *O Santuário*¹⁹ e *A Ordem*. O autor objetivou resgatar uma parte da construção do discurso anticomunista católico e suas nuances ao retratar o comunismo e os comunistas, além de estudar o engajamento político da Igreja no Brasil.

O autor apresenta uma reflexão em que aponta a presença de relações entre grupos católicos e acontecimentos de caráter histórico e político, dos quais esses grupos se valem para reafirmar seu compromisso com o anticomunismo. Dessa forma, ele explora que o anticomunismo serviu como uma das principais bandeiras utilizadas para aglutinar a intelectualidade católica, permitindo a sua atuação no processo político do período.

1.4.2 O Pensamento Conservador e os Intelectuais Associados a revistas e folhetins católicos como a Permanência e a Catolicismo

A tese apresentada por Barcellos (2013) ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro compõe o corpo bibliográfico de abordagem de questões históricas elencadas nesta tese, uma vez que apresenta como foco a obra de Gustavo Corção, um dos líderes do grupo Permanência. A produção trata dos eventos ocorridos entre as décadas de 1960 e 1970 que culminaram na fundação do movimento e da Revista Permanência.

A tese elaborada por Souza (2019), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de São Paulo, discorre sobre a trajetória intelectual dos líderes do grupo Permanência (Gustavo Corção e Julio Fleichman) ao longo dos anos de 1975 e 1989, compreendendo que tiveram como objetivo, no período, apresentar um projeto de poder mediante a articulação entre os intelectuais católicos e a elite civil-militar brasileira. Para o autor, ambos foram mediadores de um projeto político e cultural anticomunista que concorreu para a

¹⁹ O jornal *O Santuário* é um órgão oficial da Basílica Nacional, localizada em Aparecida-São Paulo.

construção de uma memória sobre a ditadura que ainda hoje consta no imaginário político brasileiro. A elaboração da presente pesquisa é também atravessada pela leitura da referida tese, uma vez que busca contemplar as publicações da revista associada a esse grupo integrista.

A dissertação de Foresti (2013), do Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por sua vez, aborda o discurso de Plínio Corrêa de Oliveira referente à sua produção dos anos 1968 e 1976. A pesquisa busca compreender o seu papel como líder religioso e ideólogo conservador, as estratégias de intervenção social da organização por ele fundada, as formulações de Oliveira sobre temas vigentes no período, como o comunismo e, ainda, as suas indicações de modos de agir que remetem a valores cristãos.

A dissertação apresentada por Macedo (2005) ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília aborda representações da Igreja Católica e do catolicismo no Brasil entre 1960 e 1980. Com base na análise de discurso, o pesquisador buscou observar as ressonâncias do Concílio Vaticano II no Brasil e como os argumentos de atores que marcaram a oposição de ideias na Igreja foram construídos, assim como as orientações desses discursos e suas condições de produção histórica.

Para a autora, os discursos tendem a reproduzir matrizes cujos sentidos têm como suporte as representações do catolicismo no Brasil, que são atravessadas por questões de poder. Ela versa, também, sobre as representações da Igreja Católica e do catolicismo no país, observando como apareciam nos discursos vigentes e analisando os argumentos de duas vertentes: a primeira advinda da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a segunda composta por intelectuais²⁰ contrários à abertura da Igreja, como a Tradição, Família e Propriedade, com destaque para as obras assinadas por Plínio Corrêa de Oliveira e Gustavo Corção.

1.4.3 Teses e Dissertações sobre discursos católico-cristãos e seus diálogos com o anticomunismo

Também foram identificadas produções que têm o seu foco nos discursos católicos e cristãos, como é o caso da tese elaborada por Costa (2010) para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, que

²⁰ Macedo (2005) também cita Dom Antônio de Castro Mayes e Dom Geraldo de Proença Sigaud, entre outros.

aborda a mudança de sentido no discurso político-social católico no Brasil a partir da análise de publicações da revista *A Ordem* entre os anos de 1931 e 1958.

A dissertação defendida por Ianko (2010), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por sua vez, tem como foco o discurso anticomunista católico presente em contextos históricos de crises políticas no Brasil (como aquela que culmina com a deposição de João Goulart em 1964) e na Argentina (aquela que resulta na deposição de Arturo Illia em 1966) a partir do estudo da grande imprensa de Porto Alegre, com o *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* e, em Buenos Aires, *La Razón* e *Clarín*, de 1961 a 1967. O autor pensa a influência, o apoio e a participação de católicos nos golpes militares e contempla as relações entre política e religião, no sentido de pensar as reestruturações do discurso anticomunista católico com base na representatividade da presença de grupos militares no poder.

Já a tese apresentada por Ianko (2015) ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul analisa o discurso anticomunista difundido pelas revistas *Catolicismo* e *Cruzada* na conjuntura da década de 1960. Segundo o autor, o comunismo foi um dos principais inimigos desses grupos no referido contexto. Nesse sentido, o anticomunismo seria uma regularidade discursiva que promoveu normatizações, práticas e regulações, o que, no momento da crise política em 1960, produziu condições para a formação de um imaginário anticomunista no Brasil e na Argentina. A tese em questão buscou,

[...] Como objetivo primordial, apresentar como se deram as diversas investidas desses Grupos na conjugação da formação do imaginário anticomunista, cuja influência foi de fundamental importância nos debates e disputas daqueles anos, demarcando e justificando algumas das ações de matriz conservadora e autoritária que se interpuseram no espectro político de ambos os países (IANKO, 2015, p. 345)

A dissertação elaborada por Souza (2012), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, teve como objeto os artigos das revistas *Hora Presente* e *Permanência*, por meio dos quais analisou os conflitos políticos e teológicos da Igreja Católica no Brasil. Em sua pesquisa, compreende que ambas refletem o pensamento desses grupos do integrismo católico e se volta para a análise dos discursos antiprogressistas, anticomunistas e antimodernistas, buscando uma apreciação sincrônica de eventos e

elementos que remetem à atuação da instituição entre 1968 a 1974.

Por fim, na área das Ciências Sociais, encontrou-se a dissertação de Niero (2017), pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que se volta para a revista Hora Presente e para o papel de intelectuais católicos conservadores a partir do Concílio do Vaticano II (1962 a 1965). Enquanto um estudo de caso desses intelectuais integristas ligados à revista, a autora trabalhou sobre o recorte temporal de 1968 e 1978. Apesar de também citar a Revista Catolicismo e abordar a Permanência enquanto publicações ligadas ao Integrismo no Brasil, a referida dissertação volta-se para a revista Hora Presente e fala sobre a produção de intelectuais católicos na contemporaneidade e suas descontinuidades e permanências, evidenciando acontecimentos atuais da Igreja Católica.

É importante ressaltar que alguns dos estudos apresentados até aqui abordam também diversos grupos católicos e cristãos e seus diálogos, por exemplo, o anticomunismo e as formas de pensamento derivadas de grupos políticos atuantes no poder estatal em diferentes períodos históricos. Como se trata de temas centrais para a presente pesquisa, optou-se por descrever as suas contribuições com maior profundidade no Capítulo 2, no qual também é iniciada a abordagem de algumas publicações feitas e, ainda, algumas considerações teórico-metodológicas que embasam a interpretação das fontes documentais e favorecem o desenrolar dos objetivos a serem concluídos.

1.4 Contribuições do campo de pesquisa

As pesquisas citadas até aqui se relacionam com a proposta desta tese e com a revista estudada, pois abordam e desenvolvem interpretações relacionadas às manifestações de grupos religiosos, cada qual com seu recorte e sua proposta teórico-metodológica de leitura das situações que investiga, como é o caso da efervescência do anticomunismo no Brasil no século XX e das mudanças políticas e intervenções militares, considerando a convergência de suas atuações contra um “inimigo” em comum, identificado no comunismo/socialismo/esquerda ou elementos que a esses apareçam associados.

Nesse sentido, destaca-se a pesquisa desenvolvida por Rodeghero (2002), que pensa a existência de um anticomunismo católico no Brasil, que, além do combate a esse inimigo, congrega também elementos de origem religiosa. A autora aponta a existência de discursos de origem religiosa, advindos de grupos civis e indivíduos

adeptos, que dialogavam com a ideia de existência de ligações entre o catolicismo, o patriotismo e o anticomunismo, conjugadas na noção do “bom brasileiro”, que aparece em falas e imagens, conforme uma identidade de combate a elementos relacionados ao comunismo.

De acordo com a autora, no Brasil, essa combinação visava demonstrar que, sendo o país um território de forte tradição católica, um país cristão, isso o tornava “forte” contra o “vírus” comunista, e aqueles aqui nascidos, quando “bons brasileiros”, teriam maiores chances de ser anticomunistas. Em contrapartida, quem professasse o comunismo seria considerado como traidor da pátria, defensor de ideias “exóticas” e, então, mau brasileiro.

Entre os grupos que elaboravam e difundiam materiais que mobilizavam essa tríade, estão aqueles relacionados à Revista Catolicismo, que, atuando há pouco mais de 70 anos, apresentou uma variedade de indivíduos envolvidos em seus processos editoriais e em suas publicações, então elencou diversos conteúdos sobre vários temas e em conjunturas diferentes.

Ainda nesse sentido, é importante destacar algumas considerações de Ianko (2010), que explora a contribuição de grupos religiosos católicos nos golpes militares, trazendo à luz e explorando as dimensões que podem assumir as relações entre política e religião quando se trata de discursos anticomunistas.

Em sua tese, Ianko (2015) observa como a Revista Catolicismo, em sua regularidade discursiva sobre o anticomunismo e em suas investidas na conjugação e na formatação do imaginário anticomunista, foi de fundamental importância para os debates e disputas ocorridos na década de 1960, chegando até a embasar algumas das ações de matriz conservadora no espectro político brasileiro.

Nas publicações da Catolicismo em 1964, são explícitas as referências ao compromisso com o combate ao comunismo, bem como se identifica uma associação entre esse posicionamento e as intervenções militares no cumprimento desse objetivo:

[...] Catolicismo se apraz em saudar de público as Autoridades constituídas no País em consequência da queda de Jango Goulart e da eleição de novo Presidente da República. De modo especial, apresenta suas homenagens ao ilustre cabo de guerra Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, sobre cujos ombros pesa a grave e nobre responsabilidade de levar a termo a tarefa do expurgo anticomunista, e a reorganização do País em bases [...] cristãs. [...] Catolicismo não precisa dizer até que ponto apoia os expurgos anticomunistas. (CATOLICISMO. Revolução anticomunista, glória do povo

brasileiro. *Revista Catolicismo*, n° 161, p. 05, maio de 1964).²¹

Em publicações posteriores da revista, constata-se que, mesmo no período que engloba a abertura política no país, permanecem discursos que evidenciam a importância da atenção e de cuidados com relação à “esquerda”, conforme concebida por seus autores. No que tange à edição de uma obra pela TFP, por exemplo, os títulos das partes do livro fazem alusão ao tema. De acordo com a matéria, a primeira parte do livro é denominada “Reforma socialista e confiscatória – considerações doutrinárias, com autoria de Oliveira”. Além de resistências a mudanças na questão agrária, é evidenciada também uma alusão às transformações na conjuntura política:

A propriedade privada e a livre iniciativa, no tufão agro-reformista é a obra que a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - TFP - acaba de editar. Abordando com clarividência e profundidade o candente tema da Reforma Agrária proposta pelo Governo Federal, **o estudo está destinado a alcançar expressiva repercussão junto à opinião pública. [...] Quando o País inteiro vai entrando nas grandes controvérsias sobre matérias doutrinárias, técnicas e outras, preparatórias da eleição dos constituintes da Nova República**, este livro de defesa da propriedade individual e da livre iniciativa - e das respectivas funções sociais - escrito com base nos ensinamentos tradicionais do Supremo Magistério Eclesiástico, só pode ser útil (CATOLICISMO. Apresentação. *Revista Catolicismo*. n° 415-416, p. 02-03, jul-ago de 1985, grifo nosso)²².

No trecho acima, são destacadas não só a busca por intervenção e “margens de ação” do grupo na realidade social, mas também menções a controvérsias doutrinárias relacionadas à eleição dos “constituintes da Nova República”. Compreende-se, seguindo a proposta teórico-metodológica do presente estudo, que essas referências possuem relações com as mudanças que se delineavam com a abertura política e a possibilidade de atuação política de grupos de variadas orientações, diferentes dos grupos militares. Tendo por base as considerações de Mannheim (1981), a leitura da matéria evidencia um diálogo com correntes de pensamento derivadas da atuação dos segmentos militares anteriores e também caracteriza uma possível reação conservadora às mudanças políticas que se formavam.

Ainda nessa linha, Ianko (2016) aborda também a vigilância enquanto algo recorrente nos discursos da revista, no que se refere a qualquer elemento associado

²¹ Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/acervo/num/0161/P08.html>>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

²² Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0415-416/P02-03.html>>. Acesso em: 08 de outubro de 2021.

ao comunismo. Conforme o autor, a vigilância constante em relação ao comunismo é desenvolvida nas páginas da revista como imperativa na década de 1960. Ao que se pode constatar, é um elemento que não se perdeu com o passar do tempo, apesar das mudanças históricas e sociais, pois, em publicação no período eleitoral de 2018, tem-se o seguinte:

Os brasileiros sentiram-se agredidos por uma ideologia anticristã, o comunismo, condenado reiteradas vezes pelos Papas. [...] No dia 28 de outubro os brasileiros irão novamente às urnas para escolher o seu chefe de Estado. O resultado desta eleição decidirá se o Brasil resvalará ou não para o comunismo. Não permitamos que o PT volte ao poder e consuma sua obra nefasta, pois: [...] ·O PT contará com o apoio da nefasta “esquerda católica” (religiosas, sacerdotes, e até bispos progressistas, que aplicam dentro da Igreja os mesmos erros que o comunismo impõe na sociedade civil). (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº815, p.12-13, 2018)²³.

Embora a conjuntura seja diferente, o inimigo ainda é o comunismo, assim como também se mantém a mobilização de um discurso que associa uma cosmovisão do “ser cristão”, com a responsabilidade política e o combate ao comunismo, o que, nesse caso, implicaria o uso do voto para decidir pelo outro candidato, eleito presidente da república em 2018, com discursos que, ocasionalmente, faziam alusão a grupos ou a figuras atuantes na Ditadura Militar.²⁴

Em sua dissertação, Macedo (2005) destaca que o forte discurso de oposição à abertura da Igreja apresentado por alguns intelectuais, como Plínio Corrêa de Oliveira e Gustavo Corção, relacionados às revistas Catolicismo e Permanência, respectivamente, ecoou não só na sociedade, mas também na esfera estatal. Com isso, é possível destacar a percepção da existência de relações recíprocas entre as esferas política e religiosa, não sendo, portanto, uma relação engessada e vertical, e a existência de outros grupos e intelectuais, para além daquele ligado à Catolicismo no período, que seguiam engajados no combate e vigia ao comunismo.

As contribuições da autora evidenciam também questões relativas à abertura política no país, pois ressalta que Geisel tinha como metas, além da diminuição do poder da “linha dura”, o combate à subversão, o que explica o fato de

²³ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0815/P12-13.html>>. Acesso em: 08 de outubro de 2021.

²⁴ Exemplos podem ser observados antes de 2018. A título de exemplo, no ano de 2016, o referido político, em votação favorável ao Impeachment da então presidente Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores), evocou a memória da atuação de um ex-coronel condenado pelo crime de tortura na ditadura militar. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional/>>. Acesso em 31 de outubro de 2021.

a abertura política não representar, de fato, uma transição para a democracia.

Tomando o raciocínio apresentado por Mannheim (1981) sobre o romantismo, visto como um oponente histórico das novas formas de vida derivadas do desenvolvimento capitalista,²⁵ buscando as conexões entre o clima mental de uma época, os grupos sociais e as formas de pensamento, compreende-se que, com a abertura política brasileira, ainda que elementos do governo militar e das correntes de pensamento a ele associadas possam ter sido levemente retirados da vida pública, continuaram como “sementes” em âmbito privado, nos referidos grupos religiosos, posteriormente trazidos por eles à superfície, incorporando outros elementos da nova conjuntura sociopolítica da década de 1970, período histórico que marca a fase contemporânea do processo de pensamento conservador.

Para Macedo (2005), com as contradições do governo Geisel, havia estranhamentos nas relações entre Igreja e Estado, e, ainda que alguns setores da Igreja engajassem atuações de caráter progressista, intelectuais como Oliveira e Corção reservavam as suas críticas tanto a documentos,²⁶ quanto à gestão de Figueiredo, pois “a chamada “linha dura” insistia em suas atividades repressivas” (MACEDO, 2005, p. 92). Durante o período em que estava em evidência o modelo de Igreja Popular, Corção tecia suas críticas e “reivindicava uma identidade “verdadeira” para a sua Igreja” (MACEDO, 2005, p. 93), o que incluía a rejeição a elementos associados ao comunismo.

A pesquisa da autora aborda produções da Permanência, no período indicado. Essa é outra revista que se manifestava contra o comunismo e que esteve ativa na década de 1960, evidenciando a existência também de outros agentes civis e meios impressos declaradamente religiosos que compartilhavam da luta contra o comunismo no Brasil. Conforme a análise dos discursos e significados desenvolvida pela autora, a interpretação de Corção para o não dito era a de que existia uma complacência perigosa, que poderia significar uma concordância com outro “modelo” de Igreja, definido por ele como um catolicismo sem combate nem inimigos e, assim,

²⁵ De acordo com Mannheim (1981), essas novas formas de vida não atingiram socialmente a todas as camadas de forma igualitária. Assim, as relações anteriores foram impelidas à periferia da vida capitalista, mas continuaram presentes no âmbito privado da vida de alguns grupos sociais, como germes do antigo modo de vida, que foram apossados pelo romantismo.

²⁶ A autora cita o documento Comunicação Pastoral do Povo de Deus (1976), que narrava acontecimentos envolvendo o aparelho repressivo e membros da Igreja Católica. Segundo Macedo (2005), Oliveira criticou duramente o documento, que, para ele, estimulava a disseminação de ideias marxistas sobre a luta de classes.

sem necessidade do Sinal da Cruz.

Um exemplo disso pode ser observado no seguinte trecho:

Queria agradecer as palavras que o senhor me dirigiu por causa do meu artigo defendendo o Movimento militar de 1964 que salvou o Brasil do comunismo. De fato, os livros que nossos oficiais da reserva têm escrito mostram ao povo brasileiro não somente a bravura dos nossos soldados, que deram suas vidas pela Pátria, como também a crueldade, a maldade e a traição que os terroristas usaram, quando ainda não estavam no poder, para impor ao Brasil sua ideologia de morte e escravidão. (Carta aberta ao meu general. Permanência. *Dom Lourenço Fleichman*, p. 01, 2007).²⁷

Assim como Oliveira, Macedo (2005) apresenta uma leitura dos eventos em que Corção, no período em que se desenvolvia a abertura política, também persistia em apresentar críticas à CNBB e às práticas da Igreja favoráveis às “ideias comunistas” e hostis aos governos que “ousavam praticar a política de repressão dessa perversidade” (MACEDO, 2007, p.95).

Para a autora, os grupos religiosos que assumiam o modelo progressista passaram a perder força à medida que o processo de abertura política avançava, possibilitando a reorganização de partidos políticos e de movimentos sociais. Barcellos (2013), nesse sentido, observa que, com o enfraquecimento dos grupos militares no poder, os “inimigos” foram perdendo espaço e força, mas é feita uma leitura que também delinea não o encerramento, mas a dormência desses inimigos no imaginário político brasileiro por algumas décadas, e seu posterior despertar em tempos atuais.

As observações feitas pelo autor em 2013, ainda que apontando um “enfraquecimento”, convergem para a ideia de que os períodos posteriores à Ditadura Militar possibilitaram que essa noção do inimigo a ser combatido permanecesse, embora de modo adormecido.

A partir dessas considerações iniciais, foi possível explorar alguns elementos que nortearam a pesquisa: A) Empenho e estratégias discursivas para se comunicar com o público leitor, buscando margens de intervenção na realidade social e na opinião popular; B) A preservação e o imaginário do “dever” de combate ao inimigo comunista em associação ao “ser cristão”; C) Evidenciou-se que, mesmo com a abertura política, essas noções foram conservadas por grupos religiosos.

A revisão bibliográfica e a pesquisa documental eletrônica possibilitaram o

²⁷ Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/5172>>. Acesso em: 07 de outubro 2021.

contato com a presença, tanto no interior da instituição como em grupos civis religiosos, de diferentes formas de pensamento conservador (e progressista). Entre eles, encontram-se o diálogo com noções da ditadura e buscas pela proteção da ordem social contra o perigo comunista, visto como algo que não se perdeu após a abertura política.

Dessa forma, infere-se que os grupos envolvidos com os processos editoriais da revista *Catolicismo* expressam discursos que preservaram noções conservadoras com o passar do tempo, colocando-as novamente em evidência na conjuntura das eleições da década de 2010, dando novo fôlego ao debate anticomunista e ao compromisso político do “ser cristão” nessa luta.

Contudo, seguindo a proposta de desenvolver uma análise que tem sua face histórica, não seria viável tratar a Revista *Catolicismo* como um bloco que apresentou sempre os mesmos fatores e da mesma forma. Afinal, na atualidade, a revista já tem mais de sete décadas de história, fator que aponta para uma variedade de movimentos, mudanças, manutenções e diálogos ao longo dos anos.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica foi fundamental para trazer considerações tanto sobre a atuação de Oliveira quanto sobre as atividades empreendidas pelos grupos envolvidos com a catolicismo com o passar dos anos.

Zanotto (2003) destaca que a Revista *Catolicismo* foi o meio de difusão das ideias de Plínio Corrêa de Oliveira, seu inspirador e orientador, e, ainda que o objeto da pesquisa não seja especificamente o autor, para abordar as manifestações que constam nas páginas da *Catolicismo*, é necessário falar, também, de Oliveira.

De acordo com Zanotto (2003), esse intelectual percorreu um longo caminho de militância religiosa, que apresentou mudanças de rumo especialmente por ocasião de a Igreja Católica ter adotado novos rumos após o Concílio Vaticano II, quando “a corrente que preconizava a valorização do laicato tornou-se preponderante” (ZANOTTO, 2003, p.08). Plínio se insere em um movimento de intelectuais conservadores que reagiu de forma questionadora a essas mudanças.

Nascido em 1908, na cidade de São Paulo, Oliveira se formou, em 1930, em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, mostrando, desde cedo, seu interesse por religião e por filosofia. Em 1933, foi eleito para a Assembleia Federal Constituinte (foi o deputado mais jovem e mais votado no país) e, ao término do mandato, lecionou história na Universidade de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tendo sido um escritor, advogado, jornalista e

uma liderança católica, era muito ativo na imprensa. Dirigiu o semanário católico “Legionário” e, posteriormente, junto com outros sócios, fundou a revista *Catolicismo*.

Plínio empreendeu, no decorrer de sua trajetória, uma incansável luta contra o comunismo, que se refletiu em suas produções e nos diálogos estabelecidos com outros indivíduos, bem como nas páginas da *Catolicismo*. Essa luta esteve atrelada às percepções expostas intencionalmente pelo autor na Revista, aliada a temas como a deterioração da sociedade moderna dado o abandono das tradições, as investidas do comunismo no mundo todo, as aberturas de grupos sociais às diferentes esquerdas caracterizadas e identificadas por ele, entre outros.

De acordo com Zanotto (2010), Oliveira iniciou sua militância católica, na década de 1920, como integrante da Congregação Mariana na Paróquia de Santa Cecília. Sua empreitada em busca da restauração de uma Civilização Cristã foi algo que se estendeu até o fim de sua vida, aos 86 anos.

[...] Tendo participado ativamente de atividades de inspiração cristã, como a fundação da Ação Universitária Católica – AUC na Faculdade de Direito, onde estudava (1929); a criação da Liga Eleitoral Católica – LEC (1932); deputado federal na Assembleia Constituinte (1934-1937); diretor do jornal *O Legionário*, Órgão da Congregação Mariana de Santa Cecília transformado em porta voz oficioso da Arquidiocese de São Paulo (1933-1947); presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica Paulista (1940-1943); orientador e inspirador do mensário de cultura *Catolicismo* (fundado em 1951); fundador e presidente vitalício da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade TFP (1960-1995) (ZANOTTO, 2010, p. 89).

De acordo com Motta (2000), Oliveira teve participação importante no núcleo paulista da Ação Católica, do qual se afastou, na primeira metade da década de 1940, devido à emergência de tendências progressistas no seio dos movimentos católicos. Para o autor, Oliveira pode ser considerado conservador e tradicionalista e, após viver um momento de ostracismo, discordando de posturas renovadoras dentro de grupos da Igreja, reuniu um grupo de amigos e colaboradores, que também eram leigos católicos e apresentavam posicionamentos tradicionais frente às mudanças relacionadas à modernidade, e montaram uma sede em São Paulo para encontros regulares.

Na segunda metade da década de 1940, as tendências conservadoras voltaram a dar o tom na Igreja, sob a influência da guerra fria. A nomeação de Bispos conservadores para o Brasil foi recebida com euforia pelo grupo de Plínio Oliveira, que entendeu estar terminando para eles o “tempo das catacumbas”. A indicação de Dom Antonio de Castro Mayer para a diocese de Campos, ao lado de Dom Geraldo de Proença Sigaud um dos clérigos

mais próximos a Plínio Oliveira, abriu caminho para que o grupo ampliasse seu raio de influência além de São Paulo (MOTTA, p.188, 2000).

É importante ressaltar que Oliveira não foi o único envolvido na criação da Revista Catolicismo, nem foi seu único autor, apesar de ser o seu pensamento um dos “grandes nortes inspiradores” da revista. Havia uma equipe envolvida com a criação, edição e direção da Catolicismo, que, segundo Motta (2000), “sob os auspícios da diocese de Campos fundaram o mensário Catolicismo, cuja direção foi entregue a Oliveira (1951)” (MOTTA, p.188, 2000).

A Catolicismo foi fundada, em 1951, pelo então Bispo de Campos (Rio de Janeiro) D. Castro Mayer²⁸, que, segundo Bett (2015), articulou e forneceu orientações para a criação do “Grupo de Catolicismo”, composto inicialmente por membros e colaboradores do grupo Legionário, que já foi um órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo (1927 a 1947). A esse respeito, Mérida (2021) esclarece:

“Catolicismo” foi organizado pelo antigo grupo do semanário “O Legionário” (1927-1947), que foi um jornal católico da arquidiocese de São Paulo dirigido por Plínio entre 1933 e 1947, quando ele foi extinto por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890-1982). Desde que Dom Carlos assumiu a arquidiocese em 1943, havia uma animosidade entre ele e Plínio, padre Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) e padre Antônio de Castro Mayer, retratado neste trabalho como Castro Mayer. O encerramento das publicações do “Legionário” foi somente mais um episódio que cristalizou a tensão religiosa e política já anunciada desde há alguns anos por divergências ideológicas e diferentes formas de enxergar o mundo (MÉRIDA, p. 2-3, 2021).

Mérida (2021) destaca que, ao se tornar bispo e tomar posse da Diocese de Campos dos Goytacazes, Mayer atendeu ao pedido de Oliveira para fundar a Catolicismo, dando-lhe a função de editor-chefe. Conforme explica Bett (2015), a criação da Catolicismo respondeu à emergência do ideal tradicionalista e integrista posto em movimento no início do século XX. Esse movimento foi “encabeçado tanto por alguns atores que compunham os quadros hierárquicos do catolicismo quanto por atores que se engajaram nos quadros do apostolado dos leigos, inseridos na tentativa da Igreja no processo de recristianização da sociedade (BETT, 2015, p.60).

Para Bett (2015), Oliveira foi um dos principais atores nessa conjuntura,

²⁸ Antônio de Castro Mayer foi bispo católico da Diocese de Campos (Rio de Janeiro), cofundador da Sociedade Tradição, Família e Propriedade (TFP), da “Associação Cultural Monfort” e depois fundador e líder da “União Sacerdotal São João Maria Vianney”. Na década de 1970, foi uma figura destacada da resistência ao progressismo e à “modernização” teológica na Igreja Católica. Informações disponíveis em: <https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=482>.

sendo um leigo intensamente engajado em prol de uma causa na conjuntura do catolicismo no Brasil, que não era um meio homogêneo, mas composto por diversos setores. Oliveira teria sido responsável por elaborar, segundo o autor, um modelo de ação dos Leigos, concentrando seu ideal em algumas de suas obras²⁹, que, entre outros elementos, buscavam apontar e denunciar erros da atuação leiga, com foco no laicismo, no liberalismo e no igualitarismo.³⁰

Segundo o autor, o grupo envolvido com o “Legionário” passou por uma revitalização que derivou das promoções dos padres Mayer e Sigaud³¹ a bispo coadjutor de Campos e bispo de Jacarezinho, respectivamente. Com base nessas considerações, ele destaca que a Revista Catolicismo reuniu, em sua criação, importantes representantes do tradicionalismo católico nacional, tornando-se, também, um dos principais veículos de divulgação das ideias de ambos.

Bett (2015) descreve a Catolicismo como mais do que uma revista de cultura católica, pois serviu como um ponto de aglutinação do grupo que, posteriormente, fundaria a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). A Catolicismo se tornaria o meio de comunicação oficial da TFP somente na década de 1980, mas, juntas, marcaram a conjuntura da luta “contrarrevolucionária” no catolicismo brasileiro e, também, mundial, “sendo a bandeira anticomunista seu principal mote combativo” (BETT, 2015, p.61).

Segundo Motta (2000), a fundação da Catolicismo forneceu aos referidos autores e, posteriormente, à TFP, um âmbito redobrado, visto que “suas posições doutrinárias e políticas ganharam um veículo de divulgação” (MOTTA, p.188, 2000).

Essa informação reforça uma das noções consideradas pela presente pesquisa de que, apesar de mantida a coerência argumentativa nos discursos de Oliveira com o passar do tempo, a revista, ainda assim, passou por transformações

²⁹ “Em defesa da ação católica” (publicada na década de 1940) e “Revolução e Contra-Revolução” (década de 1950).

³⁰ Esses temas são abordados em maior profundidade no Capítulo 4 da presente tese.

³¹ Dom Geraldo de Proença Sigaud (nascido em Belo Horizonte, 1909 —1999) foi um religioso e bispo católico e Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Diamantina, em Minas Gerais. Foi Bispo da Diocese de Jacarezinho (1947-1961) e Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Diamantina (1961-1980). Atuou também como Professor Catedrático de Direito Escolar, Filosofia da Educação, História da Educação na Faculdade Sedes Sapientiae da Universidade Católica de São Paulo e Professor Catedrático de História da Filosofia na Faculdade de Filosofia em Jacarezinho. Sigaud era também uma personalidade focada no combate ao comunismo e às influências das ideias a ele associadas. Em colaboração com Oliveira, Mayer e Luiz Mendonça de Freitas, escreveu o livro “Reforma Agrária, Questão de Consciência”, que alertava para os potenciais perigos de uma reforma das estruturas sociais, que poderiam conduzir ao comunismo. Informações disponíveis em: <https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=3066 >.

com o passar dos anos. Considerando as suas atividades longevas, mais de um grupo de indivíduos circulou pela equipe editorial e de autores, logo houve mudanças conjunturais, políticas e sociais no Brasil, fator que também contribuiu para a possibilidade de “atualização” dos debates veiculados nas páginas da revista, que abordavam um grande leque de aspectos, interesses e opiniões dos autores nesses mais de 70 anos.

Por exemplo, em seus primeiros anos, a *Catolicismo* apresentava majoritariamente o aspecto de um jornal que tinha, em média, oito páginas. Na década de 1980, passou por uma atualização em sua estrutura, assumindo a forma de uma revista e passou a apresentar uma média de 40 a 50 páginas.

De acordo com Bett (2015), a *Catolicismo*, nas décadas de 1960 e 1970 (período estudado em sua pesquisa), foi uma revista muito estruturada institucional e graficamente e que não apresentou interrupções em suas publicações no referido espaço de tempo. Isso é algo que “também possibilita fornecer argumentos para sua credibilidade perante seus leitores” (BETT, 2015, p.67):

O número de matérias de uma edição girava, normalmente, em torno de seis a dez, incluindo as seções fixas. Entretanto, por vezes, a integralidade da Revista foi alvo de temas e conteúdos específicos, como, por exemplo, as edições que publicavam Cartas Pastorais (D. Sigaud e de D. Castro Mayer), livros e estudos de Plínio ou, até mesmo, matérias que registravam campanhas promovidas pelo grupo e pela TFP (campanha contra a legalização do divórcio, de 1966, por exemplo). Além dos já mencionados líderes do grupo de *Catolicismo*, diversos e numerosos foram os articulistas que imprimiram suas opiniões no periódico. No ano de 1963, por exemplo, o número de autores chegou a trinta e cinco, número que será, mais ou menos, repetido em outros anos, incluindo nesse bojo textos e documentos de pontífices (Leão XIII, Pio X, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI) (BETT, 2015, p.68).

Cabe ressaltar que, nos períodos selecionados para o recorte desta pesquisa, também foi possível apreender esse mesmo fator. Apesar de algumas edições terem sido publicadas de forma conjunta (unindo de duas a três edições), as publicações foram constantes e sem interrupções.

A despeito dos momentos de grande efusão do comunismo (Motta, 2002), a presente pesquisa compartilha da perspectiva apresentada por Bett (2015) de que as atividades do grupo da revista apresentaram um sentido de luta anticomunista predominantemente orientado por suas leituras pautadas em interpretações próprias, à luz da religião católica, que apresentavam o comunismo como uma ameaça extrema e constante, por vezes silenciosa e outras de forma mais explícita, em suas páginas

desde a sua criação. Esta pesquisa apreendeu que a regularidade dessa representação comunista como uma ameaça iminente seguiu, com o passar das décadas, apresentando seus lastros inclusive em períodos mais recentes (por exemplo, 2018).

Tal como observam Mérida e Silva (2021), o grupo dirigente da Catolicismo, em suas primeiras décadas, estruturou uma estratégia discursiva em que se propunha à formação teológica, religiosa, filosófica, política, econômica e cultural, tendo como eixo temático a recusa a quaisquer formulações derivadas.

[...] A partir do renascimento e por causa dele que corrompia a sociedade ocidental a partir do século XIV. As principais consequências desse pensamento renascentista eram a reforma protestante (1517); a revolução francesa (1789) e a revolução na Rússia (1917) (MÉRIDA, SILVA, 2021, p. 677).

Conforme as análises realizadas, foi possível perceber que os autores da Catolicismo, nas primeiras décadas, insistiram fortemente em apontar que as formas de pensamento e grupos sociais e políticos resultantes dessas revoluções objetivavam destruir a “sociedade cristã” e suplantá-la por seus “princípios” legados aos homens por Deus, atentando contra a propriedade privada, as tradições e contra a família, tida como célula nuclear estruturante de toda a sociedade (quando formada por pai, mãe, filhos).

Conforme Mérida e Silva (2021), nesse período inicial, a revista se apresenta de forma “antimoderna” e como um projeto de imprensa, com base em uma estratégia que se constitui em inserir suas narrativas na disputa pela opinião pública, fazendo frente a outros jornais de opiniões divergentes que emergiram entre 1950 e 1960, em uma conjuntura dinâmica quanto ao surgimento de revistas de cultura e jornais católicos pelo Brasil. Para os autores, a revista surge sob a ideia de um catolicismo guerreiro que se orienta fortemente com referências ao período medieval. Esse elemento, conforme a análise se desenrolava, manteve-se coerente entre os grupos envolvidos com as publicações da revista nas primeiras três décadas.

No decorrer da presente pesquisa, apreendeu-se que, na Catolicismo, em suas primeiras décadas (1950 e 1960), alguns nomes aparecem, com frequência, assinando as publicações. Entre eles, estão Plínio Correa de Oliveira, que faleceu em 1995 e foi presidente da TFP Brasileira até a data de sua morte; Fernando Furquim de Almeida, que foi vice-presidente da TFP até a data de sua morte em 1981; Cunha

Alvarenga, pseudônimo de José de Azeredo Santos, que faleceu em 1973; Alberto Luiz Du Plessis e Antonio Brotero Lefevre, que foram sócios-fundadores da TFP; Adolpho Lindenberg, que era primo de Oliveira e faleceu em 2024; D. Geraldo de Proença Sigaud, que faleceu em 1999, e Antônio de Castro Mayer, que compôs o núcleo formador da Catolicismo. A revista teria, de acordo com Zanotto (2009), se tornado órgão oficial de comunicação da TFP após desentendimento e rompimento de Mayer com a entidade, em 1982.

Mérida (2021), nesse sentido, esclarece que, nas primeiras décadas de publicações da Catolicismo,

O trabalho de escrever o jornal era de responsabilidade do grupo ligado a Plínio, que residia em São Paulo, e a de José Carlos Castilho de Andrade a de coordenar o corpo de redatores: Plínio escrevia sobre “ambientes, costumes e civilizações”; Fernando Furquim de Almeida escrevia sobre “Os católicos franceses no século XIX”. Essa coluna era destinada a falar das heresias que havia dentro da Igreja e como os franceses as combatiam. Adolpho Lindenberg escrevia sobre política internacional; Antônio Ablas Filho era o agente geral do jornal para o sul do Brasil, Dom Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) escrevia sobre política e Dom Antônio de Castro Mayer escrevia sobre questões ligada à Igreja e a formação religiosa (MÉRIDA, p. 5, 2021).

Já década de 1970, têm-se nomes como José Lúcio de Araújo Corrêa, militante da TFP, Murilo Maranhão Galliez, médico que redigia notas para a revista, e Gregório Vivanco Lopes, falecido em 2018, que se envolveu com a TFP ainda em sua adolescência. Segundo o *site* do Instituto Plínio Correa de Oliveira (IPCO), este último era incumbido da formação de jovens membros da entidade e da direção de campanhas e caravanas promovidas pela TFP. Na década de 1980, foram frequentes as publicações de nomes como Péricles Capanema, que, segundo o IPCO, é um analista político e colaborador do Instituto Plínio Correa de Oliveira, e de Nelson Ribeiro Fragelli, colaborador da TFP.

É necessário, porém, ressaltar que as manifestações nas páginas da Catolicismo não são estáticas, elas se relacionam com os grupos sociais que estão envolvidos em seus processos editoriais e que, por sua vez, atuam e vivenciam diferentes conjunturas históricas, culturais e políticas no Brasil.

Considerando os períodos mais atuais, é preciso destacar que, na década de 1990, Oliveira vem a óbito e a Revista Catolicismo passa a ter, em sua direção, outros grupos, o que ventila novos elementos para essas publicações, ainda que se mantenham muitas das ideias e dos conceitos elaborados anteriormente.

De acordo com Mori (2021)³², em matéria publicada pela BBC NEWS Brasil, após a morte de Oliveira, os antigos membros da Tradição Família e Propriedade se dividiram em duas correntes: uma ligada ao grupo de fundadores da TFP e que eventualmente criaram o Instituto Plínio Correia de Oliveira; outra sob a liderança de João S. Clá Dias, que ficou com o nome, as propriedades, o brasão e os direitos da associação no Brasil e, posteriormente, começou a organizar o grupo denominado Arautos do Evangelho, que foi oficializado em 2001.

A Revista Catolicismo, portanto, continuou a ser publicada e, em períodos mais recentes, têm-se manifestações feitas pelos membros do Instituto Plínio Correia de Oliveira, que, segundo o *site* oficial, é uma associação de direito privado, pessoa jurídica de fins não econômicos. Sobre as atividades do IPCO, o *site* informa:

Fundado em 8 de dezembro de 2006 por um grupo de destacados discípulos do renomado líder católico brasileiro por iniciativa do Eng^o Adolpho Lindenberg, seu primo-irmão e um de seus primeiros seguidores, o Instituto tem por finalidade: Fazer conhecer, no Brasil e no Exterior, as obras, o pensamento contrarrevolucionário, a atuação de repercussão (mais de 1000 obras extra muros) de meio século de sua luta antissocialista, anticomunista e antiprogressista em defesa da Igreja, da Civilização Cristã, do Brasil. Dar continuidade a seu vasto trabalho de mobilização da sociedade civil, com vistas a preservar os pilares básicos da Civilização Cristã ameaçados pela Revolução anticristã. Analisar a realidade brasileira e internacional à luz dos ensinamentos da doutrina Católica expostos pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira e tomar posição pública ante os principais problemas religiosos, políticos, culturais, sociais e econômicos, em nome das concepções histórico-doutrinárias e diretrizes de ação delineadas na sua obra-mestra Revolução e Contrarrevolução. Dar formação à juventude em nome das verdades da Fé católica e dos princípios expostos em seus livros, artigos e manifestos que ultrapassam 3 mil títulos³³. (Quem somos. In: Instituto Plínio Correia de Oliveira, © 2024).

Com a passagem das décadas e a atualização desses debates, é possível perceber a manutenção de determinados temas e constantes referências às publicações realizadas anteriormente, principalmente aquelas de autoria de Oliveira, mas apresentando reflexões em uma nova conjuntura, com atualizações dos debates e aspectos em foco. Com base nessas considerações, delineou-se a possibilidade de expandir os debates propostos pelos autores citados, visando à elaboração das matrizes de pensamento que têm como base de análise as manifestações presentes nas páginas da Catolicismo, compreendidas também à luz dos processos históricos

³² MORI, L. O grupo católico ultraconservador brasileiro que está em conflito com o Vaticano. In: BBC NEWS Brasil, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59689544>>. Acesso em: 16/11/2024.

³³ Quem somos. Instituto Plínio Correia de Oliveira. © 2024. Disponível em: <<https://www.ipco.org.br/paginas/quem-somos>>. Acesso em: 16/11/2024.

pensados como pilares para o desenvolvimento das reflexões dos diferentes grupos que passaram pela elaboração de conteúdos, edição e publicações da *Catolicismo*.

2 ALICERCES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo introduzir alguns elementos da abordagem das fontes documentais produzidas pela revista *Catolicismo*, aprofundando esclarecimentos sobre a metodologia adotada para a pesquisa e sobre os alicerces teóricos que serviram para a fundamentação da pesquisa e das análises que foram executadas.

Em seu primeiro subtópico, são apresentados os debates teóricos que nortearam as análises desenvolvidas, buscando elucidar os caminhos históricos considerados no trato das fontes documentais abordadas e para o desenrolar das análises empreendidas.

Para isso, são elencadas considerações sobre os estudos do pensamento conservador, trazendo primeiramente considerações relativas aos debates desenvolvidos por alguns autores da área e, depois, sobre esses estudos no Brasil. Além disso, são também abordadas algumas questões a respeito do autor Norbert Elias, cuja base conceitual também é mobilizada.

O segundo subtópico, a seu turno, aborda primordialmente o sustentáculo metodológico da pesquisa no que se refere à análise com base nas fontes documentais, que incorporou também contribuições da análise do discurso e da análise do conteúdo, explorando suas interfaces com as considerações teóricas basilares e tecendo esclarecimentos sobre a forma como essas metodologias foram utilizadas para a análise das fontes documentais.

2.1 Critérios Teóricos que Orientaram a Pesquisa

Partindo das leituras apresentadas, a presente tese, para além da intenção de compor e expandir o campo de estudos das ciências sociais sobre o pensamento conservador no Brasil e as suas possíveis manifestações e interfaces em diálogo com grupos civis religiosos no Brasil, tem o objetivo de abordar e caracterizar, conceitualmente, matrizes de pensamento cristãs conservadoras derivadas das décadas de publicações da *Catolicismo*.

Mantendo diálogos com essas produções, busca-se dar continuidade aos estudos que versam sobre grupos religiosos anticomunistas no Brasil, sobre o pensamento conservador e suas manifestações em grupos civis cristãos em décadas anteriores, para, então, desenvolver a noção das matrizes de pensamento cristãs e explorar suas faces “contemporâneas”, enquanto conceitos que visam contribuir para

avanços no referido campo de estudo.

É importante destacar que, ao falar em contemporaneidade, a pesquisa toma como referência a dimensão da palavra que se refere à atualidade, que tem seu curso no tempo presente ou, neste caso, em anos recentes das publicações da Revista, que, conforme dito anteriormente, segue com suas atividades há mais de 70 anos.

Dessa forma, propõe-se pensar conceitualmente a cosmovisão do “ser cristão” que é apresentada pela pesquisa, em articulação com noções do âmbito político, isto é, as suas possíveis relações com o combate ao comunismo no Brasil e as construções retóricas apresentadas sobre grupos, indivíduos e intervenções pró-militares como mediadores/participantes desse processo, assim como suas elaborações sobre outros grupos políticos e indivíduos que convergem para a invasão comunista no Brasil.

A proposta a ser desenvolvida com os aportes teórico-metodológicos escolhidos, em diálogo com as produções já realizadas, é: de processos conservadores históricos desenvolvidos no Brasil, derivam correntes de pensamento que são retroalimentadas por uma conjuntura político-social e histórica que está em diálogo constante e dinâmico com os grupos sociais. Mediante as relações dinâmicas entre alguns desses grupos, no que se refere às suas atuações políticas e à conjuntura em que se encontram, formam-se correntes de pensamento que carregam traços dos grupos a que se ligam, e esses elementos se espraiam pela sociedade civil mais ampla, em que os indivíduos podem ou não dialogar e/ou se orientar com base em fatores relacionados a essas ideias, conforme seus interesses.

Entre esses grupos, encontram-se alguns que são declaradamente cristãos, que carregam consigo suas próprias visões de mundo e podem mobilizar concepções religiosas na elaboração de suas grades de leitura da realidade social, estabelecendo interfaces entre essas concepções e os acontecimentos/questões de caráter político, bem como na percepção das mais diversas questões relativas à vida pública e à vida privada e ao que as rege.

Considerando a existência de um diálogo de alguns grupos civis cristãos com correntes de pensamento derivadas de um processo de pensamento que se liga também com a manutenção da concentração de poder político em pequenos grupos, a pesquisa se propôs a pensar a formação e a composição de matrizes de pensamento cristãs associadas a esses grupos cristãos, a partir das produções

apresentadas por eles por meio da Revista Catolicismo, considerando a passagem de tempo entre os primeiros anos da revista e a atualidade. Com isso, buscou-se explorar os elementos que compõem essas matrizes, pensando-as pelo viés desses grupos, visando refletir, ainda, sobre o fato de seus discursos apresentarem elementos de caráter antidemocrático.

Passando às definições teóricas que embasaram a pesquisa, elas dialogam com o conceito de processos de longa/média duração elaborado por Norbert Elias. Compreende-se que os processos de pensamento conservador no Brasil são dotados de historicidade e mantêm diálogos e interfaces com grupos sociais, apresentando diferentes fases de desenvolvimento na história política e social brasileira. Esse diálogo dinâmico, em cada período, apresenta características e particularidades de grupos e da conjuntura social em questão, o que abrange as formas de comunicação e aquilo que se quer comunicar.

Na esteira das contribuições conceituais, dialoga-se também com Mannheim (1981) e suas contribuições sobre o pensamento conservador, sobre o tradicionalismo, o progressismo, visões de mundo, correntes de pensamento, entre outros. Entretanto, primeiramente, é importante ressaltar a existência de uma vasta produção de estudos, sob diferentes enfoques, vieses e grupos, sobre o pensamento conservador e suas manifestações.

Ao se falar em conservadorismo, aquém do que se refere à definição do conceito utilizado para dialogar com a presente tese, considera-se necessária a abordagem literária das produções desse campo de estudos. Esse movimento corrobora a noção histórica que esta pesquisa busca desenvolver, que não esvazia o conceito em termos de sentido e aborda o fato de que há mais de uma possibilidade ao pensar o conservadorismo de forma conceitual.

Contudo, não é um objetivo esgotar as caracterizações desse conceito. Buscou-se, nos contornos da proposta da tese, ressaltar quão ricos são os debates nessa área, com produções de autores que, de acordo com Gahyva (2017), são expoentes destacados no âmbito dos estudos do tema, como, por exemplo, Nisbet, Burke, Tocqueville e Karl Mannheim, com o qual a pesquisa dialoga.

A esse respeito, Gahyva (2017) salienta que, na atualidade, há uma tendência a usar a palavra “conservador” com o simples intuito de desqualificar interpretações de mundo que, sendo divergentes, entram em conflito. Para a autora, essa tendência pode esvaziar esse conceito, o que atesta a importância de aprofundar

debates sobre o conceito, recorrendo aos estudos que variam recortes, preocupações e nomenclaturas, que, porém, ainda apresentam traços convergentes, como a ideia de que o pensamento conservador tem sua origem no movimento de reação à Revolução Francesa.

Para a autora, uma forma de iniciar os debates sobre o pensamento conservador se encontra, apesar das variações, em um movimento de reação à Revolução Francesa (1789-1799). Nesse sentido, ela destaca o autor Edmund Burke (1782) como notável referência.

Em sua obra *Reflexões Sobre a Revolução em França* (1782), Burke apresenta argumentos críticos ao desenrolar de acontecimentos políticos sobre a referida revolução e a alguns dos pensadores e autores cujos pensamentos se tornaram destaque ao pensar a referida revolução, tecendo, assim, críticas que refletem sobre um “modo de ser e agir” do povo inglês em contraponto aos rompimentos que teriam sido ocasionados pelo teor da Revolução Francesa, que, para ele, não teria somente caráter político.

Chego quase a afirmar que não há entre nós mais de um homem em cada cem que participe do “triumfo” da Sociedade da Revolução. [...] Graças à nossa obstinada resistência à inovação, graças à lentidão fria de nosso caráter nacional, ainda carregamos as marcas de nossos antepassados. [...] Na Inglaterra, ainda não fomos completamente esvaziados de nossas entranhas naturais; ainda temos entre nós, e os estimamos e cultivamos, os sentimentos inatos que são os guardiões fiéis e os ativos conselheiros do dever, bem como os verdadeiros suportes de todos os costumes viris e liberais (BURKE, E., 1782, p. 107).

Na referida obra, é possível perceber, conforme observa Gahyva (2017), a visão apresentada pelo autor de uma luta dos colonos americanos para preservarem seus hábitos e costumes frente à potência da Revolução que emanava de uma sociedade estrangeira, que lutaria por poder e implicaria em grandes rupturas. Para Burke (1782), os ingleses teriam “sentimentos naturais” e não rejeitariam os preconceitos, que seriam de pronta aplicação em casos de “emergências”, de forma que “graças ao preconceito a virtude se torna hábito” e o dever uma parte de sua natureza (BURKE, 1782, p. 108). Os “homens de letras”, políticos franceses, por sua vez, não teriam respeito pela sabedoria de outros indivíduos e grande convicção em sua própria, não se preocupando que “o edifício que constroem às pressas seja durável, pois a durabilidade não é objeto de quem pensa pouco, ou quase nada, naquilo que foi feito antes de sua época” (BURKE, 1782, p.108).

De acordo com Gahyva (2017), é possível perceber que, nessas

elaborações, ocorre uma valorização da experiência feudal e de suas estruturas históricas que se delineia como reação às pautas centralizadoras e individualizantes da formação dos Estados modernos, ressaltando um direito de sobrevivência e um movimento de valorização das tradições. A análise do autor, bem como outras, ancora-se em conjunturas históricas específicas.

Nesse sentido, Duarte (2023) chama a atenção para as considerações apresentadas por Hirschman (1992), que identifica três momentos históricos de mudanças nos quais o conservadorismo adquiriu grande destaque. O primeiro se relaciona também com a Revolução Francesa, sendo uma reação definida pelo autor como um movimento que se seguiu e se opôs à afirmação da igualdade perante a lei e os direitos civis. Dessa forma, “a oposição contemporânea a eles esteve ligada à oposição à Revolução e a todas as obras desta” (HIRSCHMAN, 1992, p.13). Na leitura apresentada por Duarte (2023) sobre a obra do autor, o discurso contrarrevolucionário abarcava uma rejeição à suposta ordem natural que estava estabelecida naquele contexto.

O segundo momento destacado refere-se à oposição ao sufrágio universal e às mudanças daí decorridas. Apesar das dificuldades identificadas em se firmarem movimentos para fazer recuar o avanço da participação popular na política, ou de deter a marcha para essa aplicação democrática, o autor afirma ser possível interpretar um movimento ideológico contrário, que se manifestava principalmente a partir “de correntes da filosofia, psicologia e política que visavam evidenciar o caráter perverso de delegar às massas o papel de participar das grandes decisões políticas” (DUARTE, 2023, p.144), argumentando que as massas não teriam atributos racionais e psicológicos para tal.

Por fim, a terceira onda identificada refere-se às críticas contemporâneas ao Welfare State (políticas de bem-estar social) e à tentativa de fazer recuar ou reforçar alguns de seus aspectos (HIRSCHMAN, 1992, p.14). Segundo Duarte (2023), a argumentação desse autor aponta uma tentativa de expor fragilidades e consequências negativas do processo de equilíbrio natural do campo econômico e de liberdade individual no campo político.

Com base nessas considerações, Hirschman (1992) elabora suas contribuições apresentando, a partir de sua busca por esboçar os principais meios de criticar e atacar essas investidas “progressistas”, a tríade à qual chegou. Ele as define como três teses reativo-reacionárias principais: tese da perversidade, ou tese do

efeito perverso, tese da futilidade e tese da ameaça.

De acordo com a tese da perversidade, qualquer ação proposital para melhorar um aspecto da ordem econômica, social ou política só serve para exacerbar a situação que se deseja remediar. A tese da futilidade sustenta que as tentativas de transformação social serão infrutíferas, que simplesmente não conseguirão “deixar uma marca”. Finalmente, a tese da ameaça argumenta que o custo da reforma ou mudança proposta é alto demais, pois coloca em perigo outra preciosa realização anterior (HIRSCHMAN, 1992, p.15-16)

Seguindo as elaborações de Gahyva (2017), há uma primeira geração conservadora que considera o Antigo Regime preferível à igualdade de condições, de forma que a defesa da antiga ordem chegava a se confundir com o combate à igualdade legal.

Em sua pesquisa, a autora apresenta considerações que trabalham com uma linearidade temporal em relação às elaborações sobre o conservadorismo e é nesse movimento que ela passa a abordar Alexis de Tocqueville, que teria transformado a igualdade em fato providencial e decretado a derrota do Antigo Regime.

O reconhecimento da irreversibilidade do estado social igualitário repõe o tema da crítica à potência real na agenda conservadora, explicitando sua admiração pela ordem social medieval, aquela corroída pelo movimento centralizador parteiro do moderno Estado-nação. Nessa interpretação, ao Antigo Regime é atribuída a responsabilidade pela Revolução. A via francesa de acesso à modernidade igualitária fora produto do processo de centralização administrativa inaugurado pela monarquia absoluta (GAHYVA, 2017, p. 303).

Nesse sentido, a autora explica que se trata de uma reconstrução da época medieval enquanto um lócus privilegiado de liberdade, heterogeneidade e descentralização, que, submetidas à potência real, vai substituindo esses elementos pela homogeneidade, igualdade e centralização.

Seguindo a linha temporal, a autora chega, primeiramente, a Gustav Le Bon, para quem a preservação das instituições do passado seria o grande desafio dos povos (GAHYVA, 2017, p.310) e a Ortega y Gasset, que pensa a memória como portadora do traço singular da espécie humana.

Ortega y Gasset tece suas análises abarcando um âmbito que é também filosófico, lançando, assim, o “direito à continuidade ao estatuto de direito fundamental do homem”, de forma que não é a expectativa, mas a experiência que aparece como elemento definidor da humanidade (GAHYVA, 2017, p.307). É nesse sentido que,

segundo a autora, o rompimento da continuidade do passado e o ato de aspirar a um novo começo são compreendidos como um movimento decrescente.

Para encerrar as considerações sobre esses debates, pode-se citar Robert Nisbet (1987), que, apresentando uma análise relativamente mais atual, aponta o conservadorismo como uma das três ideologias políticas mais importantes dos últimos séculos no ocidente, junto ao liberalismo e ao socialismo. Ao estabelecer a noção de ideologia com a qual dialoga, o autor esclarece:

Em poucas palavras, ideologia é qualquer conjunto de ideias morais, económicas, sociais e culturais razoavelmente coerente, possuindo uma relação sólida e óbvia com a política e o poder político; mais especificamente, é uma base de poder para possibilitar o triunfo do conjunto de ideias. Uma ideologia, em contraste com uma simples e passageira configuração de opiniões, permanece viva por um espaço de tempo considerável, tem defensores e porta-vozes influentes e um respeitável grau de institucionalização. Pode ter na sua história figuras carismáticas - Burkes, Disraelis, Churchills etc. - entre os conservadores e as respectivas contrapartidas entre os liberais e os socialistas (NISBET, 1987, p. 09-10)

Nisbet apresenta ao leitor suas reflexões sobre os debates que tratam do tema conservadorismo, chamando a atenção para as associações entre as ideologias e as práticas políticas, que abordam a esfera dos políticos, como partidos, manifestos e leis aprovadas. De forma histórica, o autor esclarece que o conservadorismo, em substância filosófica, aparece em 1970 nas obras de Burke, destacando que os temas essenciais desenvolvidos em relação ao conservadorismo têm dado, nos últimos dois séculos, continuação àqueles enunciados por esse autor com relação à França revolucionária.

De acordo com Cassimiro (2015), Nisbet interpreta o conservadorismo como uma ideologia política, observando que sua afirmação sobre as ideologias terem expressão na formulação de ideias políticas e na execução dos movimentos e partidos políticos apresenta também uma ressalva, a não existência de uma correspondência rígida entre ambos. Dessa forma, “a prática política, que lida com as circunstâncias do momento histórico, nem sempre corresponde exatamente às ideias que as motivam” (CASSIMIRO, 2015, p.63).

Voltando aos diálogos que são estabelecidos pela presente pesquisa, destaca-se uma das considerações feitas por Duarte (2023): é possível identificar, na segunda metade do século XX, movimentos conservadores que reagem aos modelos alternativos políticos e econômicos que emergiam, indicando como um exemplo a ascensão dos movimentos comunista, por seu aspecto político, e socialista, por seu

aspecto econômico.

Pensando em questões relativas a essa atualidade, a análise que é desenvolvida pela pesquisa optou pelo diálogo com o conceito que é desenvolvido por Karl Mannheim, que, segundo Cassimiro (2015), procura estabelecer os pressupostos sociológicos do que seria esse conservadorismo.

De acordo com o autor, Mannheim elabora que as ideias não podem ser compreendidas quando separadas de seu contexto social, sendo como respostas a determinadas circunstâncias sociais. Dessa forma, diferentemente de utopias progressistas que estabelecem objetivos futuros no processo histórico, a matéria do pensamento conservador é o próprio presente, assimilando a ele a sobrevivência de noções e ideias que são transmitidas por meio da tradição.

Enquanto o tradicionalismo caracteriza-se pela preservação de formas de vida e de ordem social estabelecidas a longo prazo e sedimentadas sob o solo da religião, da hierarquia social e da cultura entendida como um corpo orgânico, o conservadorismo se torna a expressão de um pensamento que – partindo de princípios tradicionalistas – “torna-se um movimento relativamente autônomo no processo social” (Mannheim, 1986:156). A própria consciência conservadora só será despertada quando colocada diante das ideias de seus oponentes, que representam o risco do rompimento da estabilidade da ordem do mundo (CASSIMIRO, 2015, p.62).

Mannheim (1982) empreende estudos que buscam abordar como os indivíduos pensam, não pela ótica dos tratados de lógica, mas por seu funcionamento na vida pública e na política, como um instrumento de ação coletiva. O autor afirma suas intenções de buscar desenvolver um método que se dedique à descrição e à análise desse tipo de pensamento e de suas mudanças, além de formular os problemas correlatos, fazendo justiça ao caráter único e peculiar desse fenômeno.

Mannheim (1982) é enfático ao afirmar a não existência de uma entidade metafísica dominada pelo espírito grupal que elabora ideias tão somente reproduzidas pelos indivíduos. Todavia, o autor afirma ser também errônea a conclusão de que todas as ideias e sentimentos que motivam as condutas dos indivíduos têm somente no próprio indivíduo suas origens.

Dessa forma, o autor apresenta um método de análise que parte da sociologia do conhecimento, que não parte do indivíduo isolado para passar diretamente às abstrações do pensamento em si, mas, sim, “procura compreender o pensamento dentro da moldura concreta de uma situação histórico-social, de que o pensamento individualmente diferenciado emerge mui gradualmente” (MANNHEIM,

1982, p.98). Assim, são desenvolvidas reflexões que pensam os indivíduos dentro de seus grupos sociais, que elaboraram um estilo peculiar de pensamento devido a uma “série interminável de reações a certas situações típicas, características de sua posição comum” (MANNHEIM, 1982, p.98).

A metodologia proposta pelo autor foi selecionada, entre outros motivos, por não tomar os indivíduos como seres engessados nesse processo. Pelo contrário, Mannheim (1982) esclarece que os indivíduos participam desses processos de pensamento, levando avante o que outros pensaram antes dele, de forma que se encontra em uma situação “herdada”, com padrões de pensamento relacionados a ela. E aqui aparece sua margem de ação: os indivíduos podem procurar aperfeiçoar mais ainda os “modos de reação herdados”, ou substituí-los por outros, para enfrentar com instrumentos mais adequados as novas variações e mudanças na situação.

Logo, os indivíduos, enquanto seres inseridos em sociedades, encontram situações já definidas e, dentro delas, padrões de conduta e de pensamentos estabelecidos. É por essa razão que o autor afirma que essa metodologia evita separar os modos de pensamento existentes do contexto de ação coletiva pelo qual conheceram intelectualmente, a princípio, o mundo.

Os componentes de um grupo não se limitam a coexistir fisicamente como unidades distintas. Não abordam o mundo objetivo nos níveis abstratos de um espírito contemplativo em si, nem o fazem exclusivamente como seres solitários. Pelo contrário, cooperam e competem em grupos diversamente organizados e, assim fazendo, ora pensam em comum, ora antagonicamente (MANNHEIM, 1982, p.98).

Nessa perspectiva, agem tendo como referência o caráter e a posição dos grupos a que pertencem, buscando modificar o mundo da natureza e da sociedade ou perpetuá-lo em determinadas condições. Para o autor, é na direção dessa vontade de mudar ou de conservar, dessa atividade coletiva, que está o fio orientador ligado ao aparecimento de seus problemas, seus conceitos e suas formas de pensamento.

Com esse tipo de abordagem, a presente pesquisa desenvolve que os grupos sociais são portadores de formas de pensamento que estão associadas, retroalimentam e são alimentadas pela conjuntura sociopolítica e cultural em que aparecem. Assim, tais formas de pensamento possuem uma história por trás de si, e, a partir delas, os indivíduos desenvolvem suas grades de leitura da realidade social, podendo optar por mudá-las, incrementá-las ou mantê-las, portanto, esse não é um processo mecânico.

Mannheim (1981) apresenta a ideia dos *estilos de pensamento* observando que essa ideia difere da simples narrativa da passagem de um conhecimento ao outro, detendo-se na análise dos estilos enquanto crescem, desenvolvem-se, fundem-se e desaparecem. A “chave” para a compreensão desses estilos e suas mudanças está nas circunstâncias e nos grupos sociais, que são seus portadores.

Para exemplificar tal situação, o autor se aprofunda no exemplo da história da arte moderna, demonstrando que o pensamento humano também se desenvolve em “estilos” e que é possível distinguir diferentes “escolas” de pensamento devido a como utilizam diferentes padrões e categorias de pensamento. Segundo o autor, o pensamento pode ser analisado como uma parte e parcela de um processo histórico, pois os estilos de pensamento não “descem” sobre a sociedade como um tipo de entidade absoluta.

O autor delinea uma possibilidade que é abraçada por esta pesquisa, a de pensar e descrever, em relação aos grupos envolvidos com a Revista, as diversas formas de “enxergar as coisas”, considerando que as mudanças nos “estilos de pensamento”, com o passar das décadas, têm relação também com os seus grupos portadores. Cabe, porém, ressaltar que, no caso da pesquisa realizada, mais do que voltar a análise para a forma como os autores de fato enxergam o mundo a sua volta, uma vez que as fontes documentais permitem acesso ao que eles, na realidade, queriam comunicar para alguém, de determinada forma e em um período datado, a proposta é pensar esses estilos de pensamento pela forma como os autores se manifestam e descrevem as diferentes situações, pautas e conflitos conjunturais ao seu redor.

A pesquisa buscou, então, pensar não só a composição das visões de mundo que são intencionalmente manifestadas por seus autores, mas, ainda, a forma como explicam suas grades de leitura da realidade, empreendendo a construção de seus próprios “conceitos”, pelos quais pensam, interpretam e manifestam opiniões sobre as situações abordadas pelas páginas da revista.

Com isso, buscou-se desenvolver que há diferentes grupos na sociedade, portadores de correntes de pensamento que, em determinados momentos históricos, podem convergir suas ideias, ainda que isso não implique a aderência total das ideias de um ou de outro. Por exemplo, ao se pensar a conjuntura da Ditadura Militar no Brasil e as formas de pensamento que seus dirigentes buscaram construir e difundir

com o decorrer do tempo, tem-se que as correntes³⁴ de pensamento por eles derivadas também compõem fases históricas do pensamento conservador no Brasil.

Nessas fases históricas, localizadas conjuntural e politicamente, grupos sociais civis como o da Catolicismo podem dialogar com essas correntes, manifestando-se de forma favorável a alguns de seus elementos, como foi o caso do combate ao comunismo. Contudo, é necessário ressaltar que essa “aderência” não é mecânica e absoluta, pois esse grupo não é estático no tempo: anteriormente à ditadura, seus fundadores já estavam atuantes e firmes no que faziam e, posteriormente, seguiram com suas formulações, manifestações e com todo o seu arcabouço próprio de leituras da realidade social, cultural, política, religiosa, entre outros.

Aqui se dialoga com mais um conceito elaborado por Mannheim, que aponta para as intenções básicas que repousam por trás dos estilos de pensamento e que determinam o seu “caráter”. Esse conceito aprofunda a noção de que diferentes modos de abordagem do mundo estão na raiz de diferentes modos de pensamento, manifestando-se nos documentos e nas formas de expressão características daquele estilo (MANNHEIM, 1981, p.82). Sendo assim, as intenções básicas fazem parte dos processos de pensamento e sua história e destino se ligam aos grupos, que são considerados como seus portadores sociais.

Dessa forma, aponta o autor, mesmo nos processos de conhecimento, certos princípios provenientes do grupo atuam sob o indivíduo que molda, de acordo com eles, suas experiências e conhecimentos potenciais (1981, p.83). Isso mostra que a mente não funciona como um simples acúmulo inexpressivo de experiências. Os indivíduos podem se orientar pelos estilos de pensamento ou dialogar com eles, mas não os reproduzem cegamente, adicionam a eles elementos de si próprios, que se relacionam também com os grupos nos quais estão inseridos.

Ainda nesse sentido, é importante elencar as considerações de Mannheim (1982) sobre o pensamento conservador e o pensamento tradicional, também mobilizados para esta pesquisa.

Mannheim (1982) afirma a existência de dois tipos de conservadorismo, um que é um fenômeno universal para a humanidade e outro que é produzido por circunstâncias históricas e sociais, que possui suas próprias tradições, forma e

³⁴ No decorrer da análise, também é utilizado o termo “correntes de pensamento”, cuja base conceitual são as considerações de Mannheim sobre os estilos de pensamento.

estrutura.

O primeiro tipo, Mannheim chama de “tradicionalismo”, definindo-o como uma tendência a apegar-se a padrões vegetativos, modos de vida antigos, que seria uma reação original a tendências reformistas, de mudanças.

Em sua forma original, estava vinculado aos elementos mágicos da consciência; inversamente, entre os povos primitivos, o respeito pelos modos tradicionais de vida estava ligado ao medo de malefícios mágicos desencadeados pela mudança. Atualmente também existe esse tipo de tradicionalismo, e frequentemente está vinculado, de modo similar, a sobrevivências mágicas da antiga consciência. O tradicionalismo, portanto, não está ligado, mesmo hoje, ao conservantismo político ou de outros tipos. Pessoas "progressistas", por exemplo, a despeito de suas convicções políticas, podem frequentemente agir de modo "tradicionalista", num grau muito grande, em várias outras esferas de suas vidas (MANNHEIM, 1982, p.108).

Esse tradicionalismo, segundo o autor, descreve uma característica psicológica formal das mentes individuais. Diferente desse tipo de ação, a ação conservadora depende de um conjunto de circunstâncias concretas, especialmente ao se tratar da esfera política, que demanda mais do que somente reações “automáticas”.

Para o autor, ao se pensar em possíveis reações conservadoras, a única forma de se refletir de forma apropriada sobre como podem vir a se desenvolver suas ações, ainda de forma aproximada, seria conhecer mais a fundo o movimento conservador que se desenvolve no período em questão, pensando também no clima mental do período.

Assim, os indivíduos seriam guiados consciente ou inconscientemente por uma forma de pensamento que contém uma história atrás de si, que é anterior ao indivíduo.

O conservantismo político, portanto, é uma estrutura mental objetiva, em oposição à "subjetividade" do indivíduo isolado. Ele não é objetivo no sentido de ter uma validade eterna e universal. Nenhuma dedução a priori pode ser feita a partir dos "princípios" do conservantismo. Nem existe ele à parte dos indivíduos que o realizam na prática e o incorporam em suas ações. Não é um princípio imanente com uma determinada lei de desenvolvimento que os membros individuais do movimento apenas efetuam - possivelmente de modo inconsciente - sem nada acrescentar deles próprios. Em uma palavra, o conservantismo não é uma entidade objetiva em qualquer sentido platônico de preexistência das idéias, correta ou incorretamente compreendido. Mas, enquanto comparado com a experiência *hie et nunc* do indivíduo específico, ele tem uma certa objetividade bem definida (MANNHEIM, 1981, p.109).

O autor também esclarece que, ao falar de estruturas mentais objetivas

quando relativas aos seres humanos, pode-se tomá-las como um tipo de aglomeração peculiar de elementos espirituais e intelectuais que não é totalmente independente dos indivíduos, pois eles são seus portadores, e a “sobrevivência” (produção, reprodução e desenvolvimento) dessas estruturas mentais está ligada aos indivíduos e seu desenvolvimento espontâneo. Entretanto, ainda assim haveria relativa objetividade, pois o indivíduo não as produz sozinho, visto que ele se insere em determinadas fases do desenvolvimento histórico dessas estruturas mentais.

Para a compreensão dessa “objetividade” das estruturas mentais, o autor mobiliza o que denomina de configuração estrutural histórica e dinâmica, que implica nessa objetividade enquanto algo que começa no tempo, desenvolve-se nele e vai tendo sua deterioração também nesse sentido, estando ligada aos grupos sociais, às suas experiências e destino.

O conservadorismo seria, nesse sentido, uma configuração estrutural historicamente desenvolvida e dinâmica. A estrutura é dinâmica e passa por constantes mudanças, sendo também historicamente condicionada.

E, embora em qualquer momento dado uma tal estrutura mental objetiva possa revelar a existência de algum princípio ordenador no modo pelo qual as experiências e os elementos que a compõem estão relacionados, ela não pode de maneira alguma ser considerada “estática”. A forma e a estrutura particulares dessas experiências e elementos relacionados podem ser indicados apenas aproximadamente e somente para certos períodos, pois a estrutura é dinâmica e está em constante mutação. Além do mais, ela não é meramente dinâmica, mas também condicionada historicamente. Cada passo no processo de mudança está intimamente relacionado com o anterior, pois cada novo passo provoca uma mudança na ordem e nas relações internas da estrutura como ela existia no estágio imediatamente anterior, não tendo, portanto, “caído do céu” nem estando desvinculada do passado. Deste modo, podemos falar de um crescimento, um desenvolvimento. Ela é um desenvolvimento cujo sentido interno, entretanto, só pode ser percebido subsequentemente (MANNHEIM, 1982, p.110)

Cada configuração estrutural carrega em si uma intenção básica, de que os indivíduos podem se apropriar, tomando-a como “sua”, movimento que é realizado na medida em que suas próprias experiências passam a ser orientadas pela configuração estrutural. Seguindo a linha argumentativa do autor, os indivíduos agem de forma conservadora quando se incorporam a uma dessas fases de desenvolvimento da referida estrutura mental objetiva e, dessa forma, podem se comportar nos termos dessa estrutura, reproduzindo-a, totalmente ou em parte, ou desenvolvendo-a por meio da adaptação às situações concretas e particulares.

Mannheim (1982) conclui, então, que o comportamento tradicionalista é

quase que reativo, uma atitude psicológica geral que se expressa como uma tendência de se apegar ao passado, demonstrando temor às inovações, ao passo que o conservador é significativo, implica em um complexo geral emocional e filosófico que pode construir um estilo de pensamento definido. O conservadorismo, dessa forma, é descrito por ele como uma entidade com uma clara continuidade histórica e social, consciente e reflexivo, pois surge como um contramovimento em oposição consciente ao movimento progressista.

Nesse sentido, a pesquisa toma os grupos envolvidos com a Catolicismo como um desses casos. Há estruturas de tempos anteriores pelas quais seus autores podem se orientar, porém as manifestações contidas nas páginas da Catolicismo, bem como ações desenvolvidas por esses grupos, não são reações somente tradicionais. Conforme observa Mannheim 1982), o tradicionalismo assume traços conservadores na medida em que se torna expressão de um modo de vida e pensamento definido, consistentemente mantido, demonstrando apego ao imediato, ao real e ao concreto.

Segundo o autor, o aparecimento de um movimento conservador consciente já é um indício de que o mundo social desenvolveu uma estrutura particular própria, pois, conforme a história se desenvolve, nela atuam grupos que promovem mudanças (os progressistas) e outros que buscam retardá-la. Os grupos associados com a Catolicismo claramente reagem contra mudanças e contra tudo aquilo que consideram associado ao “mundo moderno”.

Dessa forma, tem-se que esses grupos se inserem em uma dessas fases, que se desenvolve na conjuntura brasileira, com o decorrer da história. Tomando a existências de processos de pensamento conservador no Brasil, especialmente os que tendem à concentração de poder em grupos reduzidos, as manifestações realizadas por meio da Catolicismo seriam uma forma de reação consciente e intencional a possíveis mudanças na ordem política e social, que dialoga em diferentes momentos com elementos dos estilos de pensamento que derivam dessas correntes.

A partir dessa interação, os grupos podem adicionar, a essas correntes, elementos de si e de suas visões de mundo, reproduzindo-as, até mesmo modificando-as, ou, ainda, contando com a possibilidade de suplantá-las. Em relação às visões de mundo, Mannheim,

[...] Ao definir o conceito de visões de mundo, observa que abrangem aspectos das vivências e experiências dos indivíduos, que estão ligadas

estruturalmente ou através dos grupos dos quais os indivíduos fazem parte e com cujas formas de pensamento dialogam e elaboram a forma como percebem o mundo. As visões de mundo, portanto, seriam como um conjunto de experiências e perspectivas que perpassam a vida dos indivíduos (RODRIGUES, 2016, p.14)

De acordo com Weller *et al.* (2002), Mannheim define as visões de mundo como uma série de vivências ligadas a uma estrutura comum, que seria uma base comum das experiências de vida dos indivíduos. A autora ressalta, porém, que não são imagens de um mundo ou algo produzido teoricamente, mas construídas a partir de ações práticas e pertencem ao campo “ateórico”, demandando conceitualização.

As visões de mundo estão situadas entre os níveis social e espiritual. Elas não consistem, portanto, nem na totalidade das formações espirituais presentes em uma determinada época nem na soma dos indivíduos que pertencem a essa época, mas na totalidade de uma série de vivências/experiências interconectadas estruturalmente que podem derivar, tanto da formação de grupos sociais como das criações espirituais (WELLER ET ALL, 2002, p. 379)

É importante destacar, ainda, alguns tipos de conservadorismos e reformismos elencados por Mannheim (1982).

O **conservantismo não-romântico** sempre parte da questão particular à mão, e nunca estende seu horizonte além do próprio ambiente particular. Ele se preocupa com a ação imediata, com a mudança de detalhes concretos e, portanto, não se incomoda realmente com a estrutura do mundo no qual vive. Por outro lado, toda a **atividade progressista** se alimenta da consciência do possível. Transcende o presente imediatamente dado, agarrando-se às possibilidades de mudança sistemática que ele oferece. Luta contra o concreto, não por querer simplesmente substituí-lo por outra forma do concreto, mas porque quer produzir um outro ponto de partida sistemático para um desenvolvimento mais amplo. O **reformismo conservador** consiste na substituição de fatores individuais por outros fatores individuais (“melhoramentos”). O **reformismo progressista** tende a afastar um fato indesejável através da reforma de todo o mundo circundante que torna possível sua existência. Assim, o reformismo progressista tende a considerar o sistema como um todo, enquanto o reformismo conservador considera detalhes particulares (MANNHEIM, 1982, p.117-118, grifo nosso).

Em meio a essas categorias elaboradas pelo autor, o conservadorismo somente pensaria em termos de um sistema como uma reação quando é forçado a desenvolver um sistema próprio, que visa neutralizar o dos progressistas, “como quando o curso dos acontecimentos o destitui de qualquer influência sobre o presente imediato, forçando-o a tentar inverter o curso da história para recuperá-la” (MANNHEIM, 1982, p.118).

Com base nessas considerações, tem-se que os indivíduos dos grupos civis religiosos apontados elaboram conscientemente e produzem diferentes formas

de manifestações visando conservar determinados elementos e aspectos e que, em um diálogo mútuo com a conjuntura, podem apresentar e relacionar, em suas visões de mundo e manifestações intencionais, aspectos diversos, como políticos, culturais e religiosos.

Tem-se, ainda, que os atores sociais que se manifestam, de forma interligada a religiões de matriz cristã, engendram ações e estratégias a partir de um diálogo múltiplo e multifacetado com a conjuntura sociopolítica e cultural, mobilizando, para tal, noções de ordem religiosa como um dos elementos que compõe as suas grades de leitura da realidade.

Buscou-se analisar esse diálogo a partir dos grupos cujas manifestações foram selecionadas intencionalmente, tendo em vista o seu engajamento na produção de conteúdo midiático sobre esses temas, não só no âmbito religioso, mas abordando aspectos da vida pública e privada e questões de ordem política, o que inclui o eventual apoio a certos grupos políticos, conforme seus próprios desígnios. Nas publicações analisadas, seus autores apresentam leituras e interpretações particulares de situações e aspectos do cotidiano, relacionando assuntos religiosos e embates/engajamentos em pautas de âmbito político, buscando ter acesso e comunicar algo ao seu público leitor.

Com relação aos estilos de pensamento no Brasil, relacionados às diferentes conjunturas históricas, políticas e sociais, é importante tecer algumas considerações, ainda que breves, sobre os estudos do pensamento conservador no Brasil.

Apesar de não ser o objetivo desta pesquisa realizar um levantamento teórico profundo sobre os autores dessa área, considera-se importante abordar alguns nomes destacados, que contribuem para se pensar sobre lastros históricos desses estilos de pensamento conservador que se desenvolveram no decorrer da história brasileira.

Ao abordar esse assunto, Rezende (1999) chama a atenção para alguns autores considerados como essenciais para recuperar as diferentes reflexões do pensamento conservador, sobre as possibilidades ou impossibilidades de ocorrerem mudanças sociais no Brasil. Entre esses, estão Oliveira Vianna e Gilberto Freyre³⁵.

As elaborações desses autores se destacam por eles pensarem em

³⁵ Entre outros, a autora também menciona: Tavares Bastos, Perdigão Malheiros, Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, Aníbal Falcão, Paulo Egydio de Carvalho, etc.

questões como as relações entre Estado e sociedade, o autoritarismo, as tradições e também hierarquias, desenvolvendo suas obras em conjunturas históricas e sociais importantes para a formação política do Brasil, como o período que abrange o pós-República Velha³⁶ e o Estado Novo³⁷.

Oliveira Vianna, de acordo com Matos (2000), foi um importante crítico do idealismo dos reformadores brasileiros no período de 1910 a 1940 e, conforme Zullo e Silva (2022), ele e Freyre foram vistos como destacados intelectuais representantes de grupos conservadores no país na primeira metade do século XX.

De acordo com Rezende (1999), no livro *Populações meridionais do Brasil*, é possível ter contato com algumas noções do autor que são importantes para a compreensão de suas elaborações, sendo elas mudanças exógenas e endógenas. As primeiras desencadeadas em decorrência de planos de reformas organizados por elites, partidos ou “gênios” políticos (pelo Estado e acarretadas por sua força, pautando-se na coação), ao passo que as endógenas seriam mais lentas e graduais, que, em interação com os complexos culturais, aconteciam até de forma imperceptível.

A referida obra (OLIVEIRA VIANNA, 2005) busca tecer considerações sobre a população e a política no Brasil, refletindo na existência de “três sociedades”: dos sertões, das matas e dos pampas, abordando nelas o sertanejo, o matuto e o gaúcho e centrando suas análises nos povos do Sul. Além disso, o autor também trata de questões relativas à aristocracia rural e às classes rurais, de forma histórica, buscando pensar as “mentalidades” delas.

Conforme Rezende (1999), Oliveira Vianna afirmava não ser possível falar de mudanças exógenas no país sem fazer referências às condições em que se formou o povo-massa, que era despreparado para a tomada de ações políticas conscientes, por isso seria necessária sua submissão ao Estado, único capaz de distinguir os elementos modificáveis, os permanentes e aqueles de difícil modificação. Esse tipo de mudança estaria centrada no Estado, desde que se criassem “elementos que amaciassem, segundo ele, a sua própria condição de formulador e operador de

³⁶ A República Velha se estendeu de 1889 a meados de 1930, tendo como marcos a Proclamação da República e a Revolução de 1930, primeiro período da República no Brasil, no qual as oligarquias (pequenos grupos de grande poder econômico e político) exerciam forte domínio no país. Após 1930 teve início a era Vargas, tema que é abordado no Capítulo 3 da presente tese.

³⁷ Período Ditatorial sob a gestão de Getúlio Vargas (entre 1937 e 1945). No decorrer desse período, também se desenrolou a Segunda Guerra Mundial, que ocasionou ondulações na conjuntura sócio-política brasileira.

reformas a partir das condições culturais e não político-econômicas” (REZENDE, 1999, p.150).

É dessa forma que conhecer as condições culturais do povo se torna uma questão central para o autor, uma vez que “ele pressupunha que o seu trabalho deveria servir aos homens que dirigiam a política e o Estado no processo de formulação das reformas e das mudanças” (REZENDE, 1999, p. 151). A essa fala, somam-se as considerações de Zullo e Silva (2022) sobre o autor desenvolver uma narrativa histórica na qual a classe “dominante” (nobreza rural) é considerada responsável pela formação histórica brasileira, como o movimento de colonização do interior, a mineração, a independência e o Império.

De acordo com os autores, Oliveira Viana buscava delinear uma suposta “harmonia” entre a classe dominante e o povo, considerado como massa. Contudo, o povo não teria uma contribuição ativa para as transformações históricas:

Nesta narrativa, a “plebe”, a “ralé”, a parte “inferior” dentre os “mestiços” [...] não teria demonstrado reação política, tampouco teria construído instituições de solidariedade nem democráticas. Como consequência, a sociedade brasileira seria plácida, isto é, sem conflitos entre as diferentes classes. Os conflitos existentes são entre os diferentes grupos familiares da classe dominante, os “clãs parentais”, posteriormente levados a desavenças entre as diferentes frações regionais da classe dominante, os “oligarcas” (ZULLO, SILVA, 2022, p.170)

Rezende (1999) ressalta que há, por parte do autor, um empenho na construção de um ideário conservador sobre a mudança social no Brasil, no qual a ação tutelar do poder público era indicadora da autoridade forte e vigilante, então a mudança exógena ocorreria por conta somente do Estado, único ente capaz de promover mudanças na ordem social. Dessa forma, vê-se a elaboração de uma linha argumentativa que explica a estrutura social e toda uma forma de pensamento partindo de uma interpretação que dialoga com os elementos de ordem política, apontando para sua manutenção.

De acordo com a autora, a formação social e econômica é por ele pensada enquanto um fator determinante para o apolitismo da plebe, junto da formação política do Brasil, cujos mecanismos só possibilitavam a participação da elite. Portanto, estabelecia a distinção entre a elite e o povo massa, retratado como incapaz.

Freyre (2003), por sua vez, discute a formação da sociedade brasileira colocando em foco a participação dos diferentes povos para a formação do Brasil, como um fato positivo. Nesse sentido, conforme Zullo e Silva (2022), ele não

inviabilizou as contribuições de negros e indígenas, em suas “relações” com os portugueses, para a cultura nacional, buscando enaltecer suas participações na construção da família, da culinária, das relações sociais e das instituições políticas.

Seria, no contato do dia a dia, na vida doméstica, que teriam criado vínculos sociais e culturais que “driblaram a dominação violenta e abriram um espaço para que se desenvolvessem afetos espontâneos entre essas duas partes” (ZULLO, SILVA, 2022, p.174). Dessa forma, observam os autores, Freyre reinterpretava o horror do cotidiano violento e opressor em um ambiente de acomodação e reelaboração das tensões pelos elementos humanos que construíram aquela realidade.

Freyre desenvolveu, segundo os autores, suas elaborações em meio a circunstâncias de tensões sociais. Desse modo, havia uma demanda por um novo pacto entre as oligarquias regionais e de adoção de medidas que enfrentassem as insatisfações populares. O caráter conservador da obra pode ser apontado pelo fato de que, em *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, balizado pelo passado colonial e escravista, o autor “parece sugerir o uso de técnicas sociais para preservar a segregação social baseada em fundamentos raciais e culturais” (ZULLO, SILVA, 2022, p.176), destacando, por exemplo, a liderança do povo português e sua capacidade de, nessa “união” com outros povos, não perder sua posição de domínio.

Ao desenvolverem suas elaborações teóricas, esses autores ou apresentavam construções históricas que buscavam explicar e legitimar as estruturas sociais vigentes, colocando determinados grupos sociais (com poder político concentrado em si) em destaque, em detrimento dos outros. Nesse sentido, procediam com posicionamentos críticos às “explicações” que divergiam de suas linhas de interpretação, como é o caso de intelectuais liberais. Oliveira Vianna, por exemplo, considerava que

[...] os liberais brasileiros de fins do século XIX, cujo principal expoente foi Rui Barbosa, teriam se eximido da tarefa de estudar historicamente a tradição política brasileira. Como consequência, esses liberais ignoravam a inadequação das instituições políticas anglo-saxãs ao “complexo cultural” brasileiro. Na prática, criava-se uma autonomia municipal sem formação do espírito público e de uma tradição democrática, levando ao fortalecimento dos poderes locais (ZULLO, SILVA, 2022, p.182).

Segundo os autores, o liberalismo político e a democracia não eram concebidos como pertinentes a toda a humanidade, mas como criações de outras culturas. Esse tipo de elaboração contribuía, então, para explicar a importância ou, ainda, um tipo de “necessidade” de manutenção da ordem política e do *status quo* tal

como era no período.

A respeito de Freyre, os autores falam sobre uma urgência em resgatar costumes e práticas desenvolvidas pelos senhores de terras no decorrer da escravidão para a preservação da ordem social. Sua proposta estava centrada na “identificação de que a plasticidade acomodava antagonismos e impedia que conflitos entre as oligarquias adquirissem maior radicalidade” (ZULLO, SILVA, 2022, p.188).

Dessa forma, o pensamento elaborado pelo autor apresentava um tipo de apresentação do passado cuja leitura buscava legitimar relações patriarcais (e a cultura a elas associada) e o compartilhamento dos espaços nacionais de controle e tomada de decisões com outras oligarquias (ZULLO, SILVA, 2022, p.188). Assim, observam, pretendia falsear o passado violento e excludente, enquanto apresentava as tensões emergentes como frutos do modelo liberal, que então era implantado pelos cafeicultores nas fábricas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Portanto, é possível falar da existência de um lastro histórico no Brasil de grupos e indivíduos, que, partindo de leituras que associavam grupos sociais no poder e seus desígnios aos “modos de ser” que estruturavam a sociedade, atuavam em prol da manutenção dessa ordem política, cultural e social.

Nesse sentido, os grupos religiosos abordados pela pesquisa também estabeleceram diálogos com as correntes de pensamento derivadas de diferentes grupos políticos em um país que tendeu a concentrar o poder político em pequenos grupos sociais. Isso, porém, foi feito conforme seus próprios interesses, grades de leitura da realidade social, desígnios e “projeto societário”, tanto que, em períodos posteriores (década de 2010), foi possível apreender reações contrárias aos grupos que então estavam no poder.

Para desenvolver essa perspectiva de análise, esta pesquisa estabeleceu uma aproximação com as elaborações de Elias (1980) sobre as configurações que os indivíduos formam nas relações sociais. Para o autor, os indivíduos, por meio de suas disposições e inclinações básicas, são orientados uns para os outros e unidos uns aos outros, constituindo “teias de interdependências ou configurações de muitos tipos” (ELIAS, 1980, p. 15).

Nesse ponto, Elias (1980) diferencia a sociologia de outras ciências, tais como a psicologia, pois, na sua visão, ela não toma o indivíduo enquanto uma unidade isolada, pensa nas configurações de indivíduos interdependentes e na possibilidade de compreender/interpretar as suas ações e manifestações mediante o estudo dessa

interdependência e das estruturas das sociedades. Ou seja, a sociologia tende a pensar nas configurações que os indivíduos formam uns com os outros. Barbosa (2015) observa que,

Para exemplificar as configurações dos seres humanos, e, com isso, pensar nas tarefas com as quais a sociologia se defronta, em especial, no que tange ao seu objeto de estudo, o autor analisa as relações de poder, ilustrando com a situação de jogos. Para ele, o caminho que o jogo irá tomar depende das ações dos indivíduos, devido à existência de uma relação de interdependência. Isto é, o jogo não tem uma dinâmica própria, independente dos indivíduos, pelo contrário, será guiado pelas ações dos jogadores e da relação uns com os outros. O conceito de configuração implica, portanto, nesse padrão mutável, nítido na dinâmica do jogo, no entrelaçamento das ações dos jogadores, interdependentes e mutáveis (BARBOSA, 2015, p.392).

Compreende-se, portanto, que os grupos civis e seus indivíduos são atores participativos nos processos em que aparecem, formando redes de interdependências de indivíduos em uma relação que é dinâmica. Isso ocorre numa dada conjuntura em que ambas as partes são dotadas de historicidade, inseridas em processos históricos fluidos e em constante desenvolvimento.

Com as contribuições conceituais de Mannheim (1981, 1982), tem-se que os grupos sociais e as suas redes de indivíduos são portadores de correntes de pensamento associadas a uma certa conjuntura sociopolítica e cultural e que, em determinados momentos históricos, estabelecem diálogos com as correntes derivadas de outros grupos políticos. Para o autor, é preciso analisar os estilos de pensamento enquanto crescem, desenvolvem-se, fundem-se e desaparecem, considerando as circunstâncias sociais de mudança, pensando “principalmente no destino dos grupos ou classes sociais que são os ‘portadores’ desses estilos de pensamento” (MANNHEIM, 1981, p. 78).

Assim, entende-se que o pensamento humano se desenvolve em “correntes” de pensamento, tendo como “pano de fundo” o estilo de pensamento vigente em uma época e as diferentes configurações sociais atuantes nessa conjuntura, que concorrem ou não para a manutenção desse clima mental e das estruturas político-sociais vigentes. Assim, as contribuições de cada indivíduo aparecem e ganham significado.

É justamente pensando nessas contribuições que a presente pesquisa se propõe a refletir, para além das correntes de pensamento que derivam dos processos de pensamento conservador no Brasil, na existência de matrizes de pensamento associadas aos grupos sociais estudados.

A conceituação de matriz de pensamento considerada nesta pesquisa dialoga com a noção de ideologia apresentada por Bruneau (1974), que se distingue da “teologia” em si, pois a

Teologia parece indicar um conjunto de princípios gerais, abstratos, do outro mundo, que permanecem eternos apenas nas aplicações mais amplas. Ideologia, por outro lado, implica mais coerência interna, racionalidade de intenção, sistemática aplicação particular, que comanda ações definidas. Pode-se dizer, [...] que o modelo de cristandade, ou o de neocristandade, incluía uma ideologia, [...] a orientação da ideologia para a ação, intencional e planejada, na Igreja pós-1950. Melhor ainda, era uma formulação particular de elementos tirados de uma teologia católica mais vasta, com relação a, ou com particular relevância para o Brasil, num momento histórico especial. A ideologia formulada num processo de questionamento: questionamento do papel da Igreja no passado, da natureza da mudança na sociedade brasileira e do papel próprio da Igreja (BRUNEAU, 1974, p. 147).

Assim, as formas de pensamento associadas aos grupos civis religiosos estudados (no plural, pois se trata de mais de um grupo) que, em diferentes momentos, manifestam suas visões de mundo por meio das páginas da *Catolicismo*, não se encerram no âmbito da teologia, fixando-se somente em uma explicação metafísica do mundo e das coisas. Esses grupos, em suas manifestações, têm sua intencionalidade e suas próprias formas de estruturar e explicar ao seu público as suas grades de leitura da realidade de forma que congreguem elementos conjunturais, acontecimentos históricos, suas interpretações religiosas do mundo e das coisas, e suas manifestações, orientações e “opções” no âmbito político, formando um tipo de amálgama entre essas dimensões que resultam em suas matrizes de pensamento.

Por se tratar de grupos católicos, suas formulações também se encontram inseridas em processos internos à Igreja Católica no Brasil e no mundo, como é o caso das cisões e segmentos divergentes quanto às orientações da Igreja como um todo. Dessa forma, por meio das manifestações realizadas nas diferentes fases de publicações da *Catolicismo* (e, então, dos grupos envolvidos com a revista), é possível pensar na formulação das matrizes que englobam esses questionamentos, intencionalmente publicados, sobre o papel da Igreja em diferentes momentos históricos, das mudanças na sociedade brasileira e das participações de grupos católicos, civis e políticos nesses processos.

Trabalhando com as publicações da Revista, considera-se que, uma vez que o discurso que revela a ação revela também o seu sujeito, permitindo pensar a atribuição de sentido às coisas, tem-se que a matriz é expressa no discurso oral ou

escrito (SADER, 1988, p. 57). Ao se exprimir, o sujeito está não somente comunicando algo a outros como a si mesmo.

Partindo da ideia da existência de processos históricos de pensamento conservador no Brasil e de correntes de pensamento derivadas de grupos políticos neles atuantes em suas diferentes fases, compreende-se que as figurações formadas por grupos civis religiosos (também portadoras de seu próprio estilo de pensamento) podem se encontrar e estabelecer diálogos, conforme seus desígnios, como é o caso do combate ao comunismo e do resgate de uma civilização cristã. Não é que se compreenda uma comunhão total entre as correntes de pensamento derivadas de ambos, mas há elementos convergentes que podem ser mobilizados conforme os interesses desses grupos.

Por meio das manifestações nas páginas da *Catolicismo*, seus autores, inseridos em seus grupos sociais, buscam construir margens de ação na ordem político-social, por vezes envolvendo grupos mais amplos da sociedade, agindo para conservar fatores da ordem política conforme seus próprios desígnios e visões de mundo. Nessas manifestações, encontram-se elementos regulares em ambos os períodos históricos, o que sugere matrizes de pensamento e permite pensar nas suas faces contemporâneas e nas suas possíveis variações, divergências e convergências.

Considerando que “o destino dos grupos está refletido aparentemente mesmo nas menores mudanças de desenvolvimento de um estilo de pensamento” (MANNHEIM, 1981, p.81), compreende-se que os grupos civis religiosos envolvidos com os processos editoriais da *Catolicismo* dialogam com a conjuntura mais ampla e, também, com outros grupos sociais. Nesse processo, reagem de forma consciente e intencional frente às possíveis mudanças que se delineiam em cada época.

Essas reações estão associadas ao que os autores consideram como convergente ou divergente ao seu “projeto societário”, uma sociedade cristã, anticomunista e embasada pelos princípios por eles tidos como “corretos”. É dessa forma que coadunam elementos de ordem religiosa, cultural, social e política e, desse processo, derivam as matrizes de pensamento, que podem ser apreendidas e aprofundadas por meio das produções desses grupos civis, a fim de pensar as “atribuições de sentidos” e interpretações expressas em suas publicações, que comunicam, também, conforme Sader (1988), algo de si mesmos.

A partir dessas considerações, ao refletir sobre a proposta da presente tese, foram evidenciados recortes e desafios teóricos e metodológicos que

demandaram atenção. Entre eles, está a questão da abrangência da análise a ser desenvolvida.

O desenho teórico e metodológico, com a proposta de elaborar conceitos a partir de uma maneira particular de pensar fenômenos da realidade social, busca contemplar similaridades, elementos em comum e divergências entre as manifestações elaboradas e veiculadas por esses civis religiosos envolvidos com as publicações da *Catolicismo* nesses mais de 70 anos de atividades. Assim, pensou-se em um recorte que teria como ponto de partida a compreensão de que a presente análise se refere ao “universo” interpretativo, ao qual se tem acesso pelas fontes documentais e que compõe a realidade social e empírica observável, relacionada aos seus produtores. Partindo das elaborações expressas nas fontes documentais, é possível que se reflita sobre as matrizes de pensamento enquanto derivadas desses grupos civis religiosos.

Tendo nas manifestações que foram analisadas a possibilidade de inferir a existência de elementos suficientes para refletir sobre sua formação e composição, as matrizes desenvolvidas nos próximos capítulos são tomadas enquanto manifestações históricas derivadas da dinâmica social e cultural dos grupos civis religiosos cujas manifestações são analisadas, de seus diálogos e/ou “embates” com elementos da conjuntura mais ampla e com outros grupos sociais, como aqueles de caráter político atuantes em nível estatal. Cabe reforçar que os grupos selecionados para a pesquisa são produtores de conteúdo midiático, havendo, em suas manifestações, uma busca por certa margem de ação, influências e interferências em relação à realidade histórico-social em que se encontram, segundo suas formas de pensamento.

Buscou-se uma interpretação que, além das teorias selecionadas para compreender e situar os grupos religiosos estudados histórica e socialmente em seu diálogo com as estruturas mais amplas, trabalha também com as suas produções. Para tal, propôs-se a abordar os elementos discursivos relativos às suas elaborações e reflexões manifestadas por meio das publicações da *Revista Catolicismo*, tendo em vista a historicidade dos referidos conteúdos, tomados enquanto carregados de significações relacionadas à conjuntura histórica e social e às leituras particulares da realidade, próprias do “universo” ao qual as produções pertencem e oferecem acesso.

Em meio aos aportes teórico-metodológicos, está a busca de diálogos históricos entre o objeto da pesquisa e as problemáticas, questões e hipóteses elencadas. Nesse sentido, uma questão que sobressaiu foi a delimitação dos

elementos, eventos e fatores históricos, considerando que a pesquisa se propõe a trabalhar com as elaborações de Elias sobre os processos de longa e média duração. Destaca-se, nesse quesito, a forma como seriam selecionados os aspectos históricos, como um “pano de fundo” dos eventos históricos e políticos sob os quais se desenrolaram as manifestações e elaborações dos grupos civis religiosos e as “leituras” de autores sobre esses elementos.

Tal questão se colocou como relevante, uma vez que a proposta é abordar dois períodos históricos distintos e que a perspectiva desenvolvida é a de que há lastros históricos que compõem o “terreno” sob o qual a realidade empírica observável se desenvolve e com o qual os grupos sociais considerados estabelecem diálogos.

Por essa razão, optou-se por fazer os levantamentos históricos e as leituras tendo como “guia” eixos temáticos que se relacionam com a problemática de pesquisa e com o recorte histórico-temporal:

1) Aspectos da formação da cena política brasileira e suas dinâmicas de intervenções militares e tendências de concentração de poder político em pequenos grupos;

2) A atuação histórica de grupos religiosos, suas ações e diálogos em prol ou destoantes da manutenção de ordens políticas e sociais nos referidos períodos, conforme seus desígnios e visões de mundo (apreendidas por meio das manifestações nas páginas da Revista Catolicismo);

3) O anticomunismo no Brasil, com especial atenção a uma de suas faces: a “cristã”, elaborada pelos grupos civis religiosos cujas produções estão em foco na presente pesquisa, enquanto um fator impulsionador em sua disseminação.

Sobre o acesso às fontes documentais, vale destacar que a Catolicismo disponibiliza um acervo público com as edições da revista desde o ano de 1951 a 2024.³⁸

³⁸ Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/index.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2021.

2.2 Critérios Metodológicos da Pesquisa

Em um primeiro momento, é importante observar que as publicações da revista *Catolicismo* são consideradas, aqui, fontes documentais. Seus produtores, por sua vez, além de portadores de suas próprias correntes de pensamento, são tidos como sujeitos coletivos. Esse conceito é apresentado por Sader (1988), que aponta o sentido de uma coletividade na qual se elabora uma identidade e se organizam práticas mediante as quais os seus membros buscam defender seus interesses e expressar as suas vontades, constituindo-se lutas.

De acordo com o autor, há uma pluralidade de sujeitos e identidades, as quais têm composições mutáveis e intercambiáveis e resultam de suas interações em processos recíprocos de reconhecimento. Nesse transcurso, segundo Sader (1988), os sujeitos possuem também autonomia, pois, ao dialogarem com determinações externas, são capazes de reelaborá-las em função do que definem para si como a sua vontade. Ou seja, ainda que contem com alguma liberdade de movimentação, não se pode deixar de levar em consideração os diálogos que esses sujeitos coletivos estabelecem com elementos objetivos e conjunturais no desenvolvimento de suas reelaborações.

Pensando nesses processos e diálogos recíprocos entre grupos sociais e fatores conjunturais, que nortearam a análise das fontes documentais elaboradas pelos grupos civis religiosos estudados, esta pesquisa dialoga, primeiramente, com as elaborações de André Cellard (2008) e Tim May (2004). Também foram pesquisadas e adaptadas contribuições de autores que têm como objeto fontes documentais e seus conteúdos, tais como: Rosalind Gill (2008) e Eni Orlandi (2012), relativamente à análise do discurso; com contribuições adaptadas de Maria Laura Publisi Barbosa Franco (2012) sobre as categorias analíticas.

Com base nessas leituras, parte-se da noção de que os documentos analisados são “testemunhas” dos eventos aos quais se referem e possibilitam “acrescentar a dimensão do tempo à compreensão social” (CELLARD, 2008, p. 295), assim como considerações sobre os responsáveis por essas produções: quem são, com quais grupos e estilos de pensamento dialogam, o que dizem, a conjuntura na qual foram elaboradas, considerando o espaço disponível para desenvolver as manifestações, os seus registros e o que pretendiam comunicar a seus leitores em diferentes períodos históricos .

Tendo em vista a análise das estratégias retóricas utilizadas pelos grupos

envolvidos com os processos editoriais da Catolicismo para se dirigirem ao seu público leitor e, ainda, a identificação de elementos relativos à lógica interna do texto, recorreu-se, também, a **contribuições** da análise do discurso, pois a pesquisa se propôs a realizar uma análise argumentativa que buscou abordar, por exemplo, as “verdades” manifestadas nas páginas da revista e a sua construção/justificativas/explicações, o que os autores afirmam saber, quais são os caminhos indicados para isso, quais são as “condutas” e as “formas de pensar” que afirmam ser as “corretas”, baseados em suas visões de mundo e nos elementos que congregam nas “empreitadas” em que se engajam firmemente, como é o caso do combate ao comunismo e aos elementos a ele associados.

Considerando os leitores da revista, a quem se quer alcançar, a análise também se voltou para a reflexão da forma como os autores buscavam com eles se comunicar. Com o passar dos mais de setenta anos de atividades da revista, e com as mudanças que se delinearam não só na conjuntura, mas também no próprio público alvo, buscou-se refletir também sobre as formas e elementos discursivos usados pelos autores na construção de suas manifestações, que tinham como objetivo chegar à comunidade leitora católica.

Por essa razão, a análise teve como um de seus objetivos pensar as manifestações intencionalmente elaboradas por seus autores e os “recursos” comunicativos por eles utilizados, pois o fizeram sabendo a quem se dirigir e como fazê-lo (aos leitores que compartilhavam de seus princípios religiosos). Nesse processo de elaboração das comunicações, seus autores buscaram integrar, partindo de suas grades de leitura da realidade social e política, suas visões de mundo aos elementos de ordem religiosa (vistos e expostos como “legítimos legisladores” da vida pública e privada) e de ordem política e cultural. Nesse processo, os autores vão desenvolvendo posicionamentos frente às situações e acontecimentos do mundo político/social e orientações sobre como proceder/agir/pensar no cotidiano, intencionalmente comunicando seus tópicos de interesse aos seus leitores.

As contribuições mobilizadas da análise do discurso inspiraram a elaboração de categorias analíticas, enquanto da análise de conteúdo, a formulação de inferências, para tornar viável a análise argumentativa que foi desenvolvida. Pretendeu-se, com isso, a busca, a seleção e a classificação de conjuntos de elementos, temas e falas, bem como o reagrupamento de informações com base em critérios predefinidos e na incidência e repetição de termos e assuntos-chave.

Para compor as categorias analíticas e avançar na separação de informações, na sua reorganização e na posterior formulação de inferências, foram incorporadas contribuições da análise do discurso, pois constatou-se que, com as categorias, seria possível apreender elementos relativos aos recursos retóricos mobilizados pelos autores e à construção intencional das suas manifestações, que associam e coadunam os elementos já citados. Dessa forma, as produções dos grupos sociais e os elementos que decidiram registrar e comunicar representam mediações entre os indivíduos em foco e o mundo social. Nos seus diálogos com dada conjuntura, sobressaem as possíveis formas de significar e de produzir sentidos, o que se enquadraria em suas visões de mundo e na forma como manifestam suas compreensões e valores sobre os acontecimentos/elementos dessa conjuntura.

Contudo, a proposta aqui desenvolvida não tem por objetivo permanecer somente no discurso que consta nas fontes documentais. Nesse sentido, vale reforçar que são adaptadas *contribuições* da análise de discurso, haja vista o aspecto histórico-cultural e social das produções discursivas aqui trabalhadas, bem como a ideia de que, tal como afirma Gill (2008), os diversos enfoques e propostas da análise do discurso concordam em um ponto, qual seja, a linguagem não é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo.

Por essa razão, não serão esmiuçadas, aqui, propostas de análise do discurso, tais como Ferdinand de Saussure, uma vez que o autor se volta para estudos relacionados à linguística, conforme pode ser observado em sua obra “Curso de Linguística Geral” (2006). A proposta desenvolvida nesta tese se liga aos aspectos sociais observados por Gill (2008). Em suma, trata-se do reconhecimento de que as formas como os indivíduos compreendem o mundo são histórica e culturalmente situadas e relativas.

Assim sendo, as diferentes grades de leitura da realidade têm origem nos processos sociais, interessando a este estudo explorar como os conhecimentos – “a construção social de pessoas, fenômenos ou problemas” (GILL, 2008, p. 245) – aparecem interligados nas manifestações veiculadas pelos grupos sociais nas páginas da revista selecionada.

As contribuições incorporadas na metodologia da presente pesquisa possibilitam partir de uma base teórico-metodológica que considera a indispensabilidade de considerar a dimensão histórica com relação aos discursos aqui analisados. Orlandi (2012), nesse sentido, ressalta na análise de discurso elementos

que são aqui pensados: não se considera a comunicação como simples transmissão de informações nem que há uma linearidade na disposição dos elementos dessa comunicação, como em um procedimento serializado, em que se fala baseando-se em um código e o receptor capta a mensagem, decodificando.

A língua não é considerada somente como um código entre outros, em que um fala e o outro escuta, não sendo somente uma transmissão de informações. Antes, ressalta Orlandi (2012), realizam-se ao mesmo tempo processos de significação que não são estanques, pois o funcionamento da linguagem coloca em relação sujeitos e sentidos que são afetados não só pela língua, mas também pela história em um “complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (ORLANDI, 2012, p.21).

São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2012, P.21).

Considerando que a pesquisa tem acesso somente ao “universo” de significados e construções que constam nas páginas da *Catolicismo*, a presente pesquisa dialoga com as contribuições de Gill (2008), principalmente no que tange à terceira característica³⁹ da análise do discurso elencada em sua proposta, qual seja, a preocupação em realçar a orientação da ação ou a orientação da função do discurso. Nessa perspectiva, o discurso seria uma prática social e a linguagem não seria interpretada apenas como um epifenômeno, mas uma prática.

Tem-se, assim, a compreensão de que os indivíduos não se expressam da forma como o fazem tendo como referência somente o tempo presente como em um tipo de movimentação sincrônica, mas, antes, é “sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social” (GILL, 2008, p. 248). Ou seja, os discursos são também circunstanciais, daí a imprescindibilidade de se considerar a dimensão histórica a eles associada.

³⁹ A primeira se refere a tomar o próprio discurso como seu tópico, ou seja, representa um interesse no texto por si mesmo, o que vai ao encontro do referencial teórico-metodológico da presente pesquisa, que buscou, como um tema central, a conjuntura na qual os discursos são analisados. A segunda característica se refere ao fato de a linguagem ser construtiva. Ela não foi englobada nesta pesquisa por estar voltada para questões relacionadas a recursos linguísticos pré-existentes.

Para a autora, o contexto interpretativo é algo de extrema relevância para a análise do discurso, pois ele não representa somente os parâmetros de uma interação, isto é, não diz apenas onde ela ocorre e para quem ocorre. Isso foi incorporado nesta pesquisa, uma vez que, nas interpretações aqui desenvolvidas, buscou-se olhar para os aspectos “mais sutis da interação, incluindo [...] as orientações dos participantes” (GILL, 2008, p.249), manifestadas nas páginas da revista *Catolicismo*. Portanto, neste estudo, considera-se que os discursos das fontes documentais não são esvaziados de sentido, pelo contrário, envolvem várias atividades e estratégias de elaboração dadas pelo contexto de sua produção, conforme as visões de mundo de seus autores. Deve-se atentar para o que tais discursos evidenciam no modo como procuram se comunicar com os seus leitores.

Nesse sentido, a autora chama a atenção para uma quarta característica da análise do discurso, qual seja, o tratamento dos textos como estruturas retoricamente organizadas. A vida social é percebida como caracterizada por conflitos diversos e, por essa razão, a produção discursiva envolve o estabelecimento de uma versão do mundo frente a outras versões competitivas (GILL, 2008, p. 50).

Nas elaborações veiculadas pela revista, é possível captar a forma como os autores percebem, delineiam e respondem a esses conflitos, partindo de suas interpretações de ordem religiosa para então relacioná-las com a dimensão política estatal e até mesmo ética. Por essa razão, compreende-se a possibilidade de analisar a construção, a partir das publicações, de uma identidade “cristã” em que se constrói, como um de seus “deveres”, rejeitar e até mesmo combater o comunismo.

Assim, a pesquisa buscou abarcar também referências ao âmbito político, pois, além de buscar margens de ação com relação à opinião pública (de seus leitores e da população que viesse a ler as publicações), na revista, foram elencadas também questões políticas, nas quais seus autores apontam, com relação a personalidades, projetos, leis, processos e mudanças eleitorais e políticas etc., a concretização, as aproximações ou o afastamento desse dever de combater o comunismo, em nome da proteção e do resgate da civilização cristã.

É importante, porém, destacar que as publicações e interpretações dos autores não são tomadas como “amarras” ao se refletir sobre o que eles pretendiam comunicar, pois são percebidas nuances que vão se delineando com o tempo. Ainda que o trato com as fontes documentais tenha sido desenvolvido de forma linear, iniciando com as publicações da década de 1950 e chegando até a década de 2010,

foi preciso considerar as mudanças conjunturais e seus impactos nas publicações, bem como as mudanças dos grupos envolvidos com os processos editoriais no decorrer dos anos e as demandas que iam se colocando aos autores nesse ínterim.

Isso é levado em consideração nesta pesquisa, pois, aqui, são abordadas fontes documentais que carregam visões de mundo que remetem ao que os membros dos grupos sociais compreendem por “cosmovisão do ser cristão”, demonstrando e ressaltando compromissos, lutas e cruzadas, como o combate ao comunismo. Foram identificados, nos recursos retóricos mobilizados, aspectos de ordem política, tendo em vista a existência de alusões a personalidades ou a grupos atuantes em nível estatal e de acontecimentos e mudanças políticas, que se aproximam desses grupos civis religiosos no quesito “combate anticomunista” e em seus desígnios.

Isso é algo relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, considerando que, ao se trabalhar com produções humanas, ainda que com fontes documentais que testemunham acontecimentos passados (CELLARD, 2008), entrelaçadas com a história e com as conjunturas de suas produções, uma das possibilidades e desafios de pesquisa seria o de englobar possíveis variações, orientações, resgates e até mesmo mudanças que poderiam surgir no decorrer das análises das fontes documentais em relação às hipóteses elaboradas enquanto respostas prévias.

Por essa razão, optou-se pela elaboração de categorias de análise para lidar com as fontes documentais e, para não “engessar” a análise em determinados moldes relacionados a essas categorias, um dos caminhos metodológicos adotados foi o da possibilidade de se elaborar categorias analíticas *a posteriori*, conforme as demandas que fossem surgindo no decorrer da análise, relacionadas às nuances percebidas a partir das publicações.

Na leitura preliminar das fontes documentais, foi possível identificar elementos que possibilitaram a formulação tanto de hipóteses prévias, como a elaboração das categorias analíticas *a priori*: a construção de uma perspectiva de “identidade” do que é “ser cristão” e um dever associado a ela; a rejeição a qualquer elemento relacionado ao comunismo ou ao socialismo, em defesa de uma noção específica de democracia e, por fim, alusões a grupos políticos específicos, portadores, também, de discursos anticomunistas, de caráter antidemocrático, que fazem referências a grupos militares.

Dito isso, a questão que se colocou posteriormente foi como seriam analisadas as fontes documentais após a delimitação dos aspectos a serem

abordados, isso porque o volume de publicações é considerável somando, atualmente, mais de 800 edições e, conforme colocado anteriormente, engloba mudanças conjunturais e políticas de grupos sociais, diferentes pautas públicas, privadas e políticas e dos próprios autores, que vão se manifestando no contexto desses acontecimentos.

Após as leituras preliminares, optou-se pela formulação de inferências, guiadas pela análise com fontes documentais e pelas categorias de análise elaboradas *a priori* e *a posteriori*. A formulação de inferências foi realizada visando extrair conhecimentos dos aspectos latentes nas fontes documentais, buscando pensar essas inferências enquanto algo que pode ser aplicado ao seu contexto (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 284).

A opção por trabalhar com categorias analíticas, como uma forma de classificar e reagrupar as unidades de registro em categorias, ocorreu tendo em vista tornar inteligível a massa de dados e a sua diversidade (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 298). As categorias foram elaboradas com base em eixos temáticos que guiaram tanto a leitura quanto a seleção das fontes documentais, visando sempre as possíveis convergências e também as divergências em relação às hipóteses elaboradas previamente.

Tal movimento foi realizado porque, ao se trabalhar com produções de grupos sociais, não se pode deixar de notar o caráter dinâmico das suas relações e o fato de que os grupos podem ou não estabelecer diálogos com a conjuntura e com as correntes de pensamento aqui consideradas, o que poderia variar, inclusive, devido ao extenso período no qual a revista vem desenvolvendo suas atividades. Assim sendo, no início da presente análise, houve a preocupação de abarcar a existência de variações, convergências e divergências em relação às hipóteses, premissas e categorias analíticas elaboradas previamente no projeto de pesquisa.

No que se refere às variações e dinâmicas, foram também adaptadas contribuições de Franco (2012), em suas considerações sobre a existência de dois caminhos para se trabalhar com as categorias analíticas, sendo o primeiro a elaboração *a priori*, com categorias predeterminadas em função da busca por respostas do pesquisador (FRANCO, 2012, p. 64). Para que essas categorias não representassem, nas palavras da autora, uma “camisa de força” para a pesquisa, optou-se pela possibilidade de criar as categorias de análise “*a posteriori*”, conforme o desdobrar da pesquisa.

Considerando as perguntas feitas ao objeto de pesquisa, seguem as categorias analíticas elaboradas *a priori*, que possibilitaram pensar e proceder a composição das primeiras matrizes de pensamento. Observou-se, nesse caso, a persistência de elementos em comum ou de regularidades/similaridades discursivas no decorrer dos anos.

- Elementos de ordem política e religiosa apresentados nas publicações de cada período, considerando marcos temporais como o início das publicações na década de 1950, a Ditadura Militar, o processo de abertura política, o Golpe em 2016 (que depôs Dilma Rousseff) e as eleições realizadas em 2018.
- Assuntos prioritários e tópicos de “preocupações” recorrentes, considerando as suas similaridades, continuidade ou diferenciações.
- Recursos retóricos utilizados na descrição, interpretação e representação de fatos e acontecimentos políticos e religiosos.
- Discursos convergentes e divergentes entre si, por exemplo, acontecimentos históricos, figuras políticas, mudanças governamentais etc.
- Referências ao comunismo, a agentes e/ou a grupos associados ao seu combate, e representações e construções de “imagens” relativas ao “mal” comunista.
- Associações ou diálogos estabelecidos e apresentados por meio de recursos retóricos sobre três temas em específico: cena política brasileira, cosmovisão do “ser cristão” e o combate ao comunismo.
- Falas que denotam resistências às mudanças na ordem sociopolítica e religiosa.

No desenvolvimento da presente análise, que também é argumentativa, foi possível perceber que as publicações da revista não colocavam em seu foco primordial o apoio ou a rejeição a essa ou àquela gestão governamental.

Os grupos sociais que passaram pela revista, em suas diferentes fases, apresentaram visões de mundo fortemente amparadas por suas interpretações religiosas, que despontam nas interpretações éticas, políticas e culturais. As gestões governamentais, nesse sentido, foram elaboradas como possíveis aliadas ou inimigas dos desígnios desses grupos, como a restauração da civilização cristã, o resgate e a manutenção das tradições, a luta anticomunista e a aprovação de medidas políticas sobre temas como o divórcio, o aborto, o uso de contraceptivos, entre outros.

Ademais, foi possível perceber, com a leitura das fontes documentais, a elaboração de todo um corpo conceitual à luz de suas visões de mundo e de prescrições sobre comportamentos adequados a essas visões de mundo, como a rejeição ao comunismo, à modernidade, às revoluções sociais e aos males por elas acarretados e aos sistemas políticos que, nas construções feitas nas páginas da revista, são percebidos como favoráveis às mudanças vindas dessas revoluções, como o comunismo, o socialismo e até o liberalismo.

Para lidar com essas questões, foi elaborada uma categoria *a posteriori*.

- Elaboraões discursivas sobre quem e como são os verdadeiros cristãos, o que devem fazer perante o mundo moderno e suas consequências, o que é o comunismo, o socialismo e o marxismo, quais são as ações/políticas que somam ou que prejudicam a luta anticomunista, o que é a civilização cristã, suas características e dogmas elementares, quais foram as revoluções sociais e suas consequências para a sociedade.

Cabe ressaltar, ainda, que a análise de fontes documentais em diálogo com as considerações de Elias e Mannhein orientaram a análise das fontes segundo as elaborações de Tim May (2004) e André Cellard (2008).

Para May (2004), os documentos podem ser lidos como a sedimentação de práticas sociais e apresentam o potencial de informar elementos sobre aqueles que os escreveram. Para o autor, por meio das fontes documentais, é possível obter acesso a leituras particulares de eventos sociais, incluindo as aspirações dos períodos em que foram elaborados e as descrições de lugares e relações sociais de uma época.

Considerando que são mobilizadas para a análise publicações feitas em períodos históricos distintos, produzidos por grupos religiosos cujas manifestações são veiculadas nas páginas da *Catolicismo*, evidenciou-se a necessidade de seleção de uma proposta analítica que permitisse abordar a historicidade dos conteúdos desses documentos. Com isso, buscou-se apreender visões de mundo apresentadas nas fontes documentais, tendo em vista que a referida análise também possibilita, segundo o autor, entender como questões novas e contemporâneas podem remeter a interrogações e lastros históricos antigos, desvelando aspectos do passado que haviam permanecido ocultos.

A análise das fontes documentais explorou potenciais conexões e mudanças entre os elementos discursivos identificados nas publicações, pois, “para realizar essa modalidade de análise, precisam ser estabelecidos problemas de

relevância, alcance e relações entre eventos” (MAY, 2004, p. 207). Para tanto, a pesquisa voltou sua atenção para elementos como as constâncias temáticas e discursivas, eventuais rupturas, mudanças de fatores e/ou de elementos que foram invocados, por exemplo, para demonstrar seus desdobramentos graduais na história.

A partir das considerações do autor supracitado, a presente pesquisa buscou levantar questões relacionadas às conjunturas histórico-sociais nas quais os documentos foram elaborados. Ou seja, procurou ter em conta os fatores que cercaram os processos de produção e elaboração, bem como as possíveis estruturas de significados encontradas nas fontes documentais, pois o que os indivíduos decidem registrar é informado por decisões, as quais têm relação com os ambientes sociais, políticos e econômicos em que se encontram (MAY, 2004, p. 213). Por essa razão, ressalta o autor, os documentos constroem e apresentam a realidade social e versões de seus eventos, não simplesmente os refletem.

Com base, também, nessa orientação, buscou-se pensar a construção das matrizes de pensamento, compreendendo que, nas fontes documentais, além dos discursos, há versões narradas sobre eventos relacionados às conjunturas consideradas, tais como o anticomunismo, o antipetismo e o processo eleitoral de 2018. Esses são elementos ligados ao clima mental e aos temas que emergiram e pairaram no contexto social dos referidos períodos históricos. Os documentos não são considerados “neutros”, eles constroem suas versões da realidade e seus autores dialogam com a conjuntura mais ampla, incluindo o clima mental das décadas, os grupos nos quais estão inseridos, os diálogos com outros grupos sociais, entre outros elementos.

São relevantes, ainda, os apontamentos de May (2004) sobre a possibilidade de as fontes documentais serem um meio de expressão do poder social, já que podem conter tentativas de persuasão. Por isso, quando abordadas com um olhar para a conjuntura em que foram produzidas, informam sobre as características das sociedades em que foram escritas e sobre aqueles que os produziram e leram.

Assim como argumenta Mannheim sobre os estilos/correntes de pensamento e sobre o fato de intensões básicas estarem de diversas formas ligadas ao destino de grupos sociais, ao se trabalhar com os documentos, segundo May (2004), deve-se operar um corte longitudinal, que favoreça a observação da maturação ou da evolução de indivíduos, grupos, conceitos, comportamentos, práticas, leituras da realidade, entre outros, indo da sua gênese até os dias atuais.

Dessa forma, instrumentaliza-se a noção de que é possível abordar esse processo de maturação na formação das correntes e matrizes de pensamento nos períodos selecionados, com base nas manifestações dos grupos religiosos, que foram analisadas.

Para tal, faz-se necessário considerar as cinco dimensões listadas por Cellard (2004) no empreendimento da análise de fontes documentais.

- A reflexão sobre o contexto social global de produção do documento em que se encontram seus autores na produção das fontes consideradas.
- Os autores e envolvidos no processo de produção do documento, buscando o que os indivíduos registraram e expressaram, isto é, os interesses e os motivos que possam tê-los levado a escolher registrar o que consta nas fontes documentais, percebendo se falam em seus próprios nomes ou em nome de um grupo social ou instituição.
- A autenticidade e a confiabilidade dos textos, lembrando que o acesso às fontes ocorre pelos *sítes* dos próprios grupos religiosos, que disponibilizam esse material.
- A natureza do texto, o espaço que os autores mobilizaram e o que poderiam escrever nele.
- Os conceitos-chave e a lógica interna do texto.

Em relação ao contexto social global, têm-se a conjuntura do início das atividades da revista, do desenvolvimento da Ditadura Militar, para a qual concorrem fatores históricos e sucessivas intervenções militares na política Brasileira. Depois, tem-se a abertura política direcionada por grupos militares e, em 2010, a emergência de debates públicos sobre corrupção e anticomunismo, culminando nas eleições de 2018.

No que se refere aos autores e envolvidos na produção e difusão das fontes documentais, o Capítulo 3 é dedicado, em grande medida, a pensar os processos conjunturais de inserção dos grupos considerados, enquanto o Capítulo 4, à caracterização e considerações sobre grupos produtores de conteúdos, considerando as peculiaridades dos indivíduos envolvidos com a produção dos documentos em foco (veiculados na Revista Catolicismo), as questões relativas à atuação desses grupos civis religiosos ao longo do tempo e os intelectuais cujas orientações foram veiculadas ou que inspiraram as publicações.

Sobre a natureza dos textos, leva-se em consideração que, por se tratar de um meio de comunicação pertencente aos grupos sociais, as suas produções veiculam as grades de leitura da realidade de seus autores, expondo, de maneira reflexiva, o que eles pretenderam comunicar ao seu público leitor e à sociedade civil em geral, o que inclui os recursos retóricos registrados nas fontes. Essas considerações se desdobram nas diferentes fases de publicações da Revista, tendo em vista, por exemplo, que, a partir da década de 1960, a Revista se torna o órgão de comunicação da TFP.

Por fim, sobre os conceitos-chave e a lógica interna dos textos, procurou-se desenvolver uma busca da apreensão e interpretação dos possíveis sentidos do uso e da mobilização de certos termos e elaborações retóricas e a forma de “construir” e apresentar, conforme suas visões de mundo, ideias, princípios e noções com os quais interpretam o mundo e os acontecimentos (políticos, sociais, culturais, religiosos etc.), visando, com isso, à realização de inferências respaldadas pelas categorias analíticas e pelo referencial teórico utilizado nas análises que se seguem.

3 A CONJUNTURA POLÍTICA BRASILEIRA E AS RELIGIÕES DE MATRIZ CRISTÃ: LASTROS HISTÓRICOS E INTERFACES

Este capítulo tem por objetivo trazer considerações sobre alguns aspectos de caráter histórico que compõem a conjuntura social e política que a tese se propõe a abordar. Tais ingredientes contextuais servem para pensar e desenvolver o eixo teórico-metodológico desta pesquisa e possibilitam também contribuir para a caracterização dos grupos cujas publicações são analisadas.

Em consonância com a perspectiva histórica que se busca desenvolver, são considerados aspectos de contextualização política e histórica do Estado brasileiro para abordar aspectos da situação política que permeava os períodos considerados na análise.

O Estado é percebido, nesta pesquisa, como uma entidade historicamente implicada no processo de construção e de reprodução do pensamento conservador no Brasil, que, passando pelas ações e gestões de diferentes grupos políticos, engendra correntes de pensamento (no sentido de conservar a situação política posta) com as quais outros grupos civis podem ou não dialogar, convergir ou divergir, ainda que sob alguns aspectos, incorporando ou não alguns de seus elementos na elaboração de seus próprios estilos de pensamento.

Seguindo a proposta de Elias (2006) sobre a perspectiva de longa/média duração histórica, que possibilita refletir em “como e porque, ao longo dos séculos, as sociedades tornaram-se o que são” (ELIAS, 2006, p. 153), o primeiro subtópico do capítulo aborda questões consideradas partes integrantes do “desenho” teórico-metodológico desta pesquisa: aspectos e bases históricas da conjuntura política brasileira, apreendidos por esta pesquisa como os “ambientes” ou, ainda, o conjunto de circunstâncias que contribuem para a formação dos climas mentais das épocas, em meio aos quais os grupos civis religiosos, cujas manifestações são analisadas, refletem, escrevem e divulgam suas reflexões e grades de leitura da realidade pelas páginas da Revista Catolicismo.

Tais considerações são importantes para, conforme Elias (2006), não abstrair da análise sociológica o curso do tempo e dos acontecimentos entre os quais se encontram os grupos sociais, reduzindo-os a uma “massa estática”. Seguindo as noções do autor, os elementos considerados na presente pesquisa se inserem em um movimento contínuo, relativo a diferentes fases de um processo que se desdobra no

tempo, englobando diversos grupos sociais que dialogam consigo e com diferentes manifestações em campos diversos, político, religioso, cultural, entre outros.

Partindo, sobretudo, das considerações de Raimundo Faoro,⁴⁰ são elencados elementos relativos à história da política brasileira. Buscou-se, assim, abordar como as gestões governamentais e também a presença militar, ou os lastros de suas práticas, contribuíram para a formação dos climas mentais nos quais se desenvolvem os processos históricos de pensamento conservador. Desses processos derivam diferentes correntes de pensamento que se espraiam e com as quais alguns grupos civis (não todos) podem desenvolver diálogos.

No caso específico da análise que segue, os grupos civis abordados são declaradamente religiosos e, em diferentes momentos, manifestam, em suas publicações, a sua empreitada por “conservar” elementos da ordem social e política estabelecida, quando esses elementos convergem para seus objetivos, como o combate ao comunismo e o de proteger a sociedade cristã, conforme os moldes legados por uma força divina. Nesse movimento, por meios das publicações feitas na Revista Catolicismo, revelam-se aproximações e/ou distanciamentos desses grupos religiosos em relação a aspectos dessas gestões governamentais, reforçando segundo os interesses dos referidos grupos.

A conjuntura política brasileira é abordada tendo em vista que, em certos momentos históricos, manifestam-se indivíduos e grupos que atuam para ratificar formas de pensamento com características tradicionais (como reações a potenciais mudanças políticas) ou conservadoras (estratégicas e conscientes, incluindo medidas combativas)⁴¹. Nesse sentido, buscou-se explorar lastros históricos referentes a grupos políticos cujas medidas e desígnios tenderam a adicionar características e/ou visões de mundo de si próprios aos processos conservadores no Brasil, compondo uma base de caráter estatal que contribuiu para a legitimação da continuidade da concentração de poder político em pequenos grupos e de formas de pensamento conservador associadas a essa concentração.

⁴⁰ Na obra *Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro* (2000).

⁴¹ É importante destacar que esse movimento não é constituído por grupos homogêneos em seus desígnios, orientações políticas e mesmo com relação aos indivíduos que os compõem. Na história política brasileira, mesmo em períodos nos quais houve gestões autoritárias duradouras, como a ditadura militar (1964-1985), houve conflitos e mesmo discordâncias entre os próprios blocos que estavam no poder. A título de exemplo, não se pode tratar os segmentos militares brasileiros como uma massa homogênea que é sempre conservadora, anticomunista ou tradicional, bem como seria insustentável tratar os numerosos grupos católicos como se fossem todos conservadores, ignorando sua diversidade, suas diferentes grades de leitura da realidade e atuações junto a outros grupos sociais.

O segundo subtópico do capítulo, em complemento ao primeiro, desenvolve e aprofunda considerações e reflexões sobre o catolicismo no Brasil e sobre alguns de seus grupos adeptos, discorrendo acerca dos possíveis contornos e nuances que assumiram ou que podem vir a assumir nas relações e interfaces com a Igreja, com grupos políticos atuantes em nível estatal ou mesmo com fatores da própria conjuntura político-social brasileira.

3.1 Rupturas e Continuidades: os diferentes Períodos Político-Sociais no Brasil e a concentração de poder político

Em um primeiro momento, faz-se importante reforçar que as publicações analisadas por esta pesquisa foram desenvolvidas por grupos sociais envolvidos com os processos editoriais da Revista Catolicismo em uma janela temporal de mais de 70 anos. Dessa forma, por meio das publicações feitas na Catolicismo, a pesquisa tem contato com as elaborações e com as manifestações conscientes e intencionais desses grupos sociais no decorrer de algumas décadas, que englobam tanto mudanças conjunturais, de climas mentais, debates, leis, direitos e disputas políticas, quanto mudanças relativas aos indivíduos que veiculavam seus textos e visões de mundo nas páginas da revista.

Nesse sentido, as gestões governamentais e os climas mentais das diferentes épocas abordadas são tidos como elementos importantes para o desenvolvimento das publicações analisadas, destacando-se que os grupos civis (no caso da presente pesquisa, aqueles religiosos componentes da equipe editorial da revista) dialogam com a conjuntura mais ampla, compondo amálgamas entre suas visões de mundo que são atravessadas por noções religiosas particulares e elementos sociais, políticos, culturais, entre outros. As características, lastros históricos e elementos conjunturais nos quais se desenrolaram as manifestações desses grupos civis religiosos, são tomadas como fundamentais para as próprias elaborações dos discursos, que não ocorrem no vácuo social.

Por essa razão, a pesquisa evidencia alguns elementos e acontecimentos históricos e políticos dos períodos cujas publicações foram analisadas⁴². É o caso, por

⁴² A presente pesquisa não pretende esgotar questões relativas à história política ou econômica do Brasil, mas elencar algumas considerações que ilustrem a conjuntura na qual as publicações que são aqui analisadas se desenvolveram. Portanto, buscou-se trazer algumas considerações para abordar os processos históricos que permeiam a elaboração do material sobre o qual a análise proposta se

exemplo, da efervescência de debates anticomunistas no Brasil, de intervenções militares na política brasileira, da Ditadura Militar, da abertura política e do golpe ocorrido em 2016.

A Ditadura Militar (1964-1985), a título de exemplo, configura um desses momentos em destaque, visto que representou a ascensão política de grupos pertencentes às Forças Armadas do Brasil e, apesar da existência de conflitos internos aos blocos de poder do período, nesse modo de governo ditatorial, investiu-se em formas de poder que concentraram, cada vez mais, as decisões políticas em grupos militares específicos. Com isso, foram sendo desenvolvidas medidas autoritárias de governança que deixaram marcas na história política do país.

Para Faoro (2000), esse processo de concentração se relaciona com a própria formação do Estado brasileiro, que pendeu para a centralização política, a burocracia crescente e as articulações entre cargos e grupos sociais, ao passo que a sociedade civil mais ampla foi sendo gradualmente afastada do poder político, tendo, então, pouca margem de ação política. Não se trata de um momento específico da história, mas, sim, de processos que vão se desenvolvendo com o desenrolar das décadas e dos acontecimentos.

Em relação aos grupos militares, observa o autor, é possível identificar, antes mesmo da primeira república⁴³, o desentendimento do Exército com o trono, algo que indica a presença desse segmento na política brasileira em períodos históricos anteriores aos abordados nesta pesquisa. No referido período, porém, as Forças Armadas eram um ramo da aristocracia, o mais relevante, pois era definido na supremacia da guerra, coetânea à formação do Reino (FAORO, 2000, p.79).

Com a possibilidade de populares entrarem para o oficialato, o Exército entra em uma crescente perda de prestígio social, sendo abandonado pela aristocracia. Assim, vão se desenvolvendo divergências entre o Exército e o Reinado. Viu-se, então, no exército espiritualmente estruturado em valores tradicionais, o surgimento de desgostos e reivindicações (FAORO, 2000, p.85), além de tensões, “atritos” e, por fim, a separação entre o Reinado e os grupos militares.

O autor aponta uma mudança definitiva no ano de 1889, quando o

debruçou. Para mais informações a respeito da história política do país, acesse: FAUSTO, B. História concisa do Brasil. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

⁴³ De acordo com o autor, “na fase colonial e na fase autônoma, até a grande crise do 7 de abril, constitui a força armada um ramo da aristocracia [...] responsável pela disciplina e pelo conteúdo português da unidade territorial do apêndice brasileiro” (FAORO, 2000, p79).

militarismo supera a “bacharelocracia”, derrubando a monarquia e as instituições constitucionais e dando início à República Federativa. Antes disso, ao romper seus vínculos com a camada dirigente, conforme destaca o autor, já havia indícios, entre alguns setores do Exército, de “valores peculiares” internos à corporação, que poderiam levar ao domínio de um grupo sobre os demais.

Para Faoro (2000), esse processo não ocorreu sem impasses internos aos agentes envolvidos, descontentes com o Império. No desenrolar dos fatos, em meio ao processo abolicionista, há um estreitamento na relação entre o exército e o povo, uma união entre o Exército e a oposição civil.

Rezende (2009), em sua leitura das obras de Faoro, chama a atenção para o papel preponderante desempenhado pelas Forças Armadas a partir de 1889, enquanto resultado de um processo histórico. Segundo a autora, a Proclamação da República Brasileira é apresentada por Faoro como o momento em que se sedimentou a convicção de que as Forças Armadas tinham a função de sustentar a Constituição.

A intervenção das forças militares em processos político-sociais passou a ser algo recorrente no país. De acordo com Reis (2018), esses grupos foram protagonistas do primeiro plano de advento da República: tinham seus chefes militares em cargos de alto escalão no governo, portanto, de grande relevância no aparelho estatal. O autor também destaca que, na proclamação do Estado Novo (em novembro de 1937), as principais bases de sustentação, para além de Getúlio Vargas, foram corporações militares.

Segundo Skidmore (2010), há um importante papel da cúpula militar nesses processos político-sociais: na substituição do Império pela Primeira República, no decorrer do governo getulista, também durante a Ditadura Militar, no “apoio” político (de acordo com seus moldes e desígnios) e na assunção do controle social e político em momentos críticos, isto é, na transferência de poder a um novo grupo de líderes. Para o autor, essa posição se torna cada vez mais familiar na história brasileira, como uma espécie de “árbitro da política nacional”.

Nesse sentido, Rezende (2000) observa que, para Faoro, desde a instauração da República, as Forças Armadas têm definido um papel importante na defesa da Carta Magna, com consequências para a nação.

O pressuposto de que as Forças Armadas, não o cidadão, que estariam incumbidas de proteger a Constituição, teria representado um desvio significativo de rota no curso das mudanças políticas advindas da República.

Isto porque o papel das Forças Armadas assumiu uma feição de extrema relevância ao serem incumbidas de defender as instituições constitucionais (REZENDE, 2009, p. 101).

Rezende (2009) observa que, na leitura apresentada pelo autor, uma das consequências desse processo é a asfixia do princípio de soberania popular. O cidadão, enquanto responsável pela defesa dos poderes constitucionais, teria que se preparar politicamente para garantir a prevalência da Carta Magna.

Para Faoro (2000), a interferência militar se legitimou com oportunismo nessa mudança do modelo de Estado, e o governo de caráter provisório não significou o afastamento militar após a votação da Constituição, “mas – quem sabe – a sua permanência institucional, definitiva. Só o civil – o civil civilista – percebe na fórmula o alijamento militar” (FAORO, 2000, p. 150).

Para Rezende (2009), os acontecimentos citados, que destacaram o papel das Forças Armadas como guardiãs da ordem e das instituições, fizeram surgir entraves na constituição de um Estado Democrático e deram, historicamente, condições para a ocorrência de golpes, como o de 1937, e para que, após 1964, as Forças Armadas se declarassem guardiãs dos poderes instituídos.

O período que engloba a Primeira República (do fim da monarquia no Brasil até 1930) é caracterizado por Fausto (2001) como uma época de incertezas, em que vários grupos disputavam o poder e divergiam entre si sobre as formas de gerir a nova República. De acordo com o autor, entre esses grupos estavam os representantes políticos das classes dominantes das principais províncias, São Paulo, Minas Gerais, e Rio Grande do Sul, que defendiam uma República Federativa. Havia, também, políticos mineiros que sustentavam um modelo liberal, republicanos gaúchos com um modelo positivista e setores militares.

Segundo Fausto (2001), o marechal Deodoro da Fonseca se tornou chefe do Estado Provisório, e diversos oficiais foram eleitos para o Congresso Constituinte. Contudo, nesse período, já havia rivalidades, por exemplo, entre o Exército e a Marinha, algo que engloba divergências também de concepções e rupturas entre os setores militares, que não eram homogêneos.

Posteriormente aos governos do marechal Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto⁴⁴, ocorre a consolidação da República Oligárquica (1895-1930),

⁴⁴ Para mais informações, consultar: FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

pelas oligarquias rurais de São Paulo e Minas Gerais. De acordo com o autor, as relações políticas nesse período tinham seus rumos, novamente, traçados por elites reduzidas, em uma conjuntura na qual os partidos republicanos decidiam os rumos da política nacional, inclusive fechando acordos para a indicação de candidatos à Presidência República. Apesar do voto popular ser uma possibilidade, além de não ser secreto, muitos eleitores estavam suscetíveis às pressões de chefes políticos, e a fraude eleitoral era algo corrente (FAUSTO, p.149, 2001).

É comum denominar a Primeira República "república dos coronéis", em uma referência aos coronéis da antiga Guarda Nacional, que eram em sua maioria proprietários rurais, com uma base local de poder. O coronelismo representou uma variante de uma relação sociopolítica mais geral - o clientelismo -, existente tanto no campo quanto nas cidades. Essa relação resultava da desigualdade social, da impossibilidade de os cidadãos efetivarem seus direitos, da precariedade ou inexistência de serviços assistenciais do Estado, da inexistência de uma carreira no serviço público. Todas essas características vinham dos tempos da Colônia, mas a República criou condições para que os chefes políticos locais concentrassem maior soma de poder (FAUSTO, p. 149).

Outros grupos também tiveram seus papéis na condução da situação política no período. Os coronéis eram importantes para sustentar a oligarquia, mas eles também dependiam de outras instâncias, tais como os grandes Estados e o governo estadual, o que não anula a concentração de poder político em parcelas reduzidas da população.

É possível apontar, portanto, que a concentração de poder político em grupos reduzidos é um traço recorrente na história política brasileira e que, mesmo com o passar das décadas e com as mudanças político-econômicas e sociais, como o aumento considerável da imigração no Brasil (na década de 1920), esse fator se manteve. Nesse sentido, é importante ressaltar que essas mudanças contribuíram para a crise que impulsionou o fim da República Velha

A referida crise foi se desenhando entre as décadas de 1910 e 1930 devido a uma combinação de fatores políticos, econômicos e sociais. Nesse ínterim, o Brasil tinha uma economia grandemente agrícola que antes era centrada no café e foi se diversificando, tendo ainda o crescimento industrial, também foi impulsionado pelo fluxo migratório após o fim da Primeira Guerra Mundial, que se estendeu até meados de 1930.

O sistema oligárquico desse período passou a enfrentar crescente oposição de militares (também impulsionada pelos desgastes entre as oligarquias nos

processos eleitorais), da classe média urbana, que, segundo Fausto (2001), tendia a apoiar figuras e movimentos liberais que poderiam levar a República Oligárquica a se tornar uma República Liberal, e dos trabalhadores (cujos movimentos sociais ganharam ímpeto no campo e nas cidades, dado seu crescimento e diversificação de atividades), que se sentiam excluídos do poder e atuavam em prol de suas condições e direitos enquanto trabalhadores. A esse cenário, soma-se a crise econômica mundial de 1929, que afetou e derrubou os preços do café, principal produto de exportação, causando instabilidade econômica e insatisfação popular.

Em 1929 surgiu, ainda, uma cisão entre as elites dos grandes Estados, que levou ao fim da Primeira República. Esses fatores culminaram na Revolução de 1930, que depôs o presidente Washington Luís e impediu a posse de Júlio Prestes, marcando o início da Era Vargas, com uma proposta de centralização do poder e modernização do país.

Os vitoriosos de 1930 compunham um quadro heterogêneo, tanto do ponto de vista social quanto político. Tinham-se unido contra um mesmo adversário, com perspectivas diversas: os velhos oligarcas, representantes típicos da classe dominante regional, desejavam apenas um maior atendimento à sua área, maior soma pessoal de poder, com um mínimo de transformações; os quadros civis mais jovens inclinavam-se a reformular o sistema político e se associaram transitoriamente com os tenentes, formando o grupo dos chamados "tenentes civis"; o movimento tenentista - visto como uma ameaça pelas altas patentes das Forças Armadas - defendia a centralização do poder e a introdução de algumas reformas sociais; o Partido Democrático pretendia o controle do governo do Estado de São Paulo e a efetiva adoção dos princípios do Estado liberal, que aparentemente asseguraria seu predomínio (FAUSTO, p.182, 2001).

De acordo com Fausto (2001), nesse período ocorre uma troca da elite política no poder, na qual caem os quadros políticos oligárquicos, que não desaparecem por completo, e sobem os grupos militares, os técnicos diplomados, os jovens políticos e, mais tarde, os industriais.

Segundo o autor, nesse período se destacam as intervenções militares, pois

Um novo tipo de Estado nasceu após 1930, distinguindo-se do Estado oligárquico não apenas pela centralização e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos: 1º a atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2º a atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3º o papel central atribuído às Forças Armadas - em especial o Exército - como suporte da criação de uma indústria de base e como fator de garantia da ordem interna. O Estado getulista promoveu o capitalismo nacional, tendo dois suportes: no aparelho de Estado, as Forças Armadas;

na sociedade, uma aliança entre a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana (FAUSTO, p.182, 2001).

Vargas ascende como chefe de um governo provisório, depois como presidente eleito por voto indireto e, por fim, como ditador (em 1937, com um regime autoritário), permanecendo no poder por, em média, 15 anos. Posteriormente, volta ao cenário político em 1950 por meio de eleições, recebendo suporte inclusive de alguns setores militares, mas não chegou a completar esse mandato.

No período, ocorre o crescimento de oposições ao governo de Vargas e, novamente, há o desenvolvimento de uma crise política (associada também à política econômica adotada e à sua postura mais nacionalista, em que havia intervenções do Estado na economia), somada à insatisfação popular devido aos altos índices de inflação da época, que afetavam o poder de compras dos trabalhadores. Após uma polêmica envolvendo a morte de Carlos Lacerda, jornalista e grande opositor de Vargas⁴⁵, as movimentações pela renúncia de Vargas tomam maiores proporções, ao ponto de, segundo Fausto (2001), o presidente perder o apoio das Forças Armadas.

Após o suicídio de Vargas, em 1954, há o breve governo de Café Filho e, então, a ascensão de Juscelino Kubitschek, tendo como vice João Goulart. De acordo com Fausto (2001), após a vitória de ambos pelas urnas, foi desencadeada uma campanha contra a posse e, para garanti-la, vê-se novamente uma intervenção de setores militares na política, o “golpe preventivo”.

O que se sucedeu a esse período, de forma breve, foi o governo de JK, marcado pelo desenvolvimentismo e pela construção de Brasília, durando até 1961. Ocorre, então, a posse de Jânio Quadros em 1960, que renuncia em 1961, o que abriu caminho para João Goulart, cujo mandato, segundo Fausto (2001), foi marcado pelo avanço de movimentos sociais.

A década de 1960 foi marcada por intensas mudanças políticas e econômicas. Goulart assumiu a presidência em meio a uma crise institucional, na qual havia setores militares que, segundo o autor, viam em Goulart a possibilidade de uma

⁴⁵ Segundo Fausto (2001), apesar das pressões e da inexistência a essa altura de uma sólida base de apoio a seu governo, Getúlio se equilibrava no poder. Faltava à oposição um acontecimento suficientemente traumático que levasse as Forças Armadas a ultrapassarem os limites da legalidade e depor o presidente. Esse acontecimento foi proporcionado pelo círculo dos íntimos do presidente. Aí se instalara a convicção de que era preciso remover Lacerda da cena política para garantir a permanência de Getúlio no poder. Segundo mais tarde se apurou, figuras próximas a Getúlio sugeriram ao chefe da guarda presidencial do Palácio do Catete - Gregório Fortunato - que ele deveria "dar um jeito" em Lacerda. Fiel servidor de Vargas por mais de trinta anos, Gregório armou o assassinato da figura mais ostensiva da oposição (FAUSTO, p. 230, 2001).

infiltração comunista no país.

De forma geral, durante a Guerra Fria, Goulart buscou ampliar a autonomia econômica do Brasil e fortalecer relações comerciais internacionais, incluindo o bloco soviético. Esses elementos geraram tensões com a política dos Estados Unidos e divergências entre elites nacionais e estrangeiras, como fazendeiros, industriais e alguns setores da Igreja. A crise econômica e a crescente mobilização de grupos contrários a Goulart, com apoio da CIA e do governo americano, culminaram no golpe militar de 1964, instaurando uma ditadura militar respaldada por interesses internos e internacionais.

O golpe militar da década de 1960 marcou um período histórico no qual grupos militares assumiram, com seus diferentes segmentos, a política Estatal brasileira. Com isso, como observa Rezende (2013), foi delineado o seu empenho em construir um suposto ideário de democracia que visava sedimentar um sistema de ideias, valores e interesses (REZENDE, 2013, p.65) peculiares a esses grupos.

Segundo a autora, nota-se um alinhamento ativo no campo norte-americano e a assimilação dos postulados estratégicos da Guerra Fria, assim como suas hostilidades aos sindicatos e forças progressistas, o que, somado à

[...] Conjunção da atuação dos setores militares e empresariais, no final da década de 50 e início da década de 1960, [...] sedimentava uma perspectiva de democracia que se estruturava sobre a não-aceitação e a não-tolerância de toda e qualquer ação e/ou reivindicação, as quais eles consideravam subversivas e contrárias à democracia com responsabilidade (REZENDE, 2013, p.66).

Sobre os dirigentes da Ditadura Militar, Rezende (2013) aponta a tentativa de construir um projeto de organização social pautado pela construção de uma ordem social na qual se objetivou a intervenção ilimitada na vida de indivíduos, grupos sociais e instituições. Nesse processo, o regime tentava conseguir, perante a maioria dos grupos sociais, a legitimação do seu projeto de organização social, empenhando-se na identificação dos valores militares sobre família, religião, ordem, pátria e disciplina com “aqueles que, na perspectiva da ditadura militar, eram socialmente fundantes da ordem político-cultural brasileira” (REZENDE, 2001, p. 03).

No decorrer desse período, delinearam-se estratégias, ações e políticas que, com o passar o tempo, foram ganhando feições autoritárias. Rezende (1996) destaca que esse movimento militar possuía um significado político, cuja dinâmica de

dominação burguesa foi repleta de conflitos e impasses nos setores dominantes.

Para a autora, esse fator não impossibilitou que os mecanismos autoritários repressivos levassem à definição de um Estado que tendia a um processo de abolição da autonomia da sociedade civil. Ao mesmo tempo, buscaram-se o entendimento e a representação de interesse de determinados organismos privados, o que posteriormente explicaria o significado político das investidas de alguns desses organismos na redefinição das funções do Estado.

Os grupos políticos envolvidos com o golpe e com o desenrolar da ditadura no Brasil apresentavam diversos desígnios, objetivos e projetos⁴⁶. Segundo informações disponíveis no *site* Memórias da Ditadura, o golpe foi realizado por uma coligação de forças e interesses que envolvia o empresariado brasileiro, latifundiários, empresas estrangeiras instaladas no país e setores das forças armadas. Somam-se a isso as interferências norte-americanas na preparação da tomada de poder, fornecendo, por exemplo, apoio material e militar.

Para Rezende (1996), esse é o sentido da luta de estratos da classe burguesa, de setores que controlam o capital financeiro, comercial e industrial durante o período do governo de João Figueiredo (1979-1985), pela formulação de um novo projeto político de redefinição do pacto de domínio (REZENDE, 1996, p. 9), cujo desenvolvimento foi também influenciado por grupos militares.

Apesar de a abertura política ter descongestionado paulatinamente espaços de atuação política e vias de comunicação pública anteriormente interditados para grupos de diferentes orientações políticas, de acordo com Rezende (1996), esse processo foi iniciado com impasses internos ao bloco de poder militar, impasses que geraram a necessidade, a partir da década de 1970, de redefinição do pacto de domínio. Com isso, os estratos dominantes se articularam com o intuito de influir e delimitar o processo de abertura e de redefinição das alianças políticas entre as forças sociais.

Segundo Arturi (2001), a abertura política foi permeada por uma tentativa dos “detentores do poder” de liberalização gradual e sob o controle do regime autoritário, de forma que os grupos militares conservassem um direito de veto sobre a vida política do país. O autor observa que, entre os processos de liberalização

⁴⁶ Por exemplo, a manutenção da ordem e da “segurança” contra o inimigo comunista, implementação de reformas econômicas, centralização de poder político, repressão política, promoção do nacionalismo, entre outros.

política mais recentes, o caso brasileiro foi o mais controlado pelos dirigentes autoritários.

Nesse sentido, segundo aponta Reis (2018), após uma ditadura militar de longa duração, na qual os três poderes da república foram exercidos pelo Exército, Marinha e Aeronáutica – as Forças Armadas funcionando como o principal *locus* de poder –, mesmo com a nova Constituição em 1988, os militares continuaram no proscênio, seja como fiadores explícitos desse processo ou como atores com capacidade de intervir a qualquer momento na política, enquanto reservas de poder (REIS, 2018, p. 10).

Em diálogo com Elias (2002) sobre as conexões dos objetos de estudo da sociologia com sua conjuntura histórica, compreende-se que os diferentes momentos das intervenções militares na cena política brasileira são parte de um processo histórico associado a fatores conjunturais e estruturais. Entende-se que deixaram “marcas” na história do país, bem como legados, correntes de pensamento e memórias com as quais grupos sociais, posteriormente, entram em contato, “lidam”, dialogam, rebatem e/ou assimilam.

Considerando as interações, relações, aproximações, mudanças e distanciamentos que grupos sociais podem desenvolver nas suas dinâmicas cotidianas e na formação de suas visões de mundo em dada conjuntura e frente a correntes de pensamento, memórias e “marcas históricas”, esta pesquisa buscou abordar as publicações selecionadas de forma a atribuir foco às manifestações dos grupos religiosos, tomando-as como expressões “concretas” dessas interfaces elaboradas e desenvolvidas por eles.

Nesse sentido, ressalta-se que, para Elias (2006), no próprio processo civilizatório, os indivíduos apresentam formas de autorregulação e autocoção, mas também incorporam modelos sociais e variáveis de civilização. Esses elementos pertencem tanto “às condições da individualização do ser humano singular, como às condições da vida social da vida em comum dos seres humanos” (ELIAS, 2006, p. 21).

A presente pesquisa dialoga também com as elaborações de Elias sobre as interfaces entre as margens de ação dos indivíduos e suas inserções em seus grupos sociais em relação aos elementos objetivos conjunturais que a eles se apresentam. No caso da pesquisa, esses elementos conjunturais dizem respeito, também, aos lastros históricos da concentração de poder político decisório em

pequenos grupos. Remetem, pois, a possíveis “ecos” e desdobramentos que as interferências e intervenções militares possam desencadear em grupos civis religiosos.

Pensando nessas questões, faz-se necessário sublinhar o conceito de figuração elaborado pelo autor.

[...] Apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto, por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos. Às quatro dimensões espaço-temporais indissolivelmente ligadas se soma, no caso dos seres humanos, uma quinta, a dos símbolos socialmente apreendidos (ELIAS, 2006, p.25).

Os indivíduos, nas suas redes de interdependências, agrupam-se em figurações. Nas suas dinâmicas e diálogos cotidianos, tendem a desenvolver elaborações e tomar ações em diálogo com a conjuntura em que se veem. Dessa forma, ressalta-se a importância de considerar os processos históricos e suas condições para a formação de figurações e de redes de indivíduos inter-relacionados, bem como a importância de pensar nos desdobramentos que essas dinâmicas podem ter.

Os grupos civis religiosos, aqui considerados, encontram-se em uma conjuntura histórica atravessada por “climas políticos”. Destacam-se, publicamente, discursos de combate ao comunismo e de enaltecimento do papel histórico das intervenções militares e de aliados ou “inimigos” nessa empreitada. Em meio às diversas configurações de indivíduos na sociedade civil, há aqueles que podem convergir, dialogar ou divergir relativamente às correntes de pensamento derivadas de outras configurações políticas que respaldam, ou respaldaram, historicamente, modos de governança que carregam em si ingredientes do despotismo militar ou elementos antidemocráticos, que reagem de forma combativa ou opositiva ao que percebem como “oposto” a si e a seus ideais manifestados.

Nessa conjuntura, encontram-se os grupos religiosos aqui considerados, enquanto configurações integradas por diferentes grupos civis que se unem na “luta” anticomunista, cada um orientado por motivações particulares às suas visões de mundo, mas engajados, produzindo conteúdo, estratégias, dinâmicas cotidianas e manifestações que incluem o apoio a grupos políticos anticomunistas atuantes em nível estatal em mais de um momento histórico, ainda que tais grupos políticos

revelem convicções antidemocráticas.

Pensando nas relações dinâmicas e interfaces que grupos sociais podem estabelecer com dada conjuntura e com seus elementos, é relevante destacar as elaborações de Motta (2013) a respeito da formação de uma cultura política, categoria que foi desenvolvida entre 1950 e 1960 e mobilizada para explorar como a cultura influencia decisões políticas.

Na perspectiva desenvolvida por Motta (2013), esse conceito considera que os indivíduos agem movidos não somente por ideias e interesses, mas também por paixões e sentimentos. Eles são mobilizados por meio de representações e imaginários que constroem mitos, inimigos e heróis (MOTTA, 2013, p. 17), bem como por influência de valores construídos sobre a convivência familiar, derivados da nação e da religião.

Nessa perspectiva, a atuação política decorre também da influência de fatores culturais, o que não implica um determinismo que exclui os indivíduos de um processo decisório de leitura e de interpretação da realidade, engessando-os em suas decisões. A questão que se coloca aqui é a da criação de uma cultura política que dialoga com o processo histórico de construção e de desenvolvimento das intervenções militares no Brasil. Segundo o autor:

[...] Cultura política, sem a pretensão de excluir outras acepções possíveis para um conceito que é, evidentemente, polissêmico: conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, expressando identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado, assim como a inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. [...] Se trata de “representações” em sentido amplo, configurando um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, implicando a mobilização de mitos, símbolos, discursos vocabulários e diversificada cultura visual (MOTTA, 2013, p. 17-18).

De forma mais ampla, pensando nos elementos conjunturais da formação capitalista no Brasil, em *A Revolução Burguesa no Brasil* (1975), Florestan Fernandes já chamava a atenção para o que Arruda (1966) observa ser um processo que considera a existência, na perspectiva de Fernandes, de um universo valorativo de dimensões psicossociais próprias de uma mentalidade que se forma em diálogo com fatores da conjuntura própria de formação capitalista do Brasil, o que inclui a tendência de concentração de poder nas mãos de pequenos grupos sociais, que, para Fernandes (1975), são os grupos burgueses.

Em relação à Ditadura Militar, Rezende (2013) fala sobre a existência de

um sistema de ideias e de valores” democráticos” que a ditadura procurava elaborar, e que estava “vinculado às suas estratégias de ação nas diversas esferas, ou seja, econômica, política e psicossocial” (REZENDE, 2013, p. 2). De acordo com a autora, a busca dos ditadores militares por legitimidade não esteve somente no âmbito das suas estratégias de crescimento econômico, mas em diversos campos da vida social. Nota-se, por exemplo, uma investida na formação de uma estratégia psicossocial e um empenho no reconhecimento de propósitos governamentais, buscando consubstancialidade entre os valores militares, os quais, na concepção do governo ditatorial, seriam fundantes da ordem política cultural brasileira, quais sejam, aqueles ligados à família, religião, pátria e disciplina.

Existe, portanto, um lastro histórico de concentração de poder político nas mãos de pequenos grupos. Os “ecos” dessa dinâmica são uma das faces da cultura política brasileira, como as correntes de pensamento integradas ao processo de desenvolvimento do pensamento conservador, o qual tem a Ditadura Militar como um marco importante de uma de suas fases.

Tendo em vista a ocorrência dessa concentração histórica de poder em pequenos grupos, como os militares, é importante destacar o que Fernandes (1975) define como “padrão de reação societária”. Os grupos em questão tenderam a assumir uma postura de considerável inflexibilidade e intolerância perante as mudanças dentro da ordem social, que, caso não estivessem sob seu controle conservador, eram vistas como mudanças contra a ordem.

Isso posto, os elementos sociopolíticos e os processos históricos aqui citados, bem como os grupos atuantes em nível estatal, compõem as fases de desenvolvimento do processo conservador brasileiro mais amplo – no sentido de preservar a ordem político-social ou seus elementos. Por meio da interpretação das manifestações dos grupos religiosos em foco, é possível perceber a efervescência de debates que apresentam elementos e recursos retóricos relativos ao processo conservador brasileiro e a características de suas fases de desenvolvimento e grupos políticos atuantes.

Nesse sentido, é relevante reforçar que, para Mannheim (1981), as *correntes de pensamento* nascem e se desenvolvem com grupos sociais (seus portadores) e com elementos objetivos (em cada período histórico). Os indivíduos, inseridos em sociedade, desenvolvem “padrões de pensamento” que podem ou não ser mobilizados nas suas interpretações de mundo. Esses padrões são adquiridos do

meio social e podem se manifestar em comportamento, em pensamento e em respostas intelectuais.

Para o autor, o pensamento conservador, sendo consciente e reflexivo, apresenta conexões históricas e tendências sociais, atuando de forma intencional em sentido oposto aos movimentos que buscam mudanças.

Considera-se que a dimensão da formação política do país compõe, enquanto parte do cotidiano dos grupos sociais, o processo de desenvolvimento dessas correntes de pensamento, presentes e vigentes na cultura política brasileira, marcada por recorrentes intervenções militares. Entretanto, é importante ressaltar que a formação dessas correntes de pensamento é um processo dinâmico, em constante mudança, atrelado à movimentação dos grupos sociais, não se tratando de uma simples reprodução de hábitos e padrões de comportamento.

Dessa forma, os diálogos dinâmicos e recíprocos entre grupos sociais e os elementos conjunturais influem na existência, manutenção, duração ou superação de diferentes formas de pensamento, haja vista a presença de grupos militares na cultura política brasileira desde o século XIX. Têm-se a existência e o desenvolvimento de um processo de pensamento conservador, que, com o passar do tempo, em suas diferentes fases, formam grupos sociais cujas visões de mundo e desígnios reagem a possíveis mudanças sociopolíticas e culturais com considerável intolerância, manifestando, concretamente, posturas combativas em diferentes níveis.

Suas atuações, medidas e estratégias, no íterim da sua presença na política-estatal, enquanto detentores de poder e de decisões, também constituem e contribuem com elementos particulares para o desenvolvimento das correntes de pensamento conservadoras. Ao se espriarem pela sociedade, chegam também aos grupos civis, que podem ou não dialogar com elas, podem ou não adicionar elementos de si e de suas formas de interpretar o mundo a elas, podem, ou não, perpetuá-las ou suplantá-las.

No caso do diálogo e das convergências, considerando que suas próprias visões de mundo e grades de leitura da realidade estão também presentes nesse processo, é possível pensar as matrizes de pensamento dos grupos religiosos, uma vez que a atuação da revista é longa e abarca diferentes fases dos processos de pensamento conservador, bem como os sucessivos governos e os climas mentais associados a essas conjunturas.

Portanto, partindo das considerações até aqui feitas, esta pesquisa

considera que as intervenções militares na cena política nacional não produziram, ou desencadearam, efeitos apenas nas formas de governo político-estatal, mas também influíram no desenvolvimento de correntes de pensamento que carregam em si elementos dessas formas e que podem ser posteriormente “resgatados” e postos sob novas roupagens.

Por conseguinte, as configurações de indivíduos da sociedade civil mais ampla podem estabelecer contatos, distanciamentos e/ou aproximações com essas correntes, conforme seus próprios desígnios e interesses. Com isso, podem engendrar as suas próprias “interpretações”, manifestações e estratégias de ação, segundo um movimento que desenvolve interfaces com as mencionadas correntes de pensamento e concebe visões de mundo e grades de leitura da realidade próprias, as quais têm como componente noções religiosas. Compreende-se que, analisando tais interfaces, é possível chegar às matrizes de pensamento desses grupos civis religiosos.

3.2 Interfaces entre Elementos Religiosos e Estado Brasileiro: Clivagens e Convergências

O alcance dos impactos derivados dos processos de pensamento conservador não se restringe unicamente à cena político-estatal e a seus atores, podendo engendrar manifestações e impactos nos mais diversos setores e grupos sociais. Tal construção não exclui, contudo, que essas manifestações possam, a despeito do grupo social que as manifesta, apresentar facetas de origem e/ou orientação relacionadas à política ou, ainda, reinterpretar questões políticas à luz de visões de mundo embasadas por princípios religiosos.

Dessa forma, compreende-se que, entre os grupos que dialogam com as correntes de pensamento derivadas desses processos, compostos também pelas influências e ações militares presentes em diferentes fases da história política brasileira, encontram-se grupos de orientação religiosa cristã, como aqueles envolvidos com as publicações veiculadas na revista *Catolicismo*.

O contato entre o Estado brasileiro, a política estatal e religiões de matriz cristã é relevante para a compreensão da existência de relações históricas que concorrem para que grupos civis estabeleçam, também, conexões entre os diferentes setores. A religião católica, por exemplo, foi considerada a religião oficial do Brasil até

a Constituição Republicana de 1891.

Esses elementos possibilitam inferir que as religiões de matriz cristã estão presentes em diversos âmbitos da vida privada e pública brasileira, e, dadas as relações históricas dessas religiões com os espaços públicos, há um lastro pelo qual suas manifestações permanecem nesses espaços. Considerando os aspectos históricos levantados anteriormente, por exemplo, frente às ações e medidas dos sucessivos governos, os grupos da Igreja Católica manifestaram diversas posições e ações, indo do conservadorismo a aberturas para a esquerda.

Nesse sentido, converge o ponto de vista das publicações dos grupos religiosos analisados nesta pesquisa, cujas fronteiras entre atos de dimensão política, estatal, econômica e noções relacionadas a uma moral religiosa apresentam-se de forma entrelaçada, segundo a interpretação que é apresentada pelos autores.

Um elemento que pode ser resgatado das considerações realizadas no primeiro capítulo, no qual se ressalta o destaque que Macedo (2005) dá a um forte discurso de oposição à abertura da Igreja, conforme apresentado por intelectuais como Oliveira e Corção. Esse discurso ~~este que~~ encontrou ecos não só na sociedade civil, mas também na esfera estatal, algo significativo para se pensar nas relações recíprocas entre as esferas política e civil religiosa.

Um exemplo dessa situação é apontado nas considerações de Rezende (2013), citadas anteriormente, sobre o fato de elementos relacionados à religião também serem incorporados na composição da estratégia psicossocial operada pelos grupos militares da ditadura, quando buscaram legitimidade para as suas ações.

Há também os grupos civis que, a partir de suas visões de mundo e interpretações da realidade social, estabelecem interfaces com os elementos políticos e religiosos, engendrando manifestações que expressam noções intencionalmente comunicadas ao público.

Com base nessas considerações, foram selecionadas, para esta pesquisa, publicações e postagens feitas por alguns grupos civis religiosos. Tais grupos, responsáveis pela elaboração de textos e comunicados ao público leitor, são percebidos como grupos sociais que dialogam com as referidas correntes de pensamento que derivam do processo conservador brasileiro mais amplo, de forma que contribuem para a manutenção de aspectos dos seus discursos.

Ao se pensar, por exemplo, no período ditatorial brasileiro, pode-se apontar que, nos próprios discursos dos grupos militares que estavam no poder, podem ser

identificados componentes do cristianismo, como valores que orientavam as suas ações e apareciam em consonância com a sua particular e dissimulada ideia de uma suposta “democracia”⁴⁷, como fica evidente, por exemplo, na fala realizada no ato da posse de Arthur da Costa e Silva (mandato de 1967-1969):

7. A Revolução teve profundas origens populares, num **grandioso movimento cívico, que levou às ruas e às praças homens e mulheres, jovens e velhos, dispostos a lutar por Deus e pela Nação**, com a solidariedade de todas as classes sociais, de todos os democratas e o apoio unânime e decisivo das Forças Armadas. 8. Revolução, em verdade, e não golpe de Estado, que visasse tão-somente a substituir um homem por outro ou por outra uma facção política. 9. Revolução, e não motim militar, pois **as Forças Armadas, que também vêm do povo, com o povo se irmanaram em defesa dos mesmos ideais** (Costa e Silva *apud* BONFIM, 2004, p.279, grifo nosso).⁴⁸

Rezende (1996), nesse sentido, observa que, ao procurarem legitimidade para as suas ações, no decorrer da Ditadura Militar brasileira, seus condutores

buscavam reconhecimento para as suas ações e intenções pondo em relevo as qualidades dos militares no poder, tais como: caráter, compromisso cristão, amabilidade com a família e defesa da ordem e da justiça. A criação de laços entre eles e a população era pautada na insistência de que havia uma intimidade emotiva deles com a maioria dos membros da sociedade brasileira (REZENDE, 1996, p. 362).

Para além do controle psicossocial operado pelos grupos militares, sua gestão e suas ações não ficaram só no âmbito da ditadura, tendo em vista as “heranças” que as sucessivas intervenções militares possam ter legado. Assim, deve-se refletir sobre os grupos civis, considerando que esses lastros das intervenções militares podem ter sido também “incorporados” nas formas dos grupos sociais perceberem a sua realidade ou, ainda, ser reinterpretados pelas visões de mundo dos grupos civis religiosos, mobilizando alguns de seus elementos, conforme seus interesses.

É nesse sentido que a presente pesquisa ressalta a importância de se explorar a forma como grupos sociais, inseridos na sociedade civil mais ampla, podem

⁴⁷ É importante observar que, no decorrer da Ditadura Militar, foram diversos os objetivos associados aos blocos de poder, sendo um desses o combate ao comunismo. Essa face é citada reiteradas vezes no decorrer da pesquisa, por ser considerada como o “elemento” de convergência que viabilizou alguns diálogos estabelecidos pelos autores da Catolicismo com os desígnios das gestões ditatoriais.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/91988>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2021.

estabelecer, a partir de suas leituras particulares, diálogos com esses lastros. Isso permite uma reflexão, para além das correntes de pensamento, sobre a existência e a composição das matrizes de pensamento, cuja estruturação pode ser pensada com base em suas próprias produções, tendo-se em vista as suas pretensões de comunicarem algo ao seu público leitor e, assim, intervir na realidade social, o que inclui também a circulação por âmbitos políticos.

Para tal, as revistas e postagens selecionadas são tomadas como fontes documentais produzidas por grupos civis religiosos e possuem, de acordo com Cellard (2008), dimensões que abrangem o contexto de produção (política, econômica, social e cultural), revelando os esquemas conceituais de seus autores.

Partindo desses esquemas, propõe-se refletir nas formas pelas quais os autores e os envolvidos na produção das fontes documentais se expressam, no que diz respeito aos seus interesses. Ou, então, a quem os autores se direcionaram ao fazê-lo, pois há uma relação entre os autores e o que publicam, já que os documentos falam de inspirações e das intenções dos períodos aos quais se referem, descrevendo lugares e relações sociais de uma época (MAY, 2004, p. 205-206).

Além disso, é importante reforçar que os grupos religiosos, cujas manifestações estão em foco nesta pesquisa, são também pensados enquanto sujeitos coletivos, tendo-se em vista a existência de um sentido de coletividade demonstrado nas suas manifestações. É a partir dessa coletividade que são elaboradas “identidades” e organizadas práticas e estratégias mediante as quais os sujeitos também se expressam, engendram manifestações e defendem seus interesses.

Em um primeiro momento, pensando o período da Ditadura Militar, têm-se as publicações de revistas, entre elas a *Catolicismo*, que fazem alusões às ações de grupos militares na cena política brasileira, como contribuições no combate ao comunismo. Nota-se que, com o passar das décadas, essa empreitada de combate ao comunismo segue firme e forte e, ainda na nova conjuntura, são elencados aliados e inimigos nessa “batalha”.

Entretanto, antes de serem feitas maiores considerações sobre a *Revista Catolicismo* (o que é realizado com mais profundidade no Capítulo 4), deve-se observar que o catolicismo no Brasil não é uma unidade coesa, que produz e difunde uma única forma de orientação, em termos de crenças, engajamentos, dogmas e ações, que podem apresentar dimensões políticas. Vê-se uma pluralidade de

orientações e de formas de leitura da realidade, bem como uma pluralidade de grupos sociais que dialogam, incorporam, agem e desenvolvem estratégias com base nessas “orientações” e nesses “princípios”, compondo diversos setores dentro da instituição.

De acordo com Wanderley (1978), em relação à Igreja Católica no Brasil, pode-se falar da existência até mesmo de classes antagônicas. Nessa linha, podem ser admitidas diversas orientações e também movimentos conflitantes em seu interior, considerando também uma diversidade de atos e atores.

Esses setores apresentam dinâmicas e discursos situados histórica e politicamente em dado momento histórico. Delgado e Passos (2003) salientam que, na década de 1960, por exemplo, pode ser observada uma sociedade polarizada, que respirava política por todos os poros.

De um lado reuniam-se, em uma ampla frente que lutava por transformações, os movimentos populares, os sindicatos, os estudantes articulados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), as ligas camponesas, os militares nacionalistas, as frentes parlamentares reformistas, os socialistas, os comunistas, o clero e os leigos dos movimentos católicos progressistas. [...] Em outra posição, diametralmente oposta, situavam-se diversos setores da sociedade brasileira que, por meio de um [sic] postura simultaneamente modernizante e conservadora apostavam em um programa de desenvolvimento econômico arrojado, internalizado [...], para preservação da estrutura agrária do país. Nele se agregam militares vinculados à Escola Superior de Guerra, proprietários rurais, setores do empresariado nacional, parlamentares ligados, principalmente, à UDN, investidores internacionais, segmentos expressivos da classe média e setores conservadores da Igreja Católica (DELGADO, PASSOS, 2003, p. 02-03).

Vale notar que, segundo esses autores, o pensamento religioso não evolui sozinho no espaço simbólico, mas em interação com outras formas de pensamento e com outras esferas de organização social, política e cultural. Dessa forma, as relações entre catolicismo e sociedade (e entre religiões e religiosidades, de uma forma mais ampla e geral) possibilitam diálogos e convergências. Entre essas esferas de organização social, está a política, que pode abarcar desde elementos do cotidiano de grupos sociais, de âmbito privado e público, até organizações, instituições e política estatal.

Para Wanderley (1978), há um movimento em outro sentido, não o da evolução do pensamento religioso e de seu diálogo com as esferas da vida social, mas de uma contradição relativa aos grupos dominantes na sociedade. Nesse sentido, o autor fala do peso histórico da aproximação entre Igreja e Estado e da decorrente composição de uma ideologia dominante que, mesmo não sendo religiosa, está

impregnada de noções associadas ao catolicismo. A presente pesquisa compreende que essa noção apresentada por Wanderley (1978) não se restringe ao catolicismo em si, mas inclui elementos do cristianismo.

Na Ditadura Militar, grupos assumidamente católicos publicaram conteúdos que apresentaram algumas das qualidades citadas por Rezende (2013), como aquelas postas em relevo pelos militares no poder em busca de reconhecimento (caráter, compromisso cristão, família e defesa da ordem) e “aproximações relativas” de grupos atuantes em nível estatal.

Para o autor, a contradição dessas relações se expressa em ocasiões nas quais setores representativos do governo, ou de classes dominantes, opinam e defendem interpretações em nome da ortodoxia, no atinente a teologia, eclesiologia e outras dimensões da vida religiosa, apontando o que é legítimo ou não para o meio social de um país. Segundo Rezende (2013), na Ditadura Militar, seus representantes no círculo de poder insistiram em elaborar um sistema de ideias e valores que, em sua noção particular de democracia, reiterava os desejos e a mentalidade cristã da sociedade, porém com vistas à preservação do senso de dever e de autoridade.

Com base nessas considerações, é possível apontar a existência de um movimento dialético entre as esferas religiosa e política, no qual ambas podem apresentar divergências e convergências em termos de suas grades de leitura da realidade social, bem como podem se autoinflunciar. Esse movimento reverbera nos grupos da sociedade civil e também na política, o que possibilita pensar a composição não só de correntes de pensamento, mas também a existência de matrizes de pensamento cristãs, considerando que os grupos religiosos nesse processo, conforme Sader (1988), possuem sua autonomia no sentido de dialogar com “determinações externas”, mas tendo a sua parte no processo, a sua capacidade de reelaborá-las segundo o que definem para si como a sua vontade.

Mannheim (1981) também faz considerações nesse sentido. Ao falar dos estilos e das correntes de pensamento, embora aponte uma leitura da realidade empírica observável que possibilita pensá-los enquanto unidades que possuem uma relativa independência, não deixa de considerar os “portadores sociais” (MANNHEIM, 1981, p. 81) de tais estilos. Para o autor, não se pode refletir, apreender e desenvolver compreensões sobre esses estilos e suas mudanças sem em conta os grupos sociais causadores dessas mudanças.

A principal indicação de que há uma ligação entre a existência e o destino dos grupos sociais, por um lado, e certos estilos de pensamento, por outro lado, é que ao súbito colapso de um estilo de pensamento geralmente corresponderá o súbito colapso do grupo que o sustentava: de forma semelhante, ao amálgama de dois estilos de pensamento, corresponde o amálgama dos grupos (MANNHEIM, 1981, p. 81).

Seguindo essa linha, Mannheim (1981) ressalta que essa ligação não se restringe a momentos críticos da história (crises sociais). O destino dos grupos sociais “está refletido aparentemente mesmo nas menores mudanças de desenvolvimento de um estilo de pensamento” (MANNHEIM, 1981, p. 81).

Ao dialogarem com as correntes de pensamento em circulação, os grupos sociais, atuando de forma histórica e socialmente localizada, podem agregar a elas elementos de si próprios, ou modificá-las, dando continuidade às correntes ou não. Em meio a esse processo, grupos de orientação cristã podem também convergir em relação aos desígnios do governo ou de grupos políticos, dialogando com as correntes de pensamento, ou com alguns de seus elementos, derivadas dos processos de pensamento conservador desenvolvidos no Brasil. Nas fases em que atuam, a partir de suas próprias grades de leitura da realidade e visões de mundo, podem elaborar suas formulações, interpretações e interfaces, o que compõe as matrizes de pensamento desses grupos.

Romano (1979) chama a atenção para essa possibilidade ao salientar a existência de uma face da política católica que se notabilizou por justificar governos autoritários “desde que, *conditio sine qua non*⁴⁹, a liberdade da Igreja fosse garantida” (ROMANO, 1979, p. 145).

De acordo com o autor, no decorrer do século XIX, houve períodos em que o catolicismo⁵⁰ se lançou em uma campanha contra o poder secular. Mesmo que tenham ocorrido choques entre católicos e liberais, e mesmo havendo uma idealização da soberania eclesiástica enquanto fonte e modelo de unidade social, a figura da Igreja como sustentáculo das instituições reaparece em um momento no qual “o Liberalismo reelaborava as pressuposições das Luzes, desenvolvendo um novo

⁴⁹ Segundo o Dicionário Online de Português, a expressão tem origem no latim jurídico, em seu significado literal “sem o qual não” ou “condição sem a qual não”, podendo indicar algo indispensável. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sine-qua-non/>>. Acesso em 10 de dezembro de 2021. Em tradução e interpretação livre, a expressão utilizada pelos autores, no contexto empregado, significa com a “condição de que” a liberdade da Igreja fosse garantida.

⁵⁰ Nesse ponto, cita-se a forma como o autor descreve a situação. Entretanto, é importante ressaltar que a presente tese está ancorada na noção da existência de diversos setores da Igreja Católica no Brasil e numa diversidade de orientações individuais.

realismo político ancorado no Estado, em busca da ordem e contra a anarquia” (ROMANO, 1979, p. 144).

É nesse sentido que o discurso teológico e político, segundo Romano (1979), vai assegurar uma propaganda antirrevolucionária. Ainda que tratando de evitar a hipertrofia do aparato repressivo do Estado, tal discurso reformulou a sua própria estrutura e buscou se afirmar acima das classes sociais. Vê-se um lastro histórico mediante o qual a Igreja ofereceu aos regimes políticos seculares (ameaçados pela contradição) a “adesão das consciências” (expressão utilizada pelo autor).

Na Encíclica *Immortale Dei* (1985), por exemplo, o autor observa uma indiferença da Igreja perante as formas de governo, desde que a liberdade de pregação fosse respeitada.

Assim, a duração e a força do Estado teriam o apoio eclesiástico e a legitimação transcendente, desde que fosse aceita a mediação sagrada. As Concordatas do início do século XX consagram este novo tipo de interação entre os dois poderes [...]. Esta orientação caracterizou a prática católica até o Concílio do Vaticano II. A Igreja foi ideada como uma súpula de soluções a priori para os problemas da cidade dos homens. Isto se deu com a racionalização burocrática “eclesiocêntrica”, num nítido desejo de colocar a história profana a serviço da história sagrada. Na realidade, a proposição inversa tenha sido mais verdadeira: o romantismo vulgarizado veio reforçar o poder religioso como foco imaginário donde surgiu a Igreja, auxiliar do Estado na resolução das contradições sociais (ROMANO, 1979, p. 146).

Para o autor, a Igreja, possuidora da revelação da ordem, oferece ao Estado uma espécie de máquina burocrática que o auxilia no “controle” e na influência sobre os “dominados”. Seguindo as proposições explanadas por Romano (1979), há um lastro histórico que aponta fortes influências da religião nas relações sociais, assim como as suas ligações com formas autoritárias de poder no decorrer do século XX,⁵¹ em diversos países. No caso brasileiro, o autor chama a atenção para o fato de que, ainda que afirmada a laicidade do Estado na Constituição de 1891, na década de 1930 (Estado Novo), com o apoio da Igreja, houve condições de ampliação do governo central.

Dessa forma, com as ocorrências e intermitências citadas, foram estabelecidos, historicamente, relações e diálogos entre setores da Igreja e do Estado brasileiro, de forma que, no decorrer da Ditadura Militar, elementos de ordem religiosa

⁵¹ Romano (1979) aponta como exemplos o Tratado de Latrão (com Mussolini, em 1929) e a Concordata do Império (com o governo de Hitler, em 1933).

foram mobilizados para que os governantes conseguissem uma identificação com a população.

A existência desse lastro histórico, de relações dialéticas entre os âmbitos político e religioso, também delinea a possibilidade de desenvolvimento de uma reflexão sobre tal situação na atualidade, considerando, por exemplo, que houve grandes efervescências de discursos anticomunistas há cinquenta anos (período da Ditadura Militar brasileira) e, na década de 2010, o debate entrou novamente em voga, por exemplo, nas redes sociais, como no Facebook. Isso é identificado em discursos proferidos na campanha eleitoral do atual presente da república.⁵²

Com base nessas considerações, são desenvolvidas reflexões sobre os conteúdos veiculados pelos grupos religiosos envolvidos nos processos editoriais da Revista Catolicismo. Assim como foram identificadas, nas manifestações desses grupos civis, associações entre elementos políticos e religiosos, também há personalidades políticas que fazem referências a elementos cristãos em suas atuações públicas, como é o caso da fala de Costa e Silva (citada anteriormente) e do presidente empossado entre 2019 e 2022.

Para refletir sobre os grupos envolvidos com a Revista Catolicismo no decorrer das décadas, é importante pensá-los enquanto agentes coletivos situados historicamente na referida conjuntura, cujos elementos, bem como suas relações e diálogos com outros grupos, possibilitaram e desencadearam manifestações e a veiculação de materiais.

Primeiramente, é importante ressaltar que, inseridas na conjuntura sociocultural e política brasileira, as religiões de matriz cristã também dialogam com mudanças, flutuações e permanências relativas à sociedade e à estrutura mais ampla. Mainwaring (2004), por exemplo, observa que sucederam modificações na Igreja no Brasil em função de mudanças ocorridas na sociedade e na política brasileira, em função, também, da Igreja Internacional, como é o caso da Igreja Católica, que recebe influências de Roma e da hierarquia da Igreja, que fazem orientações impressas para o desenvolvimento da instituição no Brasil.

Seguindo as observações feitas pelo autor, influências externas ao contexto nacional refletem no direcionamento da Igreja no Brasil, o que influi sobre os

⁵² Jair Messias Bolsonaro, em sua campanha, utilizou como *slogan* a frase “Deus acima de todos, Brasil acima de tudo”. O *slogan* está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=HE7nohcVE_w>. Acesso em 13 de julho de 2021.

grupos sociais que a frequentam, como é o caso dos setores internos ao catolicismo no Brasil.

Em termos históricos, Mainwaring (2004) observa que Roma exerceu grande influência sobre o desenvolvimento da Igreja no Brasil entre 1916 e 1985, tendo encorajado o modelo de neocristindade. No rol de influências, entram as reformas ocorridas em 1950, as inovações entre o final de 1950 e 1970, motivadas pelos papados mais progressistas da história recente da Igreja, assim como o declínio da Igreja popular após 1982, que também teve pressões do Vaticano.

Os apontamentos de Mainwaring (2004) e Romano (1979) reforçam, em diferentes momentos históricos, a existência de vários segmentos das instituições cristãs nacionais, os quais, além de dialogarem e se movimentarem com o fluxo de mudanças sociais, ainda forneceram orientações e parâmetros de “atuação”. Partindo desses e de outros elementos da realidade histórica, política e social do Brasil, os grupos civis, em suas elaborações e interpretações, engendram ações, manifestações e estratégias sobre a vida pública e privada.

Mainwaring (2004) destaca, também, que a Igreja é influenciada pelas mudanças na sociedade em geral e por suas dimensões políticas. Para o autor, as ideologias e as questões políticas da sociedade brasileira influíram sobre a concepção de fé da Igreja, assim como os conflitos sociais e a forma como o Estado tentou resolvê-los ou suprimi-los.

De forma mais ampla, Bruneau (1987) salienta que, no atinente à Igreja na América Latina, a instituição religiosa desempenhou um papel político graças ao forte predomínio do elemento religioso na conquista da região, à natureza das relações entre Igreja e Estado em território europeu e à tendência do papado em delegar funções a monarcas católicos da Península Ibérica. No Brasil, observa o autor, o resultado de três séculos de patronato foi a integração das estruturas eclesiásticas e estatais, com uma tendência de mobilização da religião para legitimar a ordem estabelecida.

Tal padrão ter-se-ia estendido pelo século XIX, até ser rompido com o fim da monarquia em 1889, voltando a ocorrer em 1930, com a reaproximação entre Igreja e Estado no período do governo de Getúlio Vargas, conforme destaca Bruneau (1987).

Para o autor, no decorrer desse período, a Igreja desempenhou um papel importante, pois, na época, também foram lançadas as bases do Brasil industrial moderno. A Igreja participou desse processo como parcela integrante da sociedade e

das estruturas de poder, situação que sofreu mudanças na década de 1960⁵³, à medida que os dirigentes da Ditadura Militar passaram a se apoiar na tecnoburocracia e a definir a sua legitimidade pelo crescimento econômico, com base na Doutrina de Segurança Nacional (BRUNEAU, 1987, p. 30). Com isso, houve setores da Igreja que definiram para si a opção preferencial pelos pobres.⁵⁴

Tal fator, porém, não implicou o fim dos efeitos das relações entre ambas as instituições, uma vez que, tal como observa Mainwaring (2004), as práticas sociais e as identidades institucionais não se modificaram em decorrência do surgimento de novas ideias. O conflito social levou, isso sim, a uma nova maneira de compreensão da realidade. Conforme o autor, a ideologia e os símbolos religiosos legitimam ou desafiam aspectos dos valores dominantes, tendo um impacto significativo na vida política. No caso de instituições religiosas católicas do Brasil e também da religiosidade cristã em si, seus símbolos, orientações e discursos auxiliam na definição de práticas políticas e sociais.

Apesar de Mainwaring (2004) indicar o período histórico de 1950 a 1970 como aquele em que há uma efervescência de ações advindas da Igreja popular, a despeito da existência de grupos cristãos de orientação progressista (considerando que atuam pró-mudanças na ordem político-social estabelecida), sabe-se que, na história social e política brasileira, houve também ações e grupos atuantes em sentido contrário ao do progressismo, como seria o caso daqueles indivíduos que estabeleceram contato com o chamado Integrismo no Brasil.

Segundo Dias (1993), no período de 1922 a 1935, a ação política de boa parte da Igreja Católica no Brasil teve participações e contribuições para o processo de constituição do princípio de autoridade, atuando na sua divulgação, o que envolveu membros do episcopado e intelectuais advindos do Centro Dom Vital. Tal processo foi visto pela hierarquia católica como uma obra de restauração da sociedade e do Estado com valores católicos.

De acordo com Ridenti (1998), o Centro D. Vital foi fundado em 1922, sob a inspiração da Action Française, e reunia parte da intelectualidade católica

⁵³ Para aprofundar estudos sobre essas relações históricas, sugere-se a consulta da produção: ESQUIVEL, J. C. Igreja Católica e Estado na Argentina e no Brasil. Notas introdutórias para uma análise comparativa. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n.5, p.191-223, out 2003.

⁵⁴ Segundo Bruneau (1987), a adoção desse papel foi legitimada pelo Vaticano e conquistou apoio internacional por meio da Teologia da Libertação, com sua ênfase no envolvimento da Igreja na sociedade e na política, com foco no auxílio social.

conservadora. Defendendo um “nacionalismo de direita”, o centro, sob direção de Jackson de Figueiredo na década de 1920, apoiou os integralistas, que podem ser definidos como um movimento brasileiro de caráter fascista.⁵⁵

Para Mainwaring (2004), tratou-se de um instituto católico pequeno, mas de grande influência no desenvolvimento da Igreja e na política (MANINWARING, 2004, p. 46). Em torno dele (na década de 1920), emergiu uma das mais influentes gerações de líderes leigos católicos da história da América Latina. De acordo com o autor, o criador do centro, Jackson de Figueiredo, foi conhecido por seu nacionalismo antidemocrático e faleceu em 1928, período no qual Alceu Amoroso Lima se torna figura de destaque. Apesar da sua posterior mudança de orientação para a ala mais progressista da Igreja, Lima era intimamente ligado à Direita Católica durante a década de 1930.

Dias (1933) ressalta que, nesse processo de restauração da sociedade e do Estado com base em valores católicos, o mundo moderno que estava se constituindo era visto como uma sociedade que se afastava dos preceitos cristãos. Para o autor, a Igreja assumiu essa obra restauradora e definiu uma doutrina sobre a autoridade que foi se estabelecendo, o que envolveu a combinação de cinco elementos:

- primeiro, a utilização e a divulgação de um referencial doutrinário europeu elaborado pelos pensadores católicos da contra-revolução do século XIX e pelos documentos pontifícios; - segundo, um processo de articulação e coordenação entre o episcopado brasileiro; - terceiro, a formação de uma elite intelectual a serviço do projeto político-pastoral do episcopado; - quarto, a organização de grupos intermediários, responsáveis por articular as elites com as massas e - quinto, a promoção de movimentos religiosos de massas (DIAS, 1993, p.02).

De acordo com o autor, o primeiro elemento se refere a uma doutrina produzida na Europa, que pretendia orientar a ação dos católicos e sustentar o enfrentamento de correntes teóricas e de grupos contrários à soberania eclesiástica. Na sua divulgação, trabalharam intelectuais orientados pela hierarquia, que se reuniam no Centro Dom Vital, empenhados na reelaboração e divulgação de doutrinas

⁵⁵ De acordo com Oliveira (2009), “A Ação Integralista Brasileira foi um movimento que surgiu após a Revolução Constitucionalista de 1932 com o Manifesto de Outubro, elaborado por Plínio Salgado. Caracterizava-se principalmente por uma atuação política. Segundo alguns autores, dentre os quais se destaca Hélgio Trindade, possuía muitas semelhanças com o fascismo europeu. O integralismo foi uma organização de extrema direita, que cultuava a figura do ‘Chefe Nacional’ e pregava a centralização política nas mãos de um Estado com plenos poderes, contrário à pluralidade de partidos políticos. Este modelo de Estado forte e centralizado (Estado Integral) tinha como lema ‘Deus, Pátria, Família’” (OLIVEIRA, 2009, p. 25).

favoráveis “ao estabelecimento da ordem social e fortalecimento da autoridade” (DIAS, 1993, p. 03).

É relevante destacar, também, segundo o autor, que essa doutrina teve início no século XIX, em uma reação contra as mudanças que se delinearam com a Revolução Francesa⁵⁶. Na época, Jodeph de Maistre, escritor, filósofo, advogado e diplomata francês, colocava aos católicos a tarefa de agir de forma contrária à Revolução. No Brasil, continuavam as relações da Igreja com a sociedade e as orientações doutrinárias “fundamentadas numa concepção religiosa da vida, refletindo mais os valores dos protagonistas europeus do que os processos sociais do país” (DIAS, 1993, p. 15).

Essas orientações adquirem contornos específicos na realidade sociopolítica e cultural brasileira, mesmo com a apropriação da chamada doutrina Ultramontana. No século XIX, de acordo com Santirocchi (2010), o ultramontanismo foi marcado por uma série de atitudes de algumas correntes teológicas e eclesiais da Igreja Católica em reação às novas tendências trazidas pela Revolução Francesa, como a secularização do Estado. Em suma, os ultramontanos agiam em prol do

[...] fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a Igreja (galicismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica *Quanta cura* e do “Sílabo dos Erros” (SANTIROCCHI, 2010, p. 24).

Importava, então, para essa corrente, a centralização de poder e da tomada de decisões políticas. Essa doutrina apresentava traços conservadores, haja vista a sua intenção de preservar ou resgatar elementos específicos de outra época no interior da Igreja Católica, fazendo frente às mudanças da sociedade.

Segundo Dias (1993), com essa apropriação, a hierarquia brasileira manteve coerência com as diretrizes formuladas pelo Vaticano para salvaguardar os princípios cristãos católicos e o poder eclesial perante as mudanças em curso. Para tal, houve propaganda doutrinária mediante a criação de instâncias de

⁵⁶ A revolução Francesa foi um evento histórico ímpar para a humanidade, ocorrida entre 1789 e 1799, que marcou o fim do regime absolutista na França (no qual o rei tinha poderes políticos, sociais, religiosos, econômicos etc. absolutos) e desencadeou mudanças cujos ecos se espalharam para o mundo todo. De acordo com Falcetti (2017), essa revolução foi predominantemente burguesa e mudou toda a Europa, assinalando a etapa final de secularização das estruturas de poder, inaugurando um período de modernidade com novos padrões econômicos (liberalismo) e com a mudança da população da condição de súditos para cidadãos.

perpetuação de debate. A isso, segundo o autor, se inclui o fortalecimento da autoridade papal, do poder da Igreja sobre o Estado e do clero sobre os leigos.

Para o autor, esses movimentos religiosos foram importantes, pois fizeram referência a um conjunto de temas cujos sentidos tinham proximidade com princípios doutrinários originados no pensamento de contrarrevolucionários europeus no século XIX. Vê-se, assim, a base de uma mentalidade que se consolida de maneira progressiva e que tem continuidade, posteriormente, com grupos partidários e defensores da legitimidade da obra restauradora da Igreja.

O Centro Dom Vital, segundo Dias (1993), reunia intelectuais cujos debates e divulgações convergiam para uma preservação da ordem, sendo um “espaço de sistematização de ideias orientadoras do espírito católico na busca de sua soberania social” (DIAS, 1993, p. 104). Dos intelectuais que o centro reuniu, derivaram ações e manifestações de personalidades como Plínio Correa de Oliveira e Gustavo Corção, cujos discursos inspiraram publicações de revistas como a *Catolicismo* e *Permanência*, ambas com atividades longevas, ainda que a *Permanência* tenha tido interrupções em suas atividades.

É possível, portanto, apontar a existência de um lastro histórico que, além da diversidade de setores existentes dentro da instituição católica no Brasil, também envolve a noção de desenvolvimento de processos históricos de relações, afastamentos, diálogos e aproximações desses setores com grupos e fatores relativos à conjuntura política no Brasil.

Com base nas considerações até aqui elencadas e tendo em vista os conteúdos veiculados por meio de revistas como a *Catolicismo*, tem-se que tais suportes de enunciação são órgãos difusores desse tipo de pensamento católico conservador e, assim, de manifestações que divergem da Igreja Popular, da Teologia da Libertação⁵⁷ e também das possíveis mudanças que esses e outros segmentos da sociedade civil possam vir a buscar, divergentes de seus desígnios.

⁵⁷ Corrente teológica de matriz cristã originada na América Latina, que, segundo Leão (2011), foi desenvolvida no interior da Igreja Católica na década de 1960, em meio a conflitos causados pela gestão autoritária de grupos militares. É um movimento socioeclesial que se voltou para a ação em prol da população pobre e oprimida em sua luta por direitos. Para Lowy (2000), a Igreja Católica no Brasil foi a única da América Latina na qual a referida teologia e os grupos a ela adeptos encontraram tamanha margem de ação, influência e aderência, e esse foi um dos fatores que possibilitaram uma verdadeira mudança histórica na posição social e política de expressivos setores da Igreja.

4 SEGMENTOS SOCIAIS E O PENSAMENTO CONSERVADOR: CLIVAGENS E CONVERGÊNCIAS ENTRE GRUPOS CRISTÃOS E POLÍTICOS NO ESTADO BRASILEIRO

O presente capítulo se volta para a caracterização e “localização histórico-social” dos grupos civis religiosos cujas manifestações são estudadas, levando em consideração as orientações de Norbert Elias sobre as figurações de indivíduos e grupos situados histórica, política, cultural e socialmente e as contribuições de Karl Mannheim a respeito do pensamento conservador.

Os subtópicos que seguem buscam dialogar com os debates históricos e metodológicos elencados no segundo e no terceiro capítulo, assim como dar-lhes continuidade, visando abordar, de forma aprofundada, as publicações da Revista *Catolicismo* e, de forma mais breve, alguns outros grupos produtores e difusores de conteúdo enquanto dados da realidade, perscrutando elementos próprios desses grupos civis religiosos, de alguns de seus membros fundadores e da conjuntura, pensando, assim, nos recortes temporais da pesquisa.

4.1 A Revista *Catolicismo*

Para abordar as publicações da Revista *Catolicismo*, é importante tecer considerações sobre Plínio Correa de Oliveira, militante católico leigo que expressou preocupações com a inserção e com a ação da Igreja Católica no mundo moderno. Oliveira participou da fundação da mencionada revista, que teve seu primeiro número publicado em 1951 e segue ativa até a atualidade, seja mediante publicações impressas, ou em plataforma digital. O *site* da revista possui um acervo com as edições publicadas já digitalizadas.⁵⁸

Oliveira, de acordo com Zanotto (2001), foi influenciado tanto pelo movimento ultramontano, que orientou a revitalização da Igreja Católica no Brasil com ênfase política contra à modernização, quanto pelo Integrismo Católico, que foi uma ideologia baseada na defesa do catolicismo “tradicional”, em oposição aos setores progressistas.

Para os integristas, contrários a qualquer forma de modernismo — cultural,

⁵⁸⁵⁸ O acervo pode ser consultado em: <<https://catolicismo.com.br/Index1951.html>>. Acesso em 15/ de janeiro de 2020.

político, econômico, social —, a única solução aceitável seria um retorno à ordem social cristã, em especial, a uma ordem baseada na cristandade medieval do século XIII, quando a Igreja desempenhou um papel de ordenadora da sociedade e possuía influência em todos os âmbitos da comunidade fazendo prevalecer, assim, a tradição cristã em toda esfera social (ZANOTTO, 2001, p.194).

O pensamento de Oliveira é uma das bases que, ainda na atualidade, alimentam as reflexões dos autores cujas manifestações são veiculadas na Revista Catolicismo. O ideólogo atuou junto ao “grupo de Catolicismo”, ao qual se vincularam também outros sócios fundadores e futuros diretores da Tradição Família e Propriedade (TFP) e do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. Conforme já elencado anteriormente, nas publicações da Catolicismo, há claras referências ao combate a um de seus declarados inimigos, o comunismo, tendo como aliadas, nessa “luta constante”, algumas medidas desenvolvidas no decorrer das intervenções militares.

[...] Por motivo da eleição do Marechal Artur da Costa e Silva para a Presidência da República, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade enviou a S. Excia. o seguinte telegrama: "A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, representando seus núcleos de sócios e militantes disseminados em quase todos os Estados do Brasil, apresenta a Vossa Excelência suas mais atenciosas e sinceras congratulações pela eleição para a Suprema Magistratura do País. Ao mesmo tempo faz votos de que a Providência cumule Vossa Excelência dos meios para orientar a Nação segundo os rumos da civilização cristã, dos quais a demagogia comuno-progressista procura afastar presentemente o Brasil. (DU PLESSIS, A. L. Manobra bem lançada encontra terreno favorável. In: *Revista Catolicismo*, n° 191, 1966, p. 08).⁵⁹

O pensamento de Oliveira foi um referencial para as produções da revista não só em suas primeiras décadas, porque, ainda nos tempos atuais, suas reflexões são constantemente resgatadas para reafirmar os “compromissos” estabelecidos pela revista (proteger a civilização cristã, lutar contra reformas agrárias, contra medidas legislativas que possam ir de encontro às suas visões de mundo, entre outros), também para compor reflexões à luz dos acontecimentos que se desenrolam após a década de 2000.

Oliveira, conforme o *site* da TFP⁶⁰, é descrito como um homem que foi fortemente engajado em seus objetivos, atuando em prol deles até a ocasião de sua morte. Após o fim de seu mandato como deputado na Assembleia Nacional

⁵⁹ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0191/P08.html>>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

⁶⁰ Disponível em: <<https://tfp.org.br/fundador/>>.

Constituinte, ele ter-se-ia dedicado ao magistério universitário, de forma que assumiu a cátedra de História da Civilização no Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Depois foi professor catedrático de História Moderna e Contemporânea nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras São Bento e Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atuou também à frente do Legionário e dedicou-se à análise do que identificava ser a crise contemporânea.

Ainda de acordo com o *site*, as atividades de Oliveira junto às obras que ele publicou compuseram as condições para a formação da futura TFP:

Estavam estabelecidas as condições para a formação da futura TFP. Com os membros do “grupo do Plínio” – como era conhecido o núcleo congregado em torno do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira para a redação e publicação do semanário “O Legionário” – lançou Dr. Plínio o prestigioso mensário de cultura “Catolicismo”, que se tornou um dos pólos de pensamento da imprensa católica do Brasil, e cujo renome atravessou as fronteiras do País e transpôs os oceanos. Em torno dele tornou-se um movimento de opinião mais amplo que ficou conhecido como grupo de “Catolicismo” (O Fundador. In: TFP, s/d, p/p.).

Da expansão do núcleo inicial mencionado (vindo do Legionário), foi fundada a TFP, da qual, mais tarde, a Revista Catolicismo se tornaria o meio de comunicação oficial. Apesar das mudanças ocorridas com o passar das décadas, Oliveira se manteve firme em suas manifestações e interpretações sobre o mundo moderno e os males dele derivados, pois, nas páginas da Catolicismo, mesmo após a morte dele, os grupos deram continuidade em sua empreitada contra o comunismo, inspirada fortemente pelas ideias plinianas, que são apresentadas de forma adaptada às novas condições da conjuntura histórica, política e social.

Faz-se importante destacar que, segundo Zanotto (2001), a TFP, fundada em 1960, foi uma matriz de divulgação do pensamento pliniano. A sua criação e atuação social respondiam a um catolicismo prosélito e defensor de valores preconizados pelo integrismo católico. Apesar do caráter extrapartidário dessa “associação”, seu objetivo era o de conseguir ascendência sobre líderes políticos, para que eles dialogassem com o catolicismo integrista em suas ações políticas.

Ainda segundo Zanotto (2007), o integrismo católico surgiu no final do século XIX e início do século XX, no decorrer de uma disputa interna do catolicismo, e os grupos católicos, que, posteriormente, foram chamados de “integristas, derivaram de uma diferenciação interna do catolicismo intransigente. Esse movimento passou o século XIX opondo-se às tentativas de conciliação entre a Igreja e a

sociedade moderna” (ZANOTTO, p. 46, 2007). De acordo com a autora,

O apogeu do catolicismo integral ocorreu no início do século XX, durante o pontificado de Pio X (1903-1914), quando esta doutrina passou a ser a referência básica da política pontifícia, cujo objetivo era a retomada dos espaços perdidos com o processo de secularização e de desordem desencadeado, na sua compreensão, pela Reforma Protestante. Para os católicos integristas, a Idade Média representou um período em que se obteve certo equilíbrio entre as forças do bem e do mal - onde o pecado foi, de certa forma, controlado pelo poder de influência da Igreja -, através da consolidação de uma sociedade hierárquica e autoritária, dois ícones deste modelo de catolicismo. Nesta perspectiva a ordem medieval surgia como um ideal para os integristas: cada um em seu lugar e os reis fazendo os homens se submeterem a Deus, se preciso for, pela espada. [...] Os principais elementos caracterizadores da doutrina integrista revelam sua adesão incondicional à tradição e ao papado. O integrismo parte da convicção de que a autoridade sacra para a qual se preconiza uma inerrância literal é o texto papal (destacamos: de determinados pontífices!), e não a Sagrada Escritura. O zelo militante de religiosos e leigos defensores deste catolicismo é pautado pela defesa dos valores religiosos ameaçados de decomposição pelo nocivo efeito da modernidade, que é concebida como a síndrome antagônica à tradição que se quer preservar, ou, como a definiu Pio X, a "síntese de todas as heresias" (Encíclica Pascendi, 1910) (ZANOTTO, p. 47, 2007).

Na esteira desses acontecimentos, encontrava-se a TFP, portanto há elementos integristas que permeiam as publicações veiculadas na revista. Zanotto (2007) chama a atenção para os conflitos existentes entre grupos de orientação integrista e outras orientações dentro do catolicismo, como o modernismo, os católicos progressistas etc. Esses são elementos observados nas publicações analisadas desde a criação da revista até metade da década de 1980 (um dos recortes temporais feitos pela presente pesquisa), somando-se à já citada busca por diálogos e ascendência sobre líderes políticos.

Contudo, é importante reforçar que as manifestações e reflexões apresentadas nas páginas da *Catolicismo* vão apresentando nuances e adaptações com o passar das décadas, com as mudanças de grupos e mesmo com as mudanças conjunturais. Esse movimento se desenvolve seguindo os interesses dos indivíduos envolvidos com os processos editoriais da revista.

Nas manifestações analisadas pela presente pesquisa, vê-se referências a figuras e a grupos políticos que são apresentados como favoráveis aos mesmos propósitos de seus autores. A exemplo, cita-se uma publicação de agosto de 1975, na qual, ao se mencionar o lançamento do livro “O Catolicismo brasileiro em época de transição” (BRUNEAU, Thomas C., 1974),⁶¹ comentando as falas do livro sobre a TFP,

⁶¹ Edição: BRUNEAU, Thomas C. O catolicismo brasileiro em época de transição. São Paulo: Loyola, 1974.

afirma-se que, em razão do espaço, ficaram de fora “várias afirmações injustas do A. Costa e Silva” (OLIVEIRA, Valter de. Tem a Igreja o que aprender com Lutero?. Revista Catolicismo, nº 296-298, 1975, p.07).⁶²

De acordo com a autora Zanotto (2001), Oliveira fundou a TFP com vistas ao reestabelecimento da civilização cristã. Esse é um movimento social, uma vez que encontrou ecos e reproduções, não só no que diz respeito ao pensamento pliniano que antagonizou transformações vigentes na época, mas também porque “atualmente existem TFPs e entidades co-irmãs em 26 países” (ZANOTTO, 2001, p. 194).

Na conjuntura da criação da Catolicismo e da TFP, havia também outros difusores de conteúdo, declaradamente cristãos e católicos, como é o caso da Revista Permanência, que pode ser pensada como um dado da realidade que aponta para a existência de uma movimentação contra as mudanças vindas da “modernidade”, que não era isolada na Revista Catolicismo.

A Revista Permanência teve suas primeiras publicações no ano de 1968, realizadas por membros egressos do Centro D. Vital e que, declaradamente, posicionaram-se contra os inimigos da igreja (conforme identificados pelos envolvidos em suas publicações).⁶³

Inclina o ouvido, jovem leitor, às palavras de um velho amigo, e guarda este nome: Humberto Castelo Branco. Foi o maior Chefe de Estado, o mais decisivo, o mais significativo de todas as qualidades latentes em nosso povo, a mais importante figura da História do Brasil. Não exagero. Nenhum outro jamais encontrou no País quadro igual de devastação, de destruição, de desmoralização e de anarquia. [... O caos. E um caos perverso preparado para entregar a grande nação brasileira ao comunismo russo ou chinês. Foi em março de 64, quando à noite víamos nas janelas dos apartamentos velas acesas em sinal de que lá dentro rezavam pelo Brasil, e quando não víamos saída mas ainda guardávamos uma secreta confiança no bom gênio brasileiro, foi numa noite de março de 64 que um bom amigo nosso, coronel do Exército, nos disse misteriosamente: — Guardem este nome: Castelo Branco. Dias depois, Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, compadeceu-se de nós, intercedeu por nós, e o milagre se efetivou: as forças armadas se uniram em torno do homem que os céus escolheram (PERMANÊNCIA. Castelo Branco. O Globo 20 de julho de 1972; republicado em Revista Permanência nº. 194-195, s/p, 1972).⁶⁴

Em ambas as revistas, percebe-se, quanto ao período histórico das

⁶² Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0296-298/P06-07.html>> Acesso em 11 de dezembro de 2021.

⁶³ Essas e outras informações, assim como o conteúdo da revista, estão disponíveis em: <<https://permanencia.org.br/drupal/>>.

⁶⁴ Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/440>>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

publicações citadas, a presença de discursos que congregam elementos de combate ao comunismo condizentes com a preservação tanto da religião em si quanto de sua influência na sociedade, havendo menções sobre o papel de grupos e/ou de figuras militares nessa tarefa. Nas publicações citadas anteriormente, nota-se interfaces com questões de ordem religiosa e de âmbito político, havendo um fio condutor para ambas as revistas: na publicação da *Catolicismo*, há referências à atuação de Costa e Silva como uma “política religiosa”; na *Permanência*, em alusão ao golpe militar e à união das forças armadas na figura de Castelo Branco, este é visto como um homem que os céus escolheram e a intervenção, como um milagre.

É importante observar que tanto as revistas *Catolicismo* e *Permanência* quanto a TFP foram fundadas entre as décadas de 1950 e 1960, período de mudanças significativas na sociedade e na esfera política não só brasileira, mas também extra nacional. Trata-se da conjuntura da Guerra Fria (1945-1991), na qual se desenrolaram conflitos ideológicos entre superpotências antagônicas (Washington e Moscou).⁶⁵ Esse embate fomentou um forte pensamento anticomunista, que ressoou amplamente no Brasil entre diversos grupos sociais.

Para Motta (2000), o anticomunismo pode ser definido como indivíduos e grupos mobilizados na recusa militante do comunismo. O autor observa que a força do comunismo, incluindo a expansão de partidos e de ideais comunistas, engendrou o surgimento desse movimento. Grupos sociais de indivíduos temerosos quanto à “ameaça” ou ao “perigo” comunista se organizaram para fazer contraofensivas e combatê-lo, transformando-se em movimentos organizados que tinham essa finalidade.

De acordo com Rapoport e Laufer (2000), nessa conjuntura, a América Latina se tornou um campo particular de rivalidade, pois, em decorrência das estruturas econômicas e da assimetria em suas relações econômicas com potências capitalistas centrais, houve a emergência, já na década de 1950, de mobilizações

⁶⁵ De acordo com Rapoport e Laufer (2000), nesse período, houve a generalização do conflito Leste-Oeste, no qual “nenhum lugar do mundo estava fora da disputa pela primazia mundial que opunha Washington e Moscou. Reativou-se a velha política de blocos rivais, particularmente pela intervenção militar norte-americana no sudeste asiático e pelo processo de profundas mudanças ocorridas a partir da morte de Stálin na URSS [...]. Debaixo da cobertura retórica da “dissuasão”, de um lado, e da “competição pacífica”, de outro, ambas as superpotências deram um impulso dramático na corrida armamentista e nuclear. Durante as duas décadas seguintes, o mundo seria posto várias vezes na eminência de uma nova guerra mundial, como foi evidenciado na “crise dos mísseis” em 1962. As relações comerciais e diplomáticas internacionais adquiriram, então, uma marcada conotação estratégica (RAPOPORT; LAUFER, 2000, p. 69-70).

sociais e propostas políticas em maior ou menor grau nacionalistas e populistas, que questionavam as estruturas e apresentavam alternativas para o desenvolvimento econômico e social.

No contexto brasileiro, para além das modificações sociopolíticas ocorridas em anos anteriores, como a proclamação da República e as revoluções posteriores, a década de 1960 concentrou muitas outras mudanças. Primeiro, João Goulart assumiu a presidência da República em 1961, no contexto de uma crise institucional instalada após a renúncia de Jânio Quadros. Depois, houve uma “luta aberta entre a maioria dos representantes parlamentares de um lado, e os ministérios militares do outro, a favor e contra respectivamente da sucessão constitucional para o vice-presidente Goulart, proveniente do trabalhista PTB⁶⁶” (RAPOPORT E LAUFER, 2000, p. 72).

Segundo Rapoport e Laufer (2000), desde a sua ascendência à presidência da República, Goulart foi questionado por alas conservadoras da sociedade, que denunciavam as suas vinculações comunistas. Os setores militares, por exemplo, mobilizaram-se e buscaram respaldo civil contra Goulart e o seu modo de atuação política. À época, ainda que não buscassem revoluções na ordem político-social e econômica, havia uma corrente mundial de movimentos nacionalista-reformistas.

Em consonância com sua política interior e no contexto internacional da Guerra Fria, Goulart [...]. Procurava intensificar as relações comerciais com todas as nações, incluindo as do bloco soviético, e aumentar o mercado externo para os produtos primários brasileiros. Em crescente contradição com a orientação que impregnava a política americana da Aliança para o Progresso, desejava também ampliar a margem de autonomia tanto na formulação de planos de desenvolvimento como na aplicação de toda ajuda externa. Com esses objetivos, a diplomacia brasileira postulava a transformação das estruturas econômicas internacionais e sustentava a idéia de uma frente unida das nações periféricas em defesa do desenvolvimento (RAPOPORT e LAUFER, 2000, p.73).

Historicamente, observam os autores, a atuação política de Goulart suscitou reações internas e externas de grupos políticos representativos de grandes fazendeiros, da indústria nacional e internacional, da oficialidade, das altas hierarquias da Igreja e da política norte-americana que não poderiam tolerar “outra Cuba”, ainda mais no maior país da América Latina e no período do governo de John Fitzgerald Kennedy (1961-1963). Assim, setores conservadores internos e membros do

⁶⁶ Partido Trabalhista Brasileiro.

Departamento de Estado dos Estados Unidos da América (EUA), por meio da Central Intelligence Agency (CIA) e da Embaixada, passaram a cooperar com os grupos anti-Goulart, inclusive lançando campanhas de agitação que deram enfoque às falhas do político perante a crise econômica que se instaurava no período.

O golpe militar ocorrido em 1964 teria sido, portanto, um processo respaldado não somente por grupos conservadores brasileiros (figurações nacionais), mas também por organizações e políticos norte-americanos (figurações internacionais). Ou seja, tem-se a manifestação de grupos conservadores unidos em prol de um único objetivo, em combate às supostas ameaças comunistas. De acordo com Motta (2000), o anticomunismo ocupou, no decorrer do século XX, uma posição central e um elemento de destaque na dinâmica política e cultural nacional e nas relações internacionais do país.

Conforme o autor supracitado, foi em resposta ao crescimento da influência soviética que os EUA assumiram uma postura anticomunista, o que, no fundo, tinha motivações ideológicas e interesses geoestratégicos e econômicos. Em meio a esse processo, o governo estadunidense passou a tentar reunir em torno de si países como o Brasil, caracterizados pelo autor como “países do mundo livre”. Com o progressivo acirramento do combate ao comunismo (com a Guerra Fria), o Estado norte-americano passou a investir em grupos dispostos a enfrentar esse inimigo, oferecendo-lhes suporte ideológico, político e material (MOTTA, 2000, p. 6).

No decorrer desse tempo, observam Rapoport e Laufer (2000), em solo brasileiro, à medida que as políticas de Goulart afastavam os interesses estadunidenses e conquistavam adesão popular, a diplomacia e os organismos norte-americanos intensificaram a sua ingerência na política brasileira, em nome de uma “democracia” orientada para a contenção de forças supostamente antidemocráticas, identificadas na figura de “forças comunistas”.

Logo, tem-se que as intervenções da embaixada dos EUA intensificaram a pressão para impulsionar uma solução para essa situação de crise, dirigidas ao golpe militar de 1964. Não basta, contudo, recordar o papel da política norte-americana nesse processo, faz-se necessário destacar que esse elemento se soma ao fato de que segmentos militares do Brasil já haviam interferido na política estatal brasileira em outros momentos, reforçando o lastro histórico sobre as forças armadas estarem sempre na posição de “árbitro da política nacional”, que interfere e assume o poder do país para, depois, transferi-lo a outros grupos, tal como observa Skidmore (2010).

Contudo, o que se seguiu após o golpe de 1964 não foi somente uma transferência de poder político, mas uma concentração intensa de poder em grupos militares, restando um Estado com práticas autoritárias e combativas ao que era identificado por seus dirigentes como potenciais ameaças de caráter comunista.

No governo Goulart, ocorreram, também, de acordo com Toledo (2004), intensas lutas de classe, o que ia de encontro aos interesses tanto do capital externo quanto de setores conservadores nacionais. O golpe de 1964, de acordo com Fernandes (1975), configurou uma contrarrevolução, pois não rompeu com a ordem político-social vigente, agiu buscando conservá-la junto à dominação burguesa nacional e aos interesses do capital externo, o que se soma aos fatores históricos que impulsionaram a menor participação da população em processos políticos decisórios e, ainda, ao forte componente anticomunista presente na gestão dos sucessivos presidentes militares e nas suas medidas autoritárias.

Com base nessas considerações, vale ressaltar que no anticomunismo brasileiro, para além da questão estritamente política, relativa às ações de indivíduos na cena nacional (e internacional), cujas práticas foram orientadas por essa luta, encontra-se o elemento religioso/cristão, que compôs o corpo de recursos mobilizados para dar sustentação ao argumento de vigilância e de combate, tanto por parte de grupos políticos quanto por parte de grupos civis religiosos.

Dessa forma, paralelamente ao processo político que propiciou e fortaleceu um Estado autoritário, tem-se o catolicismo (na conjuntura das décadas da Ditadura Militar) como uma figuração mais ampla no Brasil e seus setores enquanto figurações de indivíduos em escala regional. Na contemporaneidade, esse debate se estende aos grupos cristãos. Dado o “inimigo comum” combatido pelos militares e pelos grupos conservadores cristãos, reflete-se sobre como esses grupos civis estabeleceram diálogos e interfaces com correntes de pensamento derivadas dos grupos no poder.

Em relação aos setores conservadores dessa conjuntura, tanto os intelectuais envolvidos com a Revista Catolicismo quanto os intelectuais envolvidos com a Revista Permanência, encontravam-se em um contexto político-social de movimentos progressistas e resistências, bem como de correntes e grupos políticos que atuaram para conservar a ordem político-social, ao que se somam os setores católicos que convergiam para a preservação da influência da hierarquia católica perante as mudanças da modernidade. Aqui se encontram os grupos sociais estudados por esta pesquisa, que identificavam (conforme as suas publicações)

elementos nessa gestão ditatorial, que iam em direção aos seus próprios desígnios.

Rodeghero (2002), nesse sentido, destaca a forte presença, nas esferas religiosa e político-institucional, o que abrange os grupos militares envolvidos com o Estado autoritário, de elementos relacionados ao anticomunismo. Para a autora, à época, o anticomunismo católico brasileiro se organizou a partir da infraestrutura já existente da Igreja⁶⁷ e se beneficiou das boas relações de alguns setores e da hierarquia com os governos e grupos dominantes. Foi, também, um elemento que mediou a relação do Exército⁶⁸ com outros atores da cena política nacional. Dessa maneira, o discurso desses grupos dominantes, relacionado ao anticomunismo, criou pontos de identidade com outros grupos sociais.

De acordo com Rezende (2013), ao buscarem adesão e legitimidade para as suas formas de dominação e para as suas decisões, os militares tiveram, na religião, uma forma de ligar o seu projeto de organização social com a sociedade civil e seus grupos componentes. Assim, essa identificação ressoou entre os grupos civis religiosos cujas manifestações são estudadas nesta pesquisa, fomentando um tipo de identificação entre fatores tidos pelos grupos militares como fundantes da ordem política e social brasileira (família, religião, pátria, disciplina, etc.) e as visões de mundo desses grupos civis religiosos.

Entre esses pontos de identificação, destaca-se o combate ao perigo do comunismo, tido como latente na sociedade brasileira por ambos. Dessa forma, os sujeitos responsáveis pelas revistas *Catolicismo* e *Permanência*, na Ditadura Militar, dialogaram com as ideias veiculadas por grupos e indivíduos relacionados ao Exército e ao Estado, enquanto detratores do comunismo, em nome da defesa de uma pátria cristã.

A Revista *Catolicismo* foi criada em um período que antecede a Ditadura Militar (1951), e, em 2020, ela completou 69 anos de existência. De acordo com

⁶⁷ Ao estudar o anticomunismo no Brasil, destacam-se suas relações com grupos associados à Igreja. Motta (2013), nesse sentido, caracteriza o anticomunismo como uma frente que reúne grupos políticos e projetos diversos em torno de um ponto em comum (a recusa ao comunismo), ainda que impere a heterogeneidade entre esses grupos, para além dessa questão. O autor aponta a existência de três principais “fontes ideológicas” ou ainda “matrizes básicas” (MOTTA, p. 35, 2013) que, no Brasil forneceram argumentos ao anticomunismo: o nacionalismo, o liberalismo e o cristianismo, mais especificamente, o catolicismo.

⁶⁸ De acordo com Rodheguero (2002), os acontecimentos de 1935 foram fundamentais para que o anticomunismo ganhasse corpo entre os militares brasileiros, visto que houve a combinação de uma visão do comunismo como o inimigo – representado pelos envolvidos com a Intentona Comunista – e generalizações do comunismo como uma ameaça à ordem, devendo ser reprimido e combatido.

informações presentes no seu *site*,⁶⁹ as páginas da Catolicismo buscam documentar o desenvolvimento de uma “luta ideológica”, de atuação ultramontana e contrarrevolucionária, na figura de Plínio Côrrea de Oliveira, disponibilizando um acervo cultural do autor e do Grupo de Catolicismo em que atuaram aqueles que viriam a ser os sócios fundadores da TFP.

O pensamento de Oliveira, constante nas páginas da revista, e a própria atuação da TFP abrigam reações e discursos combativos às mudanças identificadas como ameaças à religião católica e aos princípios do cristianismo. Zanotto (2007), nesse sentido, observa que, atuando em defesa da reconstrução da civilização cristã, os “tefepistas”

[...] Pautaram sua atuação pela reconquista de espaços perdidos pela religião monopolista pré-republicana e pela vigilância contínua sobre os próprios membros da Igreja, ação está relacionada com a declaração de Paulo VI da presença da fumaça de Satanás no templo, que dia a dia estaria se dilatando mais, ou seja, da influência crescente do mal na própria Igreja. O trabalho de identificação dos inimigos e a conseqüente acusação pública é um elemento decisivo da atuação tefepista; esforço que muitas vezes teve como conseqüências o confronto com membros da hierarquia e os comunicados da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (ZANOTTO, 2007, p. 50).

Ianko (2016) afirma que, tendo periodicidade mensal, a Revista Catolicismo pode ser definida como o principal veículo de propagação das ideias tefepistas, que também contava com outros meios de divulgação, como jornais, conferências, livros, entre outros, da autoria de Oliveira. A revista aborda o comunismo constantemente em suas publicações e construções textuais, sendo possível notar uma “regularidade discursiva, delineada a partir de aproximações e trocas de experiências entre grupos católicos – sociabilidade anticomunista” (IANKO, 2016, p. 152).

A Permanência, a seu turno, foi fundada em 29 de setembro de 1968, esteve ativa por 22 anos e foi relançada no ano de 2011. De acordo com Souza (2012), o grupo vinculado a essa revista era composto, em suas primeiras décadas, por intelectuais ligados aos setores da extrema direita católica, sendo editada por um grupo conservador pertencente ao Integrismo, que atuava no combate ao pensamento moderno na Igreja, “lema defendido pelo grupo Permanência contra os grupos modernos que surgiram na instituição religiosa” (SOUZA, 2012, p. 97).

⁶⁹ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Apresentacao.html>>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

Para o autor, a Permanência esteve, no período, entre as revistas cuja produção discursiva propagou ideias anticomunistas, antiprogressistas e antimodernistas, o que configurou um projeto de disputa hegemônica no campo religioso, com críticas ao clero progressista (SOUZA, 2019, p. 13).

Segundo o autor, dois nomes se destacaram por sua atuação jornalística no referido período, quais sejam, os líderes do grupo integrista carioca Permanência, Gustavo Corção e Julio Fleichman. As publicações da Permanência e dos textos de Corção e Fleichman teriam impulsionado fortemente a propagação da ideia da existência de um inimigo interno e externo que, caso ascendesse ao poder, na condição de grupos subversivos, “desvirtuariam a instituição familiar, trariam a promiscuidade e transformariam o Brasil em uma ditadura comunista” (SOUZA, 2019, p. 13).

Em relação à historicidade, é importante salientar que as primeiras décadas de publicação da revista Permanência compreenderam os anos de chumbo da Ditadura Militar, o período de maior repressão, com início em 1968 e término com o governo de Emílio Garrastazu Médici, em 1974.

Nesse sentido, de acordo com Souza (2019), as publicações realizadas por Corção e Fleichman apresentaram um conteúdo discursivo que dialogava com os desígnios do governo, havendo, então, uma convergência entre o projeto de organização social dos grupos militares e os conteúdos divulgados pela Permanência, que faziam críticas e deixavam claras as suas divergências com os setores progressistas na Igreja Católica.

É importante notar que Corção e Fleichman tiveram trajetórias que também contribuíram para o conteúdo veiculado pelas publicações da referida revista, tendo sido, segundo Souza (2019), amigos e companheiros de militância política e religiosa por cerca de 40 anos.

De acordo com o autor, Corção pertencia à classe média carioca e teve contato com segmentos militares desde que ingressou no curso de engenharia da antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Depois, assumiu o cargo de assistente da cadeira de astronomia da Escola Politécnica e, após dez anos, tornou-se professor de Eletrônica na Escola Técnica do Exército, período no qual teria estabelecido vínculos de amizade com membros do círculo militar. Corção teria começado a

frequentar o Centro D. Vital apenas em 1939, junto à Alceu Amoroso Lima⁷⁰. Nesse tempo, como observa Souza (2019), começa a estudar filosofia tomista no mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, local em que se tornou oblato.⁷¹ Na década de 1950, foi o principal representante da direita católica na imprensa brasileira.

De acordo com o autor, Corção assumiu o cargo de membro do Conselho Federal de Cultura em 1966 e continuou a escrever para jornais e para a revista *Permanência* até a sua morte. A sua militância católica apresentou elogios à Ditadura Militar e ao tradicionalismo católico, defendendo-os frente a possíveis mudanças litúrgicas.

Souza (2019) observa que Fleischman, a seu turno, nasceu em uma família de judeus ucranianos refugiados do regime comunista. Posteriormente, formou-se em Direito e atuou na área corporativa. A respeito de sua militância, observa que Fleischman, não obstante os seus diálogos, na juventude, com o pensamento marxista, a partir de 1940, passou a frequentar o grupo Resistência Democrática, que surgiu como forma de protesto contra a ditadura varguista. Também fazia parte desse movimento Corção, a quem Fleischman passou a admirar.

De acordo com o autor, iniciada no Centro D. Vital, a relação dos dois ideólogos foi como de discípulo e mestre. Corção, após deixar o Centro em 1963, levando com ele 200 membros, incluindo Fleischman, criou o grupo *Permanência* com apoio do episcopado carioca e do próprio regime militar. Em 1975, Fleischman passa a ser o diretor da revista *Permanência* e, junto à Corção, dá continuidade às suas

⁷⁰ Segundo informações disponíveis no *site* do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Lima se formou bacharel, em 1913, pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Após viagem à Europa, retornou ao Brasil e trabalhou como advogado e adido ao Itamarati, tendo assumido, logo depois, a direção jurídica de uma fábrica de sua família. Em 1919, iniciou colaboração em *O Jornal* como crítico literário, e lá passou a utilizar o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Em 1924, tem início o seu interesse por temas religiosos, época na qual inicia intensa correspondência com Jackson de Figueiredo. Em 1928, declara sua conversão ao catolicismo, sendo esse o ano no qual viria a falecer Figueiredo, havendo a designação de Lima para substituí-lo à frente do Centro Dom Vital. No decorrer da década de 1930, Lima consolida a sua posição de líder junto ao laicato, participando da fundação da Liga Eleitoral Católica (LEC) e simpatizando com a Ação Integrista Brasileira (AIB). Em 1932, iniciou o magistério e, em 1935, tornou-se diretor nacional da recém-criada Ação Católica Brasileira. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e nomeado membro do Conselho Nacional de Educação. Com a ditadura do Estado Novo, em 1937, foi eleito reitor da UDF e patrocinou o desmonte da estrutura criada por Anísio Teixeira. Na década de 1940, retornou às suas antigas posições liberais e, posteriormente, tendo realizado sua inflexão “à esquerda”, apoiou as reformas de base defendidas por Goulart. Após 1964, apresentou, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, forte posicionamento contrário ao novo regime instaurado e, em 1967, foi nomeado pelo papa Paulo VI membro da Comissão de Justiça e Paz, com sede em Roma. Faleceu em 1983.

⁷¹ De acordo com o Dicionário Online de Português, “oblato” é o leigo que se agregava a uma ordem religiosa e lhe deixava seus bens; o que oferecia seu serviço a uma ordem. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/oblato/>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2022.

denúncias e culpabilização dos “inimigos” identificados como comunistas, mesmo aqueles que morreram ou sofreram torturas em decorrência de seus posicionamentos político-sociais.

A partir dessas considerações, é possível apontar que os conteúdos veiculados pela revista *Catolicismo* e por outros grupos católicos, como os responsáveis pela Permanência, são produtos “de seu tempo”, quer dizer, têm relação com a trajetória dos seus fundadores e do meio no qual estavam inseridos. Vê-se que discursos e pensamentos inspiraram as suas publicações, que revelam relações com a conjuntura, além de diálogos com outros grupos de indivíduos que compartilhavam princípios e noções similares.

Com a Ditadura Militar, isto é, com o seu recrudescimento e com o progressivo fortalecimento do Estado autoritário, em concomitância com mudanças ocorridas na própria instituição católica, houve **pontos de identificação** da produção, dos recursos retóricos e das manifestações veiculadas pelas revistas com os desígnios dos grupos militares, no que se refere a sua busca e estratégias de conservação do poder. Em meio a esse processo, está o elemento religioso, guia preponderante de grupos, como os da *Catolicismo*, em suas leituras sobre política.

Dessa forma, é possível refletir sobre a possibilidade de que a conjuntura política anterior e as mudanças sociopolíticas delineadas no período posterior, somadas à reação dos grupos militares em prol da manutenção do seu projeto de organização social e política (de combate ao comunismo) e a associação de elementos religiosos e de proteção à família, pátria, religião etc. compuseram figurações amplas, com as quais os grupos envolvidos com as revistas, em suas próprias figurações, estabelecem interfaces. Tais diálogos ocorrem a partir de pontos de identificação, como a busca comum pela conservação das características cristãs da sociedade brasileira e o combate ao comunismo, inimigo que ameaçava a ordem e a pátria. Consubstancializou-se, assim, e se difundiu, a ideia de um comunismo ateu, nocivo à sociedade.

Entretanto, a atuação das revistas não ficou circunscrita somente a um período histórico, bem como o processo de pensamento conservador. Na década de 2010, mais de cinquenta anos após a criação da *Revista Catolicismo*, ainda é possível observar a atuação dessas mídias e de outros grupos que apresentam elementos similares àqueles contidos nas publicações de outrora.

As eleições presidenciais, ocorridas no ano de 2018, podem ser tomadas

como sintomáticas disso, haja vista a mobilização anticomunista e a veiculação de notícias falsas, que, na conjuntura atual, foi significativa, por exemplo, no Whatsapp e no Facebook. Por essa razão, a década de 2010 configura o segundo recorte histórico em foco na pesquisa, porque, ainda nas publicações feitas por meio da revista *Catolicismo*, nota-se a persistência do anticomunismo, do cristianismo e da política conservadora.

Conforme foi destacado anteriormente, o anticomunismo no Brasil é um tópico recorrente de preocupações por parte de grupos sociais e políticos e há um lastro histórico nesse processo. Nesse sentido, vale reforçar as considerações de Motta (2000) sobre esse combate ter apresentado “grandes ondas” ao longo da história, nas quais houve inclusive o uso da repressão política: 1935 a 1937 (período do “Estado Novo” de Getúlio Vargas), de 1946 a 1948 (período de redemocratização brasileira após a 2ª. Guerra Mundial) e o “grande surto” de 1961 a 1964 (período pré-golpe militar).

Considerando a questão do lastro histórico dessas intervenções, é importante notar, ainda, que, com o desenrolar da Ditadura Militar e a posterior abertura, a situação política do país passou por mudanças na configuração do Estado brasileiro e no sistema eleitoral presidencial, sem que, contudo, as intervenções, influências, poder decisório e o papel de árbitro da política nacional de grupos das forças armadas desaparecessem por completo, o que inclui as suas memórias, as quais, estando latentes em grupos civis, podem ser resgatadas posteriormente em suas manifestações a qualquer momento.

Em relação à redemocratização brasileira e à transição política lenta, gradual e segura, ainda que representasse um retorno à atuação social de grupos políticos com diversas orientações, é possível apontar que esse processo fundou um terreno favorável para a continuidade das ingerências militares e, assim, para a continuidade de processos de pensamento conservador, incluindo a permanência de correntes de pensamento derivadas do período ditatorial e de outros grupos civis.

No segundo capítulo desta tese, observou-se que, a despeito da abertura política, os grupos envolvidos com a *Revista Catolicismo* mantiveram diálogos com elementos da atuação dos grupos militares, considerando o combate ao comunismo e as interfaces estabelecidas por elas em seus conteúdos, com foco em certas questões políticas e segundo uma cosmovisão do ser católico. Entretanto, é importante tecer, também, ainda que brevemente, considerações sobre a abertura.

Em consulta ao Memorial da Democracia,⁷² observa-se, no discurso de Ernesto Geisel⁷³ aos dirigentes da Aliança Renovadora Nacional (Arena),⁷⁴ o anúncio do projeto da lenta, gradual e segura distensão política, cuja estratégia, traçada por Golbery do Couto e Silva,⁷⁵ consistia em alterar a Constituição por meio do Congresso, legitimando parte dos Atos Institucionais autoritários e restabelecendo alguns direitos democráticos sem, contudo, abrir espaço para grupos de oposição política de “esquerda” ou, ainda, para contestações das ações e políticas advindas do governo de orientação militar.

“Erram — e erram gravemente, porém — os que pensam poder apressar esse processo pelo jogo de pressões manipuladas sobre a opinião pública [...]”, disse Geisel no discurso à Arena. E acrescentou: “Tais pressões servirão, apenas, para provocar contrapressões de igual ou maior intensidade, invertendo-se o processo da lenta, gradativa e segura distensão, tal como se requer, para chegar-se a um clima de crescente polarização e radicalização intransigente, com apelo à irracionalidade emocional e à violência destruidora. E isso, eu lhes asseguro, o governo não o permitirá”. (Governo anuncia “distensão segura”. Geisel apresenta projeto de “abertura controlada” e tenta legitimar o regime. p. 01, 1974)⁷⁶

Apesar das afirmações de que o governo não permitiria o apelo à violência destruidora e da construção de um discurso, segundo o qual o processo de abertura seria lento, seguro e gradual, no ano de 2015, foram disponibilizados pelo governo norte-americano relatórios da Agência de Inteligência Norte-Americana (CIA), que podem ser acessados pelo *site* do departamento de Estado⁷⁷ e que revelam que tanto

⁷² O Memorial da Democracia é um museu virtual elaborado pelo Instituto Lula, com o fim de contribuir para o resgate e preservação das memórias sobre as ações de segmentos da população em prol da democracia e da justiça social. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/>>. Acesso em 08 de abril de 2022.

⁷³ O processo de abertura política foi iniciado no governo de Ernesto Geisel (1974-1979) e continuou mesmo após o término da ditadura militar (REZENDE, 1996, p. 131).

⁷⁴ De acordo com Batistella (2020), Arena foi um partido político criado após o Ato Institucional nº 2 (AI-2), durante o mandato do então presidente Castelo Branco (1964-1967). De acordo com o autor, o AI-2 determinou as eleições indiretas para a presidência da República e, também, o fim do sistema partidário, que resultou, então, no bipartidarismo, quando se buscou criar “um forte partido de apoio parlamentar ao governo e de um fraco partido oposicionista” (BATISTELLA, 2020, p. 194), respectivamente a Arena e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

⁷⁵ De acordo com Neves Junior (2019), Golbery do Couto e Silva teve protagonismo no processo de formulação da doutrina de Segurança Nacional da Escola Superior de Guerra (ESG) e na idealização do Serviço Nacional de Informação (SNI), sendo considerado, por diversos autores, o principal ideólogo das Forças Armadas no contexto pré-golpe de 1964. Além de ter atuado como membro das lideranças do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais e do Instituto Brasileiro de Ação Democrática, ambos “órgãos financiados pelo empresariado nacional e norte-americano que foram responsáveis pelo desenvolvimento e veiculação de propagandas desestabilizadoras do governo de João Goulart (1961-64)” (NEVES JUNIOR, 2019, p. 47), sua doutrina difundiu na sociedade civil a tônica da existência de uma guerra psicossocial entre o ocidente democrático e o oriente comunista.

⁷⁶ Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/governo-anuncia-distensao-segura>>.

⁷⁷ Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve11p2/ch3>>. Acesso em:

a cúpula militar quanto o então presidente Geisel⁷⁸ tinham consciência dos assassinatos e violências praticadas contra opositores da Ditadura Militar.

SUBJECT: Decision by Brazilian President Ernesto Geisel To Continue the Summary Execution of Dangerous Subversives Under Certain Conditions [...] General Milton, who did most of the talking, outlined the work of the CIE against the internal subversive target during the administration of former President Emilio Garrastazu Médici. He emphasized that Brazil cannot ignore the subversive and terrorist threat, and he said that extra-legal methods should continue to be employed against dangerous subversives. In this regard, General Milton said that about 104 persons in this category had been summarily executed by the CIE during the past year or so. Figueiredo supported this policy and urged its continuance.

4. [...] On 1 April, President Geisel told General Figueiredo that the policy should continue, but that great care should be taken to make certain that only dangerous subversives were executed. The President and General Figueiredo agreed that when the CIE apprehends a person who might fall into this category, the CIE chief will consult with General Figueiredo, whose approval must be given before the person is executed. The President and General Figueiredo also agreed that the CIE is to devote almost its entire effort to internal subversion, and that the overall CIE effort is to be coordinated by General Figueiredo. (Memorando do Diretor da Central de Inteligência Colby para o Secretário de Estado Kissinger. Washington, 11/04/1974).⁷⁹

Os trechos citados vão ao encontro do que Rezende (1996) destaca ser uma tentativa de construir a figura do presidente Ernesto Geisel como “moderado”, sem que, contudo, essa imagem correspondesse ao que se desenrolou no período. Ficou claro que Geisel permitiu a continuidade de práticas e a aplicação de medidas extralegais de “censura” contra indivíduos enquadrados no perfil de subversivos perigosos.

Dessa forma, evidencia-se que a abertura política lenta e gradual foi um processo que também pode ter contribuído para a continuidade da presença do segmento militar no campo político estatal, sendo algo que ajudou a compor o “terreno fértil” para a continuidade de diálogos entre as formas de pensamento derivadas

14 de julho de 2021.

⁷⁸ Essa informação se soma ao Relatório Estadual da Comissão da Verdade (Paraná) de 2014, no qual se observa que, na operação Condor, que foi um pacto entre países, como Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, entre outros, para a troca de informações de inteligência entre os estados membros sobre a localização de indivíduos considerados subversivos, utilizando métodos de tortura, execução em nome de uma ação para salvar a civilização ocidental e cristã do comunismo ateu, a prática da tortura virou uma política de Estado para desarticular organizações sociais [...] (2014, p. 4), e as fases do aprendizado, do curso para encarregados dos casos e agentes, eram supervisionadas pelo tenente-coronel João Baptista Figueiredo (2014, p. 6). O relatório completo está disponível em: <<https://www.memoriaedireitoshumanos.ufsc.br/files/original/3ac3d48df8fdef7c921b626681126f52.pdf>>. Acesso em 14/07/2021.

⁷⁹ Esse trecho do relatório pode ser encontrado em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve11p2/d99>>. Acesso em 14 de abril de 2022.

desses segmentos e outros grupos cuja atuação extrapola a esfera estatal.

De acordo com Rezende (1996), mesmo com a abertura democrática, setores do bloco de poder militar não se retiraram da cena política. Nesse sentido, Saes (2001) observa que

[...] As forças armadas não são apenas um ramo do aparelho de Estado (como ocorre nas democracias burguesas); elas se configuram, antes, como um subaparelho que permeia o conjunto do aparelho estatal. Mais precisamente: as Forças Armadas não só mantêm uma relação de dominação externa com os demais ramos do aparelho de Estado (fixação dos limites mais gerais dentro dos quais de se desenvolver a política de Estado, não-prestação de contas dos seus atos às autoridades civis). Elas também se fazem presentes dentro dos ramos civis do aparelho de Estado. (SAES, 2001, p.40)

Ao tecer uma análise sobre o quadro político brasileiro estatal, Saes (2001) aponta que, salvo outras formas teórico-conceituais de reflexão sobre o aparelho Estatal atual e a democracia brasileira, as instituições políticas aparentadas com certos traços das democracias burguesas concretas cumprem uma função ideológica, a de ocultar o caráter em última instância militarizado do processo decisório estatal (SAES, 2001, p. 39-40), contribuindo para a legitimação, aos olhos das classes trabalhadoras, do Estado burguês.

Seguindo essa compreensão, o autor argumenta que o subaparelho militar agiliza uma rede estatal paralela que cruza horizontalmente diversos ramos do Estado brasileiro, interferindo, embora a distância, em processos decisórios estatais. Dessa forma, segundo Saes (2001), as forças armadas brasileiras exerceram um duplo protetorado sobre a democracia civil e sobre os políticos ocupantes de cargos eletivos.

Da mesma forma, as correntes de pensamento conservadoras engendradas e compostas em diálogo com as ações e com o projeto de organização social desses setores não desaparecem completamente, ainda que tenham derivado da atuação desses grupos políticos em uma das fases de desenvolvimento do processo conservador brasileiro e de uma das configurações estatais que compuseram essa fase. Mesmo que de forma mais tênue, nos debates públicos, os diálogos de grupos civis com essas correntes de pensamento, como é o caso das figuras das revistas Permanência e Catolicismo, são mantidos, mesmo que sob as roupagens da conjuntura histórica mais atual.

4.2 Permanências na Contemporaneidade: Um olhar sobre a Catolicismo e sobre outros dados da realidade social

Assim como ocorrem mudanças políticas ao longo do tempo, no que se refere à religião, de acordo Dias (1993), o enfrentamento da modernidade recebe novos impulsos e novo fôlego após a década de 1970, e isso com a propagação de discursos que propõem a reorganização social fundamentada no sagrado e a disseminação da ideia de que a sociedade moderna se encontra permanentemente em crise devido ao seu afastamento de Deus.

Nas novas fases do desenvolvimento do processo político brasileiro, surgem novas conjunturas, com seus elementos sociopolíticos e culturais particulares. Entretanto, seguindo as formulações mannheimianas e pensando nas conexões entre o clima mental, os grupos sociais e as formas/correntes de pensamento de uma época, compreende-se que os “germes” relativos às correntes de pensamento reativas ao comunismo, no interior dos grupos religiosos citados, voltam a emergir com potência no horizonte político contemporâneo, com debates sobre um retorno significativo da ameaça comunista no Brasil.

Ao tomar o processo eleitoral que culminou, em 2018, na eleição de Jair Messias Bolsonaro, a presente pesquisa considera que os elementos e debates dessa conjuntura política trouxeram à tona uma regularidade discursiva na qual são novamente mesclados elementos políticos relativos ao processo eleitoral e estatal e elementos religiosos em leituras que apresentam, a partir das atuações e visões de mundo dos grupos civis cujas manifestações são aqui analisadas, orientações e percepções que polarizam partidos e indivíduos apontados como representantes de uma “esquerda” ou “direita” política.

Dessa forma, evoca-se o anticomunismo, elementos religiosos e políticos e memórias da gestão militar que se desenvolveu há mais de 40 anos. Têm-se, nessa esteira, a Revista Permanência, que dá continuidade às suas publicações em seu *site*,⁸⁰ que contém artigos publicados desde 1960, e no seu *blog*,⁸¹ com artigos sobre a atualidade; a Revista Catolicismo, cujas edições estão disponíveis em seu *site*⁸² desde a década de 1950 até 2024, e outros grupos sociais mais atuais que podem ser citados como dados da realidade e que ganham força e alcance com publicações *on-*

⁸⁰ Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/62>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

⁸¹ Disponível em: <<https://boletim.permanencia.org.br/>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

⁸² Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Index1951.html>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

line, como é o caso da página Ordem Dourada do Brasil.

Há registros de manifestações que relacionam elementos de religiões de matriz cristã, o combate ao comunismo e referências às Forças Armadas mesmo antes de 2018. A título de exemplo, no ano de 2014, quando se completavam cinquenta anos do golpe militar de 1964, conforme apontam Lanza, Neves Jr. e Oliveira (2018), constatam-se atividades pró-intervenção militar. Um grupo de religiosos ligados à TFP marchou em prol da reedição da intervenção militar com o intuito de combater ameaças comunistas e corrupção, identificadas por eles nas gestões presidenciais de candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003 e 2014.

Os autores indicam a existência de um movimento emergente, que se torna relevante na realidade política brasileira atual, composto por reações de caráter negativo ou de rejeição a elementos relacionados ao PT e às gestões presidenciais de seus representantes. A menção dessas reações é importante porque auxiliam na compreensão dessa conjuntura, uma vez que, de acordo com Paiva, Krause e Lameirão (2016), existem posicionamentos de verdadeira rejeição ao partido em questão.⁸³

Não é objetivo da presente pesquisa traçar perfis eleitorais. Contudo, o antipetismo configura um elemento relevante na abordagem das publicações da década de 2010 e do decorrer do período eleitoral de 2018, visto que fazem alusões ao partido em questão, relacionando-o ao comunismo, ao ateísmo, ao caos, etc.

O anticomunismo é relevante para a conjuntura política de hoje. De acordo com Motta (2019), esse fator fica explícito em episódios ocorridos em 2018, como nas caravanas do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva por cidades do país, recebidas por uma parte da população com manifestações e/ou gritos de repúdio ao comunismo.⁸⁴ Também é possível observar referências de combate ao comunismo já em 2016, nas justificativas de voto de alguns deputados no processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rouseff.⁸⁵

⁸³ Para maiores informações: PAIVA, Denise, KRAUSE, Silvana e LAMEIRÃO, Adriana Paz. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. *Opinião Pública* [online]. 2016, v. 22, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-01912016223638>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

⁸⁴ É o caso da passagem da caravana por Cruzeiro do Oeste. De acordo com o jornal *Folha do Oeste*, ao passar pelo trevo da cidade, manifestantes teriam lançado ovos e uma pedra que quebrou o vidro de um dos ônibus da caravana. Também houve “revolta” e “indignação” pela presença Lula no município. Disponível em: <<https://folhadooeste.com.br/cidades/clima-%C3%A9-tenso-na-passage-da-comitiva-do-ex-presidente-lula-1.2056603>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

⁸⁵ É o caso do voto favorável de Bolsonaro, que, em discurso, afirmou o seguinte: “Perderam em 64,

Para Motta (2019), a potência dos discursos anticomunistas e antipetistas reforçam a relevância histórica do anticomunismo no Brasil, o que demonstra a sua capacidade de mobilizar imagens e representações de grupos sociais não só na Ditadura Militar, mas também na atualidade.

Dessa forma, pode-se pensar o anticomunismo e as noções a ele associadas na perspectiva de Mannheim (1981), que vê o romantismo enquanto uma visão de mundo representativa de um movimento contrário ao desenvolvimento capitalista, que, mesmo tendo a sua presença diminuída na cultura ocidental, permanece como um germe, um resquício de um modo de vida antigo.

Na Ditadura Militar e mesmo antes dela, o anticomunismo foi um elemento relevante, presente em discursos de grupos militares, que o utilizavam para justificar as suas intervenções e buscar a adesão popular. Na contemporaneidade, em relação aos grupos religiosos selecionados para a pesquisa, há um resgate de recursos retóricos e discursos anticomunistas adaptados à atual conjuntura, incluindo princípios cristãos associados a esse movimento e ao papel do Estado e do militarismo.

Conforme dito no primeiro capítulo desta pesquisa, em publicações do ano de 2018 da revista *Permanência*, ao aconselharem o voto em Jair Bolsonaro, ainda que rejeitando parte dos posicionamentos do então candidato à presidência, veem-se associações entre uma cosmovisão do “ser cristão”, a responsabilidade política e o combate ao comunismo.

Em reportagem citada anteriormente, pode-se observar essa questão. Fleischman esclarece:

O fato é que o risco que corremos com Bolsonaro não é de seu suposto fanatismo, fascismo, ou algo assim. [...] O que poderíamos temer é ele formar uma equipe fraca e não saber comandar essa equipe. Mas o que nos aparece até aqui é o contrário: ele já chamou e pretende chamar pessoas gabaritadas para os ministérios e deu mostras de liderança clara e imediata [...]. Eu mesmo já disse em alguns círculos, que a vitória de Bolsonaro poderia trazer de volta o PT mais rapidamente do que a vitória de Alckmin. Mas hoje eu já não diria isso. Penso que Bolsonaro pode fazer um bom governo se souber mudar o tom de campanha pela eleição para o tom de governo efetivo do Brasil. São situações diferentes e caberá a ele ter fala e prudência de um verdadeiro estadista. Mas devemos dar-lhe a oportunidade de provar que saberá fazê-lo. A *Permanência* aconselha, para o bem do Brasil, o voto em

perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim”. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

Jair Bolsonaro, mesmo não considerando que ele seja o nosso candidato, ou que ele represente o ideal de um candidato católico. Por outro lado, nos afastamos completamente do fanatismo de certos correligionários de Bolsonaro, liberais de pensamento, pseudoconservadores de atitudes, que pretendem elevá-lo à condição de salvador da pátria. Cabe acrescentar que juntamente com o presidente é importante votar também no senador e deputado federal que o apoiem, de modo a facilitar suas relações com o Congresso. Que Nossa Senhora Aparecida proteja o Brasil (FLEICHMAN, D. Lourenço. Orientações para as eleições presidenciais de 2018. PERMANÊNCIA. OSB, p. 01, S/D).⁸⁶

A Revista Catolicismo também segue essa linha, partindo, no entanto, de sua visão de mundo e de grades de leitura da realidade próprias.

20 de outubro - um grande, belo e inesquecível dia, uma data a ser marcada para sempre na História do Brasil [...]. Estamos aludindo, é claro, à vitória dos brasileiros contra o lulopetismo que durante 14 anos cobriu e infestou com seu obscurantismo bolivariano o Brasil [...] A vitória de Jair Messias Bolsonaro representa, mais do que um novo Presidente, o anseio por um Brasil cristão e autêntico, fiel ao seu glorioso passado e esperançoso de um futuro próspero, ainda mais belo e grandioso, carregado de bênçãos e graças de Deus. Baseado em comentários do próprio Presidente eleito, tudo leva a crer que ele mesmo sente nos atuais acontecimentos a existência de algo providencial, que ultrapassa sua própria pessoa. O simples fato de defender óbvios valores familiares — casamento entre um homem e uma mulher; proibição do crime do aborto; banimento da “ideologia de gênero” e dos livros imorais nas escolas etc. — levou-o a conquistar de Norte a Sul uma popularidade inimaginável. [...] Inúmeros brasileiros perceberam a mão de Deus nessa onda conservadora e antimarxista que percorre o País. (CAMPOS, P. R. Eleições 2018: Vitória do Antipetismo, atmosfera desinfestada. Catolicismo, nº816, p. 12-13, 2018).⁸⁷

No trecho acima, percebe-se não só a comemoração do resultado das eleições, mas também certa identificação dos autores da publicação com o candidato eleito, o qual, conforme já citado anteriormente, declarou publicamente apoio e saudosismo à intervenção militar, aos seus representantes e às suas medidas.

Figura 1 - Bolsonaro aponta para placa com foto do general Emilio Garrastazu Médici, presidente da ditadura entre 1969 e 1974: "Eu era feliz e sabia".

⁸⁶ Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/5464>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

⁸⁷ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0816/P12-13.html>>. Acesso em 14 de julho de 2021.



Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/12/13/fantasma-da-ditadura-sobre-a-democracia-ai-5-completa-51-anos>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

Figura 2 - Bolsonaro, enquanto deputado, posa para foto com faixa em defesa do golpe militar de 64.



Fonte: <<https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/oito-vezes-em-que-bolsonaro-defendeu-golpe-de-64-24949762>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

Vale reforçar que o apoio da Revista Catolicismo às figuras políticas, em relação aos quais demonstram encontrar pontos de identificação em seus desígnios, não se restringiu à Ditadura Militar. A isso se soma, para além do apoio ao presidente da república eleito em 2018, também a conservação, em período posterior, desse apoio ao militarismo, como pode ser observado em publicação feita no ano de 2020.

Por que razão a Igreja abençoa a espada dos militares que, recebendo as dragonas do oficialato, se incorporam à alta direção das forças armadas? Por que timbra Ela em dar às espadas, que são instrumentos de morte, uma bênção que é o penhor da proteção do Deus vivo? Ela o faz porque vê a espada dos militares como o baluarte da justiça. A espada do militar não é, para a Igreja, o instrumento com que se mata em guerra de conquista, mas o meio de defesa do direito lesado, da civilização agredida, da moral conspurcada. Se o próprio Salvador não relutou em empunhar o açoite com que flagelou vigorosamente os vendilhões do templo, que conspurcavam os direitos de Deus, a Igreja não poderia deixar de abençoar as espadas com que o Estado arma seus paladinos para a defesa dos direitos da Igreja, da Civilização e da Pátria. **Em outros termos, significa isto que a Igreja, mesmo dedicando amor maternal em relação a todos os seus filhos, não reluta em abençoar a violência, desde que seja a santa violência da**

ordem contra a desordem, do bem agredido contra o mal agressor, da vítima prejudicada contra o causador do dano injusto (OLIVEIRA, Plínio Corrêa. A benção das espadas. In: Revista Catolicismo, nº 839, p. 52, novembro de 2020).⁸⁸

Considera-se que, na conjuntura política, ao eclodirem debates e supostas ameaças de cunho comunista/socialista, elementos e/ou grupos identificados como sendo “de esquerda” no espectro político, emergem, com potência, as manifestações e formas de apoio dos grupos civis religiosos selecionados contra esse inimigo, em uma busca por obter margens de influências no público leitor, em relação aos rumos políticos do país. Dessa forma, os debates que suscitam relações entre elementos do cristianismo, combate ao comunismo e responsabilidade política vão ganhando novo fôlego, à medida que novos elementos políticos conjunturais aparecem em novas fases do processo conservador brasileiro.

Nesse sentido, faz-se uma breve consideração sobre conjuntura da atualidade, na qual pipocam outros meios de comunicação que ganham evidência no processo de difusão de informações e de mobilização de grupos sociais⁸⁹. É o caso da Internet, na qual emergiram “nichos” que novamente fazem esse resgate de intervenções militares de outrora, associando-as à ideia de um país cristão, patriota e combativo em relação ao comunismo.

O acesso à Internet apresentou crescimento nos últimos anos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com a Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua (PnadC), “Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019”, demonstra o crescimento do número de usuários da Internet, que, já em 2016, representava 64,7% da população brasileira, contando os usuários com mais de 10 anos de idade.⁹⁰

Segundo os dados da pesquisa, em 2017, esse percentual aumentou para 69,8% da população e, em 2018, foi registrado mais um salto, para 74,7%. Em 2019, na população de 183,3 milhões de pessoas, com 10 anos ou mais de idade, esse

⁸⁸ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0839/P52.html>>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

⁸⁹ Não é intenção da pesquisa se aprofundar nesse tópico, visto que a análise argumentativa aqui desenvolvida se volta para as manifestações e aos discursos e elaborações contidos nas páginas da Catolicismo, buscando desenvolver reflexões sobre as matrizes de pensamento e as visões de mundo ali elencadas.

⁹⁰ Informações disponíveis no link: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>. Acesso em 08 de abril de 2022.

número de acessos no período chegou a 78,3% (ou 143,5 milhões). Na seção referente à finalidade do uso da Internet, o item que se destaca em primeiro lugar é o envio ou recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens, que, entre 2018 e 2019, manteve-se em 95,7%. Em 2016⁹¹, 94,2% das pessoas que utilizaram a Internet o fizeram com a finalidade de trocar mensagens, em outras palavras, estabelecer comunicações.

Lanza, Neves Jr. e Oliveira (2018), ao interpretarem atividades e manifestações políticas que fazem alusões a intervenções militares na atualidade, chamam a atenção para a importância de se destacar o papel mobilizador de massas de redes sociais como o Facebook, uma vez que, de acordo com Silveira (2015), em pesquisa realizada sobre a Internet no Brasil (pelo comitê gestor da Internet), cerca de 74% dos brasileiros que fazem uso da Internet utilizam redes sociais, sendo o Facebook o espaço mais envolvente dentre aqueles em que ocorrem debates políticos.

Entre esses usuários, está o *site* Ordem Dourada do Brasil, que veiculava conteúdos, de 2018 a 2020, também pelo Facebook. Ao publicarem o estudo em 2018, Lanza, Neves Jr e Oliveira (2018) apresentam dados que indicam um número aproximado de 72.000 seguidores na página do Facebook, o que aumentou consideravelmente até o ano 2020, quando a página somava aproximadamente 323.000 seguidores.

A Ordem Dourada do Brasil, conforme Lanza, Neves e Oliveira (2018), pode ser considerada um dado da realidade, posto o componente de um grupo intervencionista que se articula na conjuntura política contemporânea tendo em vista a sua capacidade de difusão de ideias e da amplitude quantitativa de adesão popular.⁹²

O *site* leva o *slogan* “Exército Cristão de Salvação Mundial, unidos em Cristo somos invencíveis” e, em suas postagens, estabelece, à sua maneira, também relações entre anticomunismo, militarismo e cristianismo. Quando se acessa o *site*, já na página de apresentação, o grupo se diz composto por patriotas mobilizados contra a implantação do comunismo no Brasil, como a “linha de frente das hierarquias

⁹¹ Informações disponíveis em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens>>. Acesso em 08 de abril de 2022.

⁹² De acordo com os autores, a Ordem Dourada do Brasil possui uma sede oficial, localizada na cidade de Porto Alegre.

espirituais na Terra” que luta contra o “mal” manifesto na “ameaça vermelha do comunismo”.⁹³

O *site* abriga, no entanto, uma postagem sobre Jair Bolsonaro, na qual se faz referência ao atentado ocorrido na sua campanha eleitoral em 2018.

Há muita desinformação sendo lançada nas redes, colocando em dúvida a veracidade do atentado contra a vida de Bolsonaro [...]. Diante disto, o Perito chefe de operações ODB-ACI, mais conhecido como Nando Patriota, deu a seguinte resposta em esclarecimento e alerta a todos: “Aquele tipo de faca causa hemorragia interna, até o tipo de faca foi escolhido para isso. O modo de agredir era para gerar hemorragia interna. [...] Disto todo verdadeiro soldado sabe... se desinformam é porque é tendencioso... Quem faz esses apontamentos cheios de imperícia, são mal-intencionados, podem ser apontados como coautores, pois servem nestas posturas segundo a comitiva do presidenciável ao Foro de São Paulo, que foi quem pagou para essa execução.” [...] Conclui-se: Todas estas desinformações feitas pelos escravos (agentes esquerdos) [*sic*] ou idiotas úteis (gaiatos) do foro de São Paulo, que propagam mentiras, imperícias, desinformações, atentando contra os fatos e as próprias investigações policiais, se acham a si mesmos peritos e nada sabem do corpo humano, mas se valem de qualquer mentira para distorcer a verdade, assim são os criminosos do foro de São Paulo, e da própria loja negra (crimes utilizando-se de magia negra) (ORDEM DOURADA DO BRASIL. Tenhamos perícia e patriotismo. In: Ordem Dourada, setembro de 2018).⁹⁴

Nesse trecho, é possível perceber uma argumentação, em tom de defesa e afirmação, em relação ao referido atentado. Apesar de não se utilizar de fontes oficiais e/ou de recursos teóricos para fazer alusão direta a grupos militares, ressaltam-se as construções retóricas – “Disto todo verdadeiro soldado sabe” – e a referência aos indivíduos associados ao foro de São Paulo como agentes associados à esquerda, o que coloca em evidência uma referência ao Exército, visto que o perito citado na postagem se comunica com o público evidenciando que esses são conhecimentos comuns a um soldado.

É possível, portanto, apontar que há uma movimentação ampla de debates sobre o anticomunismo no Brasil e sua potencial ameaça, bem como de reações de grupos religiosos contra mudanças na ordem política, cultural e social do país, que emergem em mais de um momento histórico.

Nesse sentido, o estudo de manifestações de grupos religiosos, como aqueles envolvidos com os processos editoriais da Revista Catolicismo, possibilita

⁹³ Disponível em: <<http://www.ordemdourada.com/index.php/quem-somos-2/>>. Acesso em: 08 de outubro de 2021.

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.ordemdourada.com/index.php/tenhamos-pericia-e-patriotismo/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

expandir os debates sobre as formas que esse pensamento conservador e suas correntes podem assumir também na atualidade, a ponto de ser possível até mesmo pensar-se na composição de matrizes de pensamento associadas às manifestações dos articulistas da revista.

Os próximos capítulos têm por objetivo aprofundar a análise e a interpretação dos conteúdos e manifestações veiculados por meio das páginas da *Catolicismo*, enquanto expressões e leituras particulares de um pensamento conservador que está associado aos referidos grupos civis religiosos. Dessa forma, serão pensadas as correntes de pensamento e as matrizes de pensamento apreendidos em mais de um momento histórico apresentando percepções religiosas, sociais e políticas enquanto instrumentos a serem mobilizados na luta contra a presença do comunismo no Brasil, no âmbito da vida pública, política ou privada.

5 MATRIZES DE PENSAMENTO CRISTÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADA DA CATOLICISMO: Convergências, Divergências e suas Particularidades

O quinto capítulo da tese apresenta como objetivo principal o aprofundamento na análise das matrizes de pensamento, tendo como foco desenvolver reflexões sobre as publicações da Revista Catolicismo e as suas conexões histórico-políticas com os períodos nos quais ocorreram, pretendendo levar em consideração, para a construção de sua matriz de pensamento não só as “regularidades” de suas publicações, mas também eventuais diferenças, considerando que a Revista está em atividade há mais de 50 anos, o que implica uma diversidade de sujeitos envolvidos em suas publicações ao longo desse tempo, assim como mudanças conjunturais.

O capítulo também busca fazer considerações sobre os diferentes períodos da revista, pensando as suas atuações, manutenções, diferenciações e elementos particulares em cada momento histórico, a fim de elaborar e desenvolver referenciais que possibilitem indicar elementos e refletir sobre o “quadro” particular em face da conjuntura mais ampla e das gestões políticas de cada período, vistas também como configurações mais amplas, seguindo o conceito de Elias.

O presente capítulo mobilizou todas as categorias de análise que foram elaboradas para nortear a pesquisa e a análise das fontes documentais, tendo como especificidade os períodos que foram aqui abordados. A saber: Elementos de ordem política e religiosa que permeiam as publicações, tendo como **marcos temporais o início das publicações na década de 1950, a Ditadura Militar e o processo de abertura política**; Tópicos de preocupações recorrentes e assuntos apresentados como prioritários; Recursos retóricos usados na descrição, interpretação e representação de fatos e acontecimentos políticos e religiosos; Discursos convergentes e divergentes entre si; Referências ao comunismo, aos agentes e/ou grupos associados ao seu combate, bem como às “imagens” e representações apresentadas para retratá-los; Associações, diálogos e os recursos retóricos usados para falar sobre a cena política brasileira, a cosmovisão do “ser cristão” e o combate ao comunismo; Falas que denotam resistências às mudanças na ordem sociopolítica e religiosa; Elaboraões discursivas de conceitos e temas que são inter-relacionados pelos autores das publicações - quem são e como se caracterizam os “verdadeiros

cristãos”, o que devem fazer diante do mundo moderno e suas consequências, definições e interpretações sobre o comunismo, socialismo e marxismo, ações e políticas que contribuem ou prejudicam a luta anticomunista, quais são os “fundamentos da civilização cristã”, suas características e dogmas essenciais e, por fim, as revoluções sociais e seus impactos na sociedade e na cristandade.

5.1 A primeira matriz de pensamento: o perigo do comunismo internacional, os deveres cristãos e a legitimidade das desigualdades sociais

A partir da organização e da leitura guiada pelas categorias de análise elaboradas *a priori* e *a posteriori*, foram feitas as inferências de acordo com os resultados obtidos por meio da categorização e dos referenciais teórico-metodológicos selecionados, como a análise com fontes documentais e as contribuições da análise do conteúdo e do discurso.

A elaboração de cada matriz de pensamento foi guiada pelas considerações teórico-metodológicas de Elias e Mannheim, pensando os percursos e lastros históricos desenvolvidos nos capítulos anteriores e nas publicações da Revista, considerando sua busca por mudanças e/ou manutenções na ordem política, cultural, religiosa ou social, as relações estabelecidas pelos autores do Catolicismo entre elementos religiosos, o “ser cristão”, as suas “lutas” e causas e, também, as manutenções de determinados temas em períodos históricos distintos, que viabilizam pensar nas possíveis faces contemporâneas dessas matrizes e seus elementos conservadores, ainda que essas manifestações possam se apresentar de forma anacrônica.

Compreende-se que o conteúdo das publicações não é somente uma “janela” histórica de médio prazo. Existe um fio ligando as publicações de ambos os períodos, configurado na imagem de um “perigo comunista eminente”, como uma conexão que dialoga com a conjuntura mais ampla e também é percebido/declarado por seus autores parte do cotidiano.

Em seu primeiro ano, as atividades do Catolicismo são iniciadas com uma publicação de um de seus fundadores, Plínio Correia de Oliveira, que começa suas reflexões abordando temas relativos à Idade Média e às cruzadas, nas quais ocorreram expedições militares organizadas por católicos na Europa Ocidental que tinham como objetivo, por exemplo, reaver terras como Jerusalém, que era tida como

a terra sagrada pelos cristãos e que estava, então, sob o domínio árabe. De acordo com o autor, essa batalha teve como um de seus objetivos instituir um reino cristão na terra.

Ainda que essa situação tenha ocorrido em um tempo passado com relação à data da publicação, o autor ainda destacava a existência de batalhas que visavam proteger esse reino cristão na terra, afirmando a atualidade (naquela conjuntura de 1951) do derramamento de sangue cristão em virtude de sua libertação do “anticristo comunista” e é significativo que o primeiro tópico da primeira revista publicada seja intitulado justamente como “Cruzada do século XX”, luta que é mantida com o passar de décadas.

Ainda nesse sentido, na mesma edição da Revista Catolicismo, evidencia-se a compreensão de que,

Com efeito, Deus criou o homem naturalmente sociável, e quis que os homens, em sociedade, trabalhassem uns pela santificação dos outros. Por isto, também, criou-nos influenciáveis. Temos todos, pela própria pressão do instinto de sociabilidade, a tendência a comunicar em certa medida nossas ideias aos outros, e, em certa medida, em receber a influência deles. Isto se pode afirmar nas relações de indivíduo a indivíduo, e do indivíduo com a sociedade. Os ambientes, as leis, as instituições em que vivemos exercem efeito sobre nós, têm sobre nós uma ação pedagógica. Resistir inteiramente a este ambiente, cuja ação ideológica nos penetra até por osmose e como que pela pele, é obra de alta e árdua virtude. (REVISTA CATOLICISMO. Catolicismo, 1956, p.01).⁹⁵

Seguindo a linha interpretativa e teórico-metodológica desenvolvida até este momento e considerando a noção expressa pela publicação, compreende-se que Oliveira declarava sua intenção em influir/orientar as visões de mundo de seus leitores e daqueles que tinham contato com seus conteúdos, pois a cultura e a civilização aqui são apontadas por ele como meios de agir sobre as almas, para a ruína quando pagãs e para a edificação e salvação quando cristãs, por essa razão, a Igreja não poderia se desinteressar de produzir uma cultura e uma civilização e se contentar em agir somente sobre cada alma individual.

Já nessa primeira edição da Catolicismo, Oliveira evidencia intenções no sentido de trabalhar em prol de um projeto societário, segundo suas próprias visões de mundo, fator que fica evidente em falas como esta:

Nossa folha visa contribuir para proporcionar à elite intelectual e às organizações religiosas católicas da cidade e de toda a Diocese uma visão

⁹⁵ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0001/P04-05.html>>. Acesso em: 09/06/2024.

sintética dos principais acontecimentos nacionais e mundiais no campo religioso, filosófico, literário, político, social e artístico, completada sempre por uma apreciação feita do ponto de vista da doutrina católica (REVISTA CATOLICISMO. Catolicismo, 1956, p.04).

Nesse sentido, são abordadas questões relativas à situação política mundial, fazendo referências ao perigo comunista como algo que era derivado de conflitos e da política externa, como no caso de contatos entre Franklin D. Roosevelt (32º presidente dos Estados Unidos, de 1933 a 1945) e Josef Stalin (governante soviético entre 1927 e 1953), no que se refere ao período e aos conflitos nazistas.

A publicação apresenta tons de crítica ao, em suas palavras, auxílio norte-americano ao exército da União Soviética, por estarem em uma posição em que identificam uma oportunidade de delinear o futuro do mundo, mas que não o fizeram, somente oferecendo “material” ao exército russo e apresentando o que foi classificado um favorecimento indireto por uma atitude passiva.

Já então, é evidenciada a associação da imagem de um comunismo destrutivo ao exército da antiga União Soviética e à Rússia e suas críticas, ainda que o “apoio” norte-americano citado tenha envolvido uma investida contra um exército nazista. Oliveira demonstra posicionamentos opostos e críticos tanto a Roosevelt quanto ao seu sucessor Harry S. Truman (presidente de 1945 a 1953), identificando no comunismo um inimigo acima de relações e interesses políticos.

Essa noção é reforçada ao se afirmar que, embora os governos não estejam em mãos de indivíduos assumidamente socialistas, há uma herança socialista que ameaça emergir até mesmo da dita política conservadora, caso não haja a vigia constante. Nesse sentido, o autor afirma um compromisso constante de combate ao socialismo e ao comunismo, de forma que se preservem os fundamentos da sociedade cristã, conforme seus desígnios.

Com base já nessa primeira edição, é evidenciado um elemento que se faz presente no decorrer dos anos, seus autores estabelecem interpretações baseadas em suas próprias visões de mundo e grades de leitura da realidade sobre mandatos presidenciais e políticas internas e externas, demonstrando a percepção de divergências e convergências de aspectos dessas gestões com a sua própria “cruzada” contra o perigo comunista. Quanto a essas declarações e ao conteúdo veiculado pela revista, é importante observar que não implicam a concordância total e homogênea de seus autores com os elementos políticos elencados como seus pontos

de interesse, mas delineiam a possibilidade de que seus autores identifiquem pontos e objetivos em comum com determinadas gestões governamentais, bem como discordâncias totais ou parciais.

Com base nessas considerações, é importante destacar que a primeira edição da Revista também fornece ao leitor uma definição do conservadorismo como uma mescla de antigas tradições “sadias” frente a novas influências más, sendo “menos censurável” que o socialismo, apresentado como a capitulação completa ante o mal. Essa fala não somente demonstra uma busca abertamente conservadora com relação à ordem social, como também aponta para o inimigo identificado no comunismo como o mal a ser combatido frente a outras questões, como uma empreitada prioritária.

Para Oliveira, a sociedade e o mundo estavam vivendo uma crise que não era só política, mas que se mesclava a elementos de cunho moral e da vida privada. A questão que se destaca na leitura dessa primeira edição é que os artigos publicados na Revista afirmam seus compromissos com a difusão de conteúdos “confiáveis”, verdadeiramente cristãos (de acordo com o autor), para toda a população e para as lideranças cristãs, de forma que exista um posicionamento frente às crises que são identificadas, uma vez que se declara, na segunda edição⁹⁶, o objetivo de sistematizar ideias gerais para auxiliar o leitor a tomar posição frente aos problemas atuais.

Na mesma edição, observa-se que, nos próprios escritos, considerados como sagrados, usa-se, em diversos momentos, a expressão “esquerda” para designar o mal e a direita para definir o bem. Dessa forma, “o Filho de Deus está sentado à direita do Padre Eterno, isto é, no melhor lugar, no lugar de honra” (CATOLICISMO, 1956, nº02, p.02), ficando os “eleitos”, no dia do Juízo, sentados à direita de Deus, enquanto o lugar para os maus seria à esquerda, concluindo-se que ser católico à direita seria “ser católico de direita” e estar à esquerda, com o socialismo, é o oposto ao próprio ser cristão.

Em seus primeiros anos, é possível perceber diversas críticas ao comunismo e ao socialismo, de forma que até mesmo menções às formas de igualdade entre classes sociais são abordadas como tendo interpretações errôneas, focadas somente no âmbito material e na elevação das condições econômicas de vida. A edição número 2, nesse sentido, aponta uma correspondência entre questões de cunho social com

⁹⁶ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0002/P01.html>>. REVISTA CATOLICISMO. O século da guerra, da morte e do pecado. In: Catolicismo, nº02, p.01, 1956.

questões morais e religiosas.

Nesse sentido, aponta-se uma situação espiritual preocupante, até mais do que questões econômicas, evidenciado que, nesse período das publicações, ainda que Oliveira reconheça que há problemas de desigualdade social, o foco deveria também recair sobre o espírito e “seu alimento”, que não deveria ser qualquer elemento associado ao socialismo, indicado como o comunismo disfarçado e como algo para enganar os indivíduos com uma noção distorcida de igualdade.

O sofisma radical do igualitarismo, que inspira o socialismo e o totalitarismo, consiste em confundir a igualdade genérica essencial de todos os homens, que outorga a todos certos direitos essenciais, com a igualdade absoluta, total e atual, de todos os seres humanos, individualmente considerados na sua existência concreta, como são iguais, por exemplo, os automóveis do mesmo tipo, fabricados em série (CATOLICISMO, 1956, nº02, p.04).

No trecho destacado, é possível ainda salientar que o socialismo e o totalitarismo são apontados como tendo uma mesma base de ideias, demonstrando a forma como o socialismo e o comunismo são associados a políticas de regimes extremos. Na página 6 da segunda edição, reafirma-se que, além da miséria física, há a miséria moral, assim como um campo de concentração, em que podem existir comida farta, vestuários e diversões relativas ao conforto material, mas seria cerceada a “liberdade, qual o verdadeiro filho de Deus que não sofrerá ali todos os horrores da miséria moral” (CATOLICISMO, 1956, nº02, p.04).

Oliveira demonstra, em publicação na terceira edição, que a Igreja e seus princípios devem ser os guias daqueles que dela participam.

Pertencer à Igreja é coisa muito alta e muito árdua. Devemos pensar como a Igreja pensa, sentir como a Igreja sente, agir como a Igreja quer que procedamos em todas as circunstâncias de nossa vida. Isto supõe um senso católico real, uma pureza de costumes autêntica e completa, uma piedade profunda e sincera. Em outros termos, supõe o sacrifício de uma vida inteira (OLIVEIRA, P. C., In: Catolicismo, nº03, 1956, p.04).

A questão que se destaca, aqui, seria refletir sobre como, para Oliveira, “a Igreja” pensa. É possível perceber que o autor estabelece dicotomias relativas às formas pelas quais os indivíduos nas sociedades podem e devem orientar suas ações e percepções: “toda a História da Igreja não é senão esta luta inexorável entre os que são de Deus e os que são do demônio, entre os que são da Virgem e os que são da serpente” (OLIVEIRA, P. C., In: Catolicismo, nº03, 1956, p.04, p. 05).

Na mesma edição, J. B. Pacheco Salles, ao falar da justiça social (nº03,

1956, p.06) e das encíclicas de Leão XIII, observa que o socialismo é algo contra a natureza da própria sociedade, visto que a desigualdade estaria na própria natureza dos indivíduos e as desigualdades seriam o que governa a própria vida e agencia a sociedade para que essa seja um todo orgânico.

Com base nessas falas, compreende-se que há até mesmo uma forma de explicar desigualdades de âmbito econômico, estabelecendo correspondências entre essas e a própria natureza humana, sendo que “as desigualdades decorrentes da natureza humana se projetam, necessariamente, na sociedade, sob a forma de grupos e classes qualitativamente diferenciados (nº03, 1951, p.06), o que é apontado como um elemento organizador entre a originalidade individual e a unidade orgânica da sociedade.

Ainda nesse sentido, Salles (1956) destaca que os indivíduos não se desenvolvem e à sua consciência em meio ao nada, mas com bases culturais que seriam assimiladas em sua personalidade. Os valores culturais que orientam esse processo são declarados como sendo, primeiramente, os da Civilização Cristã, e, também, os valores de uma nação, uma religião, uma classe, uma profissão e uma família.

Nesse ponto, são estabelecidas também relações entre a serialização da educação escolar e as classes da própria sociedade. Aqui, pode-se perceber, novamente, uma reflexão voltada para a naturalização e a justificativa de desigualdades:

É preciso, pois, haver, no transcurso da história, um como refinamento, uma depuração, uma decantação da animalidade humana, de modo a permitir que a alma possa manifestar o seu brilho mais autêntico: deve haver uma quase transfiguração do homem pela cultura, transparecendo no corpo animal a espiritualidade da alma. Mas, para que haja refinamento ou decantação, é preciso haver também seleção, classificação, discriminação. Do contrário, o material humano se torna impuro e grosseiro [...]: é a barbárie, é a selvageria, é a revolta da besta contra o espírito. E esta revolta é o igualitarismo, que não admite superioridades, que se levanta contra tudo o que é nobre. (OLIVEIRA, P. C., In: Catolicismo, nº03, 1951, p.07).

Seguindo esse raciocínio, afirma-se que as tradições dão valor à vida e são uma forma de manter essa ordem social e a igualdade tornaria tudo mecânico e monocromático, algo contrário à natureza humana. Ao citar a igualdade, conforme as ideias de Pio XII⁹⁷, explica que essa seria diferente da “igualdade socialista”,

⁹⁷ Eugenio María Giuseppe Giovanni Pacelli (1876-1958), foi o papa entre 1939 e 1958.

destacando-se que há inegociáveis diferenças entre a democracia cristã e as “democracias pagãs”, que seriam falsas, revoltando-se contra o que é considerado como nobre, elevado, digno e refinado, configurando uma perversão do espírito que quer destruir as construções sociais (suas diferenças, que aparecem como associadas às classes e desigualdades sociais) em prol de suas “necessidades materiais”.

Nesse sentido, pode-se apontar que tal raciocínio e tais equivalências e relações estabelecidas na publicação, além de naturalizar desigualdades sociais (e materiais) como algo que estaria na própria natureza humana, também classifica, por oposição e dicotomia, como pagãos e impuros aqueles adeptos de perspectivas contrárias, coadunando-as com a ausência de uma religião, apontando elementos egoístas em suas ações, voltadas para suas próprias necessidades materiais.

Na quarta edição da revista, ao abordar a possibilidade de uma guerra em nível mundial, que traria como seus principais envolvidos a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos, Oliveira estabelece uma relação de oposição entre o comunismo e a “doutrina Católica”, na qual Deus teria deixado uma Lei, segundo a qual seria necessário guardar a verdadeira “Religião, guardar a pureza segundo nosso estado, respeitar a propriedade alheia e acatar com amor toda a superioridade legítima, como é arquetipicamente a do intelectual sobre o trabalhador manual” (nº04, 1951, p.01), enquanto o comunismo traria um estado de coisas construído sob uma base de impiedade, adultério, latrocínio e revolta, o que iria então contra as leis de Deus.

Nesse sentido, o autor indica a existência de comunidades comunistas infiltradas em todos os países, dirigidas por Moscou, em uma tentativa de conquistar territórios e adeptos. Oliveira conclui, então, que os católicos devem se mobilizar em uma cruzada pelo próprio direito da Igreja de existir, ou seja, o autor contrapõe a religião e o comunismo a tal ponto que a governança de um se opõe radicalmente à existência do outro, qualificando o comunismo como algo que carrega consigo a impiedade, o adultério, o latrocínio e a revolta.

Com base nessas considerações, é possível observar a forma como o grupo envolvido com as publicações da Revista, nessa época, se dedica a explorar os acontecimentos político-sociais do período, no qual se desenrolava a Guerra Fria.⁹⁸

⁹⁸ Conflito político e ideológico entre os Estados Unidos e a União Soviética entre 1947 e 1991. Esse conflito implicou em uma polarização de ideias, opondo um bloco alinhado ao capitalismo (EUA) e um

Ainda que com ressalvas⁹⁹, as mesmas publicações evidenciam que seus autores percebem a importância de estarem relacionados à cena política do período, marcando sua presença, pois observam que a participação católica, com as devidas precauções, em uma vitória norte-americana poderia significar na “mesa da paz” um justo lugar de honra e poder.

Quanto à noção de capitalismo e de socialismo em voga nesse período, em uma seção de correspondência com seus leitores, na página 2, o capitalismo é explicado como sendo um regime de produção em fase mais desenvolvida, na qual se produzem bens não para consumação, mas para produzir novas riquezas. Já o comunismo é entendido como uma sociedade ultracapitalista, na qual o capital acumulado, vindo de trabalho escravo, é usado para multiplicar riquezas acumuladas por poucos indivíduos que seriam responsáveis por comandar a sociedade.¹⁰⁰

Nessa perspectiva, o autor observa: ambos lidam com o capital não estando somente sob controle do Estado. Todavia, o capitalismo não é visto como “imoral”, pois resulta na propriedade privada que vem do esforço dos indivíduos, de seu trabalho, enquanto o comunismo é classificado como “mau e condenável”, por ser contrário à propriedade privada, que seria “um direito natural”. Nesse sentido, fica evidente que, embora com suas ressalvas à sociedade capitalista dado o acúmulo de capital que não é empregado com uma função social, servindo à coletividade, Oliveira indica desígnios comuns entre suas visões de mundo e o capitalismo, destacando-se a propriedade privada.

O capitalista que abusa de sua situação privilegiada, não desconhece nem destrói o direito à propriedade privada. Abusa deste direito, mas no mesmo abuso o reconhece. Ao passo que o Comunismo pura e simplesmente desconhece o direito à propriedade privada (OLIVEIRA, P. C., *In*: Catolicismo, nº04, 1951, p.04).

bloco alinhado ao comunismo (URSS).

⁹⁹ Oliveira destaca a presença protestante nas nações Anglo-Saxônicas, classificando-as como opostas ao que chama de “concepções de vida” (nº4, 1951, p.01) das quais partilha. O intelectual ainda aponta que o liberalismo dos EUA poderia conduzir ao comunismo.

¹⁰⁰ Na edição de número 71 (1956), essas definições são aprofundadas, sendo o capitalismo liberal um período no qual se ampliam mercados e o Estado Autoritário já não seria necessário, assim se liberaliza. O socialismo é definido como algo que surge no mundo moderno, tendo “como agente econômico um burocrata que recebe ordens; uma sociedade na qual a hierarquia é condicionada pelas funções econômicas exercidas pelos indivíduos; onde a política econômica é exercida através de órgãos estatais panificadores; onde os mercados são dirigidos pelo Estado; uma sociedade cujos membros têm seu comportamento e inclinações modelados pela propaganda; uma sociedade onde o indivíduo se parece sempre mais com o homem abstrato das teorias econômicas” (FREITAS, L. M. de. *In*: Catolicismo, nº71, 1956, p.03).

Seguindo o argumento exposto, para o autor há possibilidade de corrigir o capitalismo, mas o comunismo não, dada sua lógica interna. Para ele, o capitalismo daria direito aos indivíduos de, com seus esforços e trabalho, juntarem suas economias. Dessa forma, evidencia uma busca por justificar a sociedade capitalista, naturalizando suas desigualdades e sua lógica interna como passíveis de mudanças, enquanto percebe no comunismo e nas revoluções para as quais não se deveria apelar, conforme suas compressões particulares, um mal a ser combatido, reforçando a necessidade de manutenção do capitalismo, o que aponta para a possibilidade de o grupo atuar pelas vias de interesse desse modo de produção, conforme seus próprios desígnios.

No primeiro ano de publicações, é possível notar como foco de suas críticas, no que tange ao comunismo/socialismo, as relações internacionais, a possibilidade de a geopolítica dessas localidades apresentar elementos de esquerda ou suas tendências e/ou grupos, junto de elementos da economia e de religiões cristãs, como o caso de apresentarem associações entre o protestantismo e o comunismo.¹⁰¹ Dessa forma, pode-se apontar que a conjuntura da guerra fria foi o pano de fundo no qual se identificava a origem dessas “tendências”, como um polo do qual emanavam para o restante do globo.

No referido período, a conjuntura da guerra fria tem relação com o que é expresso, visto que os autores se posicionam frente aos acontecimentos políticos da época. Na edição número 6 da Revista, por exemplo, fica evidente uma preocupação com a força do comunismo, identificado como inimigo, personificado em indivíduos definidos como militantes.

A Igreja se encontra, hoje, em uma das fases mais dramáticas de sua História. Jamais foram tão poderosos, tão radicais, tão militantes os seus inimigos. Lembremos antes de tudo o mundo soviético, que vai da Indochina até a Alemanha, constituindo, pois, um Império maior do que o de Alexandre ou Carlos Magno. É inútil fechar os olhos à realidade: esse «mundo» forma o maior quisto de ateísmo jamais existente sobre a face da terra. Dentro dos limites circunscritos pela cortina de ferro, agonizam nos cárceres, nos campos de concentração, em outras prisões talvez mais disfarçadas, porém não menos cruéis, Cardiais, Arcebispos, Sacerdotes, Missionários, Religiosas, e simples fiéis. É uma oitava parte da população católica do globo que está sujeita assim a um governo direta e oficialmente ateu, que tem por intenção oficial e declarada extinguir a Religião (CATOLICISMO, 1951, N°6, p.03).

¹⁰¹ Na quinta edição da revista, por exemplo, observa-se que religiões protestantes (alguns de seus setores) teriam uma postura tolerante em relação ao comunismo (LIENDEBERG, A. In: Catolicismo, n°5, 1951, p.08).

Nessa publicação, fica evidente que a ameaça é identificada não somente em questões de cunho político-estatal, mas também na associação do comunismo ao ateísmo, a negação de crenças. Define-se o referido comunismo como a cabeça de um polvo, cujos braços se estendem para outros países, como a Indonésia, a Índia, a Pérsia, a Áustria, a Alemanha Ocidental, pela Europa Ocidental, a América do Norte e do Sul e África, espalhando-se e contaminando diversos meios político-sociais, como as Universidades, os Parlamentos, a imprensa, o cinema, o rádio e os sindicatos, assim se conclui que “o inimigo não está «ante portas». Está instalado em nossas próprias entranhas” (CATOLICISMO, 1951, N°6, p.03).

O comunismo também é qualificado como o completo e extremo oposto do catolicismo e como parte das forças que trabalham contra a Igreja. Tudo aquilo que contribui para enfraquecer o catolicismo e suas estruturas é visto como uma cooperação, ainda que não intencional, com o comunismo, e sua expansão, que, segundo as publicações, estava em marcha gradual na sociedade ocidental, sendo uma ameaça para diversos países.

Pode-se perceber que há uma forte reação a quaisquer temas que sejam identificados como tentativas de mudanças do que se compreende como o catolicismo, seus alicerces e estruturas, incluindo a hierarquia. Nesse sentido, o comunismo é percebido como um perigo ao catolicismo, completamente oposto a ele. Ao tratar de temas, segundo suas interpretações, como relações internacionais, comunismo, modernismo, liberalismo, paganismo etc., indicam-nos como inimigos, que devem ser rejeitados publicamente e combatidos, assim, frente a essa luta, “saberemos que nosso dever é de reagir e não de recuar [...] continuaremos a lutar até com vigor redobrado, pois sabemos que nossa vitória vem de Deus e não de nós” (CATOLICISMO, 1951, N°6, p.03), justificando-se ações de combate: “os soldados de Cristo podem com absoluta segurança de consciência pelejar as batalhas do Senhor, sem receio de cometer pecado com a morte do inimigo, nem desconfiança de sua salvação se sucumbirem” (CATOLICISMO, 1951, N°8, P.08).

Na edição nº 08 não se especifica contra quem se poderia cometer tal ato, porém, ao observar que recorrer a esse tipo de luta não seria uma opção se os “gentios”¹⁰² não atacassem e oprimissem os fiéis, sendo uma medida de prevenção

¹⁰² No velho testamento da bíblia católica, os gentios eram os povos em geral, exceto Israel, que não

acabar com eles, pode-se inferir que estão se referindo àqueles considerados perigos para o catolicismo, entre eles, o comunismo e o socialismo, vistos como compostos elementos de opressão, por um “ateísmo radical, pelo espírito de revolta que preside a toda a sua concepção da sociedade, da cultura, da economia, e da vida enfim, é ele nitidamente diabólico” (CATOLICISMO, 1951, N°9, P.01).

Nessa primeira década, a noção de democracia engendrada na Revista refere-se ao “governo do povo”, uma concepção que difere daquela da Revolução Francesa, que conduziria a um estado percebido como onipotente e mecânico, enquanto a “concepção católica” conduziria a “uma estrutura de Estado informada e vivificada por uma sociedade orgânica e hierárquica” (CATOLICISMO, 1951, N°9, p.02). Ao estabelecer essas diferenças, Oliveira (1951, n°9) explica que, para os católicos, a percepção de governo considera que todo o poder vem de Deus e paira acima das massas, consistindo em dirigir o povo, respeitando uma hierarquia e sendo a participação do povo no governo aquela que é orientada por elites.

Quanto à palavra “povo”, para a Igreja é a sociedade humana em que cada homem é dotado de convicções e princípios pessoais estáveis, [...] uma sociedade em que os grupos sociais, definidos e constituídos, são ricos de vida: uma sociedade em que as classes sociais são admitidas, reconhecidas, e hierarquizadas; uma sociedade enfim em que há elites de hereditariedade, de cultura, de capacidade, amadas, admiradas, reconhecidas, e classes populares vivendo na modesta mas profunda dignidade de sua condição a vida laboriosa, tranquila, farta, que compete a filhos de Deus (OLIVEIRA, P., 1951, N°9, p.023).

Estabelece-se, portanto, uma naturalização das desigualdades, que estariam no âmago do ser humano, em seus valores morais e intelectuais e que se expandem para a sociedade, que, assim, é dividida em classes “naturalmente” desiguais, mas cada uma com a sua função na sociedade, tal como cada órgão em um corpo.

Em uma leitura das publicações de seus primeiros anos, é possível perceber a construção de uma linha argumentativa que se põe contra mudanças na ordem social revelando uma postura conservadora, de forma que a vida moderna (naquela conjuntura, 1950-1960) é apontada como algo repleto de incertezas e trivialidades, diferente do desenvolvimento humano harmônico anterior, de um tempo

faziam parte do povo escolhido por Deus (JOÃO PAULO. Quem são os gentios que aparecem na Bíblia? Existem gentios na atualidade?. In: Bíblia e Teologia. [s/d]. Disponível em: <https://bibliaeteologia.com.br/quem-sao-os-gentios-que-aparecem-na-biblia-existem-gentios-na-atualidade/>).

anterior. Na coluna “Os católicos franceses do século XIX”, por exemplo, seus autores tecem observações sobre o mundo pós-Revolução Francesa¹⁰³ e suas consequências, entre as quais estão listadas as seguintes:

Ora, foi precisamente com esta tradição que o mundo contemporâneo rompeu, para adotar um progresso nascido, não do desenvolvimento harmônico do passado, mas dos tumultos e dos abismos da Revolução Francesa. Num mundo nivelado, paupérrimo em símbolos, regras, maneiras, compostura, em tudo que signifique ordem e distinção no convívio humano, e que a todo momento continua a destruir o pouquíssimo que disto lhe resta, enquanto a sede de igualdade se vai saciando, a natureza humana, em suas fibras profundas, vai sentindo cada vez mais a falta daquilo com que tão loucamente rompeu. Alguma coisa de muito interior e forte dentro dela me faz sentir um desequilíbrio, uma incerteza, uma insipidez, uma pavorosa trivialidade de vida, que tanto mais se acentua quanto mais o homem se enche dos tóxicos da igualdade. [...] Não tanto por nostalgia do passado, quanto de certos princípios da ordem natural que o passado respeitava, e que o presente viola a todo momento (ALMEIDA, F. F. de, 1953, nº 31, p.06).

Seguindo a linha argumentativa veiculada na revista no período, o socialismo e as ideias de igualdade que o acompanham e alimentam contrariam o desenvolvimento harmônico da sociedade que respeita diferenças sociais, de posses e humanas em geral e suas hierarquias, sendo mecânico, ditatorial¹⁰⁴ e impessoal:

[...] para o Estado socialista, a família e os grupos sociais não existem. Ele não concebe outro meio de ação senão a repartição pública, naturalmente escrava, obedecendo ao impulso que vem do centro, movendo-se exclusivamente segundo este impulso (OLIVEIRA, P., 1951, Nº11, p.03).

Nessa perspectiva, aqueles Estados Modernos, orientados pelo socialismo, atuariam para a dissolução de elementos tidos como ímpares e essenciais na sociedade: a família, a propriedade privada corroída e a religião destronada, por estar sendo cada vez mais separada do Estado. Esses aspectos são apontados como essenciais para a estrutura de uma sociedade que seja orgânica, que funcione naturalmente.

O trabalho e a sociedade de classes, dada sua associação à propriedade privada, também foram temas constantes no período, uma vez que o Cristianismo

¹⁰³ De acordo com Falcetti (2017), os movimentos revolucionários do período foram guiados pelo pensamento iluminista e socialista e teve grandes impactos sociais, originados nas reivindicações de indivíduos que se orientavam e reivindicavam igualdade, liberdade e fraternidade.

¹⁰⁴ Na edição 23 da Revista, há um tópico que se dedica a explicar se regimes políticos extremos, como o nazismo, seriam de orientação política de “direita” ou “esquerda”: Todo o “folclore” dos nazistas pertencia à extrema-esquerda — sua bandeira vermelha não menos que seu anticlericalismo, seu ódio à tradição não menos que o emocionalismo que os liga diretamente às seitas ferozmente esquerdistas, milenaristas e radicais do passado (SANTOS, J. de A. O Nazismo: Um movimento de esquerda ou de direita?. In: Catolicismo, 1952, nº23, p. 05).

teria, no decorrer da história, acabado com a escravidão e reestabelecido o trabalho em sua liberdade e dignidade¹⁰⁵. Nesse sentido, vale salientar que as noções veiculadas pelas publicações estão associadas aos tópicos considerados importantes por seus autores no período. Então, em busca de legitimar elementos vigentes da sociedade de classes, afirma-se que a “verdadeira civilização católica não despreza nenhuma forma de trabalho honesto, apenas lhe impõe uma hierarquia” (SANTOS, J. de A. 1952, nº 13, p.05).

As publicações iniciais, de forma geral, apontam em grande medida para acontecimentos políticos externos, como a Guerra Fria e os perigos comunistas que rondam acontecimentos em outros países, a fim de esclarecer aos seus leitores quais seriam os potenciais perigos para o catolicismo e para a sociedade católica. Vale ressaltar, porém, que essa linha de pensamento conservadora, que busca identificar e apontar os males das mudanças nas ordens política e social na modernidade, não se restringe à geopolítica e às mudanças estatais e agrárias de outros países. Em 1953, essa questão começa a ser abordada de forma mais direcionada também ao Brasil.

Começa S. Excia. Revma. por mostrar que a agitação feita em torno da questão agrária é mero ardid do comunismo, que intenta "quebrar a coluna mestra da ordem no Brasil", que é a normalidade da vida agrária, afim de poder "arrasar toda a sociedade atual e criar uma estrutura nova". Para isto, querem os agentes de Moscou suprimir a grande e media propriedade, bem como o salariado rural, impor a repartição das terras e a extinção do colonato (CATOLICISMO. 1953, nº32, p.03).¹⁰⁶

Conforme dito anteriormente, para os autores das publicações, o comunismo se encontrava em forte expansão no período e ganhava fôlego com a Guerra Fria .

Basta lançar um olhar sobre o mapa da Europa, para não falar no que acontece, em proporções ciclópicas, também no Oriente. Povos inteiros, por detrás da cortina de ferro, já caíram na barbárie do comunismo, e a ameaça perdura para o resto do mundo, não somente devido à belicosidade e ao expansionismo soviético, mas também à desagregação interna dos países do ocidente. Estamos às vésperas de uma grande batalha, que se vai travar sobretudo no campo das consciências, e somente uma graça toda especial de Deus nos pode livrar da marcha inflexível para o mais completo totalitarismo (ALVARENGA, C. 1952, nº15, p.06).

¹⁰⁵ SANTOS, J. de A. Nova et Vetera: Três etapas na história do trabalho. In: Catolicismo, 1952, nº13, p.5.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0032/P02-03.html>>.

Com relação ao Brasil, a presença comunista também passa a ser identificada.

O "perigo comunista" é um fantasma como outro qualquer, explorado pela política com prodigioso sucesso. Mas ao lado do risco de um surto comunista imediato, risco esse que, sem ser irreal, não é provável, há o perigo comunista autêntico, que consiste principalmente no deslizar gradual da sociedade burguesa para formas de vida, hábitos, princípios e estruturas sempre mais tendentes ao comunismo. A tibieza religiosa, os costumes dissolutos, o ambiente das universidades concorre [sic] poderosamente para isto CATOLICISMO, 1954, nº41, p.2)

Esse perigo é caracterizado – nesse momento - como algo latente, à espreita em elementos e situações do cotidiano que lhe são campos férteis para seu crescimento silencioso. Contudo, sua presença na cena política é identificada por seus autores já em períodos anteriores ao início das atividades da Revista Catolicismo¹⁰⁷:

Nossa economia, após alguns anos de franca prosperidade, se viu novamente imersa em um mar de medidas intervencionistas, socializantes e inteiramente artificiais. [...] O segundo período getulista se diferenciava do Estado Novo apenas em um ponto: enquanto este tendia para um socialismo de direita, aquele caminhava para o de esquerda. Exceção feita disto, os demais ingredientes eram os mesmos: inflação desenfreada, legislação trabalhista demagógica e socializante, provimento de cargos de importância por elementos de tendências revolucionárias, burocratização e intervenção estatal na economia, controles de preços, industrialização artificial, etc. Analisemos resumidamente, estas medidas tipicamente esquerdistas, verdadeiros tóxicos responsáveis pela enfermidade que dominou a economia brasileira (LINDENBERG, A. 1954, nº46, p.06).

No ano de 1954, é possível perceber que há um aumento da frequência com a qual a temática é abordada em relação ao Brasil, que, anteriormente, estava mais concentrada em acontecimentos da política externa e na forma como o comunismo se espalhava e ganhava campo. Na edição de número 46 (4º ano de publicações), por exemplo, observa-se que o Brasil e a Argentina estariam disputando uma corrida pela primazia em direção ao socialismo (LINDENBERG, A. 1954, nº46, p.06), e aqui se reafirma um compromisso que, além de político, seria também cristão.

Como católicos e como brasileiros, cumpre-nos apoiar [...] todos aqueles que esforcem por impedir que o Brasil se torne um Estado esquerdista. Fortalecimento do respeito ao direito de propriedade em toda a sua extensão,

¹⁰⁷ Os autores que realizam publicações na revista também abordam temas de caráter econômico, relativos às leis trabalhista brasileiras e à distribuição de renda. A esse respeito, demonstram uma percepção econômica na qual a solução para a pobreza no país estaria atrelada à produção e não à concentração de renda: "O povo brasileiro só poderá gozar de um padrão de vida mais elevado na medida em que aumentar sua produção. Um povo é rico na proporção em que trabalhe, aproveite as riquezas de seu país e respeite as leis naturais da economia. O comunismo, o socialismo e o governo anterior, no entanto, vinham afirmando que o pauperismo se corrige simplesmente com uma mais equitativa distribuição dos bens produzidos" (LINDENBERG, A. 1954, nº46, p.06).

incentivo da iniciativa particular, desencorajamento da luta de classes, enriquecimento do povo pela adoção de uma política econômica sã, eis aí o que todos os brasileiros, e especialmente os católicos, têm o dever de consciência de exigir do governo (LINDENBERG, A. 1954, nº46, p.06).

É importante observar que são apontadas diferenças entre o socialismo, em certa medida mais “moderado”, mas tão perigoso quanto, e o comunismo, compreendendo que o primeiro conduziria ao segundo, de caráter violento, imediatista e equivalente ao totalitarismo, pois levaria a uma “socialização integral da vida humana”. Esse aspecto coloca a noção de comunismo e socialismo como algo que se contrapõe ao direito natural à propriedade privada e a individualidade, tornando a sociedade hegemônica e sem diferenciações, aspecto que também diverge daquelas “posições” e posses atribuídas por um poder divino ao ser humano. Além disso, há edições nas quais se associa o socialismo também à escravidão, como um elemento inerente à sua constituição, ainda que essa seja uma interpretação sincrônica de acontecimentos históricos.

Para melhor apreciar essa repetição monótona de erros políticos e sociais através da História, devemos considerar em primeiro lugar os regimes socialistas declarados e coerentes dentro dos seus falsos pressupostos, implantados pela força. Tais regimes se identificam com as estruturas totalitárias comuns nas nações pagãs, como por exemplo o império incaico. Pressupõe essa estrutura socialista e totalitária a existência da escravidão ou do domínio despótico de uma classe sobre o povo reduzido à condição de massa. E mesmo os teóricos desse socialismo integral, como Platão, tomam os escravos como um dos elementos da formação do Estado. Essa ausência de liberdade para todo o corpo social, ou para determinada porção do mesmo, é inerente às várias formas de socialismo declarado (SANTOS, J. de A. 1954, nº42, p.05).

A questão de iminentes ou potenciais reformas agrárias também é um assunto que se destaca nas publicações da década de 1950, visto que é um tópico que esbarra no direito divino à propriedade privada, conforme apresentam as publicações do período. Nesse sentido, é importante lembrar que, na década de 1950, conforme observa Moreira (1998), havia debates sobre mudanças político-sociais em voga no Brasil que apontavam para reformas agrárias e que tinham suas raízes em décadas anteriores, vindas de conflitos da década de 1920-1930 com relação ao colapso do modelo econômico agrário-exportador e à política oligárquica

De acordo com a autora, o Estado que se estruturou nesse período ampliou sua base social, apesar de obstruir, nas camadas populares, uma organização interna independente, viabilizando a manutenção da dominação. Nas décadas seguintes, outros setores sociais seguiram com os debates que giravam em torno da

precariedade de economias que dependiam da exportação. Dessa forma, a questão da necessidade ou não de uma reforma agrária perdurou como um tema presente no âmbito político brasileiro¹⁰⁸, sendo, então, algo que se refletiu nas publicações da Revista nessa década.

No segundo ano da Revista, é possível observar o início das referências a grupos militares. Essa referência, a princípio, tem seu foco em conflitos internos a esse grupo, abordando questões que se referem a uma identidade brasileira e ao nacionalismo ao falar de influências vindas de países como a França e os Estados Unidos no combate ao comunismo.

Devemos nos empenhar em mostrar aos numerosos elementos da corrente nacionalista que toda política externa tendente a afastar o Brasil dos Estados Unidos favorece a disseminação de ideias comunistas em nosso território, as quais, além de serem muito piores, ainda são muitíssimo mais contrárias às nossas tradições que as ideias liberais e infantilizantes de certos meios americanos (LINDENBERG. A. In: *Catolicismo*, 1952, nº16, p.02).

Ainda que se apontem o respeito ao nacionalismo e a importância da identidade do exército brasileiro como tal, pode-se perceber que o exército norte-americano é reconhecido como um aliado devido ao inimigo em comum: o comunismo. Dessa forma, na revista se expressa apoio aos componentes militares, colocando como uma obrigação dos católicos o ato de “apoiar todos os elementos militares, de qualquer feitio, empenhados na campanha anticomunista e favoráveis à participação do Brasil na Guerra Fria contra a Rússia” (LINDENBERG. A. In: *Catolicismo*, 1952, nº17, p.02).

Na edição de número 67, de julho de 1956, é realizada uma referência explícita a um grupo militar e ao modo como essa instituição de ensino superior expressa amor às tradições.

Há manifestações de que o amor à tradição, à distinção e à linha se acentua sempre mais em nossas forças armadas. Exemplo disso é nossa magnífica Academia das Agulhas Negras. Parece-nos que os civis bem poderiam imitar neste ponto o esforço dos militares, fazendo regredir a onda de vulgaridade

¹⁰⁸ De acordo com Moreira (1998), discutia-se a possibilidade de um modelo de desenvolvimento autossustentado no país, o que implicava em críticas ao modelo agrário-exportador e à classe social oligárquica: “No movimento nacionalista - seja em sua vertente liberal representada, por exemplo, pelos intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), ou na orientação popular, característica de comunistas, socialistas e trabalhistas -, um dos maiores “vilões” da então sociedade brasileira (senão o maior) era a elite rural historicamente comprometida com a produção de artigos agrícolas para o mercado externo. A opção nacionalista era outra e visava claramente a constituição de uma economia auto-centrada, isto é, voltada para o mercado interno” (MOREIRA, V. M. L., 1998). Seguindo essa linha de debates e problematizações sobre o assunto, a possibilidade de reformas agrárias foi um tema presente na cena política brasileira do período.

demagógica, de chulice eleitoreira que invadiu de modo especial nossos ambientes políticos (OLIVEIRA, P. C. de. In: *Catolicismo*, nº67, 1956, p.07).

Com base nessa menção à tradição e no uso do adjetivo “magnífica” para se referir aos Agulhas Negras¹⁰⁹, infere-se que Oliveira estabelece uma relação de identificação com o grupo militar mencionado, um elemento declarado pelo autor como algo em comum entre ambos, a busca por manter tradições.

Ainda com base nessas considerações, é possível apontar que, aqui, evidencia-se uma das características basilares para a composição da identidade cristã elaborada pelas publicações, o dever de combater o comunismo e qualquer elemento a ele associado. Somam-se a isso o apreço pela família como célula essencial da sociedade¹¹⁰, a compreensão de que a religião deve estar presente em todos os âmbitos, seja na vida privada, no educacional, até no político-estatal, e o respeito e apreço pelas hierarquias e diferenças sociais que, assim como a propriedade privada, teriam sido legadas aos indivíduos por um poder sobrenatural, que transcende a compreensão humana e deve ser respeitado em sua soberania.

Seguindo essas considerações, o comunismo estaria não somente oposto aos desígnios religiosos do cristianismo, mas também atuaria em igrejas locais, de forma a destituir, reduzir ou pulverizar influências da religião nas vidas dos fiéis, em parceria com um Estado laico.

Em todas as partes do mundo comunista, os métodos são quase iguais. As Hierarquias locais são isoladas de Roma. O Estado suplanta a Igreja na educação das crianças. Os bens da Igreja são confiscados. O Estado se encarrega de todas as finanças da Igreja. Os comunistas tratam até de ditar os temas dos sermões. As obras de caridade católicas passam para as mãos do Estado. Aos Bispos e Sacerdotes que se negam a "cooperar" são impostas sanções tais como a suspensão do pagamento dos vencimentos, proibição do desempenho de suas funções etc. Os que cooperam são favorecidos pelo Estado, que lhes oferece cargos melhores na igreja do Estado. Esses sacerdotes fazem parte do "clero patriótico" (LINDENBERG. A. In: *Catolicismo*, 1952, nº21, p. 02).

¹⁰⁹ No *site* da Academia Militar dos Agulhas Negras, em seu cabeçalho, já consta a mensagem: Casa de valores – Berço de tradições. Esse elemento se soma ao se declarar, no item “Missão, Visão e Valores”, que seus valores são: Coesão e Integração; b. Resultados; c. Inovação; d. Eficiência e Efetividade e e. Ética (Código de Honra; **culto às tradições**; coragem; **patriotismo**; civismo; **fé na missão**; amor à profissão; espírito de corpo e liderança). Grifo nosso. Disponível em: <<https://www.aman.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>>.

¹¹⁰ Em publicação de 1952, consta a seguinte descrição do conceito/ideia de família: “Na Idade Média este todo constituía um verdadeiro Estado em miniatura, com seu rei — o pai, representante, em sua esfera, da autoridade divina, com suas tradições, seus costumes, seus objetivos particulares, que se perpetuavam nos descendentes não só através da transmissão de suas qualidades morais mas também de seu patrimônio econômico conservado íntegro” (FREITAS, L. M. de. *A previdência estatal*. In: *catolicismo*, 1952, nº21, p.04).

Essa caracterização do socialismo/comunismo enquanto movimentos nefastos, violentos, inimigos dos cristãos, das instituições religiosas e de suas influências nas vidas dos indivíduos, também aponta para o âmbito econômico do socialismo como algo que vai contra a “lei natural”, da propriedade privada, o que o tornaria mais “condenável” do que o capitalismo.

Na segunda metade da década de 1950, o movimento de denunciar a presença do comunismo/socialismo no Brasil começa a ficar mais frequente, e as alusões a grupos que são aliados no combate ao inimigo em comum aumentam também. Entre esses grupos, figuras ligadas aos grupos militares começam a ser citadas também, como é o caso do Almirante Penna Botto (oficial da Marinha), que, segundo Motta (2000), fazia parte da liderança da Cruzada Brasileira Anticomunista e esteve à frente de todas as iniciativas da Cruzada¹¹¹.

Segundo Motta (2000), na década de 1950, a grande maioria da população, incluindo estratos superiores, encarava a luta contra o comunismo como uma questão secundária. Pode-se apontar como significativo o fato de os autores das publicações feitas na revista se debruçarem sobre esse assunto com tamanha intensidade já nessa década, ao ponto de todas as edições terem, ao menos, mencionado o assunto, seja relacionado ao passado, como quando se observa que a revolução francesa produziu o comunismo¹¹², seja ao presente, analisando perigos vigentes e formas de combatê-lo, seja ao futuro, apontando possíveis consequências de não se vigiar e lutar contra o comunismo.¹¹³

Ao citar os discursos de Botto, a edição nº 49¹¹⁴ da revista destaca comentário do almirante a respeito da cena política brasileira da época e da

¹¹¹ Segundo Motta (2000), Botto foi um personagem notório na década de 1950 no que se refere à luta contra o comunismo e, aparentemente, tinha prestígio entre os colegas de Arma, por suas qualidades militares, assim como era respeitado por autoridades militantes norte-americanas. Contudo, com o tempo teria virado uma figura “folclórica”, objeto de críticas, dado o anticomunismo exagerado e ações associadas a ele parecerem pouco confiáveis até para setores da oficialidade que participaram do golpe militar, ocorrido em 1964, o que poderia estar associado à época em que Botto concentrou seus esforços.

¹¹² OLIVEIRA, P. C. de. Doutor profeta e apóstolo na crise contemporânea. In: *Catolicismo*, nº53, 1955, p.02. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0053/P01.html>>.

¹¹³ Por exemplo, no falar sobre uma possível queda do governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) na Argentina, se observa-se que: “caberá aos católicos a árdua e importantíssima tarefa de decidir o futuro político de sua pátria. Ou eles levarão ao poder um partido do centro, conservador, tão anti-justicialista quanto anti-comunista, ou permitirão a vitória de uma ideologia socialista de esquerda, tão totalitária quanto a ideologia socialista de “direita” de Juan Domingues Perón” (LIENDEBERG. A. In: *Catolicismo*, 1955, nº55, p.2).

¹¹⁴ CATOLICISMO. Diretrizes para uma ação Anticomunista. In: *Catolicismo*, nº49, 1955. Disponível

necessidade de combater a “máquina subversiva comunista”, urgindo atacar qualquer estrutura “marxista” por todos os meios possíveis. Compreende-se que o fato de o autor da publicação ter optado por publicar, entre tantos outros, esse trecho, é sintomático, inclusive sobre o “apoio” ou a “legitimidade” atribuída pelos membros envolvidos com a Revista até mesmo na mobilização de meios violentos de caráter combativo contra as ameaças que eram identificadas. Entre as diretrizes e orientações que constam nessa publicação, destaca-se:

Não consentir em publicações comunistas, feitas em jornais, revistas e panfletos. Impedir a infiltração comunista nas organizações estatais. Retirar marxistas, quaisquer sejam as suas tonalidades, das funções administrativas ou técnicas que exercem no governo. Prover legislação adequada (que não existe) para conter a ofensiva vermelha. Expulsar do país os agentes do comunismo internacional.

Ação elucidativa

Esclarecer a boa gente brasileira, principalmente as massas operárias, com referência à viciada doutrina marxista. Elucidar as populações humildes e trabalhadoras, que são por via de regra simples e sem malícia, crédulas, sofredoras e de extrema boa fé. Explicar a essa ludibriada gente o que realmente significa o comunismo. Disseminar pelas massas, em linguagem clara, conceitos verdadeiros sobre o marxismo, mostrando-lhes que ele é absurdo em teoria e tem sido nefasto na prática (CATOLICISMO. In: Catolicismo, 1955, nº49, p.06).

Essa menção à mobilização de meios violentos para combater o comunismo aparece em mais de uma publicação na década de 1950.

Por isso mesmo, esse centenário suscita o debate de um tema que tem sido sobretudo maltratado pelos preconceitos liberais de nossa época: que pensar do uso da força e da violência para o combate ao mal? Diante da onda avassaladora de iniquidade que varre o mundo contemporâneo, não será mais aconselhável que nos recolhamos em nós mesmos, [...] vencer pelo perdão das injúrias, pela paciência, pela humildade, pela resignação, pela passividade? [...] Não é outra a atitude prática e teórica de ponderáveis setores da opinião católica em relação ao problema das investidas do paganismo comunista nos dias que correm. **Ora, a passividade diante do mal pode constituir um crime.** Assim, por exemplo, ensina São Tomás que, "se suportar as injurias que nos atingem a nós mesmos é um ato virtuoso, suportar as que atingem a Deus é o cumulo da impiedade" (Suma Teologica, Ila. Ilae, q. 136, art. 4, ad 3) (ALVARENGA. C. In: Catolicismo, 1956, nº68, p.01, grifo nosso).

Pode-se perceber que a publicação apresenta uma espécie de reflexão sobre a possibilidade do uso da força como aliada no combate aos inimigos, entre esses, o paganismo comunista. Apesar do tom de questionamento da publicação, seu título aponta para uma afirmação: Não se achará a paz se não pela ponta de uma

lança.¹¹⁵ A essa afirmação, coaduna-se a outra destacada, de que a passividade frente ao mal pode ser um crime. Dessa forma, é possível apontar que seu autor busca estabelecer uma forma de legitimidade para o uso da violência não somente por meio de suas reflexões, mas também buscando suporte em figuras religiosas, como é o caso de São Tomás¹¹⁶, citado pela publicação.

Pode-se, ainda, estender essa inferência, partindo da noção de que o paganismo comunista não foi citado por acaso em uma publicação que busca justificar o uso da violência, pois esse seria um meio a ser mobilizado nessa luta contra os “inimigos vermelhos”, que, além de serem pagãos (podendo estar se referindo aos praticantes de religiões diferentes daquelas de matriz cristã ou ao politeísmo) ainda seria comunista.

Em 1956, logo na primeira edição do ano¹¹⁷, é fornecido um panorama da situação mundial. Segundo suas interpretações, o mundo estaria dividido em três parcelas, três “zonas culturais”: o ocidente, composto por povos europeus (acrescentando a América e a Austrália), a gentilidade, na qual se colocam os povos que teriam vivido, segundo a revista, até o século XIX, como uma civilização inteiramente pagã, sem ter passado por uma fase de “civilização cristã” e, por fim, o mundo marxista, que iria do mar Adriático até o Pacífico, e seria composto por países “engolidos” pelo “bolchevismo”: eslavos, chineses, mongóis, tártaros, alemães, húngaros, coreanos etc.

Essa afirmação feita por Oliveira (1956, nº61, p.01) indica são somente sua interpretação da expansão mundial do comunismo e de suas supostas influências, mas também dá indícios de uma perspectiva elencada pela revista, sua noção de “civilização cristã”, que exclui da noção de civilidade aqueles povos que dela não compartilhem, pois “São Pio X já havia afirmado com toda a clareza que não há civilização verdadeira sem a verdadeira Religião” (SANTOS, J. de A. In: Catolicismo, nº61, 1956, p.5).

¹¹⁵ ALVARENGA, C. Não se achará a paz se não pela ponta de uma lança. In: Catolicismo, nº68, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0068/P01.html>>.

¹¹⁶ De acordo com o *site* ebiografia, Tomás de Aquino (1225-1274) foi um frei católico, filósofo e teólogo italiano da Idade Média, da Ordem Dominicana. Foi canonizado pelo Papa João XXII, é o autor da “Suma Teológica” em que lista os princípios do catolicismo e é um nome destacado na corrente filosófica “Escolástica”, que buscou unir fé, razão e ciência em prol do crescimento humano.

¹¹⁷ OLIVEIRA, P. C. de. Fidelidade ao passado e liberdade de ação para o futuro. In: Catolicismo, nº61, 1956, p.1. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P01.html>>.

Esse elemento também pode ser observado na edição de número 51 (1955), em que o autor define o conceito de cultura como o conhecimento do amor, do bem, da verdade e do que é belo, que são ensinados pela igreja, a única capaz de formar as almas para o belo, devendo-se combater o erro e o mal e sendo incompatível com o “feio”.

Esse fator também fica evidente ao afirmar, na mesma publicação, que uma cultura, para ter um alicerce e bases verdadeiras, deve ter noções exatas sobre a perfeição do homem, os meios para alcançá-la e os possíveis obstáculos. Para isso, essa cultura deve ser nutrida pela “seiva doutrinária da religião verdadeira” (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº51, 1955, p.02), e o mais alto ideal de cultura estaria contido na “Santa Igreja de Deus”, concluindo que a “cultura verdadeira e perfeita só na Igreja se encontra” (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº51, 1955, p.02).

Com base nessas afirmações, é possível refletir que a noção de cultura, aqui cunhada, também compõe a noção de identidade católica que é apresentada na Revista, composta pela religiosidade de aspecto cristão, segundo seus preceitos¹¹⁸. Percebe-se que há um movimento, na revista, em compor uma identidade cristã, que se afirma anticomunista, busca atuar para conservar estruturas sociais e políticas de acordo com os preceitos cristãos (os seus) e não se exime de opinar sobre questões para além do âmbito religioso (por exemplo, no campo das artes, das vestimentas, dos costumes, da educação, de reformas agrárias, da política estatal¹¹⁹, entre outros) vendo essa ação como um dever cristão de vigia e ação, no sentido de atribuir-lhe um estatuto de verdade sobre outros modos de vida.

¹¹⁸ A definição dada na Revista é clara: “Como já dissemos, a ação cultural consiste positivamente em acentuar todos os efeitos aprimoradores, e negativamente em frear os outros. Bem entendido, a reflexão é o primeiro dos meios desta ação positiva. [...] O homem de cultura deve ser um pensador [...]. Contudo a mera reflexão não basta. O homem não é puro espírito. Por uma afinidade que não é apenas convencional, existe um nexos entre as realidades superiores que ele considera com a inteligência, e as cores, os sons, as formas, os perfumes que atinge pelos sentidos. O esforço cultural só é completo quando o homem embebe todo o seu ser, por estas vias sensíveis, dos valores que sua inteligência considerou. O canto, a poesia, a arte têm exatamente este fim. E é por um acurado e superior convívio com o belo (retamente entendida a palavra, é claro) que a alma se embebe inteiramente da verdade e do bem. (OLIVEIRA, P. C. de. Cultura Católica. In: Catolicismo, nº51, 1955, p.02. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0051/P02-03.html>>).

¹¹⁹ Na edição de número 61, por exemplo, afirma-se: “A Igreja através dos séculos tem enunciado e pregado os princípios sociais, políticos e econômicos que devem nortear os governos de todas as nações católicas. Cabe a estes a tarefa de aplicar estes princípios de acordo com a história, a mentalidade e a cultura de cada povo (LIENDEBERG. A Nota internacional: tendências exageradas. In: Catolicismo, nº61, 1956, p.4. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P04-05.html>>).

O elemento anticomunista fica explícito ao ler as publicações. Na edição de número 61 (1956), por exemplo, há uma citação de Pio XII, na qual há a afirmação de que socialista e católico são termos opostos.

E se este erro (o socialismo), como todos os demais, encerra algo de verdade, o que os Sumos Pontífices nunca negaram, funda-se contudo numa concepção da sociedade humana diametralmente oposta à verdadeira doutrina católica. Socialismo religioso, socialismo católico, são termos contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista. — (Encíclica "Quadragesimo anno", de 15-V-1931) (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº61, 1956).

Na segunda metade da década de 1950, começam a aparecer menções das publicações da revista aos indivíduos que compartilham da religião católica, porém, são classificados como católicos progressistas que, nesse momento, estariam contaminados pelo liberalismo e a convivência com este e com o socialismo que seria “declaradamente maçônicos e ateus, desenvolve-se o liberalismo católico e o socialismo que se proclamam religioso [sic]” (ALVARENGA. C. In: Catolicismo, nº62, 1956, p.08).

Assim como as menções aos aliados no combate ao comunismo aumentam com o tempo, o movimento contrário também ocorre, evidenciado que seus autores já identificavam, então, conflitos de formas de pensamento entre os católicos brasileiros. Contudo, nessa primeira década, é importante destacar que muitas vezes se observa que os católicos que consideram sequer a possibilidade de um socialismo ou comunismo em “moldes brasileiros”, desligados da Rússia, ou de ter qualquer tipo de colaboração com a esquerda, estão indo por um caminho errôneo, de enganos, de forma que se busca explicar como o comunismo, e tudo que é a ele ligado, é intrinsecamente mau e se configurava como o maior inimigo da Igreja naquele século.

É importante destacar, ainda, que a publicação citada (ALVARENGA. C. In: Catolicismo, nº 62, 1956, p.08) também oferece a seu leitor sua particular definição de democracia cristã em contraponto ao que é definido como democracia social. Na democracia social, a autoridade residiria na “plebe”, suprimindo as classes sociais e nivelando todos os cidadãos com a igualdade de bens, abolindo o direito de propriedade e de fortunas. A democracia cristã, por sua vez, seria orientada pela fé e atenderia também as classes “inferiores”, buscando “sempre seu aperfeiçoamento moral, ordenando-as aos bens eternos para os quais foram feitas”. Assim, nada para

ela seria “tão santo como a justiça, o direito de adquirir e de possuir” (ALVARENGA. C. In: *Catolicismo*, nº62, 1956, p.08).

Portanto, não se abre uma possibilidade de essa democracia cristã estabelecer qualquer diálogo com a esquerda, o comunismo ou o socialismo, assim como seus membros não deveriam tentar, pois qualquer abertura poderia ser perniciosa. As menções aos católicos que buscavam diálogos com os segmentos indicados pela revista como de esquerda, que, inicialmente, eram mais esparsos no tempo, na segunda metade da década de 1950, passaram a aumentar em frequência e profundidade, ocupando, às vezes, páginas da revista, um indicativo de que seus autores e equipe editorial sentiram urgir cada vez mais a importância de abordar esses conflitos internos aos próprios católicos. Pode-se inferir, também, que sua preocupação aumentou com a adesão ao pensamento definido por eles como comunista/socialista/esquerdista/marxista, entre outros, vistos pelos autores como uma negação do Cristianismo.

O autor destaca uma fala de Leão XIII¹²⁰, que afirma ser essa democracia cristã livre de um caráter político, sendo a ação cristã benéfica para o povo, sem preferência por uma classe social ou outra, mas contribuindo para o aperfeiçoamento de toda a sociedade, portanto não deveria representar qualquer forma de desprezo pela autoridade. Há que se destacar, porém, apesar dessa afirmativa, que, nos temas e noções abordados na revista até então, diversos temas de cunho político são esmiuçados, de forma que chega-se a prestar orientações e seus próprios esclarecimentos aos seus leitores sobre o funcionamento de governos, a democracia, o liberalismo, as formas de produção, desentendimentos entre a classe trabalhadora e seus empregadores – que deveriam ser evitados, respeitando-se os desígnios, supostamente vindos de Deus, sobre o funcionamento da sociedade e as posses de cada pessoa –, sobre o perigo socialista, a necessidade de vigiá-lo e combatê-lo, entre outros tantos temas que se referem à vida política e social, extrapolando a esfera individual da crença e/ou religiosidade/religião dos indivíduos.

Por exemplo, a despeito dessa afirmação sobre a democracia cristã (abordada como desejável para a sociedade ocidental) não ter um caráter político, esse aspecto de denúncia acerca do comunismo, do socialismo e das ações de uma

¹²⁰ De acordo com o *site* ebiografia, Leão XIII foi o papa da Igreja Católica entre os anos de 1878 e 1903. Seu pontificado teria sido marcado pela diplomacia e a conciliação e foi uma figura importante para o debate sobre as bases da doutrina social da Igreja.

suposta esquerda derivadas da Rússia são temas abordados com tanta frequência nas publicações da Revista que um de seus autores afirma:

Nunca perdemos oportunidade para denunciar como os melhores aliados da Rússia os elementos da "terceira força", os partidários de uma posição "um pouco à esquerda do centro", e os que acreditam na boa fé dos comunistas. [...]O marxismo é propagado não somente pelos membros dos Partidos Comunistas, mas também pelos esquerdistas de todos os matizes, pois a doutrina socialista é comum a todos, e todos são tentáculo do mesmo polvo (LINDENBERG. A. In: Catolicismo, nº64, 1956, p.02, grifo nosso).

Na primeira década das publicações, os eventuais efeitos e perigos derivados da Rússia, considerando a conjuntura da Guerra Fria, destacam-se fortemente. Oliveira (1956), no número 70¹²¹ da Revista, explica aos leitores uma divisão do mundo em três grandes zonas que são, de acordo com ele, estabelecidas pelo linguajar jornalístico, colocando, de um lado, que seria o ocidente, Estados Unidos, Inglaterra, França e as potências livres da Europa, América e Oceania, contando com o apoio do Japão e de algumas nações da Ásia; de outro, Rússia, China, Iugoslávia, e uma terceira força, identificada como "neutra", formada pela Índia, pelas nações árabes e outras.

O autor expõe suas preocupações de que, uma vez que esses blocos se diferenciam por traços culturais, morais, políticos e sociais, com o fim da guerra mundial, a humanidade, caso sobrevivesse, seria dominada pelos princípios culturais, morais etc. daquele que saísse vencedor. Dessa forma, restaria aos católicos refletirem sobre qual desses blocos consentiria na existência da Igreja, fornecendo-lhes condições para pensarem sobre uma questão: seria lícito empunharem espadas na luta contra esse adversário?

Para Oliveira (nº70, 1956, p.03), há documentos do Padre Pio XII que auxiliam nessa reflexão, que, segundo sua interpretação, revelam a existência de uma perseguição movida por Moscou, que atinge um amplo território, oprime fiéis e membros da hierarquia com meios cruéis, e as motivações seriam religiosas e derivadas de um governo supostamente dominado por um materialismo ateu que quer a extinção da fé.

¹²¹ OLIVEIRA, P. C. de. Resistência armada: contra os inimigos do decálogo no século XX. In: Catolicismo, nº70, 1956, p.03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0070/P02-03.html>>

Com base nessas informações, pode-se refletir que, para o autor, o perigo comunista sairia do “campo político e econômico”, no que concerne às heranças, propriedades privadas e igualitarismo entre todos, chegando à suposta “maior perseguição religiosa da história”. Por essa razão, compreende-se que o comunismo e os elementos a ele ligados eram vistos como diretos adversários combativos da Igreja, sendo lícito o uso da violência para combatê-lo.

Se em algum lugar da terra houver perigo iminente de que um país seja dominado pelo comunismo, e se neste lugar a resistência armada for a única possível, parece-nos certo que só merecerá louvor o católico que para lá se dirija a fim de derramar seu sangue (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº70, 1956, p.04).

Na leitura das publicações, é possível perceber que esse elemento também compõe a identidade cristã que vai sendo elaborada pelas publicações da revista ao longo do tempo. Em algumas dessas publicações, como é o caso da edição número 82 (1957), são usados outros nomes de santos da igreja para explicar que, embora seja preciso odiar o erro, é preciso amar os que erraram (OLIVEIRA, P. C. de, In: Catolicismo, nº82, 1956, p.01). As palavras de Santo Agostinho não proíbem usar contra aquele que erra uma justa severidade quando necessário for, para o bem da Igreja e para a salvação das almas, e isso pode se aplicar aos elementos do modernismo, cujos adeptos teriam ódio à união entre a Igreja e o Estado, explicando que até os santos souberam conciliar o que é definido como uma **obrigação fundamental**, mesmo que pareça contraditória: “amar o próximo e de o combater quando a isto impele o zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas” (OLIVEIRA, P. C. de, In: Catolicismo, nº82, 1956, p.01).

Infere-se que ficaria aos católicos a tarefa de perceber essas situações e discernir e que, por meio da Revista, seus autores prestariam orientações e esclarecimentos, mostrando caminhos e o que vigiar e, aparentemente, punir quando assim se fizer “necessário”.

É possível, também, perceber que na revista se constrói não somente uma própria identidade, mas o faz em oposição aos outros, que seriam aqueles que pensam diferente dos autores e daqueles envolvidos com os processos editoriais da Catolicismo. As construções argumentativas presentes nas páginas revista se fazem, em muitos momentos, com base em dicotomias que traçam linhas e limites entre quem são eles, suas crenças e comportamentos sociais, políticos, culturais e religiosos e os

outros que estariam associados ao comunismo, ao socialismo, ao paganismo, ao modernismo¹²², ao ateísmo, ao politeísmo, entre tantas outras diferenciações que são estabelecidas e que apontam cisões e divisões ideológicas e morais entre os verdadeiros cristãos, que seguem os verdadeiros preceitos deixados por Deus, pois a história não é mera lista de fatos, ela se explica à luz da Religião (OLIVEIRA, P. C. de. In: *Catolicismo*, nº79, 1957, p.08), e aqueles que divergem de seus desígnios, sendo enganados, ludibriados, pagãos, ateus, “não-civilizados” (naqueles casos em que esses indivíduos não teriam, segundo esse discurso, conhecido o “verdadeiro Deus”), ou simplesmente inimigos.

De forma geral, em seus primeiros dez anos de publicações (1951-1955), pode-se perceber a composição de uma **matriz de pensamento** que se concentra em aspectos políticos de âmbito mundial e suas consequências para a sociedade, reagindo fortemente contra o comunismo, cuja fonte emanante é percebida na Rússia¹²³, ganhando força com a conjuntura de Guerra Fria, e contra tudo o que era identificado como tentativa de separar a sociedade da Igreja e dos princípios cristãos, o que inclui a laicidade, ou seja, as relações entre o Estado e a Religião.

O grande impulsionador do que as publicações chamam de “igualitarismo” é identificado em uma pseudorrevolução, definida como a explosão protestante, que desencadeou uma cadeia de “sistemas ideológicos (OLIVEIRA, P. C. de, In: *Catolicismo*, nº100, 1959, p.02), da qual se seguiu a Revolução Francesa e, por fim, o comunismo.

A Pseudo-Reforma foi uma primeira Revolução. Ela implantou o espírito de dúvida, o liberalismo religioso e o igualitarismo eclesiástico, em medida variável aliás nas várias seitas a que deu origem. Seguiu-se-lhe a Revolução Francesa, que foi o triunfo do igualitarismo em dois campos. No campo religioso, sob a forma do ateísmo, especiosamente rotulado de laicismo. E na esfera política, pela falsa máxima de que toda a desigualdade é uma injustiça, toda autoridade um perigo, e a liberdade o bem supremo. O Comunismo é a

¹²² Na edição de número 83 (1957), Oliveira define os modernistas como indivíduos com febre de novidades, que se lançam contra aquelas consideradas boas tradições cristãs, sendo um amálgama do racionalista e do católico: “se empenham em minimalizar o Magistério eclesiástico, e em lhe enfraquecer a autoridade, seja desnaturando sacrilegamente sua origem, seu caráter e seus direitos, seja reeditando contra ele, do modo mais livre do mundo, as calúnias dos adversários” (OLIVEIRA, P. C. de. In: *Catolicismo*, nº83, 1957, p. 02).

¹²³ Os autores das publicações desse período identificam a origem do comunismo e de suas implicações na Rússia: “O triunfo da revolução bolchevista na Rússia, em 1917, marcou o início de um novo período da história contemporânea. Da história não só daquele país, mas de toda a humanidade, e especialmente da Igreja Católica. Vitoriosos, os chefes soviéticos adotaram, desde logo, uma posição nitidamente contrária a toda e qualquer religião, procurando difundir o ateísmo e o materialismo por todos os meios a seu alcance, e principalmente pela força da ditadura que acabavam de impor ao povo russo (LEFEVRE, B. S. In: *Catolicismo*, nº92, 1958, p. 08).

transposição destas máximas para o campo social e econômico. (OLIVEIRA, P. C. de, In: Catolicismo, nº100, 1959, p.02)

Para compreender a historicidade dessas afirmações, é importante ressaltar que, de acordo com Zanotto (2001), as reflexões de Oliveira e suas compreensões sobre o cristianismo e seu papel no mundo são orientadas pelas diretrizes do catolicismo ultramontano, que orientou a revitalização da Igreja no século XIX e surgiu como resposta dos católicos ao mundo moderno e ao liberalismo, e pelo integrista católico, baseado na defesa ativa de um catolicismo tradicional, opondo-se e, como se vê nas publicações da Revista, orientando reações contrárias e conservadoras em relação às mudanças e ao modernismo cultural, político, econômico e social, tendo como solução um retorno à ordem social cristã, baseada na cristandade medieval do século XVIII, em que a Igreja era a ordenadora da sociedade e influenciava todas as esferas da sociedade.

Tais elementos possibilitam pensar as publicações do autor, assim como sua atuação durante sua vida, como enquadradas em um movimento conservador, nos moldes elaborados por Mannheim, que reage contra a modernidade e, nesse caso, tem raízes no catolicismo e uma historicidade por trás de si, que se espraia para diversos âmbitos, uma vez que não só Oliveira, mas outros autores que publicavam na revista se dedicaram a abordar os mais diversos temas. Por exemplo, ao longo dos anos, tornaram-se frequentes as análises de diferentes tipos de arte, sobre o sindicalismo, sobre mudanças na legislação nacional e/ou internacional, sobre o liberalismo e sobre lutas entre classes, para identificar nelas elementos do comunismo/socialismo, da esquerda, da modernidade e do “igualitarismo” que pudessem ser ameaças para a sociedade cristã ou elementos que tentassem nela se infiltrar, buscando mudanças de ordem social, política, cultural e religiosa, atribuindo-lhes um caráter pernicioso, ateu, pagão, diabólico, violento ou comunista/socialista.

Os autores das publicações identificam em questões e acontecimentos do cotidiano, desde as vestimentas, a arte até políticas e na educação, elementos da modernidade que, após as revoluções históricas, estariam conduzindo os rumos da humanidade não só por caminhos que deixariam brechas para o comunismo se infiltrar com suas noções e políticas de igualitarismo que desestruturariam a sociedade de classes como se conhecia até então, mas também a laicidade, que separaria a religião de outras esferas da vida social. É identificada uma crise em curso nessa modernidade, e ficaria para os católicos a iniciativa de agir e reagir para conservar

seu modo de vida e suas crenças. É possível perceber e sentir, pelos “cenários” descritos nas publicações, a iminência ou o curso de um ataque que se descreve, entre outros elementos, como ateu, materialista, imediatista, igualitarista etc.

Além disso, há também uma busca de explicar e legitimar a ordem social, o trabalho e a propriedade privada como direitos divinos e não somente sociais, buscando refutar tudo o que se opõe a esses aspectos, vistos como estruturantes, e tudo o que pode vir a se opor ou contestar a religião e sua extensão em assuntos da vida pública e da vida privada. Fica explícito, em diversas publicações, o entendimento de que a religião não deveria ficar enclausurada em questões somente de cunho “religioso” ou da vida privada, bem como a identidade do “verdadeiro cristão”, anticomunista, “tradicional” e devoto. Implicava-lhes a missão de ficar em guarda e vigia contra qualquer elemento considerado inimigo ou ameaça, ou seja, implicava não só a vivência privada, mas a prática no dia a dia, que poderia, inclusive, implicar atos combativos vistos como legítimos, pois estariam embasados na proteção de uma organização social, religiosa e política, que, segundo a revista, emana dos desígnios de Deus.

É claro que se deve opor violência à violência. Mas assim como o heroísmo dos cruzados foi frustrado pelo contrabando ideológico que do mundo muçulmano passou para o lado cristão, assim também hoje, se não nos opusermos com todas as nossas energias à infiltração revolucionária, igualitária e socialista, no campo do pensamento e da pura atividade intelectual, dentro em breve seremos cuspidos, pisoteados, apedrejados por uma avalanche de vítimas de uma deformação ideológica [...] A nossa Cruzada contra o comunismo tem várias frentes. Devemos levar a ofensiva ao campo do mal. Mas não sejamos tão pouco solertes a ponto de permitir que o adversário se insinue dentro de nossas fileiras, para destruir a vontade de resistir de nossas tropas (Alvarenga. C. In: Catolicismo, nº90, 1958, p.04).

5.2 Segunda matriz de pensamento – Reforma agrária, católicos progressistas e anticomunismo no Brasil: a tática do medo

As considerações sobre a forma como os autores definem os conceitos mais correntes nas publicações da Revista mantêm-se com a passagem de uma década. Contudo, é possível perceber o início de algumas mudanças na regularidade discursiva nos últimos anos da década de 1950.

Por exemplo, a partir do número 97 (1959), ainda que se utilize o termo “socialismo” ou “socialista” para qualificar elementos eventuais, há uma redução

nesse uso com relação aos outros países, empregando-se, com maior frequência, “comunismo” e “comunistas”.

O uso da palavra “socialismo” é mais recorrente em referência à situação brasileira e da América Latina, por exemplo, em relação às potenciais reformas agrárias e aos perigos que rondavam o país, que eram identificados como em estado de eferescência.

Acresce que a luta contra o fidel-castrismo é uma verdadeira obra de defesa nacional. Pois por toda a América Latina o comunismo, ora alentado pelo exemplo cubano, ora diretamente insuflado por Havana, trama e se movimenta mais energicamente do que nunca. No Brasil, o deputado Francisco Julião, que deseja uma reforma agrária avançadamente socialista, se pôs a campo para organizar uma milícia de voluntários em favor de Fidel Castro. No Equador, o Sr. Araújo Hidalgo, ex-ministro de Estado, lançou uma ofensiva em prol de uma reforma agrária de tipo cubano. Na Bolívia, os manejos da embaixada de Cuba para a formação do Partido Agrário Nacionalista, destinado a defender os interesses do tiranete, foram tão ostensivos que provocaram um severo protesto de "La Nación", órgão oficial do governo boliviano. O Partido Comunista chileno se dispôs a desencadear uma greve geral no caso de os anticastristas se firmarem em Cuba. O Partido Comunista argentino também lançou uma campanha de recrutamento de dez mil voluntários para lutar na ilha. Assim, por toda parte, vão entrando em eferescência os comunistas (MAYER, A. de C. In: *Catolicismo*, nº126, 1961, p.03).

A movimentação de Fidel Castro, identificada pela Revista, em Cuba, somada às questões políticas relativas às potenciais reformas agrárias no Brasil causaram ondulações nas publicações da *Catolicismo* que passam, entre 1960 e 1961, a dedicar várias páginas de diversas edições aos referidos assuntos, o que pode ser indicativo de um crescimento considerável da preocupação de seus escritores que identificavam o perigo vermelho se aproximando cada vez mais. Há edições¹²⁴ em que afirmam explicitamente que o socialismo seria um perigo maior que o bolchevismo comunista para o Brasil, pois o primeiro teria mais chances de prosperar.

É importante, porém, reforçar que a situação política brasileira já era preocupação constante nas matrizes de pensamento veiculadas pela revista desde os seus primeiros números. As mudanças identificadas pela pesquisa, que possibilitam pensar a configuração de diferentes matrizes de pensamento, podem ser apontadas a partir dos focos de preocupação e das visões de mundo apresentadas por seus autores no decorrer do tempo.

¹²⁴CATOLICISMO. Entrevista em Roma do Cardeal Tien, do Arcebispo de Diamantina e do Professor Plínio Corrêa de Oliveira. In: *Catolicismo*, nº143, 1962, p. 03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0143/P02-03.html>>.

Por exemplo, se anteriormente as publicações se concentravam, em grande medida, em comentar o perigo comunista e seus avanços derivados da Rússia e da União Soviética para outros países, mencionando com menor frequência esse perigo em solo brasileiro, no final da década de 1960, é possível perceber uma mudança relativa, pois as publicações passam fortemente a comentar a presença comunista no Brasil.

Por exemplo, na edição 91, julho de 1958¹²⁵, logo na primeira página, aborda-se um tema que, até então, havia sido comentado com respeito a outros países, ou, de forma rápida, pelas publicações da revista: diretrizes da diocese para as próximas eleições, afirmando-se novamente a importância das tradições e observando que o Brasil é um país cujos fundamentos tradicionais seriam essencialmente católicos; portanto, deixando de ser católico, o Brasil perderia uma parte de sua própria identidade, a identidade dos indivíduos residentes no país, o próprio “ser brasileiro” é coadunado aos preceitos e práticas religiosas dos autores da revista.

Entre as orientações prestadas, é possível perceber uma busca, por parte dos responsáveis pela publicação, de construir uma esfera de ação e interferência com relação às ações políticas dos eleitores e leitores da Revista, de forma que o ato de votar, que tem sua dimensão política, seja mesclado com aquelas práticas religiosas relacionadas às construções discursivas e princípios apresentados, os quais se infere que sejam parte das visões de mundo de seus autores e responsáveis.

Os leitores são orientados a negarem “seu voto a partidos que sejam contrários à indissolubilidade do vínculo conjugal¹²⁶, ao ensino religioso¹²⁷, à assistência espiritual às forças armadas, a hospitais e prisões etc.” (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº 91, 1958, p. 01). Afirma-se, também, que, sendo a Igreja definida como a “tutora da Lei Natural”, seria preciso apoiar candidatos que zelassem pelo direito à propriedade privada e atuassem de forma a conservar a sociedade formada por classes desiguais, que cooperariam para o bem comum segundo os ditames da

¹²⁵ CATOLICISMO. diretrizes aos fiéis da diocese para as próximas eleições. In: Catolicismo, nº91, 1958, p.01. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0091/P01.html>>

¹²⁶ Ao fazer a transcrição de um artigo do Osservatore Romano, se observa que o socialismo destrói os fundamentos da família, favorecendo o divórcio e tirando sua força de matrimônio Cristão, diferente do direito natural, fundado na indissolubilidade do vínculo matrimonial (CATOLICISMO). In: Catolicismo, nº102, 1959, p.04).

¹²⁷ De acordo com o mesmo artigo, no socialismo o ensino seria função somente d Estado, com liberdade de ensino que consistiria em uma escola laica, neutra e agnóstica CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº102, 1959, p.04).

justiça e da caridade. Portanto, candidatos de programas socialistas ou comunistas não poderiam ser apoiados pelos católicos.

A matriz de pensamento vigente no período segue desenvolvendo temas relacionados à política brasileira e a seus desdobramentos devido às eleições, ao que se acrescem, posteriormente, os governos militares, por ocasião do Golpe de 1964. Na edição de número 123 (1961), os leitores são alertados sobre as consequências do comunismo no Brasil, em uma reflexão que projeta a imagem de um país no qual seguiriam sendo aprovados projetos e leis de orientação socialista, resultando em uma “bolchevização” do país.

Silveira (1961) identifica um lastro histórico¹²⁸ de ataques à propriedade privada no Brasil, que, em sua interpretação dos acontecimentos, estaria sendo abolida. Essa reflexão está relacionada com a revisão agrária paulista que teria sido aprovada, segundo a revista, naquele ano, abrindo precedentes para os próximos acontecimentos: intervenção total do Estado, congelamento dos aluguéis, reforma agrária para atacar a atividade agropecuária, reforma comercial, na qual os estabelecimentos de comércio seriam desapropriados, reforma industrial, em que o Estado iria nacionalizar as fábricas, e a propriedade privada industrial seria extinta. Por fim, viria a reforma educacional, em que os pais não teriam mais a propriedade dos filhos, que seriam retirados deles e entregues ao Estado.¹²⁹

É possível perceber o uso de um discurso intencional, que não é um episódio isolado, em que o autor busca coadunar as causas e princípios defendidos pela revista aos da população em geral.

Por meio dessa publicação, é possível perceber uma regularidade que é característica das matérias veiculadas nesse período. Seu autor projeta situações hipotéticas relativas a um futuro sincrônico, no qual supõe acontecimentos apresentados como consequências óbvias da reforma agrária, que, de acordo com as visões de mundo do autor, seriam do interesse de todos, pois iriam impactar em dois “dos maiores empecilhos naturais à “comunização” de um país: a propriedade e a família”, sendo os interessados “os agricultores, os comerciantes, os industriais, os

¹²⁸ Cunha Alvarenga, em matéria na mesma revista, afirma que Getúlio Vargas teria lançado as bases para o advento de um completo domínio totalitário no Brasil. (CUNHA, A. O agro-reformismo e a ala velha do Centro Dom Vital. In: Catolicismo, nº123, 1951, p.08. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0123/P08.html>>).

¹²⁹ SILVEIRA, P. V. X. da. Passo decisivo para bolchevizar o país. In: Catolicismo, nº123, 1961. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0123/P02-03.html>>

proprietários de imóveis, os pais de família e todos os que querem o bem do Brasil” (SILVEIRA, P. V. X. da. In: Catolicismo, nº123, 1961, p.03).

A presente pesquisa compreende que essa construção de um futuro baseado na possibilidade de um Brasil comunista não é compartilhada apenas pelo autor do artigo, mas também pelos outros membros envolvidos com a edição e redação da revista, uma vez que se optou por publicar tal conteúdo.

Além disso, o apelo ao “medo” de um futuro hipotético e caótico, projetado pela revista, passa a ser algo cada vez mais comum no que concerne aos conteúdos voltados à realidade brasileira, como na edição 123 (1961), em que se aponta que as crianças seriam tiradas de seus pais e entregues ao Estado, que se encarregaria de sua educação para não correr o risco de uma oposição futura ao regime socialista no Brasil.

Outros exemplos constantes, que podem ser citados, relativos a Cuba ou a outros países de regime socialista, seriam: perseguições religiosas aos cristãos, cerceamento da liberdade do ser humano, expulsão de padres estrangeiros, ataques à família e à propriedade privada, fábricas confiscadas pelo Estado, o fim das escolas católicas, entre outros.

Ao falar do caso brasileiro, há publicações¹³⁰ que chegam a afirmar que, no caso de o comunismo dominar o Brasil, as consequências para a família, vista como viga central da sociedade, seriam violentas. Por exemplo, os pais de família que resistissem à “profanação” de seu lar estariam sujeitos a serem mortos enquanto as filhas e esposas ficariam expostas à violação, ao mesmo tempo em que os núcleos familiares perderiam suas propriedades, sendo arruinados e destruídos.

Na edição de número 127 (1961), o comunismo é novamente conceituado, dessa vez, como uma seita filosófica que quer “conquistar o mundo todo para sua maneira de pensar, de querer e de ser” (MAYER, A. de C. In: Catolicismo, nº126, 1961, p.03). Para conseguir tal conquista, os comunistas se mobilizam em “partidos”, como um meio de organização política para sua meta universal.

O sistema comunista é o materialismo levado a suas últimas consequências. Afirma o marxismo que só existe a matéria. Não há Anjos nem demônios; não há alma espiritual nem Deus. O homem é pura matéria. Uma força misteriosa impele esse universo material num processo de desenvolvimento irreprimível, numa evolução irrefreável. Da matéria anorgânica emanou a vida, da planta

¹³⁰ SIGAUD, G. de P. Catecismo Anticomunista. In: Catolicismo, 140, 1962, p.05-06. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0140/P04-05.html>>.

nasceu o animal. Entre os animais houve um aperfeiçoamento lento e constante, até que apareceu o animal atualmente mais perfeito, cujo cérebro apresenta o mais alto grau de desenvolvimento. Este animal se chama homem. Com o tempo, o mesmo processo produzirá outro ser mais perfeito, [...] deverá surgir um outro ser, um «super-homem», tanto mais perfeito do que nós quanto nós somos mais perfeitos do que o macaco. Esta evolução não tem limites (MAYER, A. de C. In: *Catolicismo*, nº126, 1961, p.03).

Mayer (1961) também faz uma projeção para esse futuro, que dialoga com aquela descrita por Silveira (1961) em publicação anterior: a moral seria relativa, pendendo ao bem-estar individual, não haveria ordem natural com suas obrigações, direito natural nem autoridade legítima; haveria a destruição da Igreja, das classes sociais e da hierarquia social, somadas ao que se define como uma ditadura do proletariado, em que este supostamente assumiria o domínio absoluto, em que todos seriam iguais (igualitarismo completo, nivelamento social), destruindo, assim, os direitos de herança, a família, as elites, a propriedade privada e as tradições. Segundo essa visão de mundo, seria a negação completa da Religião Católica, uma vez que se busca destruir tudo o que ela prega, pois o comunismo é ateu, implacável e imoral.

Essa publicação do autor ainda se refere ao movimento como advindo dos sectários de Karl Marx, atribuindo-lhe a alcunha de uma “esperança satânica” de realizar um paraíso na terra, sem Deus, sem Cristo, sem a Igreja e sem a autoridade. Com base nessa afirmação, pode-se refletir que o autor faz associações entre o “mal a ser combatido” em oposição ao que viria de Deus e que seria “bom”, buscando comunicar uma dualidade aos leitores da revista, influenciando as visões de mundo dos que acompanhavam a revista sobre o comunismo enquanto um inimigo, um adversário de Deus.

Seguindo com a análise, pode-se apontar que o uso do termo “esperança satânica” relaciona-se, aqui, com a ideia de “Satanás”, que, segundo Schiavo (2002), partindo de uma perspectiva de estudos antropológicos e bíblicos, pode ser relacionada à imagem do demônio, sendo também um reflexo da forma como as pessoas percebem a si e ao outro em um dualismo que leva a uma classificação do “nós” como humanos e eles, os “não humanos”.

O uso dessa alcunha é considerado significativo, uma vez que, tal como afirma Schiavo (2002), esse termo (assim como demônio, Belzebu, Belial etc.) é também uma forma de enfatizar a si e aos outros, visto que a sociedade não descobre seus outros, mas os constrói, o que contribui para elaborar e solidificar uma identidade coletiva que pode, contudo, levar a justificar, em nome de Deus e da religião, o conflito

e o combate. O próximo passo desse processo, de acordo com o autor, é elevar o conflito histórico ao nível sobrenatural e cósmico, legitimando, por meio de interpretações daqueles que dialogam com a religião, a demonização de grupos sociais compreendidos como inimigos.

Nesse mesmo sentido, há também a publicação feita por Sigaud (nº140, 1962, p.05), na qual o autor demonstra, na visão de mundo exposta, uma interpretação de que o comunismo teria criado por Satanás, aquele que representa o mal. Apesar de se afirmar, em várias publicações, que o comunismo tem um caráter ateu, que nega a existência de Deus, segundo a interpretação desse autor, o comunismo seria uma forma de levar os indivíduos à perdição, fazendo com que se rebelem contra a ordem constituída por Deus e resultando em um inferno na terra e na eternidade.

Os recursos retóricos usados nessas publicações exemplificam a atribuição de uma dimensão religiosa relacionada a aspectos políticos, contidos nas interpretações desenvolvidas pelos autores (MAYER, nº126, 1961 e SIGAUD, nº140, 1962). Esse aspecto também pode ser percebido ao longo das edições. Não se trata de uma questão apenas política, mas também moral, que carrega em si a cosmovisão do “ser cristão”, daquele indivíduo que é bom e crê em Deus e que deve, então, lutar contra o que é identificado como mau, que vai contra a identidade e os princípios daqueles que são cristãos.

O comunismo é uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e no Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo, implantando um Estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que se esqueçam de Deus e da eternidade (SIGAUD, G. de P. In: Catolicismo, 140, 1962, p.04).

Oliveira também atribui essa dimensão religiosa à luta contra “o inimigo vermelho”. Pode-se observar um exemplo na edição nº 133¹³¹, em que o autor aponta a existência de dois preconceitos percebidos por ele no comunismo: o primeiro seria evolucionista (evolução das espécies) e o segundo, materialista. De acordo com a visão de mundo apresentada, essa “seita marxista” se opõe ao catolicismo, pois não crê na alma imortal, concentrando-se no mundo físico e partindo da noção de que não há diferenças entre o espírito e a matéria. Dessa forma, o Estado soberano composto

¹³¹ OLIVEIRA, P. C. de. Na perspectiva do próximo concílio: Algumas manifestações da desoladora confusão ideológica entre Católicos. In: Catolicismo, nº133, 1962, p. 03.

por proletários teria direitos totais sobre a humanidade enquanto fornece os bens materiais necessários para as massas que os produzem.

É importante destacar, ainda, que o socialismo também é identificado como um perigo, pois é percebido como uma marcha lenta ao comunismo, que, embora com uma “tática” moderada, que não recorreria ao mesmo tipo de violência bruta do comunismo, buscaria os mesmos objetivos: a abolição total das classes e da propriedade privada, devendo, por isso, ser combatido, uma vez que qualquer tipo de colaboração com elementos apontados pelo conteúdo da revista como socialistas/comunistas seria o mesmo que caminhar em direção ao triunfo do marxismo¹³², contribuindo para sua vitória.

Além desses fatores, também foi identificado, nesse período, um componente de preocupação dos autores com os rumos políticos do país em relação aos seus dirigentes. Na edição 130 (1961, p.02), por exemplo, expressam-se preocupações em relação ao futuro, dada a eleição de Jânio Quadros, demonstrando-se também a ciência de Oliveira sobre a existência de diferentes concepções de democracia por parte de cada partido político e de cada indivíduo.

O autor reafirma aqui o conceito de democracia cristã, derivado das palavras de Leão XIII, mas interpretado à luz das visões de mundo de Oliveira, sendo uma ordem que busca conduzir ao bem comum, “segundo a lei de Cristo, e desvinculada de qualquer forma de governo *in concreto*, é o ideal necessário de ação temporal de todo católico” OLIVEIRA, P. C. de., nº130, 1961, p.02.

Apesar de o autor insistir que essa noção particular de democracia não se relaciona com o âmbito político, também alerta que, ao usar o termo, não se deve associá-lo ou identificá-lo com algo contrário, como a “ordem anticristã” encarnada no comunismo. Oliveira atribui, portanto, um sentido político ao termo, apesar de declarar o contrário, assim como outros autores da Revista o fazem, de forma mais explícita em outros momentos, como quando Alvarenga (1962) declara que, ao observar o progresso do comunismo no mundo (desde a Segunda Guerra Mundial), este se deve “mais à política suicida dos responsáveis pelos destinos dos povos livres, do que à pugnacidade dos líderes vermelhos” (ALVARENGA, C. In: Catolicismo, nº133, 1962, p. 01).

¹³² Não é pretensão desta pesquisa aprofundar conceitualmente as diferenças existentes entre as visões de mundo apresentadas pelos autores e a teoria marxista em si. Por essa razão, a análise segue tendo como foco as publicações da revista e as visões de mundo por ela veiculadas intencionalmente.

Nesse período, foi identificada uma preocupação acentuada com o futuro socialista/comunista no Brasil, elemento que também caracteriza a matriz de pensamento da década de 1960. É possível, então, perceber que os conteúdos veiculados são frequentemente associados com a perspectiva da possibilidade de ocorrerem reformas agrárias no país.

Esse tópico é fortemente abordado pelas publicações da época, de forma constante e em profundidade, dedicando-se páginas e, por vezes, diferentes espaços (de mais de um autor) na mesma revista. Com o índice temático elaborado para esta pesquisa, foi possível identificar que, a partir da edição nº117 (setembro de 1960), o tema fica mais frequente, especialmente no que tange ao artigo “Revolução e Contra-revolução”¹³³ de Plínio Correa de Oliveira, que, de acordo com o *site* Plínio Corrêa de Oliveira¹³⁴, foi publicado em partes na revista: primeiro, em abril de 1959 (partes I e II), depois, em janeiro de 1977 (parte III) e, por fim, em 1992 (posfácio).

Na edição 133, por exemplo, Freitas (1962)¹³⁵ identifica que, no Brasil, havia uma efervescência de ações a favor da reforma agrária, conceituando-a como um movimento expropriatório em larga escala com tendências a extinguir as grandes e médias propriedades rurais, fracionando-as em pequenas terras. Na mesma edição, Aubertin observa que as edições anteriores focavam com maior profundidade nessa revolução no plano internacional. Contudo, o que antes era tido como um fogo lento no Brasil estaria, naquele momento, virando um incêndio alarmante, com progressão superior aos outros países.

No período, há também o aumento da frequência nas publicações a respeito dos católicos progressistas, o que pode evidenciar um acirramento da cisão entre as formas de pensamento dos autores envolvidos com a Catolicismo e essa outra parcela do clero. Novamente afirmando sua própria identidade coletiva frente ao outro, há indicações de que o comunismo atua sobre a Igreja Católica no Brasil, buscando aumentar seu poder.

Na edição do mês de abril, por exemplo, Santos (1964)¹³⁶ faz claras referências ao grupo que trata pela alcunha de “clero progressista”, afirmando que

¹³³ OLIVEIRA, P. C. de. *Revolução e contra-revolução* [1959]. 4. ed. São Paulo: Artpress, 1998. Disponível em: <<https://www.pliniocorreadeoliveira.info/RCR01.pdf>>.

¹³⁴ *Revolução e Contra-Revolução*. Plínio Correa de Oliveira. [s/d]. Disponível em: <https://www.pliniocorreadeoliveira.info/RCR_0000_indice.htm>. Acesso em: 22 de julho de 2024.

¹³⁵ FREITAS, L. M. de. *Reforma Agrária: absurdo econômico*. In: *Catolicismo*, nº133, 1962, p. 05.

¹³⁶ SANTOS, J. A. *Nova Et Vetera: Fátima e o comunismo*. In: *Catolicismo*, nº160, 1964, p.03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0160/P02-03.html>>.

buscam dialogar com o comunismo, embora esse seja incompatível com o catolicismo, pois seria um inimigo da “ordem natural” e dos direitos deixados por Deus, como a propriedade privada.

Contudo, para que isso ocorra, há também decisões a serem tomadas por aqueles que, de acordo com as visões de mundo veiculadas intencionalmente no período, o comunismo busca envolver, criando a corrente católica progressista, católico socialista ou, ainda, católicos comunistas. Esse movimento, qualificado como uma estratégia do comunismo, era realizado visando desorientar e desunir os católicos e jogá-los contra outros “adversários naturais do comunismo, como os proprietários, os **militares**, as autoridades constituídas, para dividir e destruir” (SIGAUD, G. de P. In: Catolicismo, 140, 1962, p.04) qualquer oposição ao Partido Comunista.

Para isso, entre as estratégias elencadas por Sigaud (1962, p.04)¹³⁷ estariam a persuasão dos católicos identificando a religião e seus objetivos, o favorecimento de modas e costumes imorais para minar a família e fomentar antagonismos entre as classes. O autor também afirma que, ao conquistar essa parcela dos católicos, indicando que, em sua interpretação, essa adesão ocorreu, o comunismo supostamente buscaria envolver os católicos com o Partido Comunista, afastar a hierarquia e os católicos que apresentassem resistências, sendo possível até matá-los, liquidar líderes católicos e separar a Igreja do país.

Além de apontar estratégias do comunismo na busca de aumentar seus adeptos entre os católicos, em 1963, a revista passa a aprofundar argumentos sobre a “esquerda católica”, demonstrando suas visões de mundo que relacionam o progressismo aos movimentos socialistas/comunistas ou de esquerda, que já teria sido “enganada”. Nesse ano, as publicações intensificam suas críticas ao que se aponta como interpretações erradas ou distorcidas desse segmento sobre a situação política brasileira, as alternativas apontadas por esses católicos¹³⁸.

Em 1964, após o Golpe Militar, essas diferenciações entre os “verdadeiros católicos” (nós, Revista Catolicismo) e os católicos progressistas (eles) passam a ser

¹³⁷ SIGAUD, G. de P. Catecismo Anticomunista. In: Catolicismo, 140, 1962. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0140/P04-05.html>>.

¹³⁸ Um exemplo dessas opções seria o que as publicações da revista Catolicismo chamam de “terceira posição”. Essa posição, segundo a interpretação dos autores da revista tentaria se colocar como “nem comunista” e nem “capitalista”, mas que na realidade estaria aberta à diálogos com o comunismo e o socialismo, abrindo então precedentes e pendendo para à esquerda.

aprofundadas ainda mais, em uma tentativa dos autores de denunciar e esclarecer a todos o quão o segmento progressista da Igreja estaria relacionado ao socialismo, ou pendendo politicamente para este. As publicações da revista apontam a existência de uma “terceira força Cristã” ou “terceira posição”, que, ao buscar resoluções para os problemas sociais, apoiados em suas interpretações dos princípios religiosos, encíclicas etc., carece definir solidamente sua identidade, afirmando não serem nem capitalistas nem comunistas, mas democratas-cristãos.

Seguindo a linha argumentativa desenvolvida nas páginas da *Catolicismo* nesse período, esses cristãos progressistas apontariam como forma de resolução dos conflitos sociais uma socialização que evitaria os extremos socialistas e os liberais, visando uma distribuição efetiva das propriedades e um movimento de interdependência. É possível perceber que as visões dos autores, elencadas pela revista, criticam essa posição por sua atitude em relação ao capitalismo, o regime de propriedade, buscando uma posição em teoria mais equilibrada, mas na prática abria espaços para diálogos com o socialismo e as esquerdas, assim como sua colaboração.

A verdade é que quem se empenha em reformar as estruturas sociais sem admitir a terrível realidade da conspiração revolucionária, que se desdobra em todos os campos para destruir a civilização cristã e desviar cada homem de seu fim último, que é Deus, — esse acaba sendo instrumento e vítima da Revolução. É o que se dá com a terceira-força ao sonhar com a saída colateral da "socialização [...]". Nesta hora decisiva, em que o Leviatã socialista desfere golpes mortais contra os últimos contrafortes da cidade católica, constitui o cúmulo da desorientação fazer, sob pretensa "cobertura doutrinal da Doutrina Social da Igreja", pacto de amizade com os inimigos do nome de Deus" (VITA, G. M. In: *Catolicismo*, nº165, 1964, p.02).

Em sua preocupação com os rumos políticos e morais do Brasil, que inclui os seus dirigentes e o peso que suas decisões políticas poderiam acarretar, nas edições da revista também são expressos os movimentos concretos realizados por seus autores em prol da missão de “proteger” o país, segundo seus desígnios particulares, o que é considerado, por esta pesquisa, um indicativo da busca dos autores para obter margens de ação que se projetassem para além das páginas da *Catolicismo*. Como exemplo disso, além das publicações de Oliveira, como “Revolução e Contrarrevolução” e “Reforma Agrária questão de consciência”¹³⁹, há

¹³⁹ OLIVEIRA, P. C. de, et all. *Reforma Agrária questão de consciência*. Nelson Ramos; 1ª edição, 2010, 318 p. Na obra, Oliveira, em colaboração com outros autores, buscam alertar em profundidade sobre, com base em suas interpretações sobre a situação social e política do Brasil, as reformas agrárias

também um manifesto, que foi encaminhado ao legislativo federal, elaborado pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, com 27.000 assinaturas, a favor de uma reforma agrária segundo os princípios de "Reforma Agrária — Questão de Consciência"¹⁴⁰.

Essas iniciativas dos membros envolvidos com a publicação da revista, somadas com a divulgação ampla das ações e obras citadas, também evidenciam tentativas de intervir na realidade sociopolítica, religiosa e cultural. Portanto, o teor conservador das publicações vai além do que se refere à vida privada religiosa de seus adeptos, chegando diretamente ao âmbito político, que é público, e afeta a população mais ampla, como foi o caso do I Congresso Latino-Americano de Estudantes Secundários Anticomunistas, realizado em São Paulo, de 21 a 29 de janeiro, por iniciativa da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade.¹⁴¹

Na década de 1960, foi possível perceber, em grande medida, a afirmação da identidade pretendida pela Catolicismo e das identidades daqueles que seriam os outros. Considerando que, nessa década, os jornais e folhetins eram meios de comunicação com muita potência e alcance do público leitor, destaca-se a importância de uma revista como a Catolicismo e da identidade cristã, amplamente divulgada por ela, contrapondo-se ao “esquerdismo católico” presente em um momento que é apresentado ao leitor pela revista como uma crise política no Brasil.

Ao abordar o discurso e seu papel social, que vai além do que é simplesmente falado ou escrito, Ianko (2015) ressalta que, durante a década de 1960, o anticomunismo e a regularidade discursiva do tema criaram condições para emergir um “saber anticomunista”. A presente pesquisa compreende que, nesse sentido, os grupos envolvidos com os processos editoriais da Catolicismo eram mais uma configuração em interação com outros meios impressos no período que, assim como afirma Ianko (2015), tinham seus projetos para ensinar e esclarecer aos leitores e a si mesmos sobre as possibilidades do comunismo. Somam-se a essa ideia também as orientações da revista sobre o que vigiar e como engendrar ações preventivas,

socialistas e confiscatórias da propriedade privada no final da década de 1950 e na década de 1960.

¹⁴⁰ Informações fornecidas pela revista Catolicismo. (CATOLICISMO. Os autores de RA- QC entregam ao legislativo federal manifestos com 27 mil assinaturas. In: Catolicismo, nº152, 1963, p.08. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0152/P08.html>>).

¹⁴¹ Para maiores informações: CATOLICISMO. TFP promove congresso de estudantes anticomunistas. In: Catolicismo, nº195, 1967, p.08. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0195/P08.html>>.

divergentes e até mesmo combativas a tudo o que era associado a esquerda/comunismo/socialismo.

Além de identificar e denunciar seus “inimigos” e os aliados ao socialismo/comunismo, indivíduos infiltrados ou, ainda, enganados por ele, a revista também elenca diversos segmentos cujas ações divergem das suas na luta contra o comunismo, evidenciando que percebem a existência de uma configuração social cujos objetivos caminham em uma direção similar. Dessa forma, apesar de escrever segundo seus próprios desígnios, é possível perceber que sua movimentação é sensível às outras configurações que os cercam, então pode-se inferir a existência de uma pretensão de demonstrar a expansão de parcelas da população contrárias ao comunismo, consideradas em alguns momentos como aliadas da revista nessa empreitada, assim como a busca por coadunar os desígnios dessa população mais ampla aos seus próprios.

Nesse sentido, é importante salientar que um elemento primordial para que um movimento não só alcance o público alvo, mas também passe por expansões, é o engajamento de vários indivíduos, guiados por aspectos convergentes. Com base nessas considerações e nas observações de Ianko (2015) sobre a emergência de dispositivos anticomunistas na época, é possível até mesmo pensar no anticomunismo como uma configuração mais ampla, com a qual se relacionam vários grupos sociais (outras configurações), dentre esses, a Revista Catolicismo e o grupo a ela associado, assim como os grupos militares atuantes no decorrer da Ditadura Militar.

A edição de número 195 (1967) também elenca outras configurações com as quais os autores e os envolvidos com os processos editoriais da Catolicismo e a TFP dialogam e apresentam desígnios convergentes. Por exemplo, a respeito da realização do I Congresso Latino-Americano de Estudantes Secundários Anticomunistas, em matéria, afirma que, para além dos jovens de todo o Brasil que participaram de Semanas de Estudos, o Congresso também teria contato com o apoio e a colaboração das revistas "Cruzada"¹⁴², de Buenos Aires, e "Fiducia"¹⁴³, de Santiago do Chile, que teriam enviado estudantes argentinos e chilenos.

¹⁴² Conforme citado anteriormente, Ianko (2015) observa que as Revista Catolicismo e Cruzada colaboraram para a elaboração e a difusão de um imaginário anticomunista, contribuindo também para demarcar e justificar algumas ações conservadoras e autoritárias ocorridas no âmbito político do Brasil e da Argentina.

¹⁴³ Em seus estudos sobre a transnacionalização do integrismo tefepista, Zanotto e Bustamante (2021)

Essas referências são significativas acerca da matriz de pensamento identificada nesse período, pois a situação política no Brasil também teve ecos em outros países da América do Sul. É possível perceber que, durante a década de 1960, aumentam também em frequência as análises e publicações da revista sobre outros países da América do Sul, sobre a expansão comunista e as medidas de contenção desta, assim como grupos cristãos atuantes nesse período, como a TFP argentina e a TFP no Chile.

Esse movimento da revista é sintomático, não somente sobre o quão as publicações não se encerravam somente em tópicos de ordem religiosa, mas também sobre como seus autores eram cientes da abrangência da situação política brasileira na empreitada contra o comunismo para o restante da América do Sul e sua percepção sobre as convergências desse combate com seus próprios desígnios. Na América do Sul, entre 1950 e 1970, ocorreram diversos episódios (Golpes de Estado), que interferiram e interromperam a democracia, com a participação da política dos Estados Unidos, país já elencado como aliado pela revista. Esses episódios levaram ao poder grupos militares¹⁴⁴, tendo também interferência, conforme salienta Simon (2021), da ditadura brasileira que teria ajudado a golpear a democracia no Chile por meio de um conjunto de ações de agentes do Estado brasileiro, frutos de uma política de Estado para enfraquecer e subverter o poder então constituído no Chile.

É possível notar um esforço dos autores da revista em demonstrar ao público leitor do período a força que a Catolicismo estaria ganhando junto de outros segmentos sociais e o quanto estaria contribuindo para esclarecer as artimanhas comunistas por eles identificadas, no Brasil¹⁴⁵ ou em outras localidades. Desde os seus primeiros números, a revista elenca reações de leitores, membros do clero, figuras políticas nacionais e até mesmo internacionais sobre os conteúdos publicados, às vezes negativos, mas, em maior medida, reações positivas ou republicações de suas produções. A isso se soma a coluna “Escrevem os leitores”, na qual, desde sua

explicam que Fíducia foi criada em 1962 por estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Santiago e inspirados pelo tradicionalismo católico, realizavam também publicações.

¹⁴⁴ Informações retiradas da fonte: Ditaduras Militares na América do Sul. Memórias da Ditadura, [S/D]. Disponível em: < <https://memoriasdaditadura.org.br/aula/ditaduras-militares-na-america-do-sul/>>.

¹⁴⁵ Um exemplo pode ser citado na revista de número 157, na qual se fala sobre uma interpelação de estudantes mineiros, paulistas, cariocas, paranaenses, cearenses e gaúchos ao Deputado André F. Montoro a respeito da chamada “terceira posição”, nem capitalismo e nem comunista. A publicação afirma que houve a adesão de mais 800 cariocas, que teria sido noticiada por diversos jornais pelo Brasil (CATOLICISMO. Reforma agrária questão de consciência em 30 dias. In: Catolicismo, nº157, 1964, p.06. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0157/P06-07.html>>).

primeira edição, veicula reações dos leitores aos conteúdos elencados, seja de cidadão brasileiros ou de outros países, inclusive em seu idioma original, sem traduções. Esse movimento se soma também às referências já citadas sobre diálogos e colaborações, por exemplo, com a Sociedade Argentina de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, com a Sociedade Chilena de Defesa da Tradição, Família e Propriedade e com o Núcleo Uruguaio de Defesa da Tradição.

Portanto, há um conjunto de configurações militares no período, percebidas pelos membros da TFP como aliadas, cujas ações convergiam para instaurar e manter gestões políticas de caráter militar, cujas medidas eram reativas e combativas mobilizando, inclusive, meios violentos no combate ao inimigo identificado como comunismo. Nessa conjuntura, atuava então a Revista *Catolicismo*, endossando e buscando legitimar as medidas desses governos, contribuindo para a difusão não só de sua linha argumentativa anticomunista, mas também impulsionando a noção de que as medidas desses governos se relacionam, também, com os princípios Cristãos e com os ensinamentos de Deus aos indivíduos.

Dessa forma, a presente pesquisa compreende que seus autores identificavam, nos grupos militares envolvidos com o golpe de 1964, uma configuração convergente para os seus desígnios, chegando a afirmar que a gestão de João Goulart estaria supostamente preparando o país para ser entregue à Rússia, uma suprema traição. Nesse sentido, a edição publicada em abril de 1964 é sintomática sobre a correlação que seus autores estabelecem com os grupos militares e seus desígnios declarados naquele momento, inclusive a violência dessa tomada do poder. Sigaud (1964) *apud* Revista *Catolicismo* (1964)¹⁴⁶ chega a afirmar que seria possível ver a Pátria escravizada, por isso aquele movimento significava para os verdadeiros católicos “um brado de convocação às armas para a defesa da Pátria” (SIGAUD, G. de P. In: *Catolicismo*, nº 161, 1964, p.06).

Como já citado, no mês de maio, a edição nº 161 dedica uma página completa a saudar as autoridades constituídas no Brasil e envolvidas com a queda/deposição de João Goulart, afirmando-se uma grande alegria naquele momento, que teria posto “a lume toda a fibra católica da Nação” (In: *Catolicismo*, nº 161, 1964, p.08), visto que Goulart, nessa interpretação dos acontecimentos, estaria

¹⁴⁶ No mês de abril, a Revista *Catolicismo* veiculou um discurso feito por Sigaud em Belo Horizonte. SIGAUD, G. de P. Oportunas declarações de um grande prelado. In: *Catolicismo*, nº 161, 1964, p.06. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0161/P06-07.html>>.

lamentando a falta de apoio popular às suas propostas de reformas de base socialistas.

As edições de 1964 demonstram compreender a existência de um alinhamento entre as ações dos grupos militares no ato do golpe de 1º de abril, esse elemento pode ser percebido, por exemplo, ao se afirmar que

O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, na qualidade de Presidente da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, manifestou-se através de telegramas às autoridades e a políticos em geral, louvando iniciativas de acordo com nossas tradições cristãs e alertando contra medidas que as ferem ou que golpeiam o direito de propriedade. Nesse sentido, o ilustre coautor de RA-QC se pronunciou junto ao Ministro Costa e Silva contra a devolução dos troféus da guerra do Paraguai, elogiou o fomento à iniciativa privada no projeto de reforma habitacional do Ministro Roberto Campos [...] (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº165, 1965, p.06).

A partir de citações como essa, pode-se apontar que os autores envolvidos com as publicações da Catolicismo percebiam relações entre suas visões de mundo e aquelas atitudes e declarações dos grupos militares envolvidos no combate ao comunismo, considerando também as referências a figuras militares, como Costa e Silva e o já citado Almirante Carlos Penna Botto.

Após a deposição de Goulart, segue-se um período, em 1965, no qual os autores voltam a concentrar as atenções em temas relativos ao comunismo em outros continentes, durante alguns meses, às repercussões e divulgações de interpelações de juventudes estudantis com relação a pedidos de posicionamentos de figuras religiosas sobre a expropriação de terras, entre outros temas. Esse fator pode indicar que, por um período de tempo, os autores da Revista possam ter identificado algum tipo de “suporte ativo” quanto à situação política do país, identificando Castello Branco e sua gestão como um governo que apoiava medidas contra o comunismo e o socialismo.

Contudo, apesar da declaração presente na edição nº371¹⁴⁷ de que o esquerdismo teria sido derrotado em 1964, ainda se destaca que este teria passado a utilizar técnicas de guerra psicológica no lugar do ataque e da abordagem direta, buscando influir sobre a opinião pública.

¹⁴⁷ CATOLICISMO. 1961-1981 - Vinte anos de lutas e vitórias em favor da propriedade privada. In: Catolicismo, nº371, 1981, p. 03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0371/P02-03.html>>.

Dessa forma, o tema da vigilância segue ativo e, no que se refere ao Brasil, concentra-se principalmente nos segmentos identificados pelos autores como figuras ou grupos progressistas, de esquerda ou comunistas/socialistas infiltrados no clero, afirmando ocorrer uma perturbação interna aos fiéis.

Na edição 175, por exemplo, é dito que o progressismo católico é uma ponta de lança do comunismo em meio aos católicos (MAYER, A. de C., nº175, 1965, p.04-05). Ainda que a Revista demonstre que há processos em que esses indivíduos desenvolvem uma visão deturpada do Cristianismo, crendo em uma civilização utópica, tornando-se marxistas sem perceber, por meio da baldeação ideológica que ocorre de forma paulatina, pelas tentativas de “diálogo” dos grupos de esquerda, esse movimento é tido como nocivo.

Esse período mais voltado para outros temas, como o comunismo internacional, não é longo, e a necessidade de vigilância segue frequente, com denúncias de possíveis investidas, estratégias de convencimento (violentas ou não) e ações que poderiam ser sinais de potenciais movimentos comunistas ou socialistas no Brasil, especialmente no que se refere aos católicos progressistas. Cita movimentos como a Ação Popular¹⁴⁸, de alguns ex-membros do Centro D. Vital¹⁴⁹ e de outros segmentos relacionados à Juventude Universitária Católica (JUC) e à Juventude Operária Católica (JOC), e, na segunda metade da década de 1960, a Igreja Conciliar. Esse termo é muito usado para descrever setores da Igreja Católica que, após o Concílio Vaticano II, teriam buscado trabalhar com reformas e diretrizes para “atualizar” a Igreja, de forma a lidar com as questões do mundo moderno, o que poderia incluir desde mudanças litúrgicas (como as missas rezadas em latim) até uma ênfase em temas relacionados com a justiça social e com os direitos humanos.

No número 200 da revista (1967), Mayer elenca que o progressismo seria um modernismo aperfeiçoado, que busca adaptar a Igreja ao evolucionismo e à outras correntes filosóficas, científicas e sociais. Daí deriva, segundo a publicação, sua simpatia por elementos relacionados ao comunismo, ocorrendo um relaxamento moral

¹⁴⁸ Derivada de membros da JUC e que, segundo as informações veiculadas pela revista, teria inspiração socialista, abrindo brechas para o diálogo com o comunismo e com as possibilidades de reformas agrárias, se preocupando com os rumos políticos do país.

¹⁴⁹ “Esta folha por diversas vezes denunciou os namoros com o socialismo da ala velha do Centro D. Vital — patriarcas do “esquerdismo católico” em nossa terra: suas simpatias pelas soluções socializantes, a indulgência “caridosa” para com os excessos a que elas conduziam, e a fúria implacável contra os que se opunham a estas soluções (TORRES, A. B. Ação Popular, capítulo deplorável na história do Brasil católico. In: Catolicismo, nº183, 1966, p.04. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0183/P04-05.html>>.

e desvirtuando os princípios cristãos, tecendo críticas contra aqueles que se opõem.¹⁵⁰

De acordo com matéria veiculada pela revista (ALVARENGA, C., nº222, 1969), o progressismo nos meios católicos não seria um movimento desarticulado, mas teria raízes históricas em acontecimentos passados, sendo um processo que vinha se desenvolvendo desde o humanismo renascentista, passando pelas “seitas” do protestantismo e, então, pela Revolução Francesa, seguida pela Revolução Comunista. Da Revolução Francesa, teriam emanados o liberalismo e o igualitarismo político e social, rejeitando a monarquia e a aristocracia, o que seria, nessa perspectiva, o mesmo que negar o papado e a aristocracia eclesiástica.

De acordo com essas considerações expostas por Alvarenga (nº222, 1969), o progressismo não só aceitaria esses elementos, como também iria além, continuando um movimento de busca por uma igualdade econômica. Para o autor, esse processo chegaria então a sua fase comunista, atual naquele momento (década de 1960).

Relativamente à situação brasileira, Torres (nº183, 1966) afirma que o problema do comunismo e suas infiltrações no Brasil não havia findado com a intervenção militar. Dessa forma, ainda que grupos militares tivessem se movimentado para, em suas considerações, “salvar o país” e sua ordem sociocultural, política e religiosa, movimentações como as da Ação Popular ainda eram vistas por eles como um sinal de fumaça que apontava para o comunismo infiltrado entre membros da Igreja e que seguiria ganhando terreno por meio de estratégias e manipulações socialistas que, ainda que paulatinas, conduziriam ao comunismo.

Na edição de número 196 (1967), apesar da afirmativa de que o perigo comunista no Brasil, naquele momento, era remoto e que o Partido Comunista estaria desprestigiado e impopular devido às vozes que se ergueram contra ele a fim de alertar a opinião popular, Oliveira ressalta um real perigo, identificado como vindo da expansão contínua, rápida e às vezes velada de algumas formas do progressismo, seja socialista, cristão, demo-cristianismo ou “esquerdista”, de forma que

tende a derruir o instituto da família por leis e costumes que lhe arruínem a estabilidade, e desprestigiem a autoridade paterna ou materna. Ele vai minando e mutilando gradualmente a propriedade privada por uma série de leis de índole socialista e confiscatória. Assim, sem o perceber, por um

¹⁵⁰ MAYER, A. de C. Os progressistas, Le Paysan de la Garonne e o diálogo. In: Catolicismo, nº200, 1967, p.02. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0200/P02-03.html>>.

processo semelhante ao da erosão, o País vai perdendo seu húmus cristão, e nossa civilização cristã vai-se transformando em uma civilização socialista. Por sua vez, à medida que o socialismo for-se requintando e extremando, iremos nos aproximando do comunismo (OLIVEIRA, P. C. de. In: *Catolicismo*, nº196, 1967, p.08).

Considerando que os autores da revista não percebiam como extinto o perigo comunista, também seguiam no seu apoio ao governo militar. Na edição número 191 (1966), novamente são publicadas saudações por ocasião da eleição de mais uma gestão da Ditadura Militar, de Marechal Artur da Costa e Silva (1967-1969), e outra vez são escritos votos para a Providência Divina munir o presidente para a orientação do Brasil seguindo os rumos da civilização cristã, pois o comunismo-progressista ainda estaria tentando afastar o país dos caminhos cristãos¹⁵¹.

A referida publicação também reafirma sua percepção de elementos religiosos naquelas ações de uma figura política que viria a ser um dos responsáveis pelo período mais repressivo da ditadura, em que se ampliou o aparato repressor e foram diversas as perseguições aos opositores do governo. As medidas de combate ao comunismo podem configurar um dos fios condutores que possibilitam, para os autores, essa identificação de desígnios e ações, uma vez que, segundo a publicação,

Tudo quanto é "anti" é negativo. E tudo quanto é negativo é destrutivo. Tal objeção resulta da ignorância de certas peculiaridades da linguagem humana. [...] O comunismo é o "anti" por excelência, pois nega todas as verdades da Religião e todos os princípios básicos da ordem natural como no-los ensina a Igreja. Ser anticomunista é portanto ser contrário ao "anti", à destruição. Negar o caráter positivo dessa ação contrária ao comunismo é o mesmo que negar o conteúdo positivo da atuação de um exército que repele a invasão inimiga, dos bombeiros que extinguem um incêndio, dos médicos que lutam contra alguma epidemia, etc. Uma sociedade como a TFP, que realiza uma considerável obra positiva de formação cívica da opinião pública, e de assistência à juventude moral e materialmente necessitada, pode — mais do que muitas outras entidades — afirmar a legitimidade e necessidade do anticomunismo. OLIVEIRA, P. C. de, *et all*. In: *Catolicismo*, nº203, 1967, p.01-02).¹⁵²

Portanto, o combate ao comunismo, para os autores do período, incluía diversas formas e agentes, e os grupos militares, nesse sentido, são tidos pelas publicações da revista como fundamentais. As publicações evidenciam, em seu conteúdo, que seus autores viam nesses grupos, além de grandes aliados, elementos

¹⁵¹ CATOLICISMO. A TFP saúda presidente eleito. In: *Catolicismo*, nº191, 1966. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0191/P08.html>>.

¹⁵² Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0203/P02-03.html>>.

essenciais até mesmo para o andamento do país, pois, nas edições 251-252 (1971), chega-se a afirmar que as grandes instituições são como as forças propulsoras de um país e no Brasil seriam a Igreja, as Forças Armadas, as associações de classe e as universidades.¹⁵³

Ter figuras políticas atuantes em posições de alto poder político, como a presidência, pode evidenciar que seus autores percebiam sua “luta” amparada e legitimada, bem como identificavam aliados fortes no combate ao inimigo comum; demonstrando, por essa via, apoio aos desígnios desses grupos militares, de forma que, em nome da TFP, se declara ainda que essas afirmações podem ser feitas sem temer a alcunha de “fascistas” ou “nazistas”, pois, mesmo durante o que é definido como o “apogeu nazifascista”, houve também um combate intenso nos meios católicos contra o “totalitarismo vermelho”.

No decorrer das publicações do ano de 1968, é possível perceber que os discursos veiculados pela revista também passam a elencar as ações do governo e das Forças Armadas como um alvo dos comunistas e de membros do clero progressista, evidenciando uma linha argumentativa que agora considera, ao lado da família, da propriedade privada, da existência de classes sociais e dos princípios tradicionais do catolicismo, aquele governo como parte constituinte e basilar da ordem social instituída a ser protegida dos “ataques vermelhos”:

SUBSCREVEMOS DE CORAÇÃO a Reverente e Filial Mensagem a Sua Santidade o Papa Paulo VI, difundida largamente pela imprensa, em que os membros do Conselho Nacional da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade: AFIRMAM sua inabalável fidelidade à Santa Igreja Católica Apostólica Romana e ao Papado; [...] 3. PROCLAMAM repelir o comunismo, cuja filosofia é ateia, e cujo sistema econômico-social totalitário e anticristão nega a família, suprime a propriedade e recusa uma harmoniosa e proporcionada hierarquia social [...] 5. MANIFESTAM graves apreensões pelos manejos e pelos desígnios de certa minoria organizada de eclesiásticos e leigos que se proclamam católicos. Com efeito: - essa minoria difama a generalidade dos Bispos e Sacerdotes, e deseja sujeitar a Igreja no Brasil à ditadura de um politburo de Bispos que apoie a subversão comunista; - essa minoria quer fazer uma agitação que derrube o governo, dissolva as Forças Armadas, instaure uma ditadura férrea, com tribunais de exceção, e, seguindo o exemplo do tirano comunista de Cuba, Fidel Castro, confisque os imóveis urbanos e rurais, as fábricas e as casas de comércio (CATOLICISMO. n.º212-214, 1968, p.03).

¹⁵³ CATOLICISMO. Que é a TFP? Como nasceu?. In: Catolicismo, n.º251-252, 1971. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0251-252/P04-05.html>>.

Esse movimento pode ser observado em outras publicações que procuram expor e aprofundar as ações de católicos progressistas, considerável foco das publicações no final da década de 1960. Por exemplo, ao falar sobre as ações do Padre Comblin¹⁵⁴, Alvarenga (nº222, 1969) demonstra uma consideração ao governo militar como parte dos elementos a serem protegidos, que estariam na “mira” dos progressistas. Para o autor, o sacerdote belga se manifestava contra arrendadores de terras e acionistas de empresas econômicas, elogiando o comunismo cubano, pregando a derrubada do governo por “grupos de pressão fanatizados” que manobram a opinião pública, e advogando em prol de uma revolução na Igreja, que anule a autoridade dos Bispos, da liquidação das Forças Armadas, da censura da imprensa, do rádio e da televisão e da instituição de tribunais de exceção para julgar quem for contrário à ditadura comunorreformista.

Essa afirmação também delineia uma interpretação por parte de seu autor que “subverte” os acontecimentos do final daquela década, no qual o país vivenciava o recrudescimento da Ditadura Militar com a instauração do Ato Institucional nº 5, que, segundo Motta (2020), representou um aprofundamento da ditadura que armou o Estado com poderes extraordinários e sem prazo de expiração, tornando a ditadura vigente “mais militar, mais autoritária, e reduziu o espaço para a atuação de aliados civis, embora estes continuassem presentes, só que agora em posição ainda mais subalterna” (MOTTA, 2020, p.196), além da violência repressiva.

Na ocasião do terceiro governo da Ditadura Militar, de Emílio Garrastazu Médici, cuja gestão apresentou uma política autoritária, com a intensificação da censura à imprensa e repressão à oposição política, a revista novamente apresenta uma publicação não só aplaudindo um discurso feito por ele, mas também destacando que se formou uma perspectiva de ter chegada a hora da verdade, trazendo alívio ao Brasil, que pôde “respirar, por fim, as primeiras lufadas de ar puro” (OLIVEIRA, P. C. de, nº225-226, 1967, p.07), afirmando ainda uma sincronia com o futuro presidente, para servir ao interesse nacional.

¹⁵⁴ De acordo com Guedes Neto (2020), Comblin foi um teólogo belga que virou padre na América Latina, teve vasta produção intelectual e foi professor de Teologia do INTER-Recife, Universidade Católica do Chile e da Faculdade de Teologia de Lovain-la-Neuve. Segundo o autor, ele buscou contribuir para um novo jeito de ser Igreja a partir dos pobres, tecendo críticas internas de uma Igreja Católica que estaria afastada da missão evangélica e, por ocasião de um estudo organizado por ele a pedido de Dom Hélder Câmara, sobre o documento base para a II Conferência Episcopal Latino-americana, foi atacado pelo setor conservador da Igreja Católica e por políticos anticomunistas e alinhados com a ditadura, passando a ser alvo de perseguições e vigilância permanente pelos órgãos de informação e repressão no Brasil.

Nessa mesma publicação, Oliveira (nº225-226, 1967, p.07) menciona três recortes de jornais que lhe dão base para apontar um fator de confusão e mal-estar no Brasil. O primeiro fala da Ação Popular, veiculando falas de um Procurador militar (cujo nome não é citado) que rotula movimentações do referido movimento como subversivas; o segundo, trata de três sacerdotes franceses que foram expulsos do país e o terceiro, de autoria de Gustavo Corção, faz comentários sobre esses padres, que, em suas palavras, com o apoio das Autoridades Eclesiásticas de Belo Horizonte e da CNBB difundiam o marxismo.

A presente pesquisa optou por citar essa publicação, pois considera que ela permite refletir sobre a interpretação e a mensagem que pode estar sendo veiculada por seu autor a respeito da censura imposta às oposições políticas e das ações repressivas citadas. A forma como os recortes são abordados possibilitam pensar uma forma de abordar as situações citadas, que, embora não se posicionem de forma clara, evidenciam que Oliveira demonstra, mesmo em parte, apoio às ações do governo, visto sua afirmativa de que esses recortes apontam escândalos que auxiliam a trazer à tona, cada vez mais, a infiltração comunista nos meios católicos brasileiros.

De acordo com o autor, uma das estratégias adotadas pela esquerda católica para se esquivar das medidas governamentais era apontar o Poder Civil como violador dos direitos da Igreja. Frente a essas situações, o autor observa que somente ações públicas e diretas seriam oportunas e que caberia também um apelo à Autoridade Eclesiástica para intervir. Caso não fosse atendido,

Creio que, então, o direito do Brasil à legítima defesa — direito inalienável e decorrente do mais fundo da ordem natural — inspiraria aos detentores do Poder Público outros meios de ação: prudentes e respeitosos sempre, mas também inteiramente decisivos (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº225-226, 1967, p.07)

Dessa forma, observa o autor, essas medidas não iriam ferir a opinião católica. Segundo a mensagem que o autor quer comunicar aos seus leitores, a doutrina católica não justificaria, no caso da ausência de medidas, que o país todo fosse deixado indefeso. Mais uma vez se podem observar princípios da doutrina católica, à luz da interpretação do autor, sendo usados para justificar medidas opressivas, e conclui: “O direito à legítima defesa — falo em tese — tem bastante amplitude para isto, segundo a moral cristã. É o que qualquer moralista sério sabe” (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº225-226, 1967, p.07).

De forma geral, nesse período, que engloba o final da década de 1950, passando pela década de 1960 e chegando à de 1970, foi possível formular a segunda matriz de pensamento identificada, considerando as matérias elaboradas e veiculadas pela Revista que apresentam foco em alguns temas, cuja recorrência é considerável:

- Do final da década de 1950 até meados da segunda metade da década de 1960, as publicações se concentram fortemente em expor ao público leitor os perigos relacionados às reformas agrárias no Brasil, elencando as possíveis consequências caóticas que essa agitação ligada ao governo de Jânio Quadros poderia encadear, elaborando a imagem de um Brasil tomado pelo comunismo, no qual os pilares (segundo suas próprias interpretações/noções) do catolicismo seriam combatidos e o individualismo reinaria, alimentando-se somente a vida terrena, desconsiderando a alma, Deus, a família etc. Além disso, buscou-se também alertar sobre a proximidade dos perigos socialistas/comunistas no Brasil e sua infiltração na Igreja.
- Na segunda metade da década de 1960 e na primeira metade da década de 1970, foi possível notar que a revista investiu fortemente em dois elementos: definir aliados (configurações políticas e civis nacionais e internacionais, como no Chile, Argentina e Uruguai) e expor os “inimigos”, configurados, nesse momento, na figura dos católicos progressistas, na Igreja conciliar e na esquerda católica.

Desse grande foco em definir aliados e inimigos a serem vigiados e combatidos, a revista também elabora, de forma profunda e demoradamente, sua própria identidade, afirmando e aprofundando o “verdadeiro católico”, anticomunista e tradicional. Ou seja, no ato de definir configurações sociais com as quais se mantêm relações, objetivos e desígnios em comum, como os governos militares no Brasil pós-Golpe (1964) e as TFP argentina, chilena e uruguaia, os autores envolvidos com a revista também acabam aprofundando uma definição de si mesmos como os verdadeiros católicos, os caminhos que esse segmento deve traçar e definindo alianças colaborativas que extrapolavam as fronteiras nacionais.

Além disso, os conteúdos elencados nesse período possibilitam também refletir sobre a possibilidade de os autores terem elaborado e difundido uma imagem de um comunismo relacionado à América Latina, ainda que se perceba a noção de

que esse comunismo, vindo de outros países, teria invadido a AL através do Chile. É possível perceber, ainda, que, ao falar do Brasil e de outros países da América Latina, não se insiste tão fortemente na noção do comunismo como somente derivado da Rússia por ocasião da Guerra Fria, como foi feito em grande medida no período relacionado à primeira corrente de pensamento, mas se fala sobre como esse mesmo comunismo estaria se espalhando no interior dos segmentos católicos.

Essa possibilidade toma forma a partir do grande foco atribuído tanto aos católicos progressistas do período, quanto à situação na América Latina, por exemplo, por ocasião da posse do candidato Salvador Allende Gossens no Chile, que teria empreendido uma experiência socialista no país, o que desencadeou uma reação conservadora, ao nível das revistas relacionadas às TFP do Brasil e dos outros países latinos, em que se articularam publicações, conteúdos e “esclarecimentos ao público”, culminando com uma saudação da Catolicismo aos grupos militares que atuaram em um movimento que pôs fim ao governo de Allende (1970 a 1973).

Dentre as reportagens do período, é reforçado, em diversos momentos, que o apoio dos católicos progressistas foi fundamental para que Allende ascendesse ao poder e que esse movimento implicava em uma invasão comunista para conquistar a América Latina usando o Chile como um portal. A edição de número 273 (1973) esclarece que o povo, agindo por meio das Forças Armadas, teria fechado as portas da América do Sul ao polvo comunista e seus tentáculos¹⁵⁵. Portanto, tal como foi a situação do golpe militar no Brasil, os autores da revista coadunaram os interesses do povo aos dos grupos militares, apoiando a difusão dessa noção de que os grupos militares eram portadores não só da salvação da nação frente ao comunismo, mas também das “vontades e anseios” da população mais ampla.

As publicações, em diversos momentos no decorrer desse “segundo espaço de tempo”, fazem alusões ao apoio de membros do governo militar em causas e ações empreendidas pela TFP, dados os seus desígnios em comum, o que pode indicar que o suporte advindo do “aparato” legal na empreitada anticomunista estaria vigiando e tomando medidas no combate ao comunismo em grupos civis em geral, restando aqueles grupos ligados à Igreja Católica que, segundo as elaborações dos autores, estariam mais “protegidos” por seu manto, pois a avaliação de suas ações estaria ligada, sim, à hierarquia e às autoridades da Igreja Católica em Roma.

¹⁵⁵ CATOLICISMO. Comunicado de imprensa. In: Catolicismo, nº273, 1973, p.06. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0272/P06.html> >.

Dessa forma, as publicações seguem com a caracterização dessas esquerdas católicas ou dos católicos comunistas/socialistas, assim como da Igreja conciliar, criando todo um objetivo subversivo para esses segmentos e elaborando, à sua própria maneira, os desígnios desses grupos. Grande parte dessa crítica está relacionada com as mudanças que esses grupos buscariam dentro da Igreja, o que implicaria em aberturas para diálogos com o mundo moderno, mas também se volta para outros elementos que os relacionariam ao comunismo/socialismo, como o objetivo da igualdade de condições materiais e da libertação do indivíduo, pouco importando a religião, o materialismo (com uma dedicação somente à vida voltada ao plano terreno) e o fim da propriedade privada.

Na edição 246, de junho de 1971, Mayer elucida que a crise pela qual a Igreja passa é promovida de dentro, das próprias fileiras católicas. Para o autor, essa crise implica uma subversão doutrinária total que resulta do que os teólogos definem como a “Nova Igreja”, abandonando a tradição e definindo-a como expressão de “um sistema filosófico particular, a escolástica, e especialmente o tomismo” (MAYER, A. de C. In: *Catolicismo*, nº246, 1971, p.02), adotando, então, uma nova filosofia ligada à filosofia moderna e introduzindo uma nova religião.

Ainda pensando no conteúdo elencado e divulgado sobre o progressismo católico, considera-se importante citar a edição nº 250, na qual Corrêa (1971) faz referências a mais uma configuração ampla, com a qual a TFP e os membros envolvidos com a Catolicismo estavam relacionados, no V Congresso Plenário da Liga Mundial Anticomunista (World Anti-Communist League WACL), cujo objetivo seria debater o avanço do comunismo em diferentes nações e coordenar esforços e estratégias das principais organizações e líderes anticomunistas¹⁵⁶. Para o autor, a ação dos católicos progressistas teria tamanho impacto a ponto de ser debatida em um congresso mundial, que teria aprovado uma resolução sobre a

[...] Atuação funesta do progressismo católico, o qual foi condenado como tendente a enfraquecer a reação do mundo livre contra a ofensiva vermelha. Lembra a resolução que ainda há pouco o progressismo permitiu aos

¹⁵⁶ De acordo com Corrêa (1971): “tiveram lugar o XVII Congresso da Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (Asian Peoples’ Anti-Communist League —APACL) e o III Congresso da Liga Mundial da Juventude Anticomunista (World Youth Anti-Communist League — WYACL). Participaram dos três conclaves 350 delegados e observadores, representando organizações de 53 países: havia delegações das mais variadas latitudes e longitudes — do Nepal à Argentina e da Noruega à Arábia Saudita e ao Lesoto. Esses congressos são anuais e reúnem-se de cada vez numa capital diferente” (CORRÊA, J. L. A. TFP participa de congresso mundial anticomunista nas Filipinas - II National Wanderer Forum. In: *Catolicismo*, nº250, 1971, p. 04-05).

marxistas chegar ao poder no Chile através de eleições. Para combater eficazmente a influência deletéria desses católicos, foram recomendadas pela resolução as seguintes medidas: - denunciar tais movimentos à opinião pública e aos governos do mundo livre, mostrando que sob a capa da Religião e da justiça social eles preparam o caminho para a ulterior vitória comunista; - urgir todos os movimentos cívicos e patrióticos do mundo a que defendem seus povos contra esse inimigo camuflado (CORRÊA, J. L. A. In: Catolicismo, nº250, 1971, p. 06).

A Catolicismo já estaria alinhada com essas estratégias e movimentações, por exemplo, ao se atribuir o papel de denunciar o comunismo à opinião pública por meio de suas matérias, bem como manter diálogos com as configurações relativas ao governo.

Com base nessas considerações, é possível refletir nas publicações da revista, até então, como manifestações de caráter conservador. Não só buscam prevenir o país e o mundo contra as mudanças identificadas por eles no abandono das tradições e no comunismo, como também realizam suas interpretações da realidade social e de suas questões à luz de cosmovisões historicamente enraizadas, reforçando, a todo o tempo, o apego às tradições como o remédio para essa crise subversiva.

O conteúdo do período sobre o progressismo, que pode ser interpretado também como um tipo de reação tradicional, é importante para desenvolver essa ideia. Por exemplo, ao falar do assunto na edição nº255, Oliveira (1972)¹⁵⁷ observa que este é ao mesmo tempo uma influência de caráter socioeconômico e teológico-filosófico, que quer extinguir da alma dos fiéis o “ideal tradicional da civilização cristã”, colocando em seu lugar um ideal de civilização comunista mais ou menos velado, em outras palavras, modificando-o de dentro, pelos próprios fiéis e membros da Igreja.

Avançando um pouco no tempo, a partir de 1974, a revista, em mais de um momento, volta seu foco às ações comunistas fora da América Latina, aos perigos desses avanços e às movimentações por parte da Rússia. Nesse período, é possível identificar esforços dos autores em elencar personalidades e grupos civis religiosos que se colocaram contrários aos avanços comunistas, novamente associando-os à Rússia, apontando entidades, instituições e personalidades políticas que poderiam abrir espaços para a infiltração comunista e discorrendo sobre avanços comunistas velados ou explícitos em outros países, como Angola, Chile, Itália, Portugal, França etc.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, P. C. de. Fósforos acesos, canivetes em chuva, e um grande bispo. In: Catolicismo, nº255, p.03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0255/P02-03.html>>.

Uma preocupação frequente, a partir da metade da década de 1970, refere-se às supostas aberturas do Vaticano ao diálogo com países cuja política dirigente é socialista. Há artigos que falam, por exemplo, sobre um episódio em que um órgão executivo da Conferência Episcopal do Estados Unidos teria feito um pedido para cessar o bloqueio econômico a Cuba e, em meio a isso, segundo as palavras do responsável pela chamada da primeira página da Revista, teria proposto “um boicote econômico condicional contra o Brasil e o Chile, alegando violações dos direitos humanos nos dois países” (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº285, 1974).¹⁵⁸

Além de qualificar esse ato como um violento ataque contra os governos do Brasil e do Chile na época, ainda se qualificou essa atitude do Episcopado Norte-Americano como algo contraditório e injusto, pois não teria pedido, em contrapartida, a mudança das atitudes totalitárias de Fidel Castro (governo de Cuba).

Esse conteúdo elencado na revista também pode ser tomado como sintomático com relação às posições da TFP brasileira, naquele período, sobre o governo ditatorial de ambos os países. Esse violento ataque (identificado pelo autor da matéria) aos governos citados não se detém em comentar nada a respeito da situação das violências cometidas pelos referidos governos, ao contrário, toma como foco a ausência de exigências do Episcopado com relação às movimentações e medidas de Castro em Cuba.

A presente pesquisa considera esse silêncio na Revista, com relação às violações e violências com a sociedade civil brasileira, como um posicionamento que converge para as atitudes tomadas pelo governo, pois, conforme citado anteriormente, as matérias da Revista Catolicismo, em mais de um momento, declaram a validade e legitimam o uso até de meios violentos para o combate aos inimigos da Igreja (por eles identificados).

E, malgrado a orquestração de calúnias contra o Brasil que — como faz contra o Chile — a propaganda comunista internacional promove, a ação vigilante e patriótica de nossas gloriosas Forças Armadas tem conjurado o perigo comunista em nosso País e assegurado aos brasileiros a paz e a ordem que os subversivos tentam perturbar (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº303, 1976, p.07).

Com essa visão de que a luta anticomunista no Brasil estava amparada por outras instituições, os autores da revista passam novamente a debruçar suas

¹⁵⁸ CATOLICISMO. A TFP dos Estados Unidos defende o Brasil e o Chile. In: Catolicismo, nº285, 1974. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0285/P01.html>>.

atenções, na segunda metade da década de 1970, também na “ofensiva comunista mundial”. Contudo, o comunismo no Brasil não passa a ser um tema ausente, pois, mesmo com as intervenções militares e com as afirmativas dos autores de que, no Brasil, os apoiadores comunistas fossem minorias, o comunismo ainda era identificado como um perigo latente que não estaria mais tentando obter espaços por meio da luta armada, mas por meio do convencimento silencioso, com estratégias que agiriam sobre as “formas de pensar” dos indivíduos suscetíveis.

A presente pesquisa compreende que essa abertura, ainda que supostamente pequena, identificada em meio aos grupos católicos brasileiros, poderia representar, nas visões de mundo compartilhadas pelos autores, um potencial portal para a infiltração do comunismo/socialismo na sociedade em geral, partindo da compreensão dos autores de que o catolicismo era tido como um dos elementos estruturais da sociedade em geral, uma das instituições que era vista como uma força impulsionadora da sociedade, ao lado de outras, como as Forças Armadas.

Dessa forma, assim como as vitórias do comunismo em um dos países da América Latina poderia representar um movimento que arrastasse o restante para esse “abismo”, a infiltração comunista em alguns segmentos do catolicismo poderia representar um incêndio perigoso para toda a população. Por essas e outras razões, o corpo editorial da *Catolicismo* teria se dedicado, por tanto tempo e com tamanha intensidade, nessa altura dos acontecimentos, durante quase 30 anos de existência, a expor ardis e estratégias desses grupos nocivos, bem como explicar a forma como, com a colaboração de grupos católicos progressistas, o comunismo poderia penetrar por qualquer abertura.

A esse respeito, na edição de número 307 (1976), é explicado pelo autor que, até a década de 1940, a Hierarquia Eclesiástica e dos fiéis compreendiam o comunismo como adversário da Igreja e de todas as pátrias, sendo uma meta combatê-lo. A partir de 1948, porém, é identificado um ponto de virada: uma forma de pensamento chamada de “política da mão estendida”, que possibilitava a infiltração discreta na Igreja, pois procurava tornar os católicos aliados ao comunismo no combate ao capitalismo, projetado como o responsável pela situação de desigualdade social e econômica.¹⁵⁹

¹⁵⁹ Informações disponíveis em: CATOLICISMO. Brasil – 1976 – A Igreja ante a escalada da ameaça comunista – apelo aos bispos silenciosos. In: *Catolicismo*, nº307, 1976, p.02-03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0307/P02-03.html>>.

Dessa forma, segundo a visão de mundo veiculada na revista, aqueles completamente convertidos passaram ao comunismo, e aqueles “semiconversos” ficaram na Igreja como pontes para a influência comunista. A questão de destaque é a noção de que esse movimento seria uma estratégia de dividir os meios católicos: “de um lado os que permaneceram fiéis à Igreja; de outro, os que ajudavam o jogo comunista. No centro, desnordeada, a imensa maioria católica” (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº307, 1976, p.03).

Esse movimento teria sido marcado, em grande medida, pelo Centro D. Vital e pela Ação Católica. No decorrer do governo de João Goulart, a referida matéria relata que personalidades católicas iam se articulando com militares e civis patriotas que queriam a salvação do país, enquanto, do outro lado, estaria o clima centro-esquerdista, com D. Helder Câmara à frente¹⁶⁰. Nessa conjuntura, um grupo junto a D. Antonio de Castro Mayer, Bispo de Campos (RJ), fundou a Catolicismo e posteriormente a TFP (1960).

Segundo a publicação, ao falharem por ocasião da intervenção militar que “salvou o país”, o contra-ataque comunista buscou apoio católico e levou Geisel, que assume em 1974, a denunciar a infiltração até em partidos políticos. Seguindo essa linha argumentativa, o sopro que mudou o país em 1964 não chegou aos meios católicos, pois, nas “áreas dominadas pela conferência nacional dos bispos do Brasil”, não se permitiu sua entrada regeneradora, movimento que abriria portas para a ação de Moscou.

5.3 Terceira matriz de pensamento: o avanço comunista à nível mundial, a efervescência dos movimentos católicos progressistas no Brasil e os novos temas em uma conjuntura diferente

Antes de iniciar as considerações sobre essa terceira matriz de pensamento, é importante destacar que as reflexões desenvolvidas pela presente pesquisa buscam

¹⁶⁰ De acordo com Wanderley (2007), ocorreram divisões internas ao Clero a partir do Concílio Vaticano II (1961-1965), a partir do qual setores da Igreja Católica Latino-Americana voltaram suas atenções para as massas populares. O autor observa que, nessa cisão teriam ficado: Conservadores liderados pelos bispos da TFP (Tradição Família e Propriedade) – que se posicionaram como partidários da Doutrina que tinha como intuito restaurar os dogmas católicos romanizados centralizando o poder na sede do Vaticano – e progressistas, representados pelo grupo de Dom Hélder Câmara – que apoiaram as camadas populares e combateram os abusos militares durante a ditadura, assim como lutaram pela redemocratização do país (WANDERLEY, 2007, p. 26-27).

apresentar matrizes que concentram temas e focos de “preocupação” concernentes aos diferentes períodos históricos em que o grupo relacionado com a revista *Catolicismo* realizou suas publicações.

As matrizes aqui pensadas são elaboradas considerando que os acontecimentos e documentos analisados pela pesquisa, quanto à realidade sócio-histórica e cultural concreta, na qual ocorrem os fenômenos estudados, não apresentam fronteiras explícitas que se separam como óleo e água, mas possibilitam pensar as variações e recorrências ou mudanças ao longo do tempo.

Com base nessas considerações, foi possível perceber, em meados do final da década de 1970, outros temas que começam a ser ocasionalmente abordados pelas publicações, mas que aumentam em frequência, conforme a passagem para a década de 1980 se aproxima, e que reforçam os diálogos das publicações com a conjuntura histórica mais ampla.

De forma geral, esses temas se referem às reações contra qualquer ação política que pudesse afetar a noção de indissolubilidade do casamento, a contracepção, o aborto e a eutanásia. No período em questão, esses temas estavam presentes na cena política brasileira. Pensando-se no aparato legislativo, por exemplo, antes da Lei do Divórcio (Lei nº 6.515/1977), os casais poderiam se separar, mas essa ação não dissolvia o vínculo matrimonial. Quanto aos temas contracepção, aborto e eutanásia, eles também começavam a ser inicialmente abordados ou os debates se ampliavam, como no caso dos métodos contraceptivos.

Outro tema que passa a aparecer nas páginas da *Catolicismo* é a possibilidade de a educação sexual ser implantada nas escolas brasileiras. Segundo as interpretações elencadas por Lopes (nº337, 1979, p.04), esse segmento da educação abordaria como um tabu as normas cristãs de vida:

a proibição de assassinar as crianças que começam a formar-se no ventre materno (aborto), a guarda da virgindade até o casamento, a proibição do uso de pílulas e outros meios de impedir a concepção, a condenação da homossexualidade, e outras (LOPES, G. V. In: *Catolicismo*, nº337, 1979).

Em conteúdos divulgados pela revista, são apresentadas aos leitores interpretações que fornecem um panorama sobre a legislação vigente e suas potenciais mudanças, mas vai além, relacionando esses temas com princípios religiosos, considerando que o fato de essas questões estarem sendo revisitadas, ou então iniciando alguns debates, devia-se à crescente paganização da sociedade, que

estaria reintroduzindo de forma “cada vez menos velada práticas que os séculos de civilização cristã haviam feito desaparecer por completo do mundo ocidental” (GALLIES, M. In: *Catolicismo*, nº312, 1976, p.04).

Além disso, também se aborda a distensão, segundo as revistas, promovida por Richard Nixon (então presidente dos Estados Unidos) com relação à União Soviética, que foi marcada por tratados relativos ao controle de armamentos e diálogos que buscavam a diplomacia. Na Revista *Catolicismo*, são apresentadas posições críticas nesse sentido, afirmando sua discordância e o perigo de tal posicionamento político ter em vista tanto o diálogo com o comunismo, quanto a força bélica russa.

Em uma perspectiva que toma de forma global as publicações do período, pode-se também empreender que a revista evidencia fortemente sua própria noção de democracia nesse período, concatenando seus princípios religiosos de forma rígida, com pouca tolerância ao que era diferente do que pregavam como o único caminho para a salvação e coadunando aliados a essa missão, incluindo aqueles em âmbitos políticos, pois, conforme afirmou-se em várias ocasiões, catolicismo e socialismo/comunismo eram noções opostas, que não poderiam compartilhar o mesmo espaço.

É possível pensar essa noção de democracia tomando a regularidade discursiva dos primeiros trinta anos da revista como algo que se desenvolveu com base em dicotomias. Por exemplo, ao se falar dos católicos progressistas,

[...] Os novos rumos que vêm sendo imprimidos à missiologia católica. Rumos que abdicam de converter as almas e os povos, para modelá-los segundo padrões de um neocomunismo destruidor das estruturas religiosas, culturais, sociais e econômicas, e disseminador de uma neobarbárie igualitária e despersonalizante (G. V. L., In: *Catolicismo*, nº326, 1978, p.05).

Dessa forma, a democracia seria cristã, respeitando as diferenças de pessoas e posses, legadas por Deus aos indivíduos, como algo sagrado que estrutura a sociedade, protegendo-se a liberdade de ser e ter, pois, segundo os conteúdos veiculados pela Revista, em uma nação comunista/socialista, não há liberdade, somente miséria, assassinatos, violências e a massa amorfa que a sociedade se tornaria.

Os autores da revista no período, que já não eram todos aqueles do início das publicações (os sócios fundadores da TFP), pois muitos faleceram ou mesmo se afastaram do corpo editorial, mantiveram a linha argumentativa anterior que buscava

denunciar qualquer fato, acontecimento ou elemento relacionado ao comunismo, adicionando-se a isso uma visão mais global, contudo podem-se notar algumas mudanças nos discursos apresentados.

Assim como na primeira matriz elaborada pela pesquisa, em que seus autores se voltaram ao comunismo como algo que emanava da União Soviética e da conjuntura da Guerra Fria, nessa terceira matriz, percebeu-se uma retomada desse aspecto, dessa vez relacionando os fatores sócio-políticos e culturais da nova conjuntura com os fatos que seus autores percebiam se delinearem.

Da mesma forma que na segunda matriz de pensamento, em que os autores denunciavam a situação do governo chileno como uma porta de entrada para o comunismo na América Latina, sob o risco de arrastar todos os seus países junto, essa terceira matriz mantém o movimento de apresentar o comunismo como um perigo articulado em nível mundial. Seguindo os moldes teórico-metodológicos selecionados para esta pesquisa, compreende-se que seus autores apresentavam o comunismo como uma figuração ampla, que, ao se espalhar a partir da Rússia, contamina vários países em um movimento crescente e agressivo.

Entretando, diferente do período anterior, no qual a revista, em geral, dedicava edições inteiras com foco no avanço comunista e demonstrava considerável apoio aos governos do período como aliados da luta anticomunista, nesse período, começam a aparecer outros temas em destaque, assim como eventuais discordâncias com algumas ações dos governos vigentes, até mesmo o brasileiro. Um exemplo disso, é o telegrama escrito por Oliveira ao presidente Carter, a Geisel e ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil pedindo que intercedessem em favor dos “fugitivos vietnamitas”¹⁶¹, pedido que teria sido supostamente recusado, declarando-se uma “atitude do Governo brasileiro ao rejeitar a solicitação das Filipinas para que fossem acolhidos em nosso território fugitivos vietnamitas” (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº337, 1979, p.08), o que, para Oliveira, contradizia o sentido cristão da política internacional brasileira propensa a manifestar bondade com outros povos.

Dessa forma, a equipe editorial da Revista se esforça por apresentar suas visões de mundo/grades de leitura da realidade social e política não só no Brasil, mas

¹⁶¹ Na conjuntura de 1970, o Vietnã passou por alguns conflitos políticos marcantes como, por exemplo, a invasão da China por ocasião da invasão do Camboja pelo Vietnã e a Guerra do Vietnã, conflito armado envolvendo as regiões norte e sul do país, que também correspondia a um confronto entre o regime comunista do Norte, contra o governo do Vietnã do Sul, que tinha como aliado os EUA.

também com relação aos governos de outros países, como o Vietnã, com a Guerra do Vietnã e a invasão pela China, Portugal com a Revolução dos Cravos¹⁶², França, África, China e os Estados Unidos, por exemplo, pela gestão de Dwight D. Eisenhower (1953-1961), John F. Kennedy (1961-1963), Richard Nixon (1969-1974), ao qual se apresentaram muitas críticas dada sua atuação que buscou reduzir as tensões com os governos Soviético e Chinês, e o último presidente na década de 1970, Jimmy Carter (1977-1981), com o qual a revista declara uma busca por diálogos, em prol dos refugiados de países com regimes comunistas.

Nas publicações dessa época, percebeu-se um movimento de pensar as relações internacionais entre vários países, suas mudanças de governos e novas políticas, mantendo como fio condutor o comunismo, novamente sob o enfoque soviético, mas adicionando frequentes considerações e alusões sobre as experiências de Cuba¹⁶³ e da China¹⁶⁴ e o pensamento crítico a quaisquer mudanças que, segundo suas interpretações, afetem a sociedade cristã, segundo seus preceitos.

Os comunistas, em todos os países, unidos por sua própria filosofia marxista e assim todos eles estão compenetrados e dedicados ao triunfo do comunismo através do mundo. O comunismo é uma guerra declarada contra Deus, contra a Igreja Católica, contra a Liberdade e os Direitos Humanos, e seus sequazes têm cometido em todos os países atrocidades desumanas. Por que, então, o comunismo continua a crescer? Eles usam, sucessivamente, táticas para convencer os povos de que o comunismo respeitará a liberdade e de que a Igreja não será perseguida. *Esta é a grande mentira* (W., G. S. In: Catolicismo, nº331, 1978, p.06)

O autor mantém a noção de que, se o comunismo chega ao poder, sua filosofia iria impor a destruição e a completa sujeição da Igreja e do povo. Por essa razão, esse movimento teria, nos indivíduos que professam a religião católica, valiosos aliados, dada a sua potencialidade de transformar a Igreja em um instrumento da conquista comunista.

¹⁶² De acordo com Varela e Fontes (2020) Portugal viveu a última revolução social de esquerda da Europa durante o século XX, que se iniciou com o golpe de estado do 25 de abril de 1974 e foi encerrada com outro golpe, de caráter militar, em 25 de novembro de 1975, por capitães organizados no Movimento das Forças Armadas (MFA), que obteve apoio popular. Para Melito (2024) essa revolução instituiu a democracia e levou à independência de ex-colônias da África.

¹⁶³ A Revolução Cubana culminou em 1959 e foi conduzida por um movimento guerrilheiro que tinha como lideranças nomes como Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, derrubando o governo de Fulgência Batista, que havia tomado o poder, em 1952, por meio de um golpe militar.

¹⁶⁴ A Revolução Chinesa foi o processo pelo qual, após um longo período de guerra civil entre as forças comunistas de Mao Tsé-Tung e as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek, a China se tornou uma nação comunista. Em 1949, foi fundada a República Popular da China, marcando a implantação de um novo governo, sob a liderança de Mao Tsé-Tung.

Em meio às mudanças no mundo moderno, as considerações e ponderações elencadas pela revista possibilitam refletir que, para os autores da *Catolicismo* no período, grande parte das mazelas identificadas na modernidade, incluindo o avanço do comunismo, é percebida como consequências das distâncias crescentes dos indivíduos com Deus e com as tradições. As publicações evidenciam, como componente das visões de mundo incrustadas nas publicações, que os rumos políticos dos países têm grande parte nesse processo.

Nunca é demais insistir: contracepção, divórcio, aborto, eutanásia, suicídio, pais carrascos, delinquência e criminalidade que aumentam assustadoramente, de modo especial entre a juventude, são consequências naturais da mentalidade que a Revolução pretende impor aos homens. É uma concepção da vida inteiramente laica, amoral e que não leva absolutamente em conta as obrigações das criaturas para com seu Criador e a existência dos Dez Mandamentos (GALLIEZ, M. M. In: *Catolicismo*, nº333, 1978, p.06).

Nessa linha argumentativa, em decorrência das revoluções e mudanças políticas que desencadearam mudanças sociais e culturais e de correntes de pensamento em diferentes épocas, a sociedade vai se afastando cada vez mais dos dogmas religiosos, concentrando sua existência e vida em si própria, na vida material, ficando tão egocêntrica a ponto de cair em “aberrações”, como o comunismo e a possibilidade da implementação da educação sexual nas escolas, que poderia implicar, por exemplo, em um permissivismo sexual, uso de contraceptivos, gravidez entre escolares e uso crescente de tóxicos. Todos esses elementos são declarados como algo que contraria a religião católica

Nesse período, meados da década de 1980, percebeu-se que os autores da revista passam a tratar de vários temas do cotidiano, para além de questões somente governamentais, passando até mesmo por questões relacionadas ao movimento Hippie e suas formas de sociabilidade, o movimento punk e a popularização das discotecas, com a possibilidade da popularização do uso de drogas e a “imoralidade”, conforme a permissividade do ambiente. É importante observar, porém, que o comunismo, apesar de não ser preponderantemente o carro chefe de todas as publicações da época, ainda é, sim, abordado em todas as edições, aparecendo como um tema transversal¹⁶⁵ aos outros aspectos tratados na revista.

¹⁶⁵ Exemplo desse fator pode ser observado na edição número 354, na qual o correspondente Nelson Ribeiro Fragelli fala sobre o Seminário "*Incidência, tendências e características do aborto voluntário: experiências internacionais e a situação italiana*", no qual uma das falas teria sido no sentido de inserir o aborto dentro do desenvolvimento do processo revolucionário que queria destruir a Cristandade

Em alguns momentos da matriz de pensamento anterior, é possível perceber que os autores afirmam existir uma certa impopularidade do comunismo em países como o Brasil, assim como um reduzido número de grupos sociais adeptos às esquerdas. Já no período da abertura política, chega-se a falar até mesmo em fracassos das empreitadas socialistas.

Uma série impressionante de insucessos eleitorais confirma a reticência dos europeus, canadenses e norte-americanos em relação aos programas socialistas. [...] Nos Estados Unidos, a enérgica reação contra a excessiva carga tributária e os controles burocráticos asfixiantes continua repercutindo no país inteiro. No Canadá, o experimentado político Pierre Trudeau foi derrotado pelo jovem líder conservador Joe Clark, depois de deter durante onze anos as rédeas do governo. Sua tendência socializante, já desgastada, foi rejeitada pelo eleitorado, que se inclinou para o conservadorismo do atual primeiro-ministro. Na Itália, o comunismo perdeu vinte e seis deputados, reduzindo sua representação atual na Câmara dos Deputados a duzentas e uma cadeiras. No Senado, os vermelhos perderam sete cadeiras, ficando com cento e nov. [...] Também as recentes eleições para o Parlamento Europeu confirmaram a reticência anti-socialista, tendo *L'Unità*, órgão oficial do PC italiano, afirmado: "*Os conservadores prevalecem na Europa*". O próprio *Pravda* reconheceu a derrota da esquerda, comentando que "*a maioria dos votos foi obtida pelas forças reacionárias*". Nos países escandinavos, não há sinais de avanço socialista. [...] o mais retumbante triunfo anti-socialista foi o êxito eleitoral dos conservadores na Inglaterra [...] Margaret Thatcher, a nova primeiro-ministro, representa a ala direita dos conservadores. Seu principal argumento político consiste em afirmar ser a liberdade um bem indivisível. A liberdade política só existe — afirma a líder inglesa — quando há liberdade econômica. Restringir a livre iniciativa importa em marchar rumo ao totalitarismo (CAPANEMA. In: *Catolicismo*, nº343, 1979, p.06).

Segundo o autor dessa matéria, na América Latina, o socialismo não esteve tão infiltrado quanto em países de outros continentes. Entretanto, aponta-se a existência, no Brasil, de uma estrutura eclesiástica católica que foi minada fortemente pelo progressismo, visto como fator de propulsão do socialismo, assim como ainda se fala do avanço comunista em outros países e da ruína paulatina de costumes e valores que a sociedade estaria vivenciando.

Com bases nesses elementos, percebem-se lógicas discursivas cujos argumentos se desencontram, possibilitando pensar que essas afirmações configuram, de certa forma, "inverdades" nos discursos apresentados. Considerando que, em quase trinta anos de atividades (no período da referida publicação), seus autores não passaram sequer uma edição sem abordar o tema, mesmo de forma transversal, não teria como o tema ser percebido como algo periférico ou em declínio no mundo ou em

(FRAGELLI, N. R. Congresso Europeu contra o aborto. In: *Catolicismo*, nº354, 1980, p.08).

escala nacional, ainda que estivesse em curso a redemocratização, que seguia sendo administrada por grupos militares.

Nesse sentido, é importante reforçar que a presente matriz dialoga com a fase de desenvolvimento vigente do processo conservador mais amplo, o que implica a conjuntura na qual ele se desenvolve, que, nesse caso, engloba a abertura política brasileira.

Oliveira não se absteve de tecer comentários nesse sentido, apresentando ao leitor algumas indagações, pois, naquele momento, via a questão por ângulos que não tomam a abertura política somente como algo material, referente ao acolhimento de presos políticos e exilados. Segundo autor, democratizar é abrir, dessa forma cada cidadão teria o direito de dizer, de escrever e de fazer o que bem entendia (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº 353, 1980, p.08), com ressalvas da lei e dos bons costumes, que, para o autor, estão se deteriorando com rapidez.

De acordo com o autor, sua reflexão não pretende abordar se a abertura política seria ou não um bem, mas coloca o problema como tendo caráter extemporâneo. Para ele, além da liberdade de dizer e fazer, há a liberdade de pensar, vista com cautela: Pergunto, então, se a abertura não comporta também a inteira libertação da mente de cada qual, dos obstáculos ou das ingerências que a coarctam (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº 353, 1980, p.08).

Ainda que a publicação busque trazer “questionamentos” iniciais sobre o processo de redemocratização, esse tipo de afirmativa evidencia uma ressalva do autor sobre a liberdade de pensamento que a abertura implicaria, questionando inclusive a possibilidade de a população poder ser “manipulada” por se estar em uma época de enfraquecimento dos valores morais, de guerras psicológicas e truques publicitários.

Nesta época de guerra psicológica, das prestidigitções e dos truques publicitários, das ingerências parapsicológicas etc., afirmam muitos que na mente de uma pessoa é tão fácil agir quanto em um cofre. Basta conhecê-lo o segredo e abrir a porta (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº 353, 1980, p.08).

Para finalizar sua reflexão, o autor afirma que a abertura tem negligenciado esse aspecto, fechando a matéria com a observação de que um regime democrático com eleições livres, para funcionar de forma satisfatória, exigiria um grau suficiente de informação e discernimento dos eleitores.

A presente pesquisa compreende ser possível apontar um caráter crítico nessas considerações tecidas pelo autor, ficando o questionamento: Até qual ponto o autor veria como favorável aos seus desígnios a liberdade dos indivíduos de pensarem e escolherem, sem a presença massiva de um governo direcionando, reprimindo e oprimindo qualquer desvio ao que se considerava, em seus moldes, uma nação cristã, democrática e livre do comunismo?

Considerando que, constantemente, as publicações da revista elencam matérias falando sobre ataques e revoluções comunistas, ressaltando o caráter violento desses episódios e as mortes – supostamente - deles decorrentes, frisando como o comunismo e as revoluções querem suplantar a Cristandade e ainda elencando consequências que estariam ligadas, em maior ou menor grau, a essas revoluções e à modernidade¹⁶⁶, como abortos, métodos contraceptivos, violência contra crianças, uso de substâncias tóxicas, libertinagem, pornografia, entre outros, a presente pesquisa considera que, para Oliveira e para aqueles indivíduos envolvidos com a pesquisa, que optaram conscientemente em veicular tais conteúdos, a liberdade de agir e pensar não era um elemento favorável.

Essa resistência ao trato de temas tão presentes no cotidiano desde aquele tempo, aliada às falas que os associam à contemporaneidade e ao crescente movimento, identificado pelos autores, de paganização da sociedade/afastamento do deus cristão (monoteísmo), também são consideradas evidências da resistência conservadora colocada pelas publicações do período, que segue uma linha consistente com relação aos seus primeiros anos, ainda que com temas diferentes e uma conjuntura nova. É possível perceber uma visão de mundo que, a despeito das mudanças no corpo editorial e de publicações da revista, mantém a linha argumentativa desde as primeiras publicações, que associa sua particular cosmovisão do ser cristão a temas políticos da realidade social concreta que se coloca aos indivíduos, incluindo os governos vigentes em cada período histórico.

Pensando a manutenção do pensamento conservador e seus diálogos com a conjuntura política, em mais de uma ocasião da Ditadura Militar brasileira, a revista elencou matérias que elogiavam não só os sucessivos governos do país, mas também

¹⁶⁶ De acordo com Galliez (1980, nº358), a educação sexual e seu discurso sobre debater os papéis sexuais, o machismo e o ato sexual livre, mas com responsabilidade, configura-se como um quadro que é “fruto do neopaganismo contemporâneo e que efetua uma completa abstração do pecado original e suas desastrosas consequências nas potências do homem” (GALLIEZ, M. In: Catolicismo, nº 358, 1980, p.04-05).

de outras ditaduras da América Latina, atribuindo-lhes seus votos de “fé” e da proteção de Deus para a gestão da nação. Percebe-se, então, por parte dos autores e intelectuais desses 30 anos iniciais da revista, o apoio e a “concessão” de legitimidade, pela ótica de suas particulares cosmovisões religiosas, em relação aos atos dos governos ditatoriais no que se refere ao combate aos comunistas e subversivos, o que inclui os métodos empregados por essas configurações políticas, vistos como aliados favoráveis à sua causa, incluindo sua violenta vigilância e combate, que cerceavam diferentes liberdades individuais das oposições.

Reforçando essa observação, em leitura das edições do período, percebeu-se que os indivíduos envolvidos com a TFP, por meio do Catolicismo, apontam prejuízos causados à entidade e relacionados à abertura política.

6. E COM A ABERTURA veio a democratização, cuja característica é a instauração da liberdade para todos de difundirem suas ideias, no debate sereno e elevado, sem o qual a palavra democracia não passa de ficção. 7. CESSADO para a esquerda e até para a extrema-esquerda o perigo do silenciamento pela repressão policial, eis que — em estranha contradição com tudo isto — dos mesmos meios da esquerda e do centro-esquerda, ontem ainda pregadores da impunidade da subversão, e da confiança na inocuidade dos subversivos, começa a surgir uma campanha visando a detração, o desprestígio e por fim o silenciamento dos líderes ideológicos e pacíficos do anticomunismo, agrupados na TFP. Com o que fica desfigurado o debate doutrinário sereno e elevado indispensável para a democracia (Serviço de Imprensa da TFP. O desmentido categórico da TFP. In: Catolicismo, nº358, 1980, p.01).

A presente pesquisa também identificou uma regularidade discursiva nesse período que, apesar de “justificar” a legitimidade das ações dos governos de até então e apontar os potenciais perigos da liberdade de pensamento sem o freio da censura e da repressão, busca atribuir à imagem da TFP um caráter pacífico que estaria sendo maculado pelas ações subversivas de grupos de esquerda.

[...] O método rotineiro de difamação da esquerda contra o anticomunismo consiste em: a) confundir arbitrariamente com o nazismo toda e qualquer forma de anticomunismo, como se desde meados do século XIX até nossos dias não tivesse havido as mais variadas modalidades de anticomunismo, anteriores, simultâneas e posteriores ao nazismo, muitas delas diversas, e até opostas, a este último; b) atribuir por este artifício, a todos os anticomunistas, uma propensão incorrigível para o emprego costumeiro da violência [...]. 6. DE SUA PARTE, a TFP faz notar ao público quanto a esquerda tem tirado proveito dos atentados que, fundada ou infundadamente, esta última atribui a certos adversários. Tumultuosa, reivindicante, agressiva até o momento em que teve início a série desses atentados, a esquerda pôs desde então mais ou menos em surdina suas farfalhantes agitações. E passou a ostentar-se desenvoltamente como campeã da ordem e da lei. Campeã, aliás, **tão turbulenta e agressiva agora no terreno publicitário,**

quanto o era no terreno da violência material, na época em que fomentava a desordem, agia na ilegalidade... e bramia por liberdade. Com esse procedimento, a esquerda procura habilmente atrair para si as simpatias de nosso público tão pacífico (OLIVEIRA, P. C. de. In: *Catolicismo*, nº358, 1980, p. 08, grifo nosso).

É possível apontar, ainda, a possibilidade de que os autores estivessem buscando “desviar” a imagem da vigilância invasiva e do combate violento pelas forças militares, enquanto identificam e diagnosticam essas características nos grupos considerados subversivos, elaboram e apresentam uma “imagem de si mesmos” como um grupo pacífico, depositando a carga de violência sobre os grupos de “esquerda”, tão frequentemente denunciados em suas publicações.

Nesse período, mesmo com toda a “aprovação” declarada por meio da revista aos desígnios dos grupos militares em sua gestão ditatorial, Oliveira (nº358, 1980) ainda insiste nos objetivos ideológicos e apolíticos da TFP.

1. **ENTIDADE com definidos objetivos ideológicos e apolíticos**, e com métodos exclusivamente legais e pacíficos (cfr. *"Meio século de epopeia anticomunista"*, Editora Vera Cruz, São Paulo, 1980, 464 pp.), tem-se a TFP abtido meticulosamente, ao longo de seus vinte anos de atuação, de intervir em questões partidárias, alheias a seu fim. 2. POR ESTA RAZÃO, não pediu ela a abertura política, nem tampouco a combateu. Assim que, pelo curso dos acontecimentos, tal abertura se tornou um fato, a TFP a aceitou. Em vários pronunciamentos públicos, feitos aliás em nome individual, e não no da TFP (mas com geral consenso nas fileiras desta), empenhei-me em colaborar com a nova ordem de coisas, apresentando sugestões à vista dos riscos que — como tudo em matéria de vida pública — a abertura trazia, e a vantagem que dela poderia auferir o País. 3. **NESTA POSIÇÃO serena e imparcial** [...]. O Brasil inteiro conhece o **caráter modelarmente pacífico da atuação da entidade**, comprovado aliás por mais de dois mil atestados de autoridades policiais ou municipais dos vários locais em que tem atuado. [...] 4. SEM ENTRAR de modo algum na indagação — de âmbito todo policial — sobre o problema perfeitamente nebuloso da autoria desses atentados, a TFP acentua que eles podem servir de ocasião para uma radical metamorfose do processo de abertura, vantajosa para a expansão comunista em nosso País (OLIVEIRA, P. C. de. In: *Catolicismo*, nº358, 1980, p. 08, grifo nosso).

Apesar dessas afirmações, o autor não se priva de ventilar, novamente, a possibilidade de a abertura política da década de 1980 favorecer a ação comunista, o que já atesta contra sua declaração sobre o caráter “imparcial” da instituição. Além disso, conforme foi observado anteriormente, em mais de um momento histórico, as matérias veiculadas pela revista declararam a legitimidade de ações combativas, associadas aos governos ou não, contra aqueles grupos vistos como “inimigos”, em nome de uma suposta proteção não apenas de um país, mas do que definem como uma “pátria cristã”, livre do comunismo ateu.

Ainda nesse sentido, apesar de declarar que a instituição aceitava o processo de abertura política, o autor observa que esse processo seria benéfico para as esquerdas políticas enquanto ficasse exposto a entrar, de forma gradual, em degenerescência, passando a ser repressivo do anticomunismo, que estaria sendo difamado pela exploração publicitária de jornais e emissoras, sendo a TFP acusada de ter relação com episódios de ataques com bombas.

Além disso, segundo o autor, essa ação do “terrorismo-esquerdismo” poderia conduzir a Nação ao erro, caso não se colocassem vozes múltiplas autorizadas (legalmente) para indicar as direções a se caminhar, levando a uma “abertura transviada, cujo real desfecho será a esquerdização do País” (OLIVEIRA, P. C. de. In: Catolicismo, nº358, 1980, p. 08).

Com base nessas considerações, é possível apontar que o autor demonstra preocupações com os rumos da redemocratização do país não só pela ausência das sanções aos indivíduos considerados subversivos e opositores aos grupos militares, mas também delinea suas ressalvas e a necessidade da condução desse processo por alguma figura “de autoridade”, que não permitisse desvios para a esquerda.

Aliada aos potenciais riscos da abertura política, a regularidade discursiva das publicações volta a apresentar o tema da reforma agrária como algo que ronda o país. Na edição nº 371 (p. 3, 1981) chega-se a afirmar que, agora, esse agrorreformismo chegava com redobrado furor, declarado como uma necessidade por grupos definidos por ele como comunoprogressistas, que buscam convencer a população de uma iminente convulsão social caso a “radical Reforma Agrária socialista e confiscatória” não fosse realizada.

Nesse período, o foco dos autores, que seguem identificando os “agitadores” dessa busca pela igualdade, pelos ataques à propriedade privada e pela incitação de conflitos entre pobres e ricos, é a parte do clero e do catolicismo progressista. É possível perceber que os autores suas atenções voltadas, no caso brasileiro, para as realizações e movimentações de caráter religioso que mesclam questões de cunho político, segundo o ponto de vista exposto pelos autores, orientados por princípios de “esquerda”, alinhados ao comunismo/socialismo e aos “princípios marxistas”.

Como exemplos de organizações e movimentos citados pelos autores do período, temos as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e adeptos da Teologia da

Libertação. De acordo com Costa, Zangelmi e Schiavo (2010), a Teologia da Libertação foi um movimento que compreendeu uma necessária relação entre teologia e os contextos socioeconômicos, voltando sua atenção para a justiça social e corroborando a opção preferencial pelos pobres, que influenciou as CEB, definidas pelos autores como congregações católicas em que seus atores e agentes se voltaram para questões relacionadas a despertar a consciência política e social para questões e problemas identificados no mundo moderno.

As CEBs, por meio da organização dos leigos, das reflexões acerca do cotidiano e dos problemas diários tendo como referência a bíblia, além do apoio de padres e bispos para a mobilização popular, acabaram gerando e/ou apoiando vários movimentos sociais por todo o país, tanto no meio urbano quanto no rural. Em geral, os intelectuais vinculados à Igreja Católica atribuem à Instituição boa parte dos ganhos dos movimentos populares (COSTA, ZANGELMI E SCHIAVO, 2010, p.36).

Dessa forma, uma vez que esses grupos debatiam, promoviam movimentos e divulgavam folhetins etc. sobre questões como a desigualdade social relacionada ao sistema capitalista, sua ação esbarrava com aqueles princípios já declarados como pontos nevrálgicos pela TFP e sua defesa em relação ao mundo moderno: a proteção da propriedade privada e a compreensão das desigualdades econômicas, sociais e pessoais, como legadas por Deus aos indivíduos etc. Dessa forma, as CEB são vistas como um meio eficiente para a infiltração comunista no país, atuando por meio do convencimento.

Nenhum movimento como o das CEBs tem sido tão eficiente para arrastar setores da opinião pública católica para a esquerda — rumo a um utópico "Reino de Deus" confundido com a sociedade sem classes do comunismo — e para a "protestantização" dos fiéis (Chamada. In: Catolicismo, nº 384, 1982, p.01)¹⁶⁷

Com base nesse tema, a TFP chega a produzir um livro intitulado “As CEBs... das quais muito se fala, pouco se conhece – a TFP as descreve como são”, e denuncia:

com base em copiosa documentação, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através das CEBs, semeia o descontentamento na população, e especialmente entre os trabalhadores manuais, para transformar em seguida o descontentamento em agitação e, através dessa agitação, impor aos poderes públicos a Reforma Agrária, a Reforma Urbana, a Reforma Empresarial e alguns corolários (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº 381, 1982, p.01).

¹⁶⁷ Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0384/P01.html>>.

De acordo com a regularidade discursiva do período, os membros da TFP não compreendem as CEB por uma ótica positiva, que agregasse algo a seus desígnios, definindo-as como grupos que tinham seus próprios métodos para interpretar a Bíblia e os escritos, apontando que estes poderiam conduzir, inclusive, para a radicalização política.

É importante apontar que, dada a heterogeneidade de grupos e configurações que professam a religião católica no Brasil, faz parte do próprio quadro religioso brasileiro a heterogeneidade de interpretações das orientações da Igreja Católica e de seus documentos pelos grupos civis, visto que esses grupos dialogam com as mais diversas correntes de pensamento e carregam suas próprias visões de mundo. Essa consideração inclui a Revista Catolicismo e as particulares interpretações e visões de mundo nela veiculadas, a questão é que as das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), de grupos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e de outros membros do clero progressista divergiam da TFP, o que os colocava como “os outros” e não como parte do “nós” da TFP, de sua identidade coletiva anticomunista, cristã e patriota.

Portanto, os indivíduos envolvidos com a revista, naquele momento, optaram por apresentar o assunto por uma ótica que vê as configurações referentes às CEBs como empenhadas no confisco de terras que são ou não cultivadas, de prédios (residenciais, comerciais, industriais e de aluguel), de propriedades de empresas etc., identificando-as como subversivas.

Os termos “subversão” e “subversivos” são frequentemente usados, nas publicações do período, para qualificar e identificar aqueles indivíduos relacionados, por eles mesmos, ao comunismo/socialismo/esquerda. É importante destacar que a revista tem feito uso dos termos desde a década de 1950, e a presente pesquisa compreende que essa não é uma escolha de palavras despropositada, pois, segundo o Dicionário Online de Português, subversivo é uma característica do que destrói, que se opõe a normas, autoridades, instituições, leis etc., que busca o caos e é perturbador¹⁶⁸, atribuindo a esses indivíduos um tipo de identidade coletiva associada a um grupo amplo que realiza atos em prol da destruição do que já é instituído, elemento que novamente reforça o caráter conservador das manifestações da revista.

¹⁶⁸ Subversivo. Dicio: Dicionário Online de Português, c2009-2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/subversivo/>>. Acesso em: 18 de ago. de 2024.

É importante observar, ainda, que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também é um foco de interesse da Catolicismo nesse período, dada a compreensão de que, por meio das CEBs, a primeira estaria desenvolvendo obras visando a convulsão social no Brasil. A CNBB é um entidade que foi criada em 1952 e tem caráter permanente, reunindo bispos católicos brasileiros para promover a unidade e ações pastorais conjuntas no país, orientadas pelos princípios da Igreja.

Ao se tratar de um grupo amplo como a CNBB, é preciso destacar que seus membros podem apresentar diversas posições com relação à conjuntura econômica, política e social do Brasil, não ocorrendo uma homogeneidade, porém, conforme aponta Lanza (2006), com a própria criação da CNBB teve início uma tendência de aproximação de uma parte do clero católico com as classes despossuídas, o que era potencialmente interpretado como um tipo de subversão pelos membros da Catolicismo do período, partindo de ações pontuais como missas e reuniões de grupos que, não necessariamente, representavam a instituição como um todo.

Por fim, cabe ressaltar que, nesse período, com as mudanças políticas em voga, os membros da revista retomam antigos tópicos sob novas roupagens, atualizando suas leituras e interpretações das situações que se colocavam na cena política brasileira e entre as próprias fileiras católicas. Para os autores do período, a esquerda voltava a apresentar progressos nesse período, ficando os questionamentos sobre quais rumos o país iria tomar sob essa conjuntura.

Conforme dito anteriormente, em mais de um momento, as publicações da revista destacam ter os grupos de esquerda no Brasil caráter minoritário e o quanto eles seriam desprezados pela população. Todavia, nunca deixam de vigiar essa suposta minoria na qual os membros da TFP aparentemente incluíam os mais diversos segmentos e grupos civis, religiosos e políticos que divergissem de seus desígnios e interpretações religiosas da realidade sócio-histórica, política, religiosa e cultural concreta.

Sob a égide de uma conjuntura, na qual se desenrolava a abertura política do país, Oliveira (nº384, 1982, p.03) observa que são incontáveis os cidadãos persuadidos a acreditarem que a repressão anticomunista de há muito (Ditadura Militar) teria varrido os subversivos, dando a impressão de que qualquer nova repressão anticomunista seria supérflua e inoportuna. Além de salientar vitórias da esquerda pelas urnas em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, ainda

afirma que o “esquerdismo” significava, para a grande maioria, um tipo de democracia que preferiu, então, as diversões do livre jogo político.

Oliveira apresenta ao leitor, nessa matéria, um leque de possibilidades que se abriu com o período vivenciado¹⁶⁹, incluindo essas gestões de “esquerda” por ele identificadas. É possível apreender uma afirmativa do autor sobre as divergências entre sua compreensão de democracia e aquela dos indivíduos chamados por ele como “persuadidos”, delineando a noção de que o êxito da esquerda dependeria de ela própria compreender sua posição enquanto tal, e o “centro e a direita só continuarão a representar um papel marcante na vida brasileira se souberem adaptar-se a tal” (OLIVEIRA, P. C. de, nº384, 1982, p.03).

Além disso, o autor ainda afirma que o Brasil daquele tempo ansiava pela pacatez, e aquelas formas de governos que não soubessem oferecê-la se esvaneceriam.

Quem ganhará: a direita? o centro? a esquerda? — Quem conhecer as verdadeiras fibras da alma brasileira e souber entrar em diálogo pacato com essas fibras. Seja Governo, seja oposição, pouco importa. A influência será de quem saiba fazer isto. Insisto. Se o Governo, a Publicidade e a estrutura eclesiástica não souberem manter-se no clima de pacatez, e passarem para a violência física, legal ou publicitária contra a oposição, os pacatos lhes dirão: mas, afinal, qual é a sinceridade, qual a dignidade de vocês, que quando eram opositores reclamavam para si liberdade e respeito, e agora que são governo usam da perseguição e da difamação para quem é hoje oposição? E se os pacatos notarem acrimônia nos de centro e de direita, dir-lhes-ão: está bem provado que é impossível conviver com vocês, porque, nem vencidos, sabem ser de um trato distensivo (OLIVEIRA, P. C. de, nº 384, 1982, p.03).

Portanto, naquela conjuntura, possibilidades se delineavam, inclusive sobre as esquerdas realizarem a gestão do país. Dada a natureza das afirmações feitas por Oliveira então, somando as ações do governo (naquele período) que não mais se demonstravam fortemente convergentes para os desígnios da TFP, junto aos avanços do comunismo em nível mundial (identificados pelos autores), delineavam uma conjunção que favorecia a continuidade das atividades de vigilância e denúncia ao comunismo, das orientações da Catolicismo com relação à vida no mundo ameaçado pelas crises associadas à modernidade, a luta pela propriedade privada, entre outras.

¹⁶⁹ OLIVEIRA, P. C. de. Cuidado com os pacatos!. In: Catolicismo, nº384, p.03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0384/P02-03.html> >.

Seguindo as próprias reflexões apresentadas no período, o socialismo e o comunismo começavam a adquirir atualidade em solo brasileiro e a noção da sociedade sem classes ainda aparecia como uma antessala da tirania. Considerando que o socialismo democrático e o soviético não seriam tão diferentes assim como se apregoava, as publicações da revista ainda seguem denunciado a forma como as movimentações socialistas dissimulavam seus fins:

Certamente a questão ganhará atualidade nos próximos meses, com a ofensiva conjunta dos marxistas, esquerdistas de várias colorações e da esquerda católica para criar bases amplas que possibilitem a criação do partido socialista. Contra a totalitária igualdade antinatural sonhada pelos socialistas, o público seguidor da doutrina social da Igreja, no interesse da grandeza cristã do Brasil e da ascensão paulatina das condições de vida da população, deve ter em mente a verdadeira posição do Magistério Pontifício. Os homens são iguais por natureza e têm, em consequência, os mesmos direitos básicos, mas acidentalmente são muito diferentes. O que corresponde, na ordem social cristã, à harmoniosa e rica desigualdade social (CAPANEMA, P. In: Catolicismo, nº384, 1982, p.06).

Portanto, havia o que se vigiar, o que proteger, pois, ainda que, no período, Capanema (nº384, 1982) destacasse parecer impossível atingir a plena civilização cristã, a atitude sensata apontada seria desejar a manutenção e a melhoria da “cidade católica”, ao invés de mergulhar desenfreadamente em utopias “malsãs”. Dessa forma, os autores da revista prosseguem com suas atividades, sua luta e vigia ativas e ininterruptas, desde 1951, sobre o comunismo no Brasil e no mundo, seja de governos, acontecimentos, “táticas psicológicas” e atitudes declaradamente de esquerda, seja somente interpretadas pelos autores dessa forma, procurando evidenciar seu potencial perigo.

Além disso, declara-se a renovação de órgãos públicos com o retorno de políticos identificados como esquerdistas e ações, que teriam partido até do próprio governo, e ameaçariam o Brasil, como a limitação da natalidade e o acesso popularizado aos meios anticoncepcionais¹⁷⁰.

Nesse período, a edição de número 396 veicula uma matéria na qual se pergunta a Oliveira, nessa nova conjuntura da abertura política, qual era sua opinião

¹⁷⁰ De acordo com Galliez (nº389, 1983), em mensagem ao Congresso, “o presidente Figueiredo já externava sua preocupação com o crescimento demográfico, o que ensejou a imediata constituição de uma CPI sobre o assunto. Tal Comissão, que tem por finalidade investigar os problemas vinculados ao aumento populacional, levantará amplo debate sobre a conveniência da instalação de uma política de controle da natalidade. [...] A orientação do governo é a de que todas as famílias deverão ter acesso aos meios anticoncepcionais que desejarem (GALLIEZ, M. Aborto e contracepção: nova ameaça às famílias brasileiras. In: Catolicismo, nº389, 1983, p.02).

sobre a “revolução” de 64, o Golpe Militar, ao que ele expressa certo descontentamento:

Analiso aqui a Revolução de 64 do ponto de vista dessa luta contra a infiltração esquerdista na Igreja. Acho que a Revolução criou alguns óbices a essa infiltração, aplicando a Lei de Segurança Nacional — nem sempre com inteira justiça e senso de oportunidade — a eclesiásticos e civis que procuravam atuar em nome do pensamento católico. Entretanto, não me parece que ela, sequer de longe, tenha cumprido sua missão nesse sentido. Explico-me. A Revolução de 64 não deveria ter tido uma ação ideológica apenas negativa, mas também positiva. Ela deveria ter aberto os olhos do povo brasileiro para os males e os riscos do socialismo, que proximamente conduz ao comunismo. Pelo contrário, a Revolução, nesta perspectiva, foi inteiramente a-ideológica. Ela adotou o princípio, com o qual não concordo, de que estabelecer a prosperidade é extinguir o socialismo. O grande achado da Revolução, em matéria de anti-socialismo, foi o chamado "milagre brasileiro". Hoje esse "milagre" está no chão, e a obra da Revolução contra o socialismo resulta frustra. Mais ainda, pelo enorme apoio dado à estatização, a Revolução, em vários de seus aspectos, tomou uma significação nitidamente socialista (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº396, 1983, p.03).

Essa afirmação do autor reforça um fator já anteriormente citado, que a “adesão” e o “apoio” da TFP, apresentados pelas páginas da Revista Catolicismo, aos sucessivos governos da Ditadura Militar no Brasil não foi algo homogêneo e sem questionamentos, mas teve seus pontos convergentes em um aspecto nevrálgico para os indivíduos envolvidos com a TFP, o anticomunismo. De certa forma, é possível apontar que, desde o início das atividades da revista, passando pelo governo militar e chegando ao período de abertura política, o anticomunismo foi o elemento de coesão que atravessou as décadas, mantém relativa unidade discursiva nas páginas da revista e serve como um tipo de elo que propiciou diálogos da revista com outras configurações para além da TFP.

Sobre a abertura política no Brasil, nessa mesma edição, é veiculada uma fala do autor:

A TFP não tem posição tomada em matéria de regimes políticos. Assim, ela colaboraria com uma ditadura que preservasse de fato o Brasil contra o perigo socialista e comunista; como também colaboraria com a abertura, desde que esta se fizesse em termos adequados. Na realidade, estamos tendo uma abertura cada vez mais acentuada, mas não me parece que as forças políticas que conduzem o processo de abertura o estejam conduzindo bem. Elas em nada estimulam a manifestação das tendências autênticas da população, e por isso existe um abismo entre os partidos políticos de todos os matizes, e o sentir efetivo dos eleitores. A maior prova disso é, a meu ver, a obrigatoriedade do voto. Num país onde os partidos políticos representem o povo, o voto não precisa ser obrigatório: todo mundo vai votar espontaneamente (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº396, 1983, p.03).

Nessa citação, é possível observar não somente um elemento que reforça a noção de que o “apoio” prestado pela revista aos governos da ditadura no Brasil se deu por ocasião do ponto em comum identificado pelo autor (o caráter anticomunista), como também põe em evidência a noção de que a abertura política não está sendo “bem conduzida”, então, não estaria incentivando a manifestação do que o autor chama das “autênticas tendências” do povo brasileiro. Compreende-se que as referidas tendências citadas por Oliveira (nº396, 1983) estejam relacionadas à condução da nação de forma que o a população dê retornos positivos aos governantes, sentindo-se realmente representada, preferencialmente na direção de uma pátria cristã e anticomunista.

A leitura das publicações referentes às primeiras matrizes identificadas se circunscreveu do ano de 1951 (primeira edição) até o final do ano de 1984, ano no qual o primeiro presidente, José Sarney, foi eleito após mais de 20 anos de Ditadura Militar no país. Conforme apontado acima, a leitura das publicações até aqui evidenciou que a luta contra o comunismo seguiu incandescente nas páginas da revista, cada vez tomando novas roupagens frente aos acontecimentos que se iam delineando. De forma geral, até metade da década de 1980, vale destacar que alguns dos assuntos mais abordados se referiam ao avanço comunista internacional e suas estratégias de convencimento, às legislações sobre o aborto e o uso de anticoncepcionais no Brasil e no mundo, à educação sexual nas escolas, às movimentações dos católicos progressistas e do clero progressista no Brasil, nesse período, associadas fortemente aos termos “agitação progressista” ou “furação progressista”, incluindo as Comunidades Eclesiais de Base, a Teologia da Libertação, as greves operárias da Central Única dos Trabalhadores, focando-se nas relações entre trabalhadores e operários, às reformas agrárias (compreendidas pelos autores como socialistas e confiscatórias) e até mesmo a outros temas que iam surgindo com o tempo, como a epidemia de AIDS na América, associada pelos autores primeiramente aos homossexuais, depois aos usuários de drogas e então à população em geral.

6 MATRIZES DE PENSAMENTO CONTEMPORÂNEAS – UM FIO CONDUTOR ANTICOMUNISTA

O presente capítulo se dedica à análise das publicações mais atuais da Revista Catolicismo, buscando elaborar as matrizes de pensamento identificadas nesse período. Considerando o grande montante de publicações, somado ao fato de que, desde 1984, as publicações da Catolicismo de fato tomaram o formato de uma revista que passou a veicular, então, muito mais conteúdo mensal do que anteriormente, colocou-se para a pesquisa a demanda de refletir sobre a metodologia que seria adotada para proceder às pesquisas desses números.

Dessa forma, optou-se por seguir com a estratégia teórico-metodológica elaborada para a pesquisa, mas acrescentando um recorte temporal mais restrito, que colocou foco nas orientações veiculadas pelas matérias das revistas em relação aos processos eleitorais de Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Roussef e Jair Messias Bolsonaro, visando apreender as manifestações políticas da revista, tendo como pano de fundo os temas abordados de forma mais geral.

Dessa forma, optou-se por, primeiramente, realizar a leitura da primeira edição publicada no ano de 2001, considerada um marco, visto que, além da virada do milênio, o referido número também marcava o **primeiro cinquentenário da revista**. Isso possibilitou ter contato com um “balanço” realizado pelos autores sobre as realizações da revista e sobre suas manutenções e possíveis atualizações (ou não). Após a leitura desse número, procedeu-se à investigação das publicações do ano 2002, que engloba o período eleitoral do primeiro mandato de Luís Inácio Lula Da Silva e de 2003, primeiro ano de sua gestão. Depois, realizou-se a leitura e a análise do período eleitoral que precedeu o primeiro mandato de Dilma Roussef (2010 e 2011, primeiro ano de sua gestão), passando ao período em que se iniciou a efervescência por ocasião do golpe que depôs Roussef (2016), chegando, por fim, ao período eleitoral que precedeu o mandato de Jair Messias Bolsonaro (2018).

Esse recorte foi selecionado intencionalmente, considerando primeiramente a comoção pública dos pedidos de *impeachment* da, então, presidente Roussef e a efervescência com relação ao candidato Bolsonaro em razão de seu discurso na ocasião, no qual evoca a imagem de Brilhante Ustra:

Estarrecedor". "Execrável". "Deprimente". Esses foram alguns dos termos usados por ativistas de direitos humanos ao comentarem a homenagem feita pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) ao coronel Brilhante Ustra, o primeiro

militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador. A menção foi feita durante a votação no processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrida na noite de domingo na Câmara dos Deputados.

"Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim" – foi o trecho final do discurso de Bolsonaro, em meio a vaias e aplausos (WENTZEL, M. D. B. e M. In: BBC New Brasil, 19 de abril de 2016).¹⁷¹

Considerando que o então deputado cita o chefe do DOI-Codi¹⁷² do exército de São Paulo e justifica seu voto positivo pelo golpe que depôs Rouseff unindo também as Forças Armadas Brasileiras e sua fé pessoal em Deus, a pesquisa considerou que esse espaço de tempo seria relevante com relação às publicações da *Catolicismo*, por estabelecer uma associação de elementos outrora já abordada nas páginas da revista.

Pensando nessa questão, optou-se também por selecionar o período eleitoral do primeiro mandato de Lula, uma vez que as sucessivas gestões presidenciais de candidatos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores tiveram seu início ali. Por isso, a pesquisa realizou seu recorte passando pelo início das décadas de 2000 e de 2010, culminando com as manifestações veiculadas pela revista a respeito das eleições presidenciais de 2018.

Para realizar a leitura das edições desse período, os documentos foram analisados de modo que, assim como as publicações relativas ao milênio anterior, fossem apreendidos os temas tratados de forma geral, considerando-os como aspectos de interesse social e político dos autores da revista, e, de forma mais demorada, se detivesse nos discursos relativos a três temas: os processos eleitorais dos períodos citados, as referências a Lula, Bolsonaro, Rouseff e às Forças Armadas Brasileiras e, por fim, ao golpe que depôs Rouseff. Dessa forma, a pesquisa buscou apreender as regularidades discursivas desses períodos, a fim de elaborar as matrizes de pensamento relativas às épocas tratadas e buscar potenciais convergências ou divergências relativas às publicações analisadas anteriormente, da década de 1950 até a metade da década de 1980.

¹⁷¹ WENTZEL, M. D. B. e M. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarrécidos' e leva OAB a pedir sua cassação. In: BBC New Brasil, 19 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb>.

¹⁷² O Departamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna foi um órgão de repressão política associado ao governo militar. Brilhante Ustra, de acordo com Wentzel (2016), era o coronel que chefiava o DOI-Codi e sob seu comando ocorreram torturas e assassinatos.

Essa seleção intencional também foi pensada tendo em vista o crescente volume de conteúdos veiculados pela revista, nas décadas de 2000 e de 2010, e considerando que, nesse período, a equipe envolvida com as publicações da *Catolicismo* era outra, diferente daquela composta no início das publicações ou mesmo na década de 1980. Para elucidar esse quadro, pode-se apontar que alguns dos autores mais frequentes, nos primeiros anos da revista, já faleceram, sendo os atuais envolvidos com a *Catolicismo* os “herdeiros” da obra iniciada pelo grupo encabeçado por Oliveira, que também imprimem nas páginas da *Catolicismo*, assuntos, aspectos, acontecimentos e interpretações pessoais, com base em suas próprias visões de mundo.

Nesse sentido, reforçando o grupo envolvido com a *Catolicismo* em suas primeiras décadas (1950 e 1960) e que foram frequentes nas matérias publicadas pela revista nessa época, têm-se: Plínio Correa de Oliveira, que faleceu em 1995; Fernando Furquim de Almeida, que morreu em 1981; Cunha Alvarenga, pseudônimo de José de Azeredo Santos, que faleceu em 1973; Alberto Luiz Du Plessis e Antonio Brotero Lefevre, que foram sócios-fundadores da TFP; Adolpho Lindenberg (primo de Oliveira e que faleceu em 2024); Antônio de Castro Mayer e D. Geraldo de Proença Sigaud, que faleceu em 1999.

Na década de 1970, participaram frequentemente José Lúcio de Araújo Corrêa, militante da TFP; Murilo Maranhão Galliez, médico que redigia notas para a revista, e Gregório Vivanco Lopes, que faleceu em 2018. Na década de 1980, aparecem Péricles Capanema, analista político e posterior colaborador do Instituto Plínio Correa de Oliveira, e Nelson Ribeiro Fragelli, colaborador da TFP.

Seguindo o recorte temporal das publicações mais atuais, após os anos 2000, encontram-se as manifestações elaboradas por indivíduos e grupos vinculados ao Instituto Plínio Correia de Oliveira, que, a despeito das mudanças conjunturais e das atualizações de seus debates, seguem preservando e resgatando as reflexões, elaborações e ideias manifestadas por Oliveira, veiculadas nas páginas da *Catolicismo*, trazendo-as à luz da nova conjuntura. Esse movimento, é importante destacar, é realizado, novamente, seguindo as visões de mundo, objetivos, temas de interesse e desígnios dos grupos envolvidos com os processos editoriais.

A análise desenvolvida e apresentada neste capítulo, tal como o anterior, também mobilizou todas as categorias de análise¹⁷³ que foram elaboradas para lidar com as fontes documentais, dessa vez tendo como referência o recorte temporal proposto, dedicado às publicações realizadas a partir da década de 2000.

Com base nessas considerações, a seguir são apresentadas as matrizes desse período.

6.1 As publicações da revista na virada dos anos 2000: Meio século da Revista Catolicismo e a gestão de Luís Inácio Lula da Silva

No primeiro número publicado em 2001, é apresentado, logo em suas primeiras páginas, um tema que foi recorrente no milênio anterior, as liberdades apregoadas pela Revolução Francesa. Esse movimento aponta a manutenção de algo já tratado anteriormente, a manifestação de que as liberdades de ser e pensar (de inspiração revolucionária), sem uma orientação, poderiam ser prejudiciais, pois:

[...] dar adesão ao erro ou ao vício não é expressão de liberdade, mas de escravidão. É livre quem não aceita o despotismo do mal. Liberdade é aceitar o "suave jugo" de Nosso Senhor Jesus Cristo e ajuda-Lo a carregar "o seu fardo, que é leve". É escravo quem obedece a quem não tem, de direito, qualquer senhorio sobre nós, a saber, o demônio, o mundo, a carne. Obedecer a eles é aceitar sua tirania sobre o que há de mais nobre na pessoa humana, ou seja, a inteligência, a vontade e o coração (VILAC, J. L. In: *Catolicismo*, n°601, 2001, p.09).

Seguindo as reflexões contidas na matéria, os dogmas da Igreja (expressão usada pelo autor) não foram elaborados aleatoriamente, mas, sim, por teólogos baseados nas Sagradas Escrituras, de inspiração divina, e nas tradições transmitidas pela Igreja pelas gerações iniciadas nos Apóstolos de Cristo¹⁷⁴, tendo, portanto, legitimidade para ser esse "guia" da humanidade. A revista mantém, portanto, essa noção condizente com o período anterior, que se firma em princípios religiosos, justificados não só por sua "dimensão transcendente", mas também pela tradição da Igreja, guiada por essa dimensão.

Nessa primeira publicação, também se observa que Oliveira traçou os rumos a serem seguidos pelos demais colaboradores e que, ainda naquele novo

¹⁷³ Consultar as páginas 89 e 90.

¹⁷⁴ Os escolhidos para propagar as mensagens de Jesus, que seriam as bases do Cristianismo. Os primeiros apóstolos foram: Pedro; Tiago; João; André; Filipe; Judas Iscariotes; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Bartolomeu; Judas Tadeu; e Simão, o Zelote.

milênio, buscava-se manter com fidelidade absoluta o combate aos inimigos da Igreja e da Cristandade. A isso se soma a afirmativa de Júlio César Paraguassu (nº601, 2001), formado em Direito, que teria sido eleito, em 1956, o mais jovem promotor de Minas Gerais e já assinava a Catolicismo em 1957, de que “como se vê, a linha de orientação nada mudou nos 43 anos passados desde então” (PARAGUASSU, J. C. In: Catolicismo, nº601, 2001, p.34).

A leitura desse número mostrou que, de forma geral, foram mantidos elementos da linha argumentativa inicial da revista, fiel aos seus princípios tradicionais e críticos à sociedade moderna, elencando temas de interesse cuja abordagem já havia sido iniciada na década de 1980, como o aborto, mas agora sob as roupagens que tais debates poderiam assumir nessa conjuntura atualizada, adicionando-se temas relativos a prostituição, devassidão da vida moderna, tráfico de mulheres, movimento feminista, uso de drogas, relações e casamento homoafetivo, entre outros.

Vale destacar que, nesse número, são reafirmados os compromissos firmados em 1951 em prol da restauração da civilização cristã. Evidencia-se a manutenção da intencionalidade das matérias e temas abordados, que buscam conservar elementos dessa civilização cristã e da “moral” a ela relacionada, elaborada pelos fundadores da revista e reafirmada na conjuntura contemporânea, chegando-se até mesmo a reproduzir as matérias escritas por Oliveira nas primeiras edições.

Passando ao ano de 2002, foi possível perceber inicialmente a presença de um elemento que dá continuidade, de forma diferente, a algumas “associações” no decorrer das décadas de 1950 até 1980, entre o comunismo, o socialismo e orientações “de esquerda” às práticas totalitaristas, como aquelas relacionadas ao nazismo. Não é que a revista afirmasse claramente que um teria relação com o outro, mas, ao fazer suas considerações, ficava claro que as matérias veiculadas colocavam esses elementos “lado a lado”, por considerá-los totalitaristas e violentos.

Considerando as mudanças conjunturais entre as décadas, essas associações aparecem em novas roupagens, dessa vez, por exemplo, com outros elementos, como ataques terroristas, aos criminosos, entre outros.

Nesse sentido, pode-se citar uma matéria publicada na edição nº 613, de 2002, na qual são tecidas considerações sobre como o atentado de 11 de setembro de 2001¹⁷⁵ teriam impactado nas eleições do Brasil, em que já se considerava a vitória

¹⁷⁵ De acordo com matéria publicada pela BBC News Brasil, no dia 11 de setembro, quatro aviões comerciais norte-americanos foram sequestrados. Dois deles foram lançados contra as torres gêmeas

do candidato Lula. Plínio Vidigal Xavier da Silveira afirma existir uma amizade entre Lula e Fidel Castro e observa que, após o atentado de 11 setembro, o panorama eleitoral teria mudado, pois parte do eleitorado teria percebido algo que a mídia televisiva de então não mostrava: as relações entre o “esquerdismo” e o terrorismo, que seriam companheiros de viagem em decorrência de seu objetivo comum, destruir a civilização cristã.

Nessa mesma revista, Silveira (nº613, 2002, p. 21) evidencia suas dúvidas com relação às intenções de Lula, caso vencesse, questionando se ele tentaria consolidar a obra esquerdista e de revolução cultural que ganhou força no decorrer do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), que teria se empenhado em uma Reforma Agrária e dado apoio ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST).

São, portanto, delineadas questões que atestam a manutenção de temas de interesse já abordados desde o início das atividades da revista, como a divisão e a ocupação de terras, o “sentimento” de que a modernidade estaria constantemente atacando a sociedade cristã, o receio da infiltração comunista na América Latina. Contudo, o autor mostra essa velha lógica com novos contornos:

Em suma, o perigo comunista entrou gravemente acrescido na Nova República " (Plínio Corrêa de Oliveira, "A Reforma Agrária leva a miséria ao campo e à cidade", Vera Cruz, 1986, pág. 35). Mesmo em nossos dias, por exemplo, os movimentos guerrilheiro-terroristas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e Exército de Liberação Nacional (ELN), ambos declaradamente comunistas, levam o crime nessa infelizmente infeliz nação a níveis de crueldade e falta de escrúpulos difíceis de imaginar, chocando todo o mundo; menos, ao que parece, o governo colombiano. Esses movimentos praticam notoriamente o tráfico de drogas e o seqüestro em amplíssima escala, causando uma enorme prostração no país e em todos os seus habitantes. Além disso, incentivam outros grupos de esquerda na América Latina que tendem à violência. Tudo parece estar sendo articulado para a qualquer momento, desencadear alguma ação que vise transformar nosso continente num imenso Afeganistão (HALE, A. M. In: Catolicismo, nº613, 2001, p.25).

Nessa publicação, seu autor também declara a percepção de que a movimentação comunista não é isolada, mas existe uma coordenação, visando a infiltração nos diferentes países.

do World Trade Center (WTC) (Nova York), um contra o Pentágono (sede do Departamento de Defesa dos EUA, em Washington D.C.) e o último caiu em uma área desabitada na Pensilvânia. Ao todo, 2977 pessoas perderam a vida no decorrer dos acontecimentos. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>>. Acesso em: 18 de agosto de 2024.

Com base em falas como essa, considera-se que as publicações da revista mantêm o fio condutor anticomunista entre as décadas, bem como alguns aspectos de interesse. Contudo, é importante observar que, com o passar do tempo, a conjuntura e os processos mudam, não se trata mais de um período de Guerra Fria ou de Ditadura Militar.

A presente pesquisa compreende que a configuração relativa à Revista Catolicismo, estando inserida em outro momento histórico, realiza a interpretação da realidade concreta com base em suas visões de mundo de então, que bebem na fonte dos sócios fundadores da TFP e da Revista Catolicismo.

Conforme salientado anteriormente, a pesquisa compreende que, na Ditadura Militar, os autores envolvidos com a Catolicismo dialogavam **também** com correntes de pensamento conservadoras derivadas dos grupos militares, todos inseridos em um processo de pensamento conservador mais amplo. Nesse diálogo, porém, o grupo responsável pelas publicações da revista, na condição de uma configuração, ou seja, um grupo social historicamente localizado, também seria, ele mesmo, portador de correntes de pensamento que carregam suas próprias características e visões de mundo.

A configuração formada por esses autores e grupos envolvidos com a Catolicismo nos anos 2000, enquanto uma configuração diferente, pois é formada por outros indivíduos, poderia ou não modificar essas correntes de pensamento das quais foram herdeiros, dialogando com elas, ou suplantando-as. O que a leitura das edições das décadas de 2000 evidenciou foi que essa configuração manteve diálogos com as visões de mundo da Catolicismo de outrora, agora atualizando e atribuindo um caráter contemporâneo a essa “cruzada” histórica apresentada nas páginas da revista contra o comunismo e aqueles elementos identificados como perigos à civilização cristã, ainda que em outra conjuntura.

As configurações de indivíduos, estando inseridas nesse movimento conservador mais amplo no Brasil, têm suas próprias características e suas leituras e interpretações particulares dos acontecimentos daquela fase histórica. É dessa forma que os autores da Catolicismo atribuem um caráter contemporâneo às suas afirmações sobre a ação de grupos comunistas/socialistas, ainda que essas afirmações possam ter caráter sincrônico.

Por exemplo, se anteriormente se compreendia que as CEBs estavam empenhadas em esmiuçar e atizar as lutas de classes entre trabalhadores e

proprietários dos meios de produção, nos anos 2000, esse papel aparece fortemente associado ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), movimento social de massas, autônomo, que tem como objetivo articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil.¹⁷⁶

No Brasil, o caso mais assemelhado é o do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que recebe treinamento das FARC: "As FARC recrutam e treinam integrantes do movimento guerrilheiro Sem-Terra, do Brasil. Alguns subversivos desse País estiveram em Caguán" (El Espectador", Bogotá, 2-4-2001). Sem falar do amparo da ala dita progressista do clero, fato notório e registrado por órgão da mídia: "Padres e Bispos dão urna ajuda inestimável às mobilizações dos sem-terra" ("O Estado de S. Paulo", 10-5-2000). São inúmeras as notícias que confirmam a atuação de terroristas no Brasil (HALE, A. M. In: Catolicismo, nº613, 2001, p.25).

Percebe-se, então, que elementos como as lutas de classes e as divergências entre patrões e trabalhadores remetem à regularidade discursiva desenvolvida sobre o comunismo em diversas décadas de atividades da Catolicismo. Esses temas apontam para a existência de relações entre as visões de mundo e correntes de pensamento derivadas das antigas configurações da Catolicismo, embora tenham se passado quase 15 anos entre as publicações citadas (tomando, por exemplo, as publicações da década de 1980, lidas para a presente pesquisa).

O anticomunismo, nesse sentido, segue como um fio condutor, que guiou fortemente as análises da revista em seus primeiros 30 anos, tendo sido um tema abordado, ou ao menos citado, em todas as edições do período de 1951 até 1984 e que não deixa de estar presente nas publicações do ano de 2001.

Os próprios autores, na década de 2000, apontam para uma atualização do tema. Por exemplo, ao falar sobre o II Fórum Social Mundial¹⁷⁷ de 2002, Guilherme da Penha afirma: "bem observado o fenômeno, constata-se que a globalização serve de pretexto para formar, impulsionar e articular tais grupos, que vão constituindo nova, possante e perigosa rede internacional de esquerda de cunho anarquista" (PENHA, G. da. In: Catolicismo nº614, 2002, p.10). Além disso, Penha destaca:

O ensaio, objeto deste artigo, denuncia esse esforço mundial para criar uma nova Internacional Comunista, desde já denominada nos meios da esquerda radical de Internacional Rebelde. De fato, **é o próprio comunismo que ressurge**, porém metamorfoseado. Levando como companheira de viagem.

¹⁷⁶ Informações disponíveis em: < <https://mst.org.br/quem-somos/>>.

¹⁷⁷ Encontro anual internacional que possibilita debates e discussões relativos a temas como a Globalização, o neoliberalismo e o imperialismo.

a "esquerda católica", tais forças procuram se recuperar do trauma sofrido com a queda do império soviético, para se reagrupar e passar à ação (PENHA, G. da. In: Catolicismo nº614, 2002, p.11).

Portanto, ainda que em outra conjuntura, os autores seguem a missão incessante de vigiar a expansão comunista e suas possíveis formas de organização e de agremiação, não deixando de denunciar a parte que identificam como pertencente ao clero progressista nessas movimentações.

Contudo, é importante salientar que, diferente do primeiro cinquentenário, a Catolicismo, agora, apresenta normalmente de 40 a 50 páginas, aumentando o leque de assuntos que são focos de interesse dos autores. O comunismo não aparece, necessariamente, como um elemento transversal em todos os problemas apresentados na conjuntura que se colocava na década de 2000, embora o tema ainda tenha espaço garantido em todos os números que foram lidos.

Voltando ao conteúdo elaborado pelo autor, Penha (2002) ressalta um elemento basilar para a interpretação da presente pesquisa, o fato de Oliveira nunca ter acreditado que o comunismo, tido como fruto do processo de destruição da Civilização Cristã, havia findado, afirmando que, assim como acontece de rios afundarem e correrem de forma subterrânea para posteriormente voltarem à superfície, o comunismo iria necessariamente reaparecer, ainda que metamorfoseado, como uma fênix das cinzas da antiga União Soviética.

Dessa forma, observou-se que os autores da revista, nesse período, buscam identificar elementos do comunismo, do socialismo e da esquerda, em maior medida, em acontecimentos e figuras políticas ou lideranças adaptados à realidade sociocultural do período.

Vão se acrescentando, então, elementos da nova conjuntura às visões de mundo dessa configuração, que têm como um guia o pensamento conservador (elementos das antigas correntes de pensamento) legado de outrora e que declaram o renascimento do comunismo sob novas roupagens, adicionando aos debates questões relativas, por exemplo, às terras indígenas, às ações do MST e novos movimentos que buscariam um "igualitarismo desumano", em defesa da propriedade privada e da preservação da Civilização Cristã, conforme seus próprios desígnios.

Os temas abordados nesse período apresentam ainda lastros em comum com as falas que começaram a emergir na década de 1980, como o aborto, o divórcio e a homossexualidade, ainda tratados como efeitos da modernidade que causam

abalos negativos na sociedade cristã. Entretanto, agora, os autores buscam traçar panoramas em que se inserem esses temas conforme se delineiam (segundo as visões de mundo apresentadas pelos autores ao público leitor), ainda partindo da ideia de que a sociedade moderna estaria atravessando uma crise moral e dos costumes.

Assim como aumentou o número de páginas da revista, também há uma expansão da abordagem por um prisma religioso dos mais variados aspectos do cotidiano, desde as vestimentas imorais ou “adequadas”, questões relacionadas ao suicídio, uso de drogas e festas de adolescentes, baladas ou religiosas, até questões como o desarmamento dos civis (prejudicando os “homens honestos”), o aborto permitido pelo Estado frente a situações como doenças fatais ou abuso sexual, às ações de configurações como as CEBs (aqui identificadas como em declínio de sua “popularidade”), o MST e a fabricação de brinquedos religiosos articulados.

Assuntos de cunho político-estatal não perderam seu espaço, mas aparentam estar mais circunscritos às páginas que tratam com maior especificidade desse assunto. Em relação ao comunismo e ao socialismo, nesse período que antecede as eleições de 2002, o foco recai, em maior medida, na situação política de outros países da América Latina, como a Colômbia e a Venezuela, utilizando a situação política desses países para explicar por que não se deve, por exemplo, aprovar o desarmamento da população civil no Brasil.

No que se refere às eleições brasileiras, Silveira (nº617, 2002, p. 18-19) descreve uma situação na qual a população estaria descontente e apresenta ao leitor uma divisão clara de orientações políticas entre os candidatos até então apresentados para concorrer à presidência. Ao falar uma “esquerda clássica”, Silveira tece suas interpretações sem citar nomes, mas faz alusão a uma publicação, anteriormente citada, que se refere aos atos terroristas de 11 de setembro de 2001¹⁷⁸, na qual fala sobre como isso impactou uma vitória de Lula, que já era tida como quase “certa”. Portanto, compreende-se que o autor associa a referida figura política como sendo de “esquerda”, que segue à frente nas pesquisas, com uma estratégia de se apresentar de forma “light”, atraindo parte do eleitorado que inclui o que chama de empresariado sapo, definido por Oliveira como capitalistas com simpatia pelo comunismo.

Quando o comunismo ou as orientações definidas pelos autores como sendo “de esquerda” aparecem como temas transversais, esse movimento se

¹⁷⁸ SILVEIRA, P. V. X. da. Bin Laden e as eleições presidenciais brasileiras. In: Catolicismo, nº613, 2002, p. 20-21. Disponível em: <https://issuu.com/nelson87/docs/catolicismo_2002>.

relaciona como tópicos como o desarmamento civil, visto como algo prejudicial, pois trata-se da legítima defesa dos “homens honestos”. Nesse sentido, os autores do período parecem dialogar com a ideia de defesa já abordada pelas páginas da revista, com relação à legitimação de medidas e de ações que podem acarretar situações de violência, em defesa da civilização cristã.

Na edição de maio de 2002, por exemplo, Waki (nº617, 2002, p.49) explana que há políticos de esquerda no Brasil que defendem desarmar a população civil. O autor define essa medida como algo que iria proibir a população honesta de se defender, o que poderia acarretar um domínio “dos bandidos”, assim como identificam na situação da Colômbia¹⁷⁹. Assim, o autor vai reforçando o ato de caracterizar, novamente, identidades coletivas do “eu” e do “nós” *versus* “eles”, de forma que os grupos formados por seus pares são identificados como pessoas honestas, que querem o bem da civilização cristã, enquanto os outros são identificados como inimigos da ordem e da moral católica, sendo lícito o combate armado por parte dos homens honestos, desde que em legítima defesa.

A esse respeito, a edição nº 619, de 2002, veicula um texto de Oliveira, no qual ele define sua noção de brasileiro genuíno, reforçando uma delimitação do “nós” e do “eles” como polos opostos.

Chamo de brasileiro genuíno especialmente aquele cujo sangue, grosso modo, é de ancestral português, índio ou negro. Ou com sangue misturados desses três. [...]. Em relação aos primeiros [brasileiros genuínos], devo dizer o seguinte: que há o brasileiro revolucionário* e o brasileiro contra-revolucionário, dentro dessa espécie de gente à qual pertencço, porque minha ascendência é inteiramente brasileira. Quanto ao veio contra-revolucionário, é constituído por pessoas que não se conformam com a vida trivial, a vida terra-terra, só de interesses materiais. Querem algo que lhes fale de desinteresse, de risco, de heroísmo, de arte, de cultura, de beleza, de coisas que são bens da alma e não exclusivamente do corpo. De coisas que convidam para a idéia de valores eternos, de um Deus pessoal e de uma vida além túmulo. É bem diferente do brasileiro picado pela Revolução. Este sente birra em relação a tudo quanto é maravilhoso e extraordinário, e tem uma

¹⁷⁹ De acordo com Santos (2002), a Colômbia é um país marcado por divisões geográficas, regionais, culturais, sociais, políticas e econômicas que foram, em grande parte do tempo, marcadas equacionadas pela violência. O país teria tido dificuldades para consolidar uma unidade nacional, tendo “convivido com um duradouro quadro de incapacidade estatal para garantir soberania, mediar conflitos sociais e fazer valer o Estado de Direito em várias partes do seu território, num ambiente de cultura política de violência, de limites de participação política e de acesso desigual aos recursos naturais. Nesse contexto, não é por acaso que a história do país também tem sido marcada pelo surgimento de conflitos armados e pelo desenvolvimento de economias ilegais” (SANTOS, 2002, p. 67-68). De acordo com o autor, a partir da década de 1960, no auge da Guerra Fria e da Doutrina de Segurança Nacional dos EUA, surgiram grupos guerrilheiros de esquerda e organizações paramilitares de direita, que desenvolveram em intensos combates entre si e com o Estado, que ainda ocorriam na década de 2000, sendo potencializados pela persistência dessa situação e pelo desenvolvimento de economias ilícitas, de narcotráfico, tráfico de armas e contrabando.

inclinação para debicar das coisas sublimes. Portanto, transforma-se num inimigo de toda simbologia da TFP - que é um convite para o maravilhoso, para o sobrenatural e para o divino (OLIVEIRA *apud* Revista Catolicismo, nº619, 2002, p. 18).

Dessa forma, para o autor, aqueles que querem a revolução, ou seja, mudanças na ordem política, religiosa, cultural, social etc., que sejam divergentes dos desígnios declarados e veiculados pelos autores que publicam na revista, são considerados inimigos da “simbologia” por ela elencada.

Considerando que o que difere das visões de mundo veiculadas pela Catolicismo no período é tido como “ruim”, identificado como “inimigo”, Waki (nº617, 2002, p.49) fala até mesmo em uma “colombianização” do Brasil, descrita por ele como uma catástrofe, que justificaria a campanha que estava sendo promovida pela TFP: Pró Legítima Defesa. Uma vez que as publicações desse período promovem uma caracterização da Colômbia como um país tomado pelo caos e pela violência, mais identificada na ação de grupos como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)¹⁸⁰, essa noção de uma potencial colombianização do Brasil evidencia que o autor se utiliza de um recurso discursivo que apresenta uma impossibilidade de defesa armada em caso de um eventual conflito violento advindo dos “inimigos”, tratados aqui como “bandidos” e “marginais”.

A fala do autor também evidencia uma dimensão que alerta para um perigo comunista violento, assim como foi identificado na situação da Colômbia nesse período. Assim se projetam essas ações violentas, com fundo “ideológico” de esquerda, em grupos como o MST, chegando-se a afirmar que o objetivo desse movimento não seria redistribuir terras entre os que não a possuem, mas usar a Reforma Agrária como um instrumento de luta de classes para “cubanizar” o país por meio das invasões de terra. Com esses recursos retóricos, os autores da revista buscam comunicar ao público leitor que essas configurações querem impor ao Brasil a instauração de um regime socialista, por meio da tomada do poder político e da interferência em questões relativas à propriedade privada.

As edições da revista, nesse período, também abordam o que se chama de “comunismo invisível”, apresentando-o como um movimento estratégico que atua

¹⁸⁰ Segundo Ferro Medica (2000), as FARC são guerrilhas revolucionárias que surgiram após uma longa guerra entre liberais e conservadores (1948-1953) nos anos 1960, buscando a transformação do Estado. Conforme se desenvolviam, as FARC teriam atuado em prol de reformas agrárias e da revolução do Estado, orientando-se pelo Partido Comunista.

por outras vias, que não o combate e a tomada de poder direta. Oliveira já havia abordado esse comunismo invisível, conforme recorda Silva (nº618, 2002, p.15), identificando que a liberalização dos costumes foi um substituto encontrado pela liberal democracia para o marxismo, com o qual a população teria se desiludido. Dessa forma, teriam surgido questões como a liberdade sexual total e as noções de que seria proibido proibir, contribuindo ainda mais para a crise identificada pelos autores na sociedade moderna.

É possível perceber que os autores da revista veem essa crise como um processo que vai se desenrolando de forma histórica, tendo diferentes fases e atores em cada período histórico. O comunismo é percebido e declarado como um fator central desse movimento de crise, derivado das revoluções iniciadas a partir do século XIX, e que está presente das mais diversas formas nos momentos interpretados pelos autores, ora de forma escancarada, ora de forma escamoteada.

A presente pesquisa apreendeu que os autores da revista, no decorrer do tempo, apesar das mudanças nas matrizes de pensamento, não deixaram de destacar, a cada década, que essa crise moral estaria “em sua pior fase”, utilizando frases como “nunca em nenhuma época a sociedade viveu uma crise moral como na modernidade”. Esse tipo de recurso discursivo evidencia uma leitura da realidade social que percebe essa crise como um movimento crescente e latente, que, mesmo se apresentando de forma “mais *light*” em algumas personalidades e configurações sociais em determinados períodos históricos, não deixa de ser uma ameaça às tradições, decorrendo daí as manifestações conservadoras da revista.

Fica claro que a revista segue, na década de 2000, em sua empreitada de conservar a sociedade cristã, agarrando-se ao que os autores consideram como os “valores e tradições a serem defendidos”. Dessa forma, conforme novos elementos e configurações sociais se apresentam, como o MST, os autores se articulam para demonstrar ao público leitor a possibilidade de ações de fundo comunista por meio delas, buscando influir sobre a opinião pública.

Nesse movimento, os autores que publicam pela revista não se desligam do passado, veiculando constantemente conteúdos elaborados por Oliveira em outrora. Esse ato condiz com a busca pela permanência das tradições, e demonstram a forma como os autores dialogam com a “a herança” do pensamento de Plínio Correa de Oliveira, compreendida também como uma corrente de pensamento incrementada e, de certa forma, gestada no interior da configuração da Catolicismo nas décadas

anteriores, assim busca-se promover uma atualização das visões de mundo associadas a essa corrente de pensamento, conforme os “problemas” identificados na atualidade.

Ainda no que se refere a “movimentos” e estratégias identificados pelos autores em relação às esquerdas no Brasil, os autores afirmam o papel da televisão na difusão da propaganda comunista enganosa e na presença majoritária de candidatos de esquerda nas eleições que ocorreram em 2002. De acordo com Silveira (nº623, 2002, p.140), o princípio democrático parecia estar sendo negado nesse processo eleitoral: todos teriam direito de escolher seu voto, mas as opções que se colocavam não atendiam aos “conservadores”. Esse processo, em que os brasileiros tinham que escolher entre Fernando Henrique Cardoso e Lula, caracterizados como dois candidatos de esquerda, arrastava-se desde 1994 ¹⁸¹.

De acordo com o autor, Lula tinha o perfil de um candidato de esquerda e buscava elaborar um perfil público de candidato moderado. Os outros candidatos também eram de esquerda, sendo dois declaradamente associados a partidos comunistas, o que deixava a população sem “escolhas” reais. Nessa mesma edição, o autor reafirma a suposta norma de conduta da Catolicismo em não tomar posições em questões político-partidárias, mas já deixa elaborada uma carta com perguntas ao futuro presidente eleito, contendo questões consideradas viscerais pelos autores: casamento homoafetivo, aborto, a continuidade da reforma agrária, “invasões” do MST, reforma urbana, criminalidade, tolerância às drogas, aproximações com o modelo cubano e luta contra o terrorismo.

Como já foi argumentado, apesar dessa afirmativa de não se posicionar em questões político-partidárias, na Catolicismo não só se afirmaram as visões de mundo de seus autores sobre as possibilidades, como também se apresentou congruências com gestões governamentais de outrora (governos ditatoriais) no que se referia ao combate ao comunismo. A presente pesquisa também compreende que as questões colocadas ao futuro presidente evidenciam os elementos que compõem a matriz de pensamento do período, somando-se também a vigia sobre o “perigo” de os “modelos” políticos de países comunistas da América Latina chegarem ao Brasil.

¹⁸¹ Não é pretensão da pesquisa se aprofundar em questões relativas aos traços e rumos políticos dos partidos e gestões. Por essa razão, o foco se manteve nas elaborações discursivas dos autores da Revista.

Na edição nº 624 de 2002, Silveira afirma que a vitória de Lula foi anunciada pela mídia esquerdista nacional e internacional como um triunfo do socialismo. Ficando “limitado a escolher entre quatro candidatos de passado comunista e de presente ambíguo, o eleitor viu-se constrangido a optar somente entre presidenciáveis de idéias socialistas, ainda que tais idéias tenham ficado mais ou menos escondidas durante a campanha” (SILVEIRA, nº624, 2002, p.14). De acordo com o autor, Lula, nesse período, deixaria questões pairando no ar: a população teria escolhido o ex-líder de greves metalúrgicas, com o apoio do clero progressista, e derrotado outras vezes em decorrência de sua posição esquerdista, ou o candidato de imagem moderada e equilibrada, que iria garantir empregos, melhores condições de vida etc.

De uma forma ou de outra, é clara a associação estabelecida entre Lula e uma posição de “esquerda”, evidenciando também que a população não escolheu conscientemente um candidato de esquerda, mas foi manipulada pela propaganda e pela mídia que teria auxiliado a construir essa imagem moderada de Lula. Dessa forma, infere-se uma relutância dos autores em manifestarem uma escolha consciente do brasileiro por um candidato, que, em suas interpretações, era de esquerda.

Na edição nº 625, de 2003¹⁸², afirma-se que aquele ano começa com uma fase crítica do Brasil, na qual ascende ao Governo Federal um homem público de esquerda. Essa questão, para os autores, não é composta apenas por questões político-partidárias, mas também “de ordem social, cultural, econômica e mesmo religiosa, diretamente relacionadas com os rumos que a Nação normalmente tomará” (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº625, 2003, p.16). A matéria salienta que a população, ao eleger Lula, não clamava por um governo “de esquerda”, mas por mudanças na direção econômica do país, visto que a esquerda seria, em “muito pequena medida, um fenômeno de massa”, “uma enfermidade típica de certos bairros residenciais e clubes ricos e algumas poderosas esferas macrocapitalistas, de numerosas sacristias e universidades” (CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº625, 2003, p.16-17).

A despeito disso, os autores da edição assumem a nova situação de liderança oficial, mas não reconhecem Lula como um líder. Seguindo as considerações da revista, o conservadorismo político passava por uma onda de

¹⁸² CATOLICISMO. Uma análise da TFP: O Brasil de hoje quer pacatez e não agitação. In: Catolicismo, nº625, 2003, p.16-21. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2003>.

crescimento¹⁸³ no Ocidente e esse fator não poderia ser ignorado pelo governo que se iniciava. Essa fala dos autores evidencia que, mesmo com a vitória de uma oposição a si próprios, o movimento não iria retroceder em seus objetivos, marcando sua presença na cena pública.

Na edição número 627 (SILVEIRA, P. V. X da e VIOTTI, F. R. de A., 2003, p.14), chega-se a afirmar que o comunismo não morreu e, por ocasião da recepção de Lula a líderes de diversos países em solo Brasileiro e de uma fala feita por Hugo Chávez (presidente da Venezuela) em Porto Alegre¹⁸⁴, conclui-se que o espectro do comunismo ronda a América Latina, parafraseando o Manifesto do Partido Comunista, datado de 1848, de autoria de Karl Marx e Frederich Engels, citando novamente uma afirmação de Oliveira, feita em 1992, de que o comunismo não havia findado, apenas se metamorfoseado e:

Metamorfoseado, o comunismo representa um perigo ainda maior do que foi no passado. Seu disfarce o faz parecer menos violento; seu discurso, aparentemente mais moderado. E, sobretudo, o Ocidente já não dispõe das defesas ideológicas de que dispunha outrora. A doutrina católica sobre a matéria é pouco conhecida até mesmo entre os católicos. A família, uma das grandes barreiras à expansão do socialismo em épocas anteriores, está sendo constantemente golpeada pela imoralidade, pelo divórcio, pela perda de autoridade dos pais sobre os filhos etc. Muitas escolas tornaram-se centros de pregação marxista. Assim, os erros da Rússia infiltraram-se em toda a sociedade atual” (SILVEIRA, P. V. X da e VIOTTI, F. R. de A. In: catolicismo, nº627, 2003, p.15).

Os autores percebem e diagnosticam a América Latina com uma crise de instabilidade, dessa forma, haveria o que se proteger, pelo que lutar. A solução afirmada pelos autores é que o continente deveria voltar a trilhar os caminhos para se tornar uma civilização cristã, unindo os povos sob uma mesma fé, de forma que as

¹⁸³ A histórica vitória de Bush e seus partidários nas últimas eleições americanas de novembro chamou fortemente a atenção do mundo, [...] O mesmo conservadorismo que cresce nos Estados Unidos tem obtido também na Europa resultados surpreendentes. Na França, tivemos o desmantelamento do Partido Comunista, a crise generalizada entre os socialistas e uma vitória sem precedentes de políticos que se apresentaram como sendo de direita. Na Espanha, na Itália, em Portugal, na Áustria, os socialistas tentam desesperadamente uma recuperação eleitoral que lhes foge por entre os dedos. Na Alemanha, eles mantêm o poder, mas o conservadorismo subiu nas últimas eleições, e por pouco não ganhou. Em nossa América Latina, temos o desprestígio crescente de Fidel Castro; a queda espantosa de popularidade do governo Chávez na Venezuela, que só se mantém no poder apoiado numa ala militar e em malabarismos políticos; na Colômbia, uma população ainda mais conservadora do que o atual presidente exige medidas fortes contra a guerrilha marxista (ALENCASTRO, C. In: Catolicismo, nº 625, 2003, p.43).

¹⁸⁴ De acordo com a publicação: "Rajadas de metralhadoras podem acontecer e não haverá força que impeça as mudanças neste continente e no resto do mundo" (SILVEIRA, P. V. X da e VIOTTI, F. R. de A. O comunismo não morreu. In: catolicismo, nº627, 2003, p.14. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2003>).

vozes desse país verdadeiramente católico não seriam silenciadas nem por metralhadoras.

Nesse sentido, é possível apontar que os autores seguem dialogando com elementos das correntes de pensamento em voga nas décadas anteriores, reafirmando sua identidade coletiva cristã e sua orientação política, porque, para convergir para o cristianismo, não se poderia ser comunista ou mesmo flertar com elementos da “esquerda”. A fala dos autores evidencia que, para tal, busca-se chamar e congregar os católicos em uma força, um agente forte por ser numeroso e firme em suas convicções, que traçaria o caminho de volta para as tradições católicas e seus pilares mestres: a família como célula ordenadora da sociedade, a proteção da propriedade privada e, em grande medida, a postura anticomunista, abrindo caminho para uma sociedade sem promiscuidade, sem problemas com drogas, pornografia, abusos, aborto, casamentos homoafetivos, expropriação de terras, entre outros sintomas da decadência associada pelos autores da revista ao mundo moderno.

No período que corresponde às eleições do primeiro governo de Lula e no ano seguinte a essas eleições, é possível perceber diversos itens que convergem para aqueles elencados na década de 1980, conforme dito anteriormente, à luz da interpretação da nova configuração que ficava à frente da revista naquele período, abordando e associando aspectos que já vinham sendo debatidos: legalização do aborto, infiltração marxista/comunista em países vizinhos, casamento homoafetivo, uso de drogas, prostituição, epidemia de AIDS, desapropriação de terras, suicídios, violência contra crianças, críticas ao clero progressista e às configurações, como as CEBs, que estariam incitando as lutas de classes, e novos agentes, situações e configurações que emergem na cena pública, como o MST e os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Tudo isso estava, agora, sob a luz de uma gestão governamental cuja Presidência da República era encabeçada por Lula, caracterizado pelos autores do período como uma figura que pende para a esquerda, é inteligente e demonstra ser moderado propositalmente, sendo, então, passível de desconfiança e vigilância, não só o indivíduo, mas a conjuntura e o desenrolar dos fatos como um todo.

Portanto, os autores no período, a despeito de uma relativa manutenção de temas correntes na terceira matriz de pensamento, buscam atribuir uma contemporaneidade aos temas e aspectos ainda apresentados como pontos nevrálgicos, dialogando com elementos das correntes de pensamento legadas das

configurações anteriores, como as falas de Oliveira e seus “prognósticos” para o futuro, como a metamorfose do comunismo. Nesse processo, também adicionam elementos de si mesmos e da conjuntura dos acontecimentos.

6.2A passagem do segundo governo Lula ao primeiro governo Dilma Rouseff: Quarta matriz de pensamento – dos Direitos Humanos às questões emergentes do período

No ano que antecede o primeiro governo de Dilma Rouseff, em janeiro, há uma matéria que faz um balanço do governo Lula. De acordo com seus autores, o presidente tentou alimentar a imagem de um candidato moderado no decorrer de seus dois mandatos, mas, ainda assim, durante esse tempo e em meio às crises econômicas, teria buscado alimentar um tipo de luta de classes internacionais e, frente à impossibilidade de uma terceira candidatura, apontou Dilma Rouseff como potencial concorrente ao cargo da presidência.¹⁸⁵

É possível apreender que o governo feito por Lula recebe críticas às relações e aos diálogos alimentados por ele com outros países, incluindo aqueles que a revista define como terroristas e comunistas. Aliada a esse fator, também se encontra a pauta dos direitos humanos. De acordo com González (2010), a eleição de Lula em 2002 criou expectativas sobre potenciais mudanças em relação aos governos anteriores.

Historicamente falando, o autor ressalta que o Brasil desde cedo incorporou ferramentas de reconhecimento e proteção aos direitos humanos do ponto de vista da ordem jurídica. Entretanto, sua aplicação nem sempre foi completada ou abarcou toda a população, tendo seu período de maior distanciamento durante a Ditadura Militar. A abertura política, da forma como foi proposta por Geisel, teria possibilitado o aumento das demandas e mobilização da sociedade nesse sentido¹⁸⁶. Na década de 1990, o autor não identificou políticas, no Brasil, específicas em relação aos direitos humanos, mas teria se iniciado uma maior preocupação do governo federal com o tema, em meados de 1995, com a criação do Prêmio Nacional de Direitos Humanos.

¹⁸⁵ DUFALIR, L. 2009 em revista: Vagalhões das esquerdas quebram-se contra um mundo mais reativo. In: Catolicismo, nº709, p.28-35. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0709/P06-07.html>>.

¹⁸⁶ Tendo o apoio de organizações como a ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Em 1996, segundo o autor, Fernando Henrique Cardoso, após seminários e debates com a participação de representantes de diversos segmentos sociais, lança o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), com o objetivo de identificar obstáculos à promoção e proteção dos direitos humanos no Brasil, elegendo prioridades e apresentando propostas administrativas, legislativas e político-culturais para lidar com os problemas relativos ao tema.

O tema já havia sido abordado pelos autores nas publicações de 2002 e 2003, que expressaram preocupações sobre o então presidente Lula dar ou não continuidade aos debates relativos ao PNDH, movimento que dialoga com o clima de expectativas sobre potenciais mudanças em torno do primeiro governo Lula, apontado por González (2010). Para esse autor, pode-se apontar como ênfase dos dois governos de Lula, no que se refere aos direitos humanos, o combate à pobreza extrema, com políticas sociais de combate à fome e distribuição de renda, ocorrendo, então, movimentações nessa direção¹⁸⁷, que não passaram despercebidas pelos autores da Revista.

Em matéria de 2010, Daniele (nº711, 2010, p.10) comenta o lançamento do PNDH-3 pelo governo Lula, apresentando suas interpretações sobre o Programa e o que ele teria de anticristão. Para o autor, o PNDH-3 se caracteriza como a nova religião dos homens, substituindo a de Deus, trazendo uma nova moral e decálogo, que seriam os “imaginários ou distorcidos direitos humanos” (DANIELE, L. In: Catolicismo, nº711, 2010, p.10-15):

Em substituição aos Dez Mandamentos da Lei de Deus, teremos agora que pautar nossas ações pelos "direitos" das prostitutas, dos homossexuais, das feministas, dos vadios, dos invasores de terras e de prédios, das "culturas" primitivas, dos revoltados de todo gênero. Não estamos inventando nada. Diz o Presidente Lula: "Tenho reiterado que um momento muito importante de nosso mandato foi a realização da Iª Conferência Nacional de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, em 2008, marco histórico na caminhada para construirmos um país sem qualquer tipo de intolerância homofóbica". E o texto do PNDH-3 é ainda mais claro, pois recomenda: apoiar projeto de lei que disponha sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo; promover ações voltadas à garantia do direito de adoção por casais homoafetivos; reconhecer e incluir nos sistemas de informação do serviço público todas as configurações familiares constituídas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), com base na desconstrução da heteronormatividade (DANIELE, L. In: Catolicismo, nº711, 2010, p.10).

¹⁸⁷ Para maiores informações: GONZÁLEZ, R. S. (2010). A POLÍTICA DE PROMOÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS NO GOVERNO LULA. Revista Debates, 4(2), 107. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.16534>.

Pela forma como o autor apresenta essas mudanças, é possível perceber não somente um tom desaprovador relacionado ao tema em si, mas também uma lógica que aponta para uma investida contra um elemento de caráter religioso (os 10 mandamentos), refletindo na mudança política. Esse elemento fica evidente, por exemplo, quando o autor afirma que essa tolerância legal, por exemplo, à homossexualidade, na realidade seria um “pseudo direito à depravação” (DANIELE, L. In: Catolicismo, nº711, 2010, p.11).

O autor ainda aponta outras questões, tais como recomendações para a descriminalização do aborto e a recomendação de um movimento de caráter educativo para desconstruir estereótipos relativos à prostituição. Para pautar essa reflexão, a matéria também veicula algumas falas de Oliveira, que aponta as relações homossexuais, enquanto estéreis por definição, como contrárias às leis naturais e, assim, às famílias.

Tem-se aqui, novamente, uma escolha proposital dos indivíduos envolvidos com a elaboração e publicação da Revista Catolicismo, que aponta uma questão de caráter político-social como algo que impacta diretamente a sociedade cristã, por atentar contra os princípios da Igreja (conforme as interpretações do autor), dentre eles a constituição da família e os ensinamentos da Igreja sobre a desigualdade social e a propriedade privada, resgatando falas sobre a igualdade “compulsória” associada ao socialismo. O autor conclui suas reflexões definindo esse PNDH-3 como violento, tendo um caráter radicalmente anticristão.

É o próprio presidente Lula quem o reconhece, ao ressaltar o caráter "inédito" e radical do projeto, falando de "universalidade, indivisibilidade e interdependência", e de "combate às desigualdades". No que propugna, vai muito além do chavismo venezuelano. Mas está inteiramente de acordo com a Teologia da Libertação. O PNDH-3, em suas quase 80 páginas, põe em cheque a Igreja Católica. Investe contra a família e a moralidade do povo, de forma agressiva. Estimula a luta de classes, de grupos e de raças. Intenta desmoralizar o Judiciário e o sistema de segurança pública. Vai contra a propriedade privada, estabelecida por dois Mandamentos. Procura deitar a garra totalitária nos meios de comunicação social. Conduz ao caos a produção econômica, hostilizando sua ponta de lança, que no momento é a agricultura e a pecuária em grande escala. Coloca a Nação debaixo de um tãção totalitário, sob a vigilância de conselhos populares (soviets), onipresentes e de atribuições indefinidas (DANIELE, L. In: Catolicismo, nº711, 2010, p.15).

Com base nessas falas, o autor conclui seu raciocínio, afirmando que a aplicação integral desse plano poderia representar a “sovietização do país”, acenando para um desmembramento da sociedade brasileira em pequenos grupos que define

como de “tipo indígena ou quilombola, fruto de uma mentalidade comuno-indigenista inteiramente ao estilo do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e da Teologia da Libertação” (DANIELE, L. In: *Catolicismo*, nº711, 2010, p.15).

Pode-se dizer, portanto, que o anticomunismo novamente emerge, sendo o fio condutor que remete a reflexões de outrora em uma conjuntura atual. O autor ainda considera que o Brasil, em 2010, estaria sob perigo e, ameaçando o Brasil, estar-se-ia ameaçando a Igreja, uma vez que os conteúdos veiculados pela revista evidenciam a compreensão de que o que se associa ao comunismo/socialismo/ à esquerda ou a governos sob essas orientações, é totalmente contrário à Igreja (nos moldes concebidos pelos autores) e, por consequência, às leis de Deus.

Os conteúdos da *Catolicismo*, em 2010, evidenciam uma desaprovação ao governo de Lula, associando o homem com o socialismo e com a família de Fidel Castro (de quem frequentemente se ressaltam políticas e medidas violentas e totalitárias) e as políticas com um “amargo” império de direitos humanos que atentam contra os princípios religiosos declarados nas publicações da revista.

Dessa forma, esta pesquisa compreende que aqui se delineiam os elementos de uma quarta matriz de pensamento, composta por temas relativos à “invasão de terras”, em certa medida, a questões ambientais e ao PNDH3, abordando a gestão de Lula como associada a uma das piores crises (naquele período) morais e políticas pela qual o Brasil já passou, relacionada aos direitos humanos e às políticas que tratam desses direitos, que afetariam a sociedade e iriam contra a sociedade cristã, conforme a elaboração dos autores.

Quanto às eleições do ano de 2010, até o mês de novembro são poucas as referências da *Catolicismo* ao processo eleitoral, visto que o foco das atenções da revista se volta para o PNDH e para elencar conteúdos relativos a uma das publicações de Oliveira, *Revolução e Contrarrevolução*. No mês de novembro, Silveira (nº 719, 2010, p.14-16) apresenta ao público um “balanço” da situação eleitoral de então, alertando que prevaleceram na campanha assuntos morais e religiosos: aborto, casamento homoafetivo, família, religião e PNDH.

Nesse período, novamente, o autor afirma que só havia candidatos de esquerda à disposição da escolha do público, o que iria contra o próprio caráter da democracia, conforme declara o autor, afirmando a ausência de candidaturas que representassem determinada parte da opinião pública. O autor caracteriza tal situação como uma discriminação arbitrária dessa parcela da opinião pública.

Além disso, assim como as matérias da revista não “reconheceram” o primeiro governo Lula como uma liderança e demonstraram conceber que os votos que o elegeram legalmente não se deviam ao candidato ou ao partido, mas sim às expectativas de mudanças da população, foi possível perceber uma regularidade discursiva nesse mesmo sentido concernente ao processo eleitoral que elegeu o primeiro governo de Dilma Rousseff.

Silveira (nº 720, 2010, p.18) afirma, de forma clara, que a maioria do eleitorado não votou no PT e explica:

[...] Considerável maioria dos eleitores brasileiros não votou em Dilma Rousseff. A imprensa destacou que a candidata petista obteve 55.752.529 votos, equivalentes a 56,05% dos votos válidos. Correto. Acontece que o eleitorado brasileiro é muito maior do que a soma dos votos válidos. Ele inclui os brancos, nulos e abstenções. O total do eleitorado brasileiro é de 135.803.094. Isto significa que 80.050.565 dos brasileiros aptos a votar não votaram em Dilma Rousseff. Portanto, não votaram na candidata petista 58,9% dos eleitores, contra 41, 1 % que lhe deram seu voto. [...] A essa consideração soma-se outra [...]. A vitória de Dilma se deveu em larga medida ao voto dos que recebem bolsa família. Já o resultado do primeiro turno mostrou essa realidade: "A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, recebeu proporcionalmente mais votos onde a cobertura do Bolsa Família é maior. Dos dez estados com maior índice de beneficiários do programa de transferência de renda, nove deram a Dilma votação suficiente para vencer já no primeiro turno. É o que mostra o cruzamento dos resultados da eleição presidencial, feito pelo GLOBO, com o endereço de quem recebe o Bolsa Família". 14 Como se vê, não se tratou de uma consonância ideológica com o socialismo da candidata do PT, nem com seu programa político, nem com as metas do governo. Prevaleceu simplesmente o interesse pessoal, cuja legitimidade se pode discutir no caso concreto, mas cuja realidade é incontestável. Ora, a contrário senso, os que votaram contra Dilma Rousseff o fizeram, em larga medida, porque não concordam com seus princípios doutrinários ou morais, não apoiam seu projeto político, não confiam nas suas metas de governo e não desejam uma continuidade da administração Lula (SILVEIRA, P. V. X. da. In: Catolicismo, nº720, 2010, p.18).

Portanto, também se estabelece uma associação entre a gestão de Rousseff, que ainda nem havia iniciado, com o pensamento/orientações socialistas, conforme apresenta a regularidade discursiva das matérias veiculadas pela revista.

Na edição de número 721, a revista reafirma a sua missão, após o 60º ano de atuação: a defesa da doutrina católica. Junto dessa missão, o texto elenca um dever: a oposição aos erros contrários à lídima doutrina da Igreja, seguindo-se as palavras de Pio X: “Restaurar todas as coisas em nosso Senhor Jesus Cristo” CATOLICISMO. In: Catolicismo, nº 721, 2011, p. 6).

A Catolicismo, nesse sentido, expressa suas visões de mundo sobre esses erros, elencando-os. Logo, é importante destacar que, seguindo a base teórico-

metodológica que orienta a presente pesquisa, as visões de mundo estão associadas aos grupos sociais e à conjuntura mais ampl. Nesse sentido, essas visões de mundo não permanecem engessadas, pois a realidade social é dinâmica, bem como as relações entre os indivíduos e seus grupos sociais.

Buscou-se, então, compreender quais seriam os “erros” apontados pelas páginas da revista nesse período, interpretados pelos autores como contrários à Civilização Cristã e à Igreja frente à conjuntura que se colocava. As gestões governamentais do PT, nesse sentido, não são descritas como convergentes para essa Civilização Cristã. No caso de Lula, por exemplo, a atenção aos direitos humanos de minorias é interpretada como algo que ataca “verdades” fundamentais concebidas pelos autores, como o casamento homoafetivo, que atentaria contra a ordem social reprodutiva legada aos indivíduos que povoam a terra.

Considerando que a esquerda e elementos a ela associados vêm sendo profundamente rechaçados pela revista em suas décadas de atuação e que se associam os sucessivos governos de candidatos do Partido dos Trabalhadores a essa orientação política, a gestão de Rouseff também não foi bem recebida, conforme se pôde notar pela negação apresentada em relação ao povo ter optado pela candidatura de Rouseff. Para descrever a situação eleitoral da qual resultou a primeira gestão de Rouseff, é afirmado que os eleitores só teriam opções de candidatos “esquerdistas”, favoráveis em graus e formas diversas ao aborto, opostos à família, à propriedade privada e à liberdade.

A rejeição demonstrada ao PNDH 3 é justificada nas matérias não só em vista dos “prejuízos” à civilização cristã, mas também ao perigo que representava, segundo as matérias, à conversão do Brasil ao comunismo.

No rico subsolo psicológico do Brasil aconteciam movimento animadores, porém inquietantes para as hostes esquerdistas. Desde o início do ano, a difusão do Plano Nacional dos Direitos Humanos (PNDH-3) suscitou justificado alarme em largos setores, habitualmente mal representados em nível político. Assinado pelo presidente Lula e a quase totalidade dos seus ministros no apagar de luzes de 2009, o PNDH-3 escancarou o vulto total da transformação radical do País, visada pelo PT, e teve assim o mérito ele abandonar a tática da dispersão de objetivos e de ambigüidade de formulações. Mas essa exposição do vulto total da revolução em curso pôs as fibras sadias do Brasil diante de uma alternativa inevitável: reagir ou resignar-se a uma comunistização, análoga à de Cuba e às iniciativas ditatoriais do presidente da Venezuela (DUFALIR, L. In: Catolicismo, nº721, 2011, p.29).

Esse período, assim como o anteriormente analisado, tem um aspecto que se destaca nos discursos das autoridades, a abordagem de países vizinhos na América Latina e os perigos que seus governos representam. Nessa esteira se apresenta, por exemplo, a Venezuela com a autogestão socialista (sob direção de Hugo Chávez de 1999 até 2013), afirmando-se que, ao seu governante, agrada-lhe ter boas relações e simpatia com outros governos sul-americanos como o Equador e a Bolívia:

[...] Chávez goza de grande simpatia entre governantes da Argentina e do Paraguai. No Brasil, os "conselhos" de tipo soviético, aprovados por Lula no malfadado Programa de Direitos Humanos (PNDH-3), permanecem como uma ameaça. Tudo isso junto nos diz que presenciamos uma tentativa de comunizar a América do Sul, talvez toda a América Latina. A autogestão que se impõe à Venezuela é apenas um plano-piloto. É o comunismo soviético que, depois de uma prolongada metamorfose, renasce entre nós maquiado e camuflado - uma planta daninha cujas sementes envenenadas são trazidas pelo pernicioso vento da demagogia, para medrar em novo terreno (ALENCASTRO, C. Autogestão socialista na Venezuela. In: Catolicismo, nº722, 2011, p.18)

A situação dos países citados pela matéria, a despeito de seu título¹⁸⁸, não é descrita como sob um perigo advindo do “socialismo”, o termo usado para alertar o público leitor é o comunismo, e não se trata de um comunismo desligado de outras configurações históricas, mas, sim, de um que era como uma “herança” da União Soviética.

Na década de 2010, foi possível apreender que há um resgate dos autores sobre essa questão do comunismo soviético, tão abordado na década de 1950 quanto na de 1980. Não é que seus autores se “refugiem” no passado, apesar de dialogarem com as reflexões de Oliveira sobre o comunismo ter se metamorfoseado, os autores buscam promover uma atualização desse debate, sem deixar de invocar os seus lastros históricos.

Portanto, compreende-se que, aqui, o uso do termo “comunismo” não é por acaso, esse pode ser um recurso usado para causar maior impacto no público leitor, ainda mais quando se trata de evocar memórias sobre o comunismo soviético, cuja influência é apontada pelo autor nos países da América Latina, incluindo o Brasil em relação à aprovação do PNDH3 durante o governo Lula.

¹⁸⁸ ALENCASTRO, C. Autogestão socialista na Venezuela. In: Catolicismo, nº722, 2011, p.18-20. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0722/P18-19.html>>.

É possível perceber também que, no primeiro ano do governo de Rouseff (2011), os autores da revista mantêm, em grande medida, seu foco sobre o PNDH3 sob a ótica do governo Lula e busca tecer comentários sobre as aproximações e distâncias entre essa gestão e de sua sucessora, abordando inclusive as “imagens” públicas de ambos.

Os autores insistem em um tema relativo à popularidade de Lula frente ao eleitorado, sem necessariamente incluir o Partido dos Trabalhadores nessas considerações. Por exemplo, Silveira (In: Catolicismo, nº725, 2011, p.14-17) busca explicar que essa simpatia do público se deve ao que ele considera como uma distribuição maciça do dinheiro público por meio de políticas e programas, como bolsas, cestas básicas, créditos, assentamentos etc.

Ao tratar de Rouseff, a abordagem é diferente. O autor a define como uma pupila do presidente anterior e, até a edição de número 725, as matérias que abordavam o assunto o faziam de forma a associar a imagem de Rouseff à de Lula. Ao fazer uma análise dos 100 primeiros dias do mandato da presidente, ressalta sua afirmação relativa ao comprometimento com os direitos humanos, porém não deixa de destacar a “herança” do PNDH3:

A presidente tem batido muito na tecla de que sua política a favor dos direitos humanos é irrenunciável. Se considerados os direitos humanos em tese, nada a objetar. Mas se nos lembrarmos de que o governo Lula deixou como herança um abominável Programa de Direitos Humanos (PNDH-3) que avança contra a família, favorece a união civil de homossexuais e a adoção de crianças inocentes por eles, qualifica o aborto como problema de saúde pública, profissionaliza a prostituição, golpeia a fundo o direito de propriedade e conduz veladamente a uma verdadeira perseguição religiosa, perguntamos: por que esse monstro chamado PNDH-3 não é definitivamente revogado? Instituído por um decreto, o PNDH-3 pode ser revogado por outro decreto. Entretanto, aí permanece ele, de momento inativo, mas como um fantasma ameaçador que a qualquer momento pode lançar-se contra o Brasil e os brasileiros (SILVEIRA, P. V. X. da. In: Catolicismo, nº725, 2011, p.16).

Ao refletir sobre o início do mandato de Rouseff, não interpreta todos os aspectos como tendo uma carga negativa, porém o tema da vigilância se mantém, dada a “herança” com a qual sua gestão tem que lidar. Por exemplo, a matéria citada acima não se opõe ao comprometimento afirmado por Rouseff com os direitos humanos, as ressalvas se colocam sobre a não extinção do PNDH3 e, nesse mesmo sentido, elogia um esvaziamento inicial da Reforma Agrária, afirmando que o caráter falacioso desse tema estaria finalmente sendo esclarecido.

Alertada durante décadas pela lúcida e incansável atuação de Plínio Corrêa de Oliveira e seus seguidores quanto às falácias do agrorreformismo, a opinião pública foi abrindo os olhos para os aspectos profundamente maléficos da Reforma Agrária, sobretudo em relação aos pobres. As desapropriações desastrosas e injustas, bem como a criação em série de assentamentos de miséria, parecem estar chegando ao fim, ou pelo menos declinando, por força da repulsa da opinião pública (SILVEIRA, P. V. X. da. In: *Catolicismo*, nº725, 2011, p.16).

Entretanto, novamente faz ressalvas. Por exemplo, por qual razão as leis de Reforma Agrária não seriam simplesmente revogadas de vez? Contudo, é importante ressaltar que, com suas ressalvas e a constante “vigilância”, a matéria evidencia a atribuição do benefício da dúvida à gestão de Rousef nesse primeiro ano.

Essas interrogações não esclarecidas nos levam à convicção de que, decorridos estes primeiros 100 dias de governo, importa não considerar apenas os sinais evidentes de mudança de estilo: cumpre permanecer atento às ações concretas que venham a ser realizadas, como também às omissões gritantes. Por exemplo, a não revogação do PNDH-3. Desejamos ardentemente que a atual presidente desenvolva um governo antissocialista voltado para a harmonia das classes sociais, respeitoso da propriedade privada e da livre iniciativa, bem como dos princípios morais que regem a conduta humana. Mas seria ingênuo desconsiderar que, ao comemorar seus 31 anos de existência (10-2-11), o PT, partido ao qual ela pertence, divulgou uma resolução em que diz expressamente: "O terceiro governo democrático e popular [Dilma] será o da continuidade e do aprofundamento da grande transformação iniciada há oito anos no País pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva". Nossa posição, pois, é de expectativa (SILVEIRA, P. V. X. da. In: *Catolicismo*, nº725, 2011, p.16).

Visando aprofundar os potenciais diálogos e/ou discordâncias com o governo de Dilma Rousef por parte da configuração envolvida com a Revista *Catolicismo*, a presente pesquisa se viu diante de um desafio metodológico, uma vez que, até esse ano, os conteúdos elencados pela revista a respeito da gestão de Rousef se voltaram fortemente para essa “herança” e para as potenciais influências de Lula na gestão da então presidente.

Dessa forma, optou-se por realizar também as leituras de uma seção das edições de janeiro do ano de 2012, 2013 e 2014, que reservam algumas de suas páginas para falar aos eleitores sobre acontecimentos relevantes passados no ano anterior. Nela os autores realizam reflexões e divulgam suas “leituras” e “interpretações” sobre esses aspectos. A política governamental foi um elemento presente na referida seção de todos esses anos, o que é considerado como uma evidência de que, mesmo com a passagem do tempo, o tema não perdeu relevância frente às visões de mundo dos autores.

Roussef não foi incansavelmente referenciada em todas essas edições, mas foi possível perceber que as afirmações dos autores passam por mudanças em relação ao ano de 2011. Na edição 757, Dufalir (2014, p.30) chama a atenção para uma onda de protestos multitudinários contrários ao governo petista ocorridos em 2013, cujos contornos teriam sido definidos pela opinião nacional com relação às esquerdas do país. Apesar de não citar especificamente o nome da então presidente, considera-se que a fala evidencia uma relação, estabelecida pelo autor, entre a gestão do período e a atuação das esquerdas no país.

Essa noção pode ser reforçada com base nas reflexões de Lopes (nº 768, 2014, p.12) sobre a vitória de Roussef nas urnas em 2014. Para o autor, foi uma vitória custosa, uma vez que esse governo teria “aspectos ideológicos” sobre os quais as oposições deveriam ter se pautado.

Por exemplo, o favorecimento descabido à Cuba comunista; o decreto instituindo os tais conselhos populares (ou soviets, dá na mesma), descartado há pouco pelos parlamentares; uma política externa assanhadamente anti-norte-americana, mesmo com prejuízos evidentes para o Brasil; um inexplicável morrer de amores pelo governo Chávez e de seu sucessor; e assim por diante. E já que estamos falando do pós-eleição, é bom lembrar que Maduro, depois de pronunciar um fogoso discurso de regozijo pela vitória petista no Brasil, considerada por ele importantíssima para a manutenção e desenvolvimento do tal "bolivarianismo" na América, mandou para cá um de seus ministros, chamado Elias Jaua, a fim de fazer um acordo com o MST. Um acordo entre um governo e uma associação de um outro país, a qual ademais atua fora dos parâmetros legais, convenhamos que é inusitado. A menos que Maduro esteja considerando o Brasil mera província de seu Estado totalitário bolivariano. Qual a finalidade desse acordo? Acelerar a implantação do socialismo (comunismo?) no Brasil (LOPES, G. V. In: Catolicismo nº 768, 2014, p.12).

Sem entrar no mérito da situação comentada pelo autor, é possível perceber que a matéria salienta questionamentos com tom de desconfiança sobre as ações do governo, bem como associa a imagem do partido em colaboração com as figuras que associam ao socialismo e ao comunismo.

Portanto, apesar das poucas citações diretas do nome da então presidente, entende-se que sua gestão também não escapou ao movimento vigilante promovido pelos autores da Catolicismo com relação a qualquer elemento comunista/de esquerda/ socialista na cena política brasileira daquela época.

Avançando um pouco no tempo, chega-se a 2015, ano no qual é possível perceber mudanças no tom com relação ao governo de Dilma Roussef. Dufalir (nº769, 2015, p.35), por exemplo, fala aos leitores sobre a existência de uma polarização de

fundo ideológico, que teria se acirrado no decorrer do período eleitoral brasileiro em uma conjuntura na qual ocorria o

O aparelhamento do Estado, políticas anti-"discriminatórias", o estímulo a "movimentos sociais" desrespeitadores da propriedade privada e do Direito, as tentativas de controlar a imprensa, a desastrosa intervenção estatal na economia, as relações internacionais submissas a interesses da esquerda mundial, o crescimento vertiginoso de escândalos de corrupção, etc. constituíram descaminhos em face dos quais o Brasil não se sentiu interpretado. O Brasil votou compelido pela obrigatoriedade do voto e tolerando o "mal menor", pois queria afastar o PT do poder. Entretanto, o resultado final representou um engodo. A presidente Dilma Rousseff (foto à esq.) renovou o mandato sem apoio no País real e recorrendo a artifícios de marketing eleitoral, ademais de cumplicidades político-eclesiásticas (DUFALIR. In: Catolicismo, nº769, 2015, p.35).

Essa polarização muitas vezes veicula a imagem de Lula, em vez da imagem da presidente da época. É curioso notar que há um movimento nesse período que, assim como na década de 1970, se volta para situações de outros países com governos identificados como socialistas/comunistas e busca identificar, apontar e analisar quaisquer indícios de contatos ou relações "próximas" ou mesmo cordiais das gestões do Partido dos Trabalhadores com esses países, evidenciando, por meio desses elementos, potenciais riscos de uma conversão do Brasil não ao socialismo, mas ao comunismo, a forma mais acabada, seguindo o raciocínio de Oliveira, de um igualitarismo radical.

Quando o governo brasileiro resolveu importar médicos cubanos, muita gente ficou em pé. Sobretudo quando se tornou patente que mais de 80% do salário devido a esses médicos eram embolsados pelo governo cubano, deixando apenas uma magra parcela para os profissionais. Em português claro, o governo brasileiro transferia assim dinheiro para manter no poder o regime comunista dos irmãos Castro [...]. Justamente o governo brasileiro, que procura combater afanosamente o que qualifica de "trabalho escravo"! A realidade cubana revela a estratégia dos regimes socialistas em geral: impõem o capitalismo de Estado, com as inevitáveis consequências de opressão e miséria, e para sobreviver recorrem aos "donativos" de governos colaboracionistas [...] (ALENCASTRO, C. In: Catolicismo, nº 772, 2015, p.24).

Esse movimento, porém, é realizado à luz da conjuntura do período, trazendo atualidade ao movimento, ainda que este possa carregar consigo elementos das correntes de pensamento legadas de outrora.

Diz um ditado popular que o demônio nunca dá o que promete. Ele prometeu aos homens que, se abandonassem a civilização cristã e aderissem à liberdade total e sem freios, a um igualitarismo absoluto e sem hierarquia, a um laicismo sem Deus nem religião, teriam então o progresso humano e a perfeita fraternidade. O que vemos? Um progresso científico real, mas que o homem não sabe mais utilizar para evitar a degradação. Uma fraternidade que não mais se realiza na pujança das individualidades ricas e

complementares, mas na ausência de personalidades autênticas, afundadas cada vez mais no pântano de uma espécie de não-ser coletivo. * * * Dissertando sobre o futuro da Revolução anticristã que vem carcomendo o Ocidente desde os séculos XIV e XV, Plínio Corrêa de Oliveira previa, em 1976, que esse processo "tem de passar pela extinção dos velhos padrões de reflexão, volição e sensibilidade individuais, gradualmente substituídos por modos de pensamento, deliberação e sensibilidade cada vez mais coletivos. É, portanto, neste campo que principalmente a transformação se deve dar" (LOPES, G. V. In: Catolicismo, n° 770, 2015, p.06).

No decorrer de 2015, a revista estabelece uma regularidade discursiva na qual passa a apresentar a ocorrência de um descontentamento crescente da população e de entidades civis em relação ao governo, explicando que se deviam ao grande volume de medidas populares adotadas ou ampliadas em apoio aos movimentos sociais, somando-se com outros temas como:

A oficialização paulatina da prática de aborto nos Hospitais Públicos; as leis que procuram regular a vida familiar a ponto de impedir até mesmo palmadas corretivas nos filhos; a imposição da chamada "ideologia do gênero" nos colégios, censurando livros didáticos que não se alinhem aos novos "valores"; a tentativa reiterada de criminalizar quem não aceita o homossexualismo, acusando-o de "homofobia"; o desejo de controlar os meios de comunicação; a cumplicidade para com invasões de terras e prédios; o desrespeito ao Direito de Propriedade através da Reforma Agrária, Quilombolas e Reservas Indígenas; a conceituação subjetiva de "trabalho escravo" com a consequente expropriação de terras; a perseguição à iniciativa privada com leis e impostos cada vez mais escorchantes e burocráticos; a implantação de uma política racial "afirmativa" que cria uma verdadeira luta de raças em território nacional; a estranha amizade com regimes ditatoriais como Cuba, Venezuela e Irã; a proposta de banir símbolos religiosos das Repartições Públicas ... etc. (VIOTTI, F. R. de A. In: Catolicismo n° 772, 2015, p.28-30).

O autor apresenta as manifestações de 15 de março de 2015 anti-Dilma como o estopim de um descontentamento que há muito vinha sendo gestado, intencionalmente associando temas de seu interesse às motivações dessa manifestação, definida por ele como uma consonância entre uma diversidade ímpar de pessoas. De acordo com o autor, esse não era o Brasil apresentado "pela grande mídia ou pelos sociólogos e analistas políticos de índole mais ou menos esquerdista, mas um Brasil profundo, verdadeiro, ordeiro e pacato" (VIOTTI, F. R. de A. In: Catolicismo n° 772, 2015, p.30).

Esse movimento intencional apresenta a imagem de um Brasil autêntico e cristão, definido dessa forma por, supostamente, opor-se aos mesmos "problemas" abordados de forma tão longeva pela Revista. Portanto, compreende-se que o autor busca consubstanciar os desígnios próprios manifestados por meio da Revista e suas visões de mundo com aquelas da população mais ampla.

Nessa mesma matéria, o autor resgata falas de Oliveira do ano de 1987 sobre a nova Constituição do Brasil, em que se observa uma separação entre o Estado e a Nação, em decorrência do desrespeito, por ele identificado, dos políticos com o sentimento “majoritariamente” conservador do brasileiro. Portanto, o autor estabelece uma imagem de um Brasil Cristão, no qual, a despeito das diversidades de noções sobre os acontecimentos políticos e sociais, o pensamento conservador, alinhado aos seus desígnios, prevalecia.

Nesse sentido, pode-se citar, por exemplo, a seguinte fala:

Entretanto, muito além do pedido de impeachment, na forma da lei, o público tem uma intuição que se explicita mais e mais de que **o Brasil é chamado a realizar uma grande missão**, a qual vai se afirmando no sentido diametralmente oposto ao socialismo: precisamos de uma situação que favoreça a concórdia, a honradez, a tranquilidade para viver e trabalhar sem ter sempre o guante do Estado e da burocracia atrapalhando. **O País almeja a restauração dos princípios básicos da civilização cristã**, perseguidos violentamente por medidas como a introdução da Ideologia de Gênero nas escolas, o favorecimento do aborto e do "casamento" homossexual, as invasões de terras, a luta racial velada em terras como reservas indígenas e "quilombolas", entre outras (MARTINS, D. F. S. In: Catolicismo, n° 777, 2015, p.05, grifo nosso).

A restauração dos princípios básicos da civilização cristã, aí mencionados, não necessariamente faz alusão a um período medieval, em tom de nostalgia. Com o passar do tempo, a atualização dos discursos e elaborações dos autores implicou também em outros objetivos por parte deles e do pensamento veiculado nas páginas da Catolicismo, que, no decorrer das gestões governamentais de representantes do PT, passou a veicular e a investir na ideia de um descontentamento e da falta de representatividade sentida pela sociedade brasileira em relação, primeiro, ao partido e, depois, a seus candidatos, tornando-se esse um tema recorrente nas edições que chegam a mobilizar estatísticas de votos para respaldar suas afirmações.

Dessa forma, a retomada dessa sociedade cristã não somente implicaria soterrar políticas cujos objetivos iriam contra os desígnios dos grupos envolvidos com os processos editoriais da Catolicismo, mas também em retirar da Presidência da República, cargo político de grande poder e influência, quaisquer influências relacionadas ao partido e a personalidades ligadas a ele. Essa interpretação também se delineia nas diversas afirmativas de que o PT, em si, não teria ganhado nenhuma eleição, dada a suposta falta de representatividade da população com relação aos seus candidatos.

Um elemento que também converge para essa noção está no fato de o nome de Roussef ser mencionado de forma mais ocasional, tornando recorrente as referências a Lula ou, simplesmente, ao Partido dos Trabalhadores, algo que é explicado pela própria revista, vez que sua trajetória pessoal se confundiria com a própria história do partido, ambos tentando “conduzir o País para rumos que ele não deseja. Como resultado merecido, ambos são agora maciçamente rejeitados pela opinião pública nacional” (VIANA, H. D. In: *Catolicismo*, n° 773, 2015, p.11-12).

Não é que se deixe de mencioná-la, afinal Roussef era a presidente no período. Todavia, esse fator pode evidenciar que os autores envolvidos com a revista estariam colocando o partido, em si, em evidência, não desassociando os seus representantes, mas tratando de elaborar e apresentar ao público um tipo de identidade coletiva relacionada ao partido, associando-os à imagem do comunismo/socialismo e a potenciais aberturas políticas providenciadas por eles aos países com gestões de “esquerda”.

As manifestações ocorridas em 2015 foram, então, uma conjuntura fértil para as elaborações desses autores, que, como dito anteriormente, discursam ao público naquele espaço que é próprio dos grupos envolvidos com a revista, em nome de grande parcela da poluição:

Eis por que as manifestações, que batem vários recordes de autêntica e espontânea participação popular, não necessitaram da intervenção direta da polícia; estavam todos unidos, de forma pacífica e ordeira, em torno de um ideal comum: a retirada de seu organismo de um corpo estranho que impede o Brasil de progredir sadiamente nas sendas da ordem e da verdadeira paz. [...] De fato, o público está percebendo com clareza cada vez maior que toda a corrupção e roubalheira, sobretudo os escândalos na Petrobrás - esse "buraco sem fundo", dia a dia noticiado pela imprensa - encobre um problema ainda mais profundo: é o socialismo de modelo venezuelano ou cubano que lança mão de todos os meios, inclusive da corrupção e eventualmente do estelionato eleitoral, para deitar a mão em toda máquina estatal com vistas a dominar o País inteiro. Prova dessa conscientização é a quantidade enorme de cartazes, em todas as principais cidades, com mensagens contra o comunismo, contra o bolivarianismo, contra a substituição "do verde e amarelo pela foice e o martelo" (MARTINS, D. F. S. In: *Catolicismo*, n° 777, 2015, p.06).

Essa linha argumentativa se mantém em 2016, quando as referências ao governo como comunista ficam cada vez mais explícitas, chegando a descrever a última gestão de Roussef como um governo de esquerda bolivariana com projetos para se perpetuar no poder e assim sustentar movimentos comunistas no Brasil e

financiar a manutenção de governos “bolivarianos”¹⁸⁹ em outros países da América Latina. As manifestações são apresentadas ao leitor como pacíficas e decididas por parte de famílias e pessoas diversas que são caracterizadas como o Brasil autêntico, pacífico e ordeiro, em uma suposta reação da população que não tolerava mais ver a pátria desfigurada por qualquer influência socialista, desejando um retorno do Brasil fiel às suas raízes cristãs.

Esperemos que o Senado e o STF não venham a frustrar, com delongas, o que a imensa maioria dos brasileiros espera: a aprovação do processo de impeachment. [...] O Brasil autêntico e cristão não deseja que no livro de sua história, no capítulo denominado PT, o atual governo seja registrado como bom para o povo brasileiro. Este rejeita a desfiguração do Brasil por ideologias marxistas; rejeita figuras opostas aos grandes valores de seu glorioso passado; recusa a "cubanização" do País. Nesse sentido, urna das faixas muito chamativa na Avenida Paulista continha estes dizeres: "Deputado que vota NÃO, nunca mais ganha eleição!" [...] No Brasil, contribuiu para o atual estado de coisas a chamada esquerda católica, bafejada pela CNBB (Conferência Nacional do Bispos do Brasil) e pelos "teólogos da libertação", que procuraram iludir o povo católico a respeito do PT, exaltando-o e abençoando -o como se fosse uma espécie de "partido salvador do trabalhador oprimido. [...] Contribui assim para a desesperada tentativa de implantar em solo pátrio o regime de miséria e de fome reinante na Cuba de Fidel Castro e repetido na Venezuela, primeiro no governo do falecido Hugo Chávez e agora no de Nicolás Maduro - regime, aliás, agonizante. (CAMPOS, P. R. In: Catolicismo n° 785, 2016, p.14-16)

Nesse trecho também é delineada a associação de um segmento católico cuja atuação é divergente dos grupos envolvidos com a revista *Catolicismo* quanto ao comunismo, o que se completa com um pedido a Deus e a Nossa Senhora da Aparecida (considerada pelo *Catolicismo* como a padroeira do Brasil) que amparem a pátria nessa encruzilhada, nessa cruzada contra as investidas venenosas “da víbora marxista”.

Com base nessas considerações, é possível seguir a linha argumentativa, que vinha sendo desenvolvida até então, sobre a percepção da atribuição de uma interpretação religiosa aos aspectos políticos e governamentais. Dessa forma, os autores envolvidos com a revista desenvolvem reflexões com base em suas visões de

¹⁸⁹ Sobre a situação relativa ao governo da Colômbia, Ayerbe (2011) observa que a presidência de Evo Morales, liderança indígena e dirigente do partido *Movimiento al Socialismo (MAS)*, abre um processo de transformações em diversas dimensões, em que as mudanças socioeconômicas e no poder político expressam uma perspectiva de longa duração que questiona relações de colonialidade entre uma elite dominante branca e uma maioria indígena subalterna, que se aprofundam após a independência nacional (AYERBE, 2016, p.266), para o autor, a estratégia vinculada aos MAS aponta para uma revolução descolonizadora, política e cultural, aberta aos movimentos sociais. Para maiores informações, consultar: AYERBE, L. F. Crise de hegemonia e emergência de novos atores na Bolívia: o governo de Evo Morales. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* [online]. 2011, n. 83 [Acessado 23 Agosto 2024], pp. 179-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452011000200007>>.

mundo, que congregam compreensões embasadas pela religião, com suas noções de democracia em termos de representação política e seu anticomunismo, que, apesar de influenciado por um “legado” associado às configurações ligadas à revista e à TFP de outrora, passa por um processo de atualização por parte dos grupos sociais (ao qual as visões de mundo se ligam) e da conjuntura sociopolítica e cultural de atuação desses grupos.

Tratando-se da matriz de pensamento que foi identificada nesse período, a presente pesquisa compreende que houve uma expansão dos temas de interesse manifestados nas páginas da revista, assim como a manutenção de movimentos que buscam realizar análises com relação aos governos. De uma forma geral, com a efervescência de outras questões, foi possível pensar a composição de uma **quarta matriz** que abrange o final da década de 2000 e o decorrer da década de 2010.

Nesse período, pode-se perceber a efervescência e continuidade de alguns temas já citados anteriormente, como as divergências entre o pensamento daqueles envolvidos com a Revista Catolicismo, e parcelas do clero consideradas progressistas, a teologia da libertação, o aborto, HIV, o casamento homoafetivo, os perigos comunistas advindos de governos e gestões de outras nações, questões relativas à agropecuária e expropriação de terras, meio ambiente e ecologia e as questões indígenas, que estariam supostamente servindo movimentos de esquerda como pretexto na luta contra a propriedade privada. Emergem também novos temas, como um crescente debate sobre o gênero binário, considerado pela revista como uma manifestação mais recente da Revolução Cultural que atenta contra a família, junto aos temas já citados, como o divórcio, o suicídio, a violência infantil e o uso de anticoncepcionais e outros métodos de controle de natalidade.

Em termos de questões governamentais, muito se focou nas situações em países da América Latina, como Bolívia, Venezuela, Cuba e Colômbia. A possibilidade de esses países serem uma porta para a entrada do comunismo no Brasil e os diálogos desenvolvidos ocasionalmente pelos presidentes do Partido dos Trabalhadores com essas lideranças foram elementos marcantes no período, interpretados e apresentados pelos autores na Catolicismo como elementos alarmantes e até ameaçadores.

Outros países e suas políticas também são abordados com frequência, como a China e a Rússia, visto que os autores envolvidos com a Catolicismo buscam,

desde seus números iniciais, acompanhar mudanças, permanências, revoluções e manutenções em relação à expansão ou retração do comunismo no mundo.

6.3 O processo eleitoral de 2018 e o movimento de representação de uma figura pública como aliada na luta contra o comunismo.

Ainda no ano de 2018, foi possível observar uma regularidade que se arrastou desde o início da década de 2000, a apresentação das reflexões de Oliveira como “previsões” para acontecimentos futuros. Com base nessa regularidade e nas considerações tecidas até aqui, é possível reforçar que questões relativas à família, à propriedade privada e a tradições e princípios atribuídos por esses indivíduos à civilização cristã são aspectos legados pela configuração ligada às origens da Catolicismo.

As sucessivas configurações que passaram pela equipe editorial e de autores da revista tinham a possibilidade de empreender mudanças nesse sentido, mas houve uma manutenção dos diálogos com as referidas correntes de pensamento. Na edição de fevereiro de 2018, por exemplo, Brambilla faz a seguinte observação:

Ao contrário do que costuma afirmar certa mídia, a intervenção militar em 1964 contava com o apoio de milhões de brasileiros, que haviam saído às ruas nas históricas marchas da Família com Deus pela Liberdade, pedindo um basta ao governo comunista e corrupto de João Goulart (Jango). Uma semana após a ascensão dos militares ao poder, Plínio Corrêa de Oliveira publicou um manifesto qualificando de “Janguismo sem Jango” o perigo representado por criptocomunistas esgueirados de seus arraiais na tentativa de “pegar carona” no novo governo para tentar desviá-lo de seus objetivos. Estaremos nós diante de um “petismo sem PT”? (BRAMBILLA, H. In: Catolicismo n° 806, 2018, p.18)

Nessa publicação, fica evidente que, apesar do golpe de 2016 e a mudança de gestão governamental, o autor evidencia que a revista segue sua vigia desconfiando de qualquer potencial perigo, pois ainda poderia haver egressos dos governos anteriores à espera de uma oportunidade para aflorarem novamente.

Em 2018, em mais de uma edição, é reafirmada a empreitada anticomunista e antiprogressista da Revista Catolicismo, chegando-se a afirmar que a bandeira do Brasil é verde e amarela, não havendo foice e martelo, bem como as interpretações dos autores a respeito do clero progressista e da teologia da libertação, ainda definidos como a “infiltração” comunista na Igreja.

São expressas considerações, na edição de setembro de 2018¹⁹⁰, no sentido de explicar aos leitores que, mesmo após meio século, a infiltração esquerdista não cessou, cresceu e ficou mais alarmante ainda. O progressismo católico, compreendido como herdeiro do modernismo, é visto como um mal que invadiu quase todos os ambientes católicos, promovendo mudanças na liturgia e nas tradições da Igreja. Desse progressismo se originou a Teologia da Libertação, definida nas páginas da *Catolicismo* como um programa de luta de classes marxista, do qual teriam se originado as CEBs.

A correlação entre elementos religiosos e aspectos de ordem política e social fica evidente nas publicações desse período e, agora, assim como outrora, são apresentadas ao leitor elaborações que se referem ao voto nas eleições como uma responsabilidade civil, associando-se essa escolha ao fato de se professar uma religião, pois “o leitor deve deter sua atenção especialmente na relação do católico com a ação política”, na relação da Igreja com o Estado, pensando na existência de uma “necessária subordinação da política à moral” (FILHO, P. C de B. In: *Catolicismo* n° 814, 2018, p.04).

O autor, nesse sentido, observa que um católico não pode votar em candidatos que defendem práticas contrárias às Leis de Deus. Apesar dessas afirmações que abrem a edição n° 814, no mês eleitoral, Villac (n° 814, 2018, p.05), na mesma página, afirma que as considerações que se seguem não têm caráter político-partidário, buscando, antes, orientar teoricamente as consciências sobre o reto exercício dos direitos e obrigações dos fiéis na vida pública.

Segundo o autor, os cidadãos são corresponsáveis pela sociedade em uma sociedade democrática, em que elegem candidatos para legislarem em seu nome, representando-os. Apesar dos princípios e programas propostos, o autor afirma a existência de valores que um candidato não pode desprezar:

O Catecismo da Igreja Católica menciona os componentes essenciais do bem comum: os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana (n° 1907); o bem-estar social e o desenvolvimento da sociedade, incluindo a educação, a cultura, o trabalho, a saúde, etc. (n° 1908); a paz e a segurança cidadã (n° 1909). Portanto, a ordem social “*tem por base a verdade, constrói-se na justiça e é vivificada pelo amor*” (n° 1912) (VILLAC, J. L. In: *Catolicismo* n° 814, 2018, p.05).

¹⁹⁰ CAMPOS, P. R. Cinquenta anos de autodemolição na Igreja. In: *Catolicismo* n° 813, 2018, p.26 – 31. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0813/P32-33.html>>.

Segundo o autor, há uma hierarquia entre esses componentes. Há aqueles que são essenciais e não negociáveis, que devem ter primazia nas escolhas dos eleitores católicos, pois “dizem respeito a valores essenciais da pessoa humana e da vida social, cuja violação é um mal intrínseco e não pode ser justificado por nenhum motivo ou circunstância” (VILLAC, J. L. In: *Catolicismo* n° 814, 2018, p.05).

O posicionamento frente a esses critérios não negociáveis é colocado como um critério essencial para a escolha do voto:

- A proteção da vida humana inocente desde a concepção até a morte natural;
- O reconhecimento e a promoção da estrutura natural da família, baseada no matrimônio indissolúvel entre um homem e uma mulher;
- A proteção do direito primário dos pais de educar seus filhos (cfr. Papa Bento XVI – discurso a um grupo de parlamentares europeus em 30-3-06) (VILLAC, J. L. In: *Catolicismo* n° 814, 2018, p.6).

De acordo com essas reflexões, os candidatos que promovem a violação desses princípios são inimigos do bem comum, e suas vitórias poderiam desencadear males para o país. Dessa forma, desaconselha-se o voto em candidatos favoráveis aos temas tão debatidos e criticados pela revista com o passar dos últimos anos: aborto, união homoafetiva e “ideologia” de gênero.

Nessa perspectiva, afirma-se que os católicos devem seguir sua consciência ao votar, mas essa consciência deve ser formada segundo os ensinamentos de Jesus e da Igreja. Nesse caso, a pesquisa compreende que essa formação de consciência se coloca conforme os desígnios e visões do mundo associados à configuração dos grupos cujas elaborações são difundidas por meio da *Catolicismo*.

As políticas contrárias aos desígnios desses grupos não são apresentadas ao leitor como simples contraposições ou como posições divergentes, mas como algo que atenta contra a moral católica. Logo, votar em candidatos desaconselhados pelas elaborações da revista é um ato que extrapola a liberdade de escolha dos eleitores católicos, visto como uma colaboração formal com a “prática dos inúmeros pecados que resultarão da aprovação legal de tal violação da ordem moral” (VILLAC, J. L. In: *Catolicismo* n° 814, 2018, p.06).

Apesar de se reafirmar o caráter não partidário das orientações em relação aos processos eleitorais, na edição do mês seguinte (n° 815, novembro de 2018), a revista veicula uma matéria já citada anteriormente em que afirma: Digamos um não definitivo ao lulopetismo. Nessa matéria, novamente falando em nome de uma

coletividade, afirma-se que os brasileiros se sentiram agredidos pela “ideologia anticristã” do comunismo, uma seita vermelha que estaria mascarada de petismo.

De acordo com essa matéria, as pretensões do PT seriam exatamente aquelas ditas como inegociáveis: imposição da “ideologia” de gênero e do casamento homoafetivo, implementar o aborto, cercear as liberdades de imprensa e perseguição de opositores nas redes sociais, promover invasões de terras e prédios, realizar a reforma agrária socialista e confiscatória, incitando invasões indígenas e quilombolas, continuar ajudando as “ditaduras” da Venezuela, Bolívia e Cuba, entre outros, além de contar com o apoio da esquerda católica, nome pelo qual os autores se referem aos católicos progressistas.

Portanto, é possível perceber que há sim manifestações em termos de política partidária. Ainda que se argumente o contrário, partindo do ponto de que a revista vem construindo e apresentando uma imagem socialista/comunista dos candidatos associados ao PT, desaconselhar o voto em um segundo turno, no qual só há duas opções e uma delas filiada ao PT, deixa claro que as matérias recomendam o voto no outro candidato por uma ótica que não é só política, mas também moral, que é construída com base em princípios cristãos. Se a moral paira acima da política e ela se constitui e se orienta com base nos princípios católicos, a religião paira acima de todos os outros aspectos.

O resultado da eleição é declarado como uma vitória do antipetismo e, acima disso, uma vitória do Brasil.

28 de outubro — um grande, belo e inesquecível dia, uma data a ser marcada para sempre na História do Brasil; um daqueles dias radiosos que brilham depois de uma grande tempestade, nos quais, passada a borrasca, a atmosfera se torna diáfana, leve, alegre, desinfestada, inspirando bondade, uma virtude bem brasileira que estava desaparecendo. Estamos aludindo, é claro, à vitória dos brasileiros contra o lulopetismo que durante 14 anos cobriu e infestou com seu obscurantismo bolivariano o Brasil real e profundo, amarfanhou-o, aviltou-o, aparelhou as instituições do Estado, vendeu ilusões aos pobres e prometeu-lhes quimeras em troca do voto, conseguindo ainda a proeza de produzir mais de 11 milhões de desempregados! (CAMPOS, P. R. In: Catolicismo n° 816, 2018, p.12).

A vitória de Bolsonaro, nesse sentido, é apresentada como um anseio da população mais ampla por um Brasil Cristão e autêntico, fiel ao passado e na expectativa de um futuro grandioso e abençoado por Deus.

Ao contrário de uma das hipóteses prévias da pesquisa, a “reação” ao resultado da eleição não evidenciou como elemento convergente, que possibilitou

uma “identificação” da configuração da Catolicismo com as propostas do presidente eleito, as referências de Bolsonaro e seu saudosismo em relação à Ditadura Militar. Esse ponto de convergência, na realidade, é apontado nas falas públicas do presidente eleito, que coadunam política e religião:

[...] Tudo leva a crer que ele mesmo sente nos atuais acontecimentos a existência de algo providencial, que ultrapassa sua própria pessoa. O simples fato de defender óbvios valores familiares — casamento entre um homem e uma mulher; proibição do crime do aborto; banimento da “ideologia de gênero” e dos livros imorais nas escolas etc. — levou-o a conquistar de Norte a Sul uma popularidade inimaginável. Isto apesar de seus poucos recursos, de alguns aliados ineptos, e de ser continuamente massacrado pela mídia, por intelectuais e pelo clero de esquerda, que deram um vergonhoso apoio ao camaleônico “poste do presidiário” (CAMPOS, P. R. In: Catolicismo n° 816, 2018, p.12).

O autor afirma que muitos brasileiros perceberam um toque “divino” na onda conservadora e antimarxista que estaria percorrendo o país e no fato de o presidente ter sobrevivido ao atentado contra a sua vida ocorrido em 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora.

Além disso, o anticomunismo emerge, novamente, como o fio condutor entre o “resgate da Civilização Cristã e de suas tradições”, as recomendações de voto feitas pela revista e o resultado das eleições.

Para ganhá-la, devemos primeiro cobrar do Presidente eleito fidelidade ao compromisso assumido com o Brasil autenticamente cristão, que rejeita o comunismo-bolivarianismo. Ou seja, o compromisso da luta destemida pelos valores morais e familiares; a proscrição da doutrinação esquerdista nas escolas; a não intromissão do Estado na educação dos filhos; a defesa da livre iniciativa e do direito de propriedade privada; o firme combate a todas as formas de corrupção e o respeito às Leis de Deus (CAMPOS, P. R. In: Catolicismo n° 816, 2018, p.13).

Aqui também é firmado, novamente, o dever da vigilância por se considerar o comunismo como um inimigo sorrateiro, mas, dessa vez, não seria por ocasião do governo eleito ou de seu partido. Para os autores, aquela era uma vitória ganha, mas definia o fim de uma guerra, não significava que o perigo comunista havia sido soterrado.

A vitória do candidato é apresentada também como uma concretização de uma das “previsões”, feitas por Oliveira, de que se as esquerdas atuantes na política não soubessem reagir às críticas e fossem apressadas em implementar seus projetos, poderiam perder o apoio popular.

Novamente cabe destacar que as afirmações veiculadas pela revista não refletem uma concordância total dos autores com o presidente eleito, mas são significativas ao se pensar o anticomunismo como um fio condutor não só da atuação da revista entre décadas, mas também em sua busca por intervir na opinião pública e nos rumos políticos do Brasil. Nesse movimento, foram elaboradas caracterizações das gestões, dos partidos e candidatos e foram feitas recomendações e considerações de diversas naturezas com base em coadunações entre aspectos de âmbito político e religioso, consubstancializando um dever cristão de combate ao comunismo que abrange a vida pública e a vida privada.

Por fim, cabe destacar que essa movimentação expressa pela revista não é algo descompromissado, mas tem relações com as intencionalidades e visões de mundo dos indivíduos que compõem a configuração formada pelos autores envolvidos com a revista na atualidade. Todo esse processo é atravessado pelos diálogos dessa configuração com correntes de pensamento legadas de outra configuração mais antiga, dos sócios fundadores da TFP, principalmente com o pensamento de Plínio Correa de Oliveira.

Mas esse processo não ocorre de forma engessada. Partindo da noção de que essas configurações se relacionam também com a conjuntura mais ampla e com outras configurações, convergentes ou divergentes, as correntes de pensamento do passado não são um refúgio “fechado”. Suas interpretações e visões de mundo são também atravessadas pela atual conjuntura e por seus acontecimentos, assim como pelas escolhas dos indivíduos da atual configuração em modificar ou dar continuidade a essas correntes de pensamento e aos elementos históricos que as compõem, adicionando elementos de si próprios a elas.

Dessa forma, as publicações analisadas possibilitaram ter contato com manifestações intencionais dessa configuração e pensar esses diálogos, sua historicidade e suas dimensões atuais.

6.4 A preservação e a constância das matrizes de pensamento conservador ao longo do tempo: relações com a realidade político-social brasileira

Foi possível perceber que na Revista Catolicismo, desde os seus números iniciais, seus autores elencaram e vem elencando com o passar do tempo e dos

ocorridos políticos, sociais e culturais, aqueles elementos que consideram relevantes para o cotidiano dos católicos.

Para além disso, pode-se perceber que os autores da Revista investiram fortemente, em seus primeiros 40 anos, na elaboração de uma identidade coletiva, prestando-se a analisar desde questões do cotidiano, como o uso de roupas ou costumes, até questões da hierarquia da Igreja Católica, como a infalibilidade papal, ou questões de ordem política, como os sucessivos governos e suas ações e decisões políticas no Brasil e no mundo.

Esse movimento de afirmar-se frente ao outro, definindo-o e definindo-se nesse processo, segue com o passar das décadas. Para isso, as publicações são elaboradas de forma que os autores dissertam sobre a vida pública e a vida privada a partir de suas visões de mundo, buscando orientar e influir sobre ambas as esferas, tecendo orientações de acordo com os parâmetros que essa identidade coletiva cristã, elaborada e difundida por eles, estabelece como “certo” e “errado”, “cristão” e “não cristão” ou “ateu”, em grande medida operando por meio de dicotomias que são permeadas por interpretações que mesclam valores morais e noções de ordem religiosa à luz de suas interpretações pessoais, de forma que suas visões de mundo buscam galgar um estatuto de legitimidade e amplitude entre a população cristã.

Pode-se considerar, como um exemplo, a publicação que data de novembro de 1967, edição nº203, na qual é afirmada a importância de rejeitar o que se sabe que é errôneo e mau:

[...] A propensão a dialogar, tão nobre em si mesma, não pode transformar-se em mania levada a um ponto que exclua qualquer atitude de leal e peremptória rejeição do que sabemos ser errôneo e mau. Em nome do diálogo da salvação, tem-se por vezes procurado ocultar a incompatibilidade fundamental que existe entre a ordem natural e a civilização cristã, de um lado, e o totalitarismo comunista de outro lado. Diante do comunismo, tem-se apregoado não raro como únicas razoáveis, sadias e atualizadas, uma linguagem e uma política de "compreensão", coexistência e até colaboração, em face das quais toda tomada de atitude nitidamente anticomunista aparece como antiquada, antipática e condenável (OLIVEIRA, P. C. de, *et all.* In: *Catolicismo*, nº203, 1967, p.01).

Segundo essa interpretação, o comunismo figura aquilo que é mau, que é condenável e deve ser combatido, não podendo abrir sequer a possibilidade de diálogo e diferentes perspectivas, pois essa ação é interpretada pelos autores como algo perigoso, que pode abrir caminhos para a infiltração comunista. Essa posição

dicotômica, que rejeita e combate o comunismo, mantém-se com o passar do tempo e é um dos traços em comum nos diferentes períodos de atuação da revista.

Na conjuntura mais atual, esse elemento é evidenciado novamente quando são tecidas orientações sobre o que se considerar, por exemplo, no ato de escolha dos candidatos à Presidência da República, elencando prioridades e questões morais, conforme os desígnios do grupo responsável pelas publicações na Catolicismo.

Nesse movimento, são desenvolvidas estratégias e regularidades discursivas que evidenciam padrões recorrentes de aspectos de interesse dos autores, com elementos comuns entre diferentes décadas. Como a revista não atua em um vácuo, mas em uma conjuntura social mais ampla, cujas configurações de indivíduos se entrelaçam e se chocam, convergindo e divergindo das mais diversas formas, suas publicações não estão descoladas dos acontecimentos do cotidiano e da cena político-social mais ampla, portanto, podem dialogar com correntes de pensamento associadas aos grupos sociais, fazendo-o por meio de suas próprias visões de mundo.

As manifestações contidas nas páginas da revista foram pensadas por essa ótica, que considera as publicações como manifestações intencionais de seus autores, relacionadas com a conjuntura, com os grupos sociais e com as correntes de pensamento a eles associadas.

Com base nas publicações, fica claro que há momentos em que os autores estabelecem esses diálogos coadunando seus objetivos e ações com a atuação ou propostas/ações de determinados grupos ou indivíduos e, ainda que isso não implique uma adesão total, há pontos convergentes que possibilitam essas associações estabelecidas pelos autores da revista em mais de um momento histórico.

Dessa forma, são desenvolvidas interpretações e representações discursivas de acontecimentos político-sociais nos quais se forma um tipo de amálgama entre as visões de mundo das configurações ligadas à Catolicismo em cada período (à luz dos acontecimentos conjunturais), entre as ações de grupos políticos e elementos das correntes de pensamento a eles associadas, com princípios interpretados por uma ótica religiosa, que se relaciona, novamente, com as interpretações dos autores da revista.

Dessa forma, são compostas correntes de pensamento associadas ao grupo social, primeiro formado pelos sócios fundadores da TFP, depois pela própria TFP e, então, pelas configurações de indivíduos envolvidos com as publicações da

Catolicismo na contemporaneidade. Essas correntes de pensamento têm uma história por trás de si, mas também carregam elementos do grupo social formado pelos indivíduos que são seus portadores na contemporaneidade. Assim se compõem as visões de mundo veiculadas pela revista, na qual são elaboradas e divulgadas, em uma tentativa de intervir sobre a sociedade civil mais ampla, considerações que incidem sobre as formas de ser, pensar e agir e suas batalhas por um país cristão, tradicional e anticomunista, segundo os desígnios desses grupos.

Seus autores não apresentam, necessariamente, uma adesão total e inquestionável, por exemplo, aos governos militares das décadas de 1960 a 1980, mas percebem-se elementos convergentes entre seus discursos e atuações, que contribuiriam em sua cruzada anticomunista com o mundo moderno. Dessa forma, a revista elenca ações e posicionamentos desses governos nas lutas contra o comunismo e declara sua legitimidade como uma estratégia para fazer ecoar seus impactos sobre a vida privada e pública, elaborando, estabelecendo e divulgando amplamente a imagem de um país cristão, cujos indivíduos são patriotas, e como o comunismo seria o contrário do cristianismo, o anticomunismo figura como um elo que une a vida política e a vida religiosa.

Nessa conjuntura, foi possível apreender que as publicações elencaram como grupos divergentes, por exemplo, o clero progressista e membros ligados, às vezes por eles mesmos, às esquerdas políticas, lembrando que a visão de “esquerda”, aqui referida, tem como base as elaborações dos autores da *Catolicismo*: indivíduos que creem somente na realidade material, não acreditam na alma ou em figuras religiosas transcendentais como Deus, que querem o fim da propriedade privada legada aos indivíduos por Deus, o fim das classes sociais (interpretadas pelos autores como parte constituinte das diferenciações humanas definidas por esse mesmo Deus), instituindo o igualitarismo, que transformaria a sociedade em uma massa amorfa, destruindo as famílias, tidas como pilares sociais, os princípios cristãos, pois são ateus, deixando a sociedade à margem do caos social, destruindo o que se conhece até então.

Por essa razão, a presente pesquisa compreende o conteúdo das publicações da revista, a respeito dos temas analisados, como conservador, seguindo as considerações mannheimianas. Em seu intento de preservar a ordem social estabelecida ou, ainda, de resgatar uma vida social, política, cultural, pública e privada à luz dos princípios e valores cristãos de outrora (por eles considerados tradicionais),

esses grupos estabelecem diálogos com outras configurações presentes na realidade brasileira e internacional, cujas ações são percebidas pelos autores como convergentes para seus desígnios, mesmo que apenas em alguns sentidos.

Como foi observado anteriormente, esta pesquisa se propõe a pensar esses elementos da realidade social partindo das visões de mundo apresentadas pelos autores da revista, com base no referencial metodológico mannheimiano, que compreende a existência de correntes de pensamento conservadoras de determinados grupos sociais, que podem reproduzi-las, encerrá-las, adicionar elementos a elas etc. Em diálogo com as elaborações de Elias, compreende-se, ainda, a existência de processos históricos na realidade social brasileira que têm durabilidade temporal e apresentam, de acordo com os desígnios de cada grupo social, diferentes fases que acompanham, à sua maneira, as mudanças sociais, culturais e políticas, mas conservam traços que tornam possível pensar na sua existência.

Conceitualmente falando, desenvolver a presente pesquisa trabalhando com a noção da existência de um processo de pensamento conservador mais amplo na realidade brasileira (do qual fazem parte grupos sociais políticos e civis) possibilita refletir sobre a atuação de grupos (como aqueles militares atuantes no decorrer da Ditadura Militar ou mesmo anteriormente) e que esse processo não surgiu naquele momento, mas foi sendo construído com o tempo e com os indivíduos derivando suas próprias correntes de pensamento, estratégias de ação e contenção social e seu próprio *modus operandis*.

Assim como os grupos militares referidos e outros grupos políticos citados no decorrer das reflexões apresentadas, os grupos civis envolvidos com os processos editoriais da Revista Catolicismo também são considerados como uma configuração, que, inserida na realidade social, na qual se desenvolve esse processo de pensamento conservador mais amplo, poderia atuar de forma a beber na fonte desse processo, adicionando elementos e formas de pensamento próprios, como suas interpretações à luz dos princípios cristãos, as correntes de pensamento com as quais, intencionalmente, dialogam.

Dessa forma, em diferentes momentos da história política brasileira, a Revista Catolicismo estabeleceu diálogos com as correntes de pensamento que emanam também de grupos políticos, como os militares, identificando pontos de convergência entre si e esses grupos: conservar a propriedade privada, o pensamento

cristão e a ordem social e política, afastando e prevenindo qualquer possibilidade de “sementes de pensamento comunista/socialista ou de esquerda” geminarem no Brasil.

Esses pontos convergentes, indicados pelas publicações entre si (nós) e certas figuras políticas declaradamente contrárias ao comunismo, englobam também estratégias e ações que podem ser pensadas como totalitárias, ferindo direitos humanos e as liberdades de pensamento e escolhas, pois, conforme apreendeu-se nas publicações da revista, seus autores elaboram uma identidade católica que também comporta uma face que tem que se posicionar e combater, como for preciso, aqueles que são apresentados como inimigos não somente de si, mas também de Deus.

Considerando as décadas de publicações que foram analisadas, pode-se apreender diferentes grupos ou figuras políticas com as quais as configurações relativas à Catolicismo estabeleceram diálogos em sentido convergente, e o elemento em comum, que é como um elo para essas associações, além dos princípios religiosos, é o anticomunismo.

É importante observar, também, que as publicações da revista apresentaram, ao longo do tempo, interpretações, intencionalmente veiculadas, de acontecimentos históricos relevantes não só para o Brasil, mas para o mundo todo, como a Guerra Fria, o movimento bolchevique na Rússia, o Golpe Militar no Brasil, as mudanças de governos no Brasil e os processos eleitorais e governamentais, as ditaduras na América Latina, as potenciais tendências comunistas e sua difusão em países como Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, a política cubana, entre outros. Esse elemento evidencia uma busca ativa dos autores em divulgarem suas grades de leitura e interpretação desses acontecimentos, buscando manter a atualidade dos debates sobre a difusão do comunismo no mundo, enaltecendo sempre a necessidade de vigiar e combater, adaptando-se às mudanças entre as épocas, tendo no anticomunismo esse fio condutor.

Uma das hipóteses iniciais da presente pesquisa partia da noção da existência de um processo de pensamento conservador mais amplo, associado aos sucessivos governos e gestões com aspectos totalitários e/ou antidemocráticos. Com o decorrer da análise e da pesquisa, no que se refere ao aparato teórico-metodológico e aos levantamentos históricos, delineou-se não a existência de um processo mais amplo, mas de processos amplos associados às ações dos grupos sociais em cada conjuntura, cujas ações podem convergir em determinados aspectos.

As configurações sociais, religiosas e políticas são diversas e seus discursos e desígnios podem se encontrar, ainda que em determinados elementos, como o combate ao comunismo. Dessa forma, antes de iniciar a Revista Catolicismo, Oliveira e os sócio fundadores não agiam de forma isolada, mas em interação com outras configurações, como seria o caso do ultramontanismo no Brasil.

Ao iniciar a revista e com o passar dos anos e da elaboração de todo um córpus de conceitos e compreensões próprias, baseadas em suas visões de mundo em diálogo com as correntes de pensamento, incluindo aquelas advindas do campo político e governamental, a Catolicismo e o grupo com ela envolvido também solidificou uma forma de pensamento, que alavancou a revista nesses setenta anos de publicações.

Com base nessas considerações, foi possível elaborar uma perspectiva nas qual se compreende que a própria revista acaba desenvolvendo um tipo de processo conservador de média duração associado a si, com diferentes configurações atuantes em cada período histórico. Essas configurações dialogam com correntes de pensamento anteriores, que são como uma espécie de legado aos autores vindouros, mas esse diálogo não é unilateral. Essas correntes de pensamento vão sendo incrementadas e atualizadas, então elas “alimentam” e vão sendo “alimentadas” pelos indivíduos a cada década que passa.

Há uma regularidade discursiva da revista nesse sentido, que também dialoga com os processos governamentais de cada conjuntura, convergindo ou divergindo em determinados aspectos, pois as correntes de pensamento, associadas aos grupos sociais e às visões de mundo que daí derivam, não ocorrem em um vácuo sócio-político. Há elementos que viabilizam seu desenvolvimento e continuidade.

As reações e elaborações elencadas pela revista, partem, então, da ideia de um Brasil cristão e anticomunista, que protege a família como célula estruturante da sociedade e a propriedade privada como direito natural frente à sociedade moderna, compreendida pelos autores como fruto das grandes Revoluções, incluindo uma de caráter comunista. A revista continua ativa, considerando que percebe algo a proteger e, ainda que se oriente por formas de pensamento associadas a um passado, não deixa de atribuir uma dimensão contemporânea em sua cruzada a favor de uma sociedade cristã, conforme seus próprios desígnios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revista *Catolicismo* vai além de um simples meio de comunicação religioso. Ela representa um veículo de acesso ao que seus autores, intelectuais católicos na década de 1950, e sucessores queriam comunicar conscientemente ao público durante seus mais de 70 anos de atuação. A revista também serve como testemunha da passagem do tempo e das mudanças sociais e políticas ocorridas ao longo de sua existência.

Nesta pesquisa, a *Catolicismo* é vista como uma rica fonte documental no que se refere às visões de mundo de indivíduos de uma configuração (um grupo que está em interação com outras configurações mais amplas, como os grupos militares) em momentos históricos diversos, em uma ação consciente e intencional de divulgação de suas interpretações sobre os eventos ocorridos em cada período no qual esteve atuante.

Dessa forma, no desenvolvimento das análises, foi possível realizar interpretações não somente sobre as correntes de pensamento com as quais os membros da *Catolicismo* dialogam, mas também em relação à existência de matrizes de pensamento em suas publicações. Tais matrizes fornecem aos leitores interpretações sobre situações do cotidiano, seja de ordem cultural, social, religiosa, política ou econômica, contribuindo para a difusão de leituras anticomunistas da realidade social brasileira e internacional, tanto na efervescência das décadas de 1950 a 1970, quanto na contemporaneidade.

A análise desenvolvida ao longo deste estudo revelou que, apesar das mudanças ocorridas durante os mais de 70 anos de atividades da Revista *Catolicismo*, as publicações dos autores mantiveram seu foco constante na vigilância contra o comunismo, o socialismo e outros elementos que seus autores identificavam como potenciais infiltrações, perigos e investidas da esquerda, seja ela composta por indivíduos religiosos ou não.

Esses autores, em cada período, trabalharam em prol desse objetivo longo, com o uso de diferentes estratégias para acessar o seu público leitor, de modo a não só comunicar suas visões de mundo, mas também de influenciá-los. Para tanto, foram empregues táticas variadas, como a divulgação de obras de autores, como Plínio Corrêa de Oliveira, que se encontravam em consonância com o pensamento cristão conservador, e ações junto a figuras políticas ou eclesásticas

para a definição dos conceitos que sustentavam suas interpretações dos eventos no Brasil e no mundo. Independentemente da estratégia, o intuito é a propagação de suas perspectivas particulares sobre os acontecimentos, à luz dos dogmas religiosos, escrituras, encíclicas, entre outros.

Viu-se também que o conteúdo veiculado pela revista ao longo dos anos encontra-se intimamente ligado à conjuntura em que atuou e ainda atua, bem como às configurações de indivíduos envolvidos com sua publicação. Essas configurações, de caráter conservador, são bem ilustradas nas conceituações de Karl Mannheim sobre a reação de grupos sociais frente às mudanças nas ordens política, social e culturais em que operam.

As formas de “pensar”, interpretar e aqueles conteúdos veiculados pela revista de forma intencional não só apoiaram certos grupos e atitudes, mas também ajudaram a definir e divulgar uma identidade cristã específica. Esse conteúdo, portanto, configura as correntes de pensamento ligadas a esses grupos sociais, tal como se observa na teoria mannheiniana.

Como abordado durante a pesquisa, o destino e os rumos das correntes de pensamento estão ligados a determinados grupos sociais, seus portadores. Assim, é possível refletir sobre a composição de matrizes de pensamento da revista *Catolicismo*, com base no seu longo período de atividade e os diferentes contextos históricos envolvidos, além da multiplicidade de seu corpo editorial.

De modo geral, as publicações mantiveram diálogos com a conjuntura social em que estava inserida, analisando-a e apresentando as visões de mundo que seus autores desejavam comunicar. Elas evidenciavam as correntes de pensamento com as quais interagem, sejam estas oriundas de indivíduos envolvidos com a produção da revista ou aquelas mais amplas, como grupos politicamente atuantes nos âmbitos legislativos, judiciários e executivos do país.

Em períodos históricos mais recentes, foi possível pensar a configuração dessas matrizes de pensamento tendo em conta as mudanças políticas no país e os temas que eram priorizados por seus autores. Essa priorização evidencia uma ordem de interesses eleita por seus autores em cada época, moldadas em grande parte pela percepção de potenciais mudanças e pelas reações do conservadorismo a elas, em prol da manutenção dos rumos políticos, sociais e culturais do país, alinhados aos desígnios dos membros da revista.

Essa busca da manutenção se estende às esferas política, social, religiosa, econômica e cultural do Brasil. Para tanto, os autores utilizavam-se de recursos retóricos e formas particulares de comunicar suas percepções sobre os mais diversos assuntos, figuras políticas e acontecimentos históricos, como a Revolução Francesa, as ações de segmentos católicos com visões de mundo diferentes das suas, as potenciais reformas agrárias no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, as revoluções burguesas, as Guerras Mundiais, a Guerra Fria, entre outros.

Com base nessas considerações, a primeira matriz de pensamento identificada corresponde ao período inicial de publicação da revista, até meados do final da década de 1950. O foco encontrava-se nas definições de conceitos como o comunismo, o socialismo e o capitalismo, todos relacionados aos grupos sociais operantes por trás de si. É importante ressaltar que, segundo essa matriz de pensamento, o comunismo é um movimento político que atenta contra os desígnios de Deus, contrário à propriedade privada e que emprega meios violentos para enganar e se difundir. Assim, o comunismo buscaria a redução das desigualdades instituídas por Deus e as diferenças entre os indivíduos, tornando-os uma “massa amorfa”.

Já o socialismo é apontado como um caminho mais brando ao comunismo, e, embora não utilize da violência, recorre a estratégias de convencimento e manipulação, sendo, portanto, tão perigoso quanto o comunismo, o qual é tido como violento e intrinsecamente maligno, pois ataca diretamente a família (célula base da sociedade), as propriedades privadas, as desigualdades sociais e individuais etc. Quanto ao capitalismo, embora os problemas em relação à concentração de renda sejam reconhecidos pela corrente, entende-se que não é fundamentalmente “mau” em seu âmago, podendo ser “consertado” e moldado pela sociedade, estando suscetível, então, a ser operado seguindo os desígnios dos grupos sociais, como os católicos.

Além disso, a primeira matriz se concentra em analisar acontecimentos internacionais e a possibilidade de o comunismo – cuja origem, em suas concepções, está na Rússia e sua fonte imanente na União Soviética – espalhar-se pelo mundo e contaminar a tudo e a todos como uma doença. Nesse sentido, as construções retóricas da revista buscam alertar os leitores sobre esse perigo iminente, ressaltando a necessidade de vigilância constante, sendo este um interesse de toda a população, uma vez que o comunismo/socialismo seria uma ameaça não apenas para a sociedade, mas também para os próprios ensinamentos de Deus em relação à

propriedade privada, à individualidade e à necessidade de classes sociais, pilares das estruturas da sociedade.

A segunda matriz de pensamento pode ser identificada entre o final da década de 1950 e a década de 1960, quando os autores da revista direcionam sua atenção à situação brasileira, considerada por eles como em franco perigo devido à efervescência das propostas de reformas agrárias. Segundo as publicações do período, a reforma agrária teria um caráter confiscatório e expropriatório, o que, por sua vez, é contrário aos mandamentos de Deus de não roubar, não cobiçar o que pertence ao outro e até mesmo não matar. Esse posicionamento reforça a ideia perpetrada pela revista, ao longo do século XX, de que o socialismo e o comunismo, especialmente o comunismo, são movimentos de caráter ateu, enganoso e violento.

Durante esse período, os principais focos de atenção concentram-se nos temas da reforma agrária, da presença do comunismo no Brasil e da existência de grupos identificados pelas publicações como “católicos progressistas”, indivíduos dominados pelo comunismo e seus elementos. Outro ponto de foco era a divulgação de obras de autores da revista que tratavam da situação agrária do país e a necessidade de controle dos avanços comunistas no país, demonstrando, assim, apoio ao golpe militar de 1964, movimento visto como alinhado aos ideais da democracia cristã.

Dessa forma, enquanto a primeira matriz se volta para a situação mundial, a segunda focaliza a identificação e a denúncia da situação interna no que diz respeito aos avanços socialistas e à existência de grupos convergentes ou simpatizantes a esses avanços. Além disso, também destaca as ações de membros da Tradição Família e Propriedade, da Revista Catolicismo, de outros grupos sociais, como os militares no poder e membros do clero, para evitar essa situação e, em busca de um objetivo comum, proteger o país do comunismo/socialismo e suas artimanhas pecaminosas de acabar com a propriedade privada, com as individualidades, com as classes sociais e com a família, o que acarretaria uma sociedade sem valores, sem perspectivas e sem diferenças de nenhuma ordem, fadada a buscar sempre uma “evolução” na qual não existe nada além do mundo material.

Essa matriz é composta por publicações que falam abertamente sobre as relações entre os âmbitos político e religioso, apontando questões como o impacto da escolha popular dos dirigentes da nação, sobre um hipotético e caótico futuro comunista sob o governo de Goulart, descrito nas publicações como agrorreformista,

e sobre a importância da intervenção militar que o depôs, um regime em convergência para os princípios da Catolicismo.

A terceira matriz de pensamento concentra-se novamente no avanço comunista em nível mundial, bem como no crescimento no número de movimentos católicos progressistas no Brasil e na forma como esses movimentos, segundo suas interpretações, contribuiriam para as “esquerdas” no Brasil ganharem campo e notoriedade. Essa matriz começa a se delinear no final da década de 1970 e ganha força na década de 1980, quando os temas citados passam a ser abordados com maior frequência.

O posicionamento dos autores da revista reforça a noção de seus diálogos com a conjuntura e com a estrutura política à época, trazendo para as publicações debates vigentes em nível legislativo, como reações contra ações políticas que pudessem afetar a noção de indissolubilidade do casamento, o avanço dos tipos e do uso de métodos contraceptivos e seu impacto na reprodução, o aborto e a eutanásia, descritos como crimes contra a vida e contrários aos desígnios de Deus (conforme concebidos, elaborados e apresentados pelos autores).

Nessa matriz, há uma retomada da ideia do comunismo como algo que emanava da União Soviética e do contexto da Guerra Fria, entretanto, relacionando-o a outros fatores da nova conjuntura na qual se encontra inserida. Os autores retomam também, com certa regularidade, as denúncias em relação aos governos da América Latina, como o do Chile, como potenciais portas de entrada para a expansão do comunismo na região. De maneira geral, a terceira matriz continua a representar o comunismo como uma ameaça global articulada, uma figuração ampla que se espalha, a partir da Rússia, para vários países, de forma agressiva e insaciável.

Nesse período, além dos temas em voga, é possível perceber também que começam a emergir discordâncias com relação a algumas medidas dos governos vigentes, incluindo até o do Brasil, que, no decorrer da abertura política, estaria abrindo potenciais brechas para a invasão desses inimigos.

Nas publicações dessa época, percebeu-se novamente um movimento que pesa as relações nacionais e internacionais entre vários países, suas mudanças de governos e novas políticas, mantendo o comunismo como fio condutor, novamente sob o enfoque soviético, mas com acréscimos de considerações e alusões sobre as experiências já concretizadas de países declaradamente socialistas, como Cuba e China. Com o passar das décadas, os autores também vão adaptando suas

demandas e críticas às situações que vão se delineando, bem como aos atores sociais que vão emergindo na cena política brasileira, como Lula e as greves operárias e os movimentos ligados à teologia da libertação.

A quarta e última matriz, a seu turno, engloba o período que vai do final do segundo governo de Lula ao primeiro de Dilma Rousseff, estendendo-se no decorrer das publicações lidas (até o ano de 2018). Essa matriz apresenta uma expansão dos temas de interesse da revista, ao mesmo tempo que mantém seu foco em movimentos que buscam realizar análises dos governos vigentes e suas relações entre si.

Essa matriz abrange o período relativo ao final da década de 2000 e o decorrer da década de 2010, em que há efervescência e continuidade de alguns temas já abordados nas páginas da revista, como as divergências entre o pensamento dos grupos associados com os processos editoriais nesse período e parcelas do clero consideradas progressistas, a teologia da libertação, o aborto, HIV, o casamento homoafetivo, os perigos comunistas de governos e gestões de outras nações.

Também são abordadas questões relacionadas a agropecuária, reformas agrárias, expropriação de terras, meio ambiente, ecologia e questões indígenas, vistos como alinhados aos movimentos de esquerda, na luta contra a propriedade privada. Além disso, novos temas emergem, como os debates sobre o gênero binário, qualificado pela revista como uma manifestação mais recente da Revolução Cultural que atenta contra a família, além de questões como o divórcio, o suicídio, a violência infantil e o uso de anticoncepcionais e outros métodos de controle de natalidade.

Em relação às questões governamentais, as publicações concentraram-se nas situações de países da América Latina, como Bolívia, Venezuela, Cuba e Colômbia, e nos diálogos desenvolvidos ocasionalmente pelos presidentes do Partido dos Trabalhadores com as lideranças dessas nações. A grande oposição a esse partido e aos indivíduos a ele associados se torna palpável, uma vez que são vistos como defensores de valores contrários àquilo que a revista sempre bradou como elementos fundantes da sociedade e legados por Deus aos indivíduos: a família, a tradição e a propriedade privada.

Com base nessas considerações, enfatiza-se a relevância de refletir sobre as matrizes de pensamento da Revista Catolicismo, testemunhas de diferentes acontecimentos políticos marcantes e grupos sociais civis e políticos ao longo de seus anos de atividades. Por meio das publicações, é evidente a busca pela preservação de uma determinada ordem sociopolítica, religiosa e cultural, reagindo às mudanças

contrárias aos seus desígnios. Esse processo, por sua vez, permite refletir sobre como um grupo que compõe a realidade social brasileira pode causar impactos e ondulações nas opiniões de seu público leitor.

Dado que esses grupos estão atuantes há tantos anos, empenhados em sua autodeclarada missão anticomunista e no reestabelecimento de uma sociedade cristã (segundo seus desígnios) e de suas tradições, é importante pensá-los enquanto parte de uma realidade social plural e que pode contribuir para a difusão de formas de pensamento que impactam nas liberdades individuais de outros grupos sociais.

Conforme a teoria elaborada por Elias, os indivíduos e seus grupos não “existem” em um vácuo, mas possuem disposições e inclinações básicas que os orientam uns para os outros, criando e agindo por meio de teias de interdependências. Dessa forma, a Revista Catolicismo e seus conteúdos podem ser considerados como sintomáticos para se pensar na composição de movimentos sociais de caráter conservador e tradicional na cena política nacional.

A revista, com suas profundas raízes históricas e parte da realidade social, também aponta para a possibilidade da permanência de correntes de pensamento que concebem intervenções totalitárias ou extremistas em prol de um “bem maior”, com base em suas visões de mundo e interpretações da realidade social a partir de elementos de ordem religiosa. Essa associação pode potencialmente fomentar manifestações de caráter violento ou até mesmo implicar no cerceamento das liberdades individuais.

Vale destacar que, ao longo da análise e da pesquisa no que se refere ao aparato teórico-metodológico e aos levantamentos históricos, não se identificou a existência de um amplo processo de pensamento conservador no Brasil. Em vez disso, evidenciou-se a presença de diversos processos associados às ações de grupos sociais em diferentes conjunturas, que podem convergir em certos aspectos.

As configurações religiosas e políticas são diversas, e seus discursos e desígnios podem se sobrepor em pontos convergentes e determinados elementos, como o combate ao comunismo e a noção da importância de se buscar/manter/resgatar uma sociedade brasileira que, além de cristã, também é anticomunista e patriota.

Por meio desta pesquisa, foi possível compreender todo um movimento de elaboração de um *corpus* de conceitos e compreensões próprias das publicações feitas por meio da Catolicismo, fundamentado nas visões de mundo de seus grupos e

em diálogo com correntes de pensamento advindas do campo político e governamental. Dessa forma, entende-se que a Catolicismo e os grupos com ela envolvidos também solidificaram uma forma de pensamento, que alavancou a revista nesses mais de setenta anos de publicações.

Com base nessas considerações, entende-se que na própria Catolicismo se desenvolveu um processo de pensamento conservador de média duração, com diferentes configurações atuantes em suas fases, associadas a cada período histórico. Essas configurações dialogam com as correntes de pensamento estabelecidas anteriormente pelos grupos fundadores e legadas aos autores vindouros. Todavia, esse diálogo não é unilateral. As correntes de pensamento dos grupos vão sendo incrementadas e atualizadas, “alimentando” e sendo “alimentadas” pelos grupos sociais.

Por fim, cabe reforçar que a pesquisa apresentada encerrou suas análises no ano de 2018, por ocasião dos rumos políticos e sociais do país nesse período. Com a eleição do agora ex-presidente Bolsonaro, houve mudanças na estrutura política e na conjuntura nacional, ao que se soma um contexto pandêmico por ocasião da COVID-19 e a posterior eleição, em 2022, que resultou no retorno ao cargo de Presidente da República de um candidato do Partido dos Trabalhadores. Dessa forma, delinea-se a possibilidade de pesquisas futuras que abordem e analisem essas novas dinâmicas e configurações.

Além disso, existem possibilidades para aprofundar as reflexões apresentadas neste estudo para além das orientações veiculadas na revista sobre os modos de perceber e descrever a realidade, seus atores e mudanças religiosas e políticas, explorando também as prescrições formuladas pela revista em termos de ações, como suas mobilizações, abaixo-assinados e outras comunicações que os grupos da revista buscaram desenvolver com os governos vigentes, a fim de gerar impactos em um terreno mais concreto, para além da comunicação com o seu público leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTURI, C. S. O debate teórico sobre mudança de regime político: o caso brasileiro. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, n. 17, p. 11-31, Nov. 2001.
- ARRUDA, M. A. do N. Arremate de uma reflexão: a Revolução Burguesa no Brasil de Florestan Fernandes. *Revista USP*; São Paulo, n° 29, 1996, pp. 56- 65. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25612/27354>>.
- AYERBE, L. F. Crise de hegemonia e emergência de novos atores na Bolívia: o governo de Evo Morales. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* [online]. 2011, n. 83 [Acessado 23 Agosto 2024], pp. 179-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452011000200007>>. Epub 23 Set 2011. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452011000200007>.
- BARBOSA, R. P. Resenha da obra: Introdução a Sociologia (Norbert Elias). *Educação* (Rio Claro. Online), v. 25, p. 390-395, 2015.
- BARCELLOS, M. C. de. *A centralidade da graça na obra de Gustavo Corção: Tradição, ordem e cultura na escrita corçoniana*. 2013. 306 f. Tese(Doutorado em História Social) – Curso de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTELLA, A. O processo de formação da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) no Paraná (1965-1966). *SAECULUM*, v. 25, p. 191-206, 2020.
- BONFIM, J. B. B. *Palavra de presidente: discursos de posse de Deodoro a Lula*. Brasília: LGE Editora, 2004.
- BURKE, E. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Editora Universidade de Brasília, 1982.
- BRUNEAU, T. C. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- BRUNEAU, T. C. *O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. São Paulo, Loyola, 1987.
- CASSIMIRO, P. H. P. As origens ambivalentes do Conservadorismo. O lugar de Edmund Burke na História do Pensamento Político. *Leviathan | Cadernos de Pesquisa Política*: N. 11, pp. 56-87, 2015.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, A. J. G. *Teologia e política = A Ordem e a atualização do discurso político-social católico no Brasil, 1931-1958*. 2010. 273 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

COSTA, F. R., ZANGELMI, A. J., & SCHIAVO, R. A. (2011). Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. *Revista Intratextos*, 2(1), 33–50. <https://doi.org/10.12957/intratextos.2010.1759>

CORDEIRO, L. L. *Alceu Amoroso Lima e as posturas políticas na Igreja Católica Brasileira (1930- 1950)*. Maringá, 2008, 223f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2008.

COSTA, A. J. G.. *Teologia e política = A Ordem e a atualização do discurso político-social católico no Brasil, 1931-1958*. 2010. 273 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

DELGADO, L. de A. N., PASSOS, M. Catolicismo Brasileiro: direitos sociais e direitos humanos. In: *XXII Simpósio Nacional de História*, 2003, João Pessoa. XXII Simpósio Nacional de História; História, Acontecimento e Narrativa. João Pessoa: ANPUH e Universidade Federal da Paraíba, 2003. v. 1. p. 246-246.

DIAS, R. *Cor unum et anima una. A doutrina católica sobre a autoridade no Brasil, 1922-1935*. 1993. [289]f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280918>>.

DUARTE, J da S. (2023). O que é o conservadorismo? do conceito à mensuração. *Revista Debates*, 17(1), 110–138. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.128319>

ELIAS, N. Processos de formação de Estados e construção de nações. In: *Norbert Elias, Escritos e Ensaios 1 - Estado, Processo e Opinião Pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2006, p. 153-165.

ELIAS, N. *Norbert Elias por Ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.145-163.

ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Espaço da sociologia, trans. Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Portugal, Lisboa: Edições 70, 1980.

- ESQUIVEL, J. C. Igreja Católica e Estado na Argentina e no Brasil. Notas introdutórias para uma análise comparativa. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n.5, p.191-223, out 2003.
- FALCETTI, B. M. A Revolução Francesa: Panorama histórico e os efeitos que moldaram a sociedade contemporânea. *Revista História e Diversidade*, Cáceres-MT, v. 9, n. 1, p. 110-125, 2017.
- FAORO, R. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro* V.2. 10 Ed. São Paulo: Globo, 2000.
- FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FERRO MEDINA, J. G. *As FARC: Dimensão organizacional e política*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. (dissertação de mestrado)
- FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 337-409.
- FERNANDES, L. A. V. Derrubando democracias na América do Sul: o projeto hegemônico da ditadura brasileira e o golpe no Chile. *Revista Brasileira de História*, v. 43, n. 93, p. 413–418, maio 2023.
- FERRO MEDINA, J. G. *As FARC: Dimensão organizacional e política*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. (dissertação de mestrado)
- FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p. 173-179, 1990. Acesso em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636834>>. Acesso em: 01 nov. 2018.
- FONSECA JUNIOR., W. C. da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. P. 280-303.
- FORESTI, L. F. L. *O arauto da contra-revolução: o pensamento conservador de Plínio Corrêa de Oliveira (1968 1976)*. 2013. 276 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de Conteúdo*. 4º Ed. Brasília: Liber Livro, 2004.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.
- GAHYVA, H. Notas sobre o Conservadorismo: Elementos para a Definição de um Conceito. In: *Política e Sociedade*. Florianópolis, Vol. 16 - Nº 35 - Jan./Abr. de 2017.

- GILL, R. Análise do discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GONZÁLEZ, R. S. (2010). A POLÍTICA DE PROMOÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS NO GOVERNO LULA. *Revista Debates*, 4(2), 107. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.16534>
- GROPPO, C. M. *Ordem no céu, ordem na terra: a revista "A Ordem" e o ideário anticomunista das elites católicas (1930-1937)*. São Paulo: PUC-SP, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP. São Paulo, 2007.
- GUEDES NETO, A. Padre Comblin: um intelectual expulso do Brasil em tempos de ditadura militar (1968-1972).. In: *XIII Encontro Estadual de História: 'História e mídias: narrativas em disputas'*, 2020, Evento ocorreu pela internet. Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História: "História e mídias: narrativas em disputas", 2020.
- HIRSCHMAN, A. *O pensamento conservador: perversidade, futilidade e risco*. Viseu: DIFEL, 1997.
- IANKO, B. *A (re) invenção do Comunismo: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares (1964 e 1966)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História). UNISINOS, 2010.
- IANKO, B. *Catolicismo e Cruzada: Revistas católicas e o imaginário anticomunista no Brasil e Argentina (1960-1967)*. Tese (Doutorado em história), PPGH – PUCRS, 2015.
- IANKO, B. A Revista Catolicismo e o dispositivo anticomunista na década de 1960. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 9, n. 25, p. 151-188, 9 de maio de 2016.
- LANZA, F. NEVES JUNIOR, J. W. A., OLIVEIRA, A. C. R. de. A(s) marcha(s) da família, com deus pela liberdade (1964-2016): pensamento conservador católico e cristão no século XXI. *Caminhos*, Goiânia, v.16, n.1, p.181-195, jan/jun. 2018.
- LANZA, F.; NEVES JÚNIOR, J. W. A. Expressões do novo intervencionismo: uma análise do grupo conservador "Ordem Dourada do Brasil". *Revista Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 22, n. 42, p. 35-51, jan./jun. 2017.
- LEÃO, R A. A Teologia da Libertação no BRASIL: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. In: *II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais: diálogos entre graduação e pós-graduação (II SPFCS)*, 2011, Goiânia. Anais do II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais: diálogos entre graduação e pós-graduação (II SPFCS), 2011.
- LÖWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis:

Vozes, 2000.

MACEDO, R. S. *Para onde os ventos sopram: representações do catolicismo no Brasil (60-80 do século XX)*. 2005. 126 f. Mestrado em História Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília.

MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANCIBO, D. O golpe de 2016 e os impactos para a educação superior brasileira. *Rev. Educ. Questão*, Natal, v. 56, n. 49, p. 62-84, jul.2018.

MANNHEIM, K. Abordagem Preliminar do Problema. In: MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. P. 29-60.

MANNHEIM, K. Sociologia. In: FORACCHI, M. (org.). *Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982.

MANNHEIN, K. O pensamento conservador. In Martins, J. S. (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MAY, T. *Pesquisa social: questões métodos e processos*. 3° ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDEIROS, M. do C. I. de. *Duas leituras do Fórum Social Mundial: Caros Amigos e Catolicismo*. 2004. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

MÉRIDA, V. C., SILVA, W. T. da. O Combate do Jornal “Catolicismo” nos Anos 1960. *Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 3, p. 676–691, 2021.

MÉRIDA, V. C. A militância antimoderna do jornal Catolicismo nas décadas de 1950 e 1960. In: 31 Simpósio Nacional de História ANPUH. 2021, Rio de Janeiro. *Anais do 31° Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia*. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. p. 1-11.

MOREIRA, V. M. L. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, p. 329–360, 1998.

MOTTA, R. P. S. *Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista*. 2019.

Disponível em: <
https://www.academia.edu/37518793/ANTICOMUNISMO_E_ANTIPETISMO_NA_ATUAL_ONDA_DIREITISTA>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

- MOTTA, R. P. S. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: CZAJKA, R.; NAPOLITANO, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura, política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 15-37.
- MOTTA, R. P. S. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5. *Revista Brasileira de História [online]*. 2018, v. 38, n. 79 [Acessado 4 Agosto 2024], pp. 195-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n79-10>>. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n79-10>.
- MOTTA, R. P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917 - 1964)*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- NEVES JUNIOR, J. W. A. *A ideologia de segurança nacional nos documentos do Serviço Nacional de Informações do Estado do Paraná (1964-1985)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília). Marília, 2021, 209 páginas.
- NEVES JUNIOR, J. W. A. Segurança Nacional e Anticomunismo no Brasil pré-64: a ideologia de Golbery do Couto e Silva. *Em Tese*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 46-66, jul./dez., 2019.
- NIERO, S. *Intelectuais católicos: concepções integristas na revista Hora Presente e o conservadorismo católico no Brasil*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ. 2017.
- OLIVEIRA, P. C. de. *Revolução e contra-revolução [1959]*. 4. ed. São Paulo: Artpress, 1998. Disponível em: <<https://www.pliniocorreadeoliveira.info/RCCR01.pdf>>.
- OLIVEIRA, P. C. de, et all. *Reforma Agrária questão de consciência*. Nelson Ramos; 1ª edição, 2010, 318 p.
- OLIVEIRA, R. S. de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- OLIVEIRA VIANNA, F. J. Populações Meridionais do Brasil. *Brasília*: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. 424 p.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ORTEGA Y GASSET, J. A rebelião das massas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PAIVA, D., KRAUSE, S. e LAMEIRÃO, A. P. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. *Opinião Pública* [online]. 2016, v. 22, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-01912016223638>>.

PEREIRA, M. A. M. L.. *Guardai-vos dos falsos profetas: matrizes do discurso anticomunista católico (1935-1937)*. 2010. 156 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2010.

RAPOPORT, M.; LAUFER, R. Os Estados Unidos diante do Brasil e da Argentina: os golpes militares da década de 1960. *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 43, n. 1, p. 69-98, Junho, 2000.

REIS, D. A. Introdução. In: BARBOSA et al (Orgs). *Militares e política no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.09-21.

REZENDE, M. J. de. *A ditadura militar no Brasil: Repressão e Pretensão de legitimidade 1964-1984*. Londrina: Editora UEL, 2013.

REZENDE, M. J. de. As Forças Armadas e a reflexão de Raymundo Faoro sobre a abertura política, 1984. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, V. 43, N. 01, p. 97-120, 2009.

REZENDE, M. J. Oliveira Vianna e a mudança social no Brasil. *Cad. Est. Soe. Recife*. v. 15, n. 1, p. 149-178, jan-jun, 1999.

REZENDE, M. J. de. *A Transição Como Forma de Dominação Política: O Brasil na Era da Abertura 1980-1984*. Londrina: Ed. UEL, 1996.

RIDENTI, M. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, M e MOTTA, R P. S (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, M. *O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo*. Preparado para apresentação na reunião de 1998 da Latin American Studies Association - SMO14, The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois, Setembro, 1998.

RODEGHERO, C. S. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.

RODRIGUES, R. R. B. *Permanências do conservadorismo brasileiro no processo de redemocratização na década de 1980: Estudo d'O São Paulo e da edição falsificada Mea Culpa*. 201. Dissertação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

- ROMANO, R. *Igreja contra Estado (Crítica ao Populismo Católico)*. São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1979.
- SAES, D. *República do capital: capitalismo e processo político no Brasil*. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.
- SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: 1970-80* (1988). 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SANTIROCCHI, Í. D. *Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma*. In. *Temporalidades, Doutorado*, vol. 2, nº 2. Agos./Dez. 2010.
- SANTOS, W. G. dos. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.
- SANTOS, M. Passado e presente nas relações Colômbia-Estados Unidos: a estratégia de internacionalização do conflito armado colombiano e as diretrizes da política externa norte-americana. *Revista Brasileira de Política Internacional* [online]. 2010, v. 53, n. 1, pp. 67-88. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-73292010000100004>>.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística Geral*. 27ª edição. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHIAVO, L. *O simbólico e o diabólico: a vida ameaçada*. Phoinix (UFRJ), Rio de Janeiro, n.8, p. 230-243, 2002.
- SILVEIRA, S. A. da. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, Sebastião V. et al. (Orgs.). *Direita Volver: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SIMON, R. *O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- SOUZA, G. C. de. “*permanecer em mim*” e no meu “*intinerário*”: as interfaces do integrismo católico na trajetória dos intelectuais do grupo permanência na França (1975-1989). 285F. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Unidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SOUZA, G. C. de. *Conflitos teológicos e políticos da Igreja Católica no Brasil presentes nos artigos das revistas Hora Presente e Permanência (1968-1974)*. 2012. 256 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e

Letras de Assis, 2012.

SOUZA, Gl. C. Revista e Intelectuais Católicos: uma análise histórica do grupo Permanência em anos ditatoriais (1968-1974). *Revista Angelus Novus*, v. 03, p. 96-116, 2012.

SKIDMORE, T. E. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.36-41.

TOLEDO, C. N. de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 13-28, 2004.

VARELA, R. e FONTES, J. A revolução dos cravos e o controlo operário. *Revista Katálysis* [online]. 2020, v. 23, n. 02 [Acessado 11 Agosto 2024], pp. 327-337. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p327>>. Epub 01 Jul 2020. ISSN 1982-0259. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p327>.

WANDERLEY, L. E. W. *Democracia e Igreja Popular*. São Paulo: EDUC, 2007.

WANDERLEY, L. E. W. Igreja e Sociedade no Brasil (1950-1964/1964-1975). *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

WELLER, W., et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 375-396, Dez. 2002.

ZANOTTO, G. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico (1960 – 1995)*. Doutorado, Florianópolis, UFSC, 2007.

ZANOTTO, G. Plínio Corrêa e a TFP: um reacionário a serviço da contra-revolução. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, Florianópolis, v. 9, n. 9, 2001.

ZANOTTO, G., BUSTAMENTE, F. “A transnacionalização do integrismo tefepista e a atuação dos membros de Fiducia no Chile (1967-1973)”. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 14 n.1 -jan.-jun. 2021.

ZULLO, G. e S., SILVA, U. R. U. da. CONTINUIDADES E MODERNIZAÇÃO ENTRE OLIVEIRA VIANNA E GILBERTO FREYRE. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* [online]. 2022, n. 116 [Acessado 30 Agosto 2024], pp. 165-196.

FONTES DOCUMENTAIS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Academia*, 2016. Biografia de Alceu Amoroso Lima (pseud. Tristão de Ataíde). Disponível em:

<<https://www.academia.org.br/academicos/alceu-amoroso-lima-pseud-tristao-de-ataide/biografia>>. Acesso em 14 de jul. de 2021

ACADEMIA MILITAR DOS AGULHAS NEGRAS. Missão, visão e valores. AMAN, 2019. Disponível em: <<https://www.aman.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>>. Acesso em: 11 de jul. de 2024.

Alceu Amoroso Lima. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil FGV CPDOC*, 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu_amoroso_lima>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

BBC News Brasil. Atentados de 11 de Setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. *BBC News Brasil*:10 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>>. Acesso em: 18 de setembro de 2024.

Biografia Dom de Catro Mayer. *Ecclesiae*: c2024. Disponível em: <https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=482>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

Biografia Dom Geraldo de Proença Sigaud. *Ecclesiae*: c2024. Disponível em: <https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=3066>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

Biografia Plínio Correa de Oliveira. *Ecclesiae*: c2024. Disponível em: <<https://ecclesiae.com.br/plinio-correa-de-oliveira>>. Acesso em: 28 de agosto de 2024.

BOLETIM PERMANÊNCIA. *Boletim Permanência*, c2021. Página Inicial. Disponível em: <<https://boletim.permanencia.org.br/>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

Clima é tenso na passagem da comitiva do ex-presidente Lula. *Folha do Oeste*, 2018. Disponível em: <<https://folhadooeste.com.br/cidades/clima-%C3%A9-tenso-na-passage-da-comitiva-do-ex-presidente-lula-1.2056603>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE TERESA URBAN. Relatório da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban. São Paulo, *Tikibooks*, 2014. Disponível em: <<https://www.memoriaedireitoshumanos.ufsc.br/files/original/3ac3d48df8fdef7c921b626681126f52.pdf>>. Acesso em 12 jul. de 2021.

Companhia das letras. Jorge Mario Bergoglio (papa Francisco). *Companhia das letras*: [s/d]. Disponível em:

<<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/03450/jorge-mario-bergoglio-papa-francisco>>. Acesso em: 22/08/2024.

Ditaduras Militares na América do Sul. *Memórias da Ditadura*, [S/D]. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/aula/ditaduras-militares-na-america-do-sul/>>.

Fantasma da ditadura sobre a democracia, AI-5 completa 51 anos. *Brasil de Fato*, 2019. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2019/12/13/fantasma-da-ditadura-sobre-a-democracia-ai-5-completa-51-anos>>. Acesso em: 12 dez. de 2021.

Frentes Parlamentares. *Câmara dos Deputados*. 2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

BERNDT, Sara, JONES, Halbert, SIEKMEIER, James. Foreign relations of the United States, 1969–1976, Volume e–11, part 2, Documents on South America, 1973–1976: Brazil. Washington: 2015.

FRAZÃO, D. Papa Leão XIII: papa da Igreja Católica. Ebiografia, 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/leao_xiii/>. Acesso em: 11 de jul. de 2024.

FRAZÃO, D. Tomás de Aquino: Frei católico. Ebiografia, 2024. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/tomas_de_aquino/>. Acesso em: 11 de jul. de 2024.

Governo anuncia “distensão segura”: Geisel apresenta projeto de “abertura controlada” e tenta legitimar o regime. *Memorial da Democracia*, c2015-2017. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/governo-anuncia-distensao-segura>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021

Há 5 anos, Câmara abria impeachment de Dilma e Bolsonaro louvava Ustra. *Poder 360*, 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/>>. Acesso em 02 de fev. de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Acesso à internet e a televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. PNAD contínua 2018: análise dos resultados. Rio de Janeiro: *IBGE*, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Instituto Plínio Correa de Oliveira, IPCO. “IN MEMORIAM” – A revista “Catolicismo” e o IPCO perdem dois grandes colaboradores. IPCO: 23 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.ipco.org.br/in-memori-am-a-revista-catolicismo-e-o-ipco-perdem-dois-grandes-colaboradores-dr-gregorio-vivanco-lobes-e-dr-homero-barradas>>.

Acesso em: 18 de agosto de 2024.

JOÃO PAULO. Quem são os gentios que aparecem na Bíblia? Existem gentios na atualidade?. In: *Bíblia e Teologia*. [s/d]. Disponível em: <<https://bibliaeteologia.com.br/quem-sao-os-gentios-que-aparecem-na-biblia-existem-gentios-na-atualidade/>>.

MEMORIAL DA DECMORACIA. *Memorial da Democracia*, c2015-2017. Página inicial. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

MORI, L. O grupo católico ultraconservador brasileiro que está em conflito com o Vaticano. In: *BBC NEWS Brasil*, São Paulo, 17 dezembro 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59689544>>. Acesso em: 16/11/2024.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Brasil. Apresentação. *MST: C2024*. Disponível em: <<https://mst.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2024. Oito vezes em que Bolsonaro defendeu o golpe de 64. *O Globo*, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/oito-vezes-em-que-bolsonaro-defendeu-golpe-de-64-24949762>>. Acesso em: 12 dez. de 2021.

Oblato. Dicio: *Dicionário Online de Português*, c2009-2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/oblato/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

PNAD Contínua TIC 2016: 94,2% das pessoas que utilizaram a Internet o fizeram para trocar mensagens. *Agência IBGE de Notícias*, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens>>. Acesso em 08 de abril de 2021.

Quem somos. *Instituto Plínio Correia de Oliveira*. © 2024. Disponível em: <<https://www.ipco.org.br/paginas/quem-somos>>. Acesso em: 16/11/2024.

REVISTA PERMANÊNCIA. *Permanência*, [s/d]. Página Inicial. Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/62>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

REVISTA CATOLICISMO. *Catolicismo*, [s/d]. Edições *online* da revista. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Index1951.html>>. Acesso em 13 jul. de 2021.

REVISTA CATOLICISMO. *Catolicismo*, [s/d]. Apresentação da revista. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Apresentacao.html>>. Acesso em 14 jul. de 2021.

Revolução e Contra-Revolução. Plinio Correa de Oliveira. [s/d]. Disponível em: <https://www.pliniocorreadeoliveira.info/RCR_0000_indice.htm>. Acesso em: 22 de julho de 2024.

Revolução dos Cravos abriu as portas para esquerda brasileira no exílio e inspirou luta contra a ditadura. Brasil de fato: 25 de abril de 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/04/25/revolucao-dos-cravos-abriu-as-portas-para-esquerda-brasileira-no-exilio-e-inspirou-luta-contra-a-ditadura>>.

UOL. Bolsonaro canta slogan de campanha ao lado de artista: "Deus acima de todos, Brasil acima de tudo". *Youtube*, 11/08/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HE7nohcVE_w>. Acesso em 13 jul. 2021.

SENRA, Ricardo. Brasil diz à ONU que não houve golpe em 64 e que governos militares afastaram ameaça comunista e terrorista. *BBC NEWS Brasil*, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47818978>>. Acesso em: 14 jan. de 2022.

Subversivo. Dicio: Dicionário Online de Português, c2009-2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/subversivo/>>. Acesso em: 18 de ago. de 2024.

TFP Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. O fundador. In: TFP, s/d. Disponível em: <<https://tfp.org.br/fundador/>>. Acesso em: 01 de setembro de 2024.

VARDÉLIO, Andreia. Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU. *Agência Brasil*, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>>. Acesso em: 14 jan. de 2022.

WENTZEL, M. D. B. e M. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarecidos' e leva OAB a pedir sua cassação. In: *BBC New Brasil*, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_m_db>.

MATÉRIAS DA REVISTA CATOLICISMO

ALMEIDA, F. F. de. Os católicos franceses do século XIX. In: *Catolicismo*, 1953, nº 31. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0031/P06-07.html>>.

ALENCASTRO, C. Conservadorismo no Brasil de 2003. In: *Catolicismo*, nº 625, 2003, p.43. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2003>.

ALENCASTRO, C. Autogestão socialista na Venezuela. In: *Catolicismo*, nº722, 2011, p.18-20. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0722/P18-19.html>>.

ALENCASTRO, C. Laços que unem Cuba e Coreia do Norte. In: *Catolicismo*, nº 772, 2015, p.24. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0772/P24->

25.html>.

ALVAENGA, C. Ressurreição e "Syllabus". In: *Catolicismo*, 1952, nº15. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0015/P06-07.html>>.

ALVARENGA, C. As ondas sucessivas da revolução igualitária. In: *Catolicismo*, nº62, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0062/P08.html>>

ALVARENGA, C. Não se achará a paz se não pela ponta de uma lança. In: *Catolicismo*, nº68, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0068/P01.html>>.

ALVARENGA, C. Filósofos Minavam na Retaguarda a Obra dos Cruzados. In: *Catolicismo*, nº90, 1958. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0090/P04-05.html>>.

ALVARENGA, C. Adorabunt eum omnes reges terrae: Et omnes gentes servient ei. In: *Catolicismo*, nº133, 1962. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0133/P01.html>>.

ALVARENGA, C. "Revolução e Contra-Revolução" faz dez anos, progressismo e revolução. In: *Catolicismo*, nº222, 1969. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0222/P04-05.html>>.

AUBERTIN, A. Mais um saboroso argumento para os evolucionistas. In: *Catolicismo*, nº133, 1962. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0133/P08.html>>.

BERNARDO, S. Uma virtude esquecida: a fortaleza. In: *Catolicismo*, 1951, nº8, p.8). Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0008/P08.html>>.

CAMPOS, P. R. Eleições 2018: Vitória do Anti-petismo, atmosfera desinfestada. In: *Catolicismo*, nº816, p. 12-13, dez. 2018. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0816/P12-13.html>>.

BRAMBILLA, H. Ameaças ao avanço da safra agropecuária. Cuidado, perigo! Petismo sem PT!. In: *Catolicismo*, nº 806, 2018, p.18-22. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0806/P18-19.html>>.

CAPANEMA, P. Socialismo: embuste para atingir meta comunista. In: *Catolicismo*, nº384, 1982. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0384/P06-07.html>>.

Chamada. In: *Catolicismo*, nº384, 1982. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0384/P01.html>>.

CAMPOS, P. R. O Brasil no memorável dia 17 de abril. In: *Catolicismo*, nº785, 2016, p.14-17. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0785/P14-15.html>>.

CAMPOS, P. R. Cinquenta anos de autodemolição na Igreja. In: *Catolicismo*, nº813, 2018, p.26–31. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0813/P32-33.html>>.

CAMPOS, P. R. Eleições 2018: Vitória do anti-petismo, atmosfera desinfestada. In: *Catolicismo*, nº816, p.12, 2018. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0816/P12-13.html>>.

CATOLICISMO. Pio X, modelo de energia: Uma questão cadente. In: *Catolicismo*, nº6, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0006/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. Na luta contra o chefe do orgulho, sigamos o príncipe São Miguel. In: *Catolicismo*, 1951, nº9. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0009/P01.html>>.

CATOLICISMO. Pronuncia-se sobre a reforma agrária o episcopado do Paraná. In: *Catolicismo*, 1953, nº32. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0032/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. Panorama do Brasil: quinze anos depois. In: *Catolicismo*, nº41, 1954. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0041/P02-03.html>>

CATOLICISMO. Continua grave o perigo comunista no Brasil. In: *Catolicismo*, nº48, 1954. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0048/P06-07.html>>.

CATOLICISMO. Diretrizes para uma ação Anticomunista. In: *Catolicismo*, nº49, 1955. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0049/P06-07.html>>

CATOLICISMO. Revolução anticomunista, glória do povo brasileiro. In: *Revista Catolicismo*, nº126, 1964. Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/acervo/num/0161/P08.html>>.

CATOLICISMO. Verba tua manent n aeternum. In: *Catolicismo*, nº61, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P06-07.html>>.

CATOLICISMO. diretrizes aos fiéis da diocese para as próximas eleições. In: *Catolicismo*, nº91, 1958. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0091/P01.html>>.

CATOLICISMO. Não há convergências entre o socialismo e o cristianismo. In: *Catolicismo*, nº102, 1959. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0102/P02-03.html> >.

CATOLICISMO. Entrevista em Roma do Cardeal Tien, do Arcebispo de Diamantina e do Professor Plínio Corrêa de Oliveira. In: *Catolicismo*, nº143, 1962, p. 03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0143/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. Os autores de RA- QC entregam ao legislativo federal manifestos com 27 mil assinaturas. In: *Catolicismo*, nº152, 1963, p.08. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0152/P08.html>>.

CATOLICISMO. Reforma agrária questão de consciência em 30 dias. In: *Catolicismo*, nº157, 1964, p.06. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0157/P06-07.html>>.

CATOLICISMO. Reforma agrária questão de consciência em 30 dias. In: *Catolicismo*, nº165, 1964. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0165/P06-07.html>>.

CATOLICISMO. A TFP saúda presidente eleito. In: *Catolicismo*, nº191, 1966. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0191/P08.html>>.

CATOLICISMO. TFP promove congresso de estudantes anticomunistas. In: *Catolicismo*, nº195, 1967. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0195/P08.html>>.

CATOLICISMO. Reverente e filial mensagem a Sua Santidade o Papa Paulo VI. In: *Catolicismo*, nº212-214, 1968. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0212-214/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. Que é a TFP? Como nasceu?. In: *Catolicismo*, nº251-252, 1971. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0251-252/P04-05.html>>.

CATOLICISMO. Comunicado de imprensa. In: *Catolicismo*, nº273, 1973, p.06. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0273/P06.html>>.

CATOLICISMO. A TFP dos Estados Unidos defende o Brasil e o Chile. In: *Catolicismo*, nº285, 1974. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0285/P01.html>>.

CATOLICISMO. Padres fluminenses contra o comunismo. In: *Catolicismo*, nº303, 1976, p.07. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0303/P06-07.html>>.

CATOLICISMO. Brasil – 1976 – A Igreja ante a escalada da ameaça comunista – apelo aos bispos silenciosos. In: *Catolicismo*, nº307, 1976, p.02-03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0307/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. TFP lamenta recusa a vietnamitas. In: *Catolicismo*, nº337, 1979, p.08. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0337/P08.html>>.

CATOLICISMO. O prof. Plínio Corrêa de Oliveira fala sobre a atualidade brasileira. In: *Catolicismo*, nº396, 1983. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0396/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. 1961-1981 - Vinte anos de lutas e vitórias em favor da propriedade privada. In: *Catolicismo*, nº371, 1981, p. 03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0371/P02-03.html>>.

CATOLICISMO. TFP afirma: CEBs, meio eficiente de infiltração comunista. In: *Catolicismo*, nº381, 1982. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0381/P01.html>>.

CATOLICISMO. Uma análise da TFP: O Brasil de hoje quer pacatez e não agitação. In: *Catolicismo*, nº625, 2003, p.16-21. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2003>.

CATOLICISMO. Catolicismo: 60 anos do bom combate em defesa da civilização cristã. In: *Catolicismo*, nº 721, 2011, p. 5-6. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0721/P04-05.html>>.

CATOLICISMO. Digamos um não definitivo ao lulopestimo. In: *Catolicismo*, nº 815, 2018, p.12-14. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0815/p12-13.html>>.

CATOLICISMO. Capa. In: *Catolicismo*, nº886, 2024. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0886/P01.html>>.

CORRÊA, J. L. A. TFP participa de congresso mundial anticomunista nas Filipinas - II National Wanderer Forum. In: *Catolicismo*, nº250, 1971. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0250/P04-05.html>>.

CUNHA, A. O agro-reformismo e a ala velha do Centro Dom Vital. In: *Catolicismo*, nº123, 1951, p.08. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0123/P08.html>>.

DANIELE, L. Sob a máscara dos Direitos Humanos, uma nova religião sem Deus. In: *Catolicismo*, nº711, 2010, p.10-15. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0711/P12-13.html>>.

DUFALIR, L. 2010: abalos telúricos e na opinião pública mudaram o mundo. In: *Catolicismo*, nº721, 2011, p.26-37. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0721/P26-27.html>>.

DUFALIR, L. 2010: abalos telúricos e na opinião pública mudaram o mundo. In: *Catolicismo*, nº721, 2011, p.26-37. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0721/P26-27.html>>.

DUFALIR, L. 2014: Na orla da III Guerra Mundial?. In: *Catolicismo*, nº769, 2015, p.26-39. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0769/P26-27.html>>.

- DU PLESSIS, A. L. Manobra bem lançada encontra terreno favorável. In: *Catolicismo*, nº 191, p. 08, nov. 1966. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0191/P08.html>>.
- FILHO, P. C de B. Carta do diretor. In: *Catolicismo*, nº 814, 2018, p.04. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0814/P04-05.html>>.
- FRAGELLI, N. R. Congresso Europeu contra o aborto. In: *Catolicismo*, nº354, 1980. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0354/P08.html>>.
- FRAGELLI, N. R. Congresso Europeu contra o aborto. In: *Catolicismo*, nº354, 1980. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0354/P08.html>>.
- FREITAS, L. M. de. A previdência estatal. In: *Catolicismo*, 1952, nº21. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0021/P04-05.html>>.
- FREITAS, L. M. de. As hábeis gradações da socialização universal. In: *Catolicismo*, nº71, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0071/P02-03.html>>.
- FREITAS, L. M. de. Reforma Agrária: absurdo econômico. In: *Catolicismo*, nº133, 1962, p. 05. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0133/P04-05.html>>.
- G. V. L. Passos da paixão atual da Igreja. In: *Catolicismo*, nº326, 1978. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0326/P04-05.html>>.
- GALLIEZ, M. Três etapas de um processo de morte: Contracepção, aborto, eutanásia. In: *Catolicismo*, nº312, 1976. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0312/P04-05.html>>.
- GALLIEZ, M. Corrupção dos jovens, resultado da educação sexual em Nova York. In: *Catolicismo*, nº358, 1980. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0358/P04-05.html>>.
- GALLIEZ, M. Aborto e contracepção: nova ameaça às famílias brasileiras. In: *Catolicismo*, nº389, 1983. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0389/P02-03.html>>.
- HALE, A. M. Rede de apoio ao terrorismo: muito mais ampla do que se imagina. In: *Catolicismo*, nº613, 2001, p.25. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.
- LEFEVRE, B. S. O comunismo na China: Infiltrar todas as instituições da Igreja. In: *Catolicismo*, nº92, 1958. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0092/P08.html>>.

- LIENDEBERG, A. Está com a palavra a terceira força. In: *Catolicismo*, nº5, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0005/P08.html>>.
- LINDENBERG. A. Nota Internacional. In: *Catolicismo*, 1952, nº16. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0016/P02-03.html>>
- LINDENBERG. A. Nota Internacional. In: *Catolicismo*, 1952, nº17. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0017/P02-03.html>>
- LINDENBERG. A. Nota Internacional: a situação da Igreja no oriente europeu. In: *Catolicismo*, 1952, nº21. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0021/P02-03.html>>.
- LINDENBERG, A. Nota Internacional: O novo ministro da fazenda e o socialismo no Brasil. In: *Catolicismo*, 1954, nº46. disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0046/P06-07.html>>.
- LIENDEBERG. A. Nota Internacional: Responsabilidade dos católicos argentinos. In: *Catolicismo*, 1955, nº55. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0055/P02-03.html>>.
- LIENDEBERG. A. Nota internacional: tendências exageradas. In: *Catolicismo*, nº61, 1956, p.4. Disponível em: < <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P04-05.html>>.
- LINDENBERG. A. Nota internacional: que significa a destruição do mito de Stalin?. In: *Catolicismo*, nº64, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0064/P02-03.html>>.
- LOPES, G. V. Estranho Congresso propala educação sexual. In: *Catolicismo*, nº337, 1979. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0337/P04-05.html>>.
- LOPES, G. V. Variedades. In: *Catolicismo*, nº 768, 2014, p.12. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0768/P12-13.html>>.
- LOPES, G. V. O morador de rua, símbolo e meta do século XXI. In: *Catolicismo*, nº770, 2015, p.05-07. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0770/P04-05.html>>.)
- MARTINS, D. F. S. Para não mudar o verde e amarelo pela foice e o martelo. In: *Catolicismo*, nº777, 2015, p.05-07). Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0777/P04-05.html>>.
- MAYER, A. de C. As objeções do exmo. sr. arcebispo de Goiânia. In: *Catolicismo*, nº126, 1961. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0126/P01.html>>.
- MAYER, A. de C. Instrução Pastoral sobre a Igreja. In: *Catolicismo*, nº175, 1965.

Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0175/P04-05.html>>.

MAYER, A. de C. Os progressistas, Le Paysan de la Garonne e o diálogo. In: *Catolicismo*, nº200, 1967. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0200/P02-03.html>>.

MAYER, A. de C. Aggiornamento e tradição - carta pastoral. In: *Catolicismo*, nº246, 1971. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0246/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. A cruzada do século XXI. In: *Catolicismo*, nº01, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0001/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. O século da guerra, da morte e do pecado. In: *Catolicismo*, nº02, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0002/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Via Sacra. In: *Catolicismo*, nº03, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0002/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. A posição das nações católicas numa guerra entre comunistas e protestantes. In: *Catolicismo*, nº04, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0004/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. O mecanismo Revolucionário e o culto do número. In: *Catolicismo*, nº09, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0009/P02-03.html>>

OLIVEIRA, P. C. de. A sociedade Cristã orgânica e a sociedade mecânica e pagã. In: *Catolicismo*, nº11, 1951. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0011/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Cultura Católica. In: *Catolicismo*, nº51, 1955. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0051/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Doutor profeta e apóstolo na crise contemporânea. In: *Catolicismo*, nº53, 1955. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0053/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Fidelidade ao passado e liberdade de ação para o futuro. In: *Catolicismo*, nº61, 1956, p.1. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Ambientes, costumes e civilizações: Instituições altamente aristocráticas. In: *Catolicismo*, nº67, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0067/P06-07.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Resistência armada: contra os inimigos do decálogo no século XX. In: *Catolicismo*, nº70, 1956. Disponível em:

<<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0070/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Por orgulho, repelem toda a sujeição. In: *Catolicismo*, nº82, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0082/P01.html>>

OLIVEIRA, P. C. de. Ambientes, costumes e civilizações: Teatralidade, Romantismo e hediondez na catequese. In: *Catolicismo*, nº79, 1957. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0079/P06-07.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Revivem os modernistas o espírito e os métodos do Jansenismo. In: *Catolicismo*, nº83, 1957. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0083/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Revolução contra-revolução. In: *Catolicismo*, nº100, 1959. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0100/P02-03.html>>

OLIVEIRA, P. C. de. A propósito da crise brasileira: um grande ideal e sua contrafação. In: *Catolicismo*, nº130, 1961. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0130/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Na perspectiva do próximo concílio: Algumas manifestações da desoladora confusão ideológica entre Católicos. In: *Catolicismo*, nº133, 1962. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0133/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. TFP propugna a revogação da lei de segurança. In: *Catolicismo*, nº196, 1967. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0196/P08.html>>.

OLIVEIRA, V. de. Tem a Igreja o que aprender com Lutero?. In: *Catolicismo*, nº 296-298, p. 07, ago/out de 1975. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0296-298/P06-07.html>>

OLIVEIRA, P. C. A benção das espadas. In: *Catolicismo*, nº 839, p. 52, nov. 2020. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0839/P52.html>>

OLIVEIRA, P. C. de, et all. No 50º Aniversário da revolução bolchevista - A TFP ao país. In: *Catolicismo*, nº203, 1967. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0203/P01.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. O jogo da verdade e a crise religiosa. In: *Catolicismo*, nº225-226, 1967. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0225-226/P06-07.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Fósforos acesos, canivetes em chuva, e um grande bispo. In: *Catolicismo*, nº255, p.03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0255/P02-03.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. PDQNCP. In: *Catolicismo*, nº353, 1980. Disponível em:

<<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0353/P08.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. TFP: Bombas e abertura transviada. In: *Catolicismo*, nº358, 1980. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0358/P08.html>>.

OLIVEIRA, P. C. de. Cuidado com os pecados!. In: *Catolicismo*, nº384, 1982, p.03. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0384/P02-03.html>>.

OLIVEIRA apud Revista Catolicismo. Brasil real, brasil brasileiro: O brasileiro genuíno. In: *Catolicismo*, nº619, 2002, p. 18. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.

PARAGUASSU, J. C. História de Catolicismo: a abalizada opinião do Dr. Júlio César Paraguassu. In: *Catolicismo*, nº601, 2000, p.34. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2001>.

PENHA, G. da. A pretexto do combate à globalização: renasce a luta de classes. In: *Catolicismo* nº614, 2002, p.10. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.

SANTOS, J. de A. Nova et vetera: Socialismo, sinal de decadência. In: *Catolicismo*, 1954, nº42. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0042/P04-05.html>>.

SANTOS, J. de A. Nova et vetera: A lição de Lechfeld. In: *Catolicismo*, nº61, 1956. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P04-05.html>>.

SANTOS, J. de A. Nova et Vetera: Três etapas na história do trabalho. In: *Catolicismo*, 1952, nº13. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0013/P04-05.html>>.

SANTOS, J. de A. O Nazismo: Um movimento de esquerda ou de direita? In: *Catolicismo*, 1952, nº23. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0023/P06-07.html>>.

SANTOS, J. A. Nova Et Vetera: Fátima e o comunismo. In: *Catolicismo*, nº160, 1964. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0160/P02-03.html>>.

Serviço de Imprensa da TFP. O desmentido categórico da TFP. In: *Catolicismo*, nº358, 1980. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0358/P01.html>>.

SIGAUD, G. de P. Catecismo Anticomunista. In: *Catolicismo*, 140, 1962. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0140/P04-05.html>>.

SIGAUD, G. de P. Oportunas declarações de um grande prelado. In: *Catolicismo*, nº161, 1964. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0161/P06-07.html>>.

- SILVA, W. G. da. A França põe fora o PS e enterra o PC. In: *Catolicismo*, nº618, 2002, p.12-15. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. Passo decisivo para bolchevizar o país. In: *Catolicismo*, nº123, 1961. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0123/P02-03.html>>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. Bin Laden e as eleições presidenciais brasileiras. In: *Catolicismo*, nº613, 2002, p. 18-19. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. Seis personagens à procura de um autor. In: *Catolicismo*, nº617, 2002, p. 20-21. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. Eleições 2002: Vitória publicitária? Sim; vitória ideológica? Não!. In: *Catolicismo*, nº623, 2002, p. 14. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. O Brasil na perspectiva de um novo governo. In: *Catolicismo*, nº624, 2002, p. 14. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2002>.
- SILVEIRA, P. V. X da e VIOTTI, F. R. de A. O comunismo não morreu. In: *Catolicismo*, nº627, 2003, p.14. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2003>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. A opinião pública na gangorra da derrota ou vitória. In: *Catolicismo*, nº719, 2010, p.14-16. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0719/P14-15.html>>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. O que faltou dizer sobre as eleições brasileiras. In: *Catolicismo*, nº720, 2010, p.14-18. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0720/P14-15.html>>.
- SILVEIRA, P. V. X. da. 100 dias de governo - mudanças, ambiguidades e expectativas. In: *Catolicismo*, nº725, 2011, p.14-17. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0725/P14-15.html>>.
- VIANA, H. D. O decadente exército de Lula. In: *Catolicismo*, nº 773, 2015, p.11-12. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0773/P10-11.html>>.
- VILLAC, J. L. A palavra do sacerdote. In: *Catolicismo*, nº601, 2000, p.09. Disponível em: <https://issuu.com/nestor87/docs/catolicismo_2001>.
- VILLAC, J. L. Palavra do sacerdote. In: *Catolicismo* nº 814, 2018, p.05-07. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0814/P04-05.html>>.

VIOTTI, F. R. de A. Brasil autêntico e cristão apresentou sua verdadeira face. In: *Catolicismo*, nº772, 2015, p.26-34. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0772/P26-27.html>>.

VITA, G. M. A terceira força católica e o seu esotérico princípio de socialização. In: *Catolicismo*, nº165, 1964. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0165/P02-03.html>>.

W., G. S. Cardeal condena política de concessões ao comunismo. In: *Catolicismo*, nº331, 1978. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0331/P06-07.html>>.

TORRES, A. B. Ação Popular, capítulo deplorável na história do Brasil católico. In: *Catolicismo*, nº183, 1966. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0183/P04-05.html>>.

MATÉRIAS DA REVISTA PERMANÊNCIA

FLEISHMAN, D. Lourenço. Carta aberta ao meu general. In: *Revista Permanência*, 2007. Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/5172>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

FLEISHMAN, D. Lourenço. Orientações para as eleições presidenciais de 2018. In: *Revista Permanência*, [s.d.]. Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/5464>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

PERMANÊNCIA. Castelo Branco. O Globo 20/07/72; republicado In: *Revista Permanência*, nº. 194-195, s/p., 1972. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/440>>. Acesso em: 12 de dez. de 2021.

PUBLICAÇÕES DA ORDEM DOURADA DO BRASIL

Tenhamos perícia e patriotismo. In: *Ordem Dourada*, set. 2018. Disponível em: <<http://www.ordemdourada.com/index.php/tenhamos-pericia-e-patriotismo/>>. Acesso em: 12 de dez. de 2021.

Patriotismo, Sacrifício, Liberdade e Justiça. In: *Ordem Dourada*, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.ordemdourada.com/index.php/patriotismo-sacrificio-liberdade-e-justica/>>. Acesso em: 12 de dez. de 2021.